

**CORAÇÃO  
DE LUGAR  
NENHUM**

**CORAÇÃO  
DE LUGAR  
NENHUM**

**VITÓRIA MORAIS**

**giostri**

**Título Original**  
CORAÇÃO DE LUGAR NENHUM

Copyright Vitória Morais, 2017

Reservam-se os direitos desta edição à:  
GIOSTRI EDITORA LTDA.

São Paulo - SP - República Federativa do Brasil.

Impresso no Brasil  
ISBN: 978-85-516-000  
CDD: ???

*Editor Responsável* Alex Giostri  
*Editor Assistente* Fábio Costa  
*Capa e Diagramação* Karolyna Papoy  
*Revisão final de texto* Giostri Editora Ltda.

VITÓRIA MORAIS  
CORAÇÃO DE LUGAR NENHUM

1ª Ed. São Paulo: GIOSTRI, 2017

1 - ???

1º título: CORAÇÃO DE LUGAR NENHUM

1ª Edição  
Giostri Editora LTDA.



**Giostri Editora**

Rua Dona Avelina, 145  
Vila Mariana - SP

São Paulo • SP • CEP: 04111-010  
Tel.: (011) 2537-2764

[contato@giostrieditora.com.br](mailto:contato@giostrieditora.com.br)  
[www.giostrieditora.com.br](http://www.giostrieditora.com.br)



[giostrieditora.blogspot.com.br](http://giostrieditora.blogspot.com.br)



[facebook.com/giostrieditora](https://facebook.com/giostrieditora)

Dedico este livro aos meus amigos e família: pessoas que estiveram comigo em situações mais difíceis, não desistiram e acreditaram em mim, e me deram a motivação necessária para acreditar que posso ser e conseguir tudo que quero. Todo o meu amor imenso para vocês.

# I

Eu não acredito que eu ainda esteja aqui. Dizendo melhor, eu acredito. Mas não acredito em como fui capaz de lidar com a dor. Eu vivo e revivo e, de certa forma, o estar e o ser continuam me assombrando apesar dos pesares. De ter enfrentado meus demônios esse tempo todo, não achei que me permitiria chegar até aqui. Não achei que eles me permitiriam chegar onde cheguei. Até agora. Mas estou cansada. Cansada de sentir as dores, análogas e insupríveis em forma de pontadas graves no fundo do peito. Me mantenho presa nesta teia sem saída que é o buraco negro do meu pensamento consternado e aflitivo. Tudo que me permito enxergar é apenas isso. Eu recebo estes cortes, e eu não consigo parar de sangrar por eles. E quando chegam sorradeiras, puxar um gatilho se configura a condição mais fácil de se aceitar. Mas não. Ainda não. A esperança berra, ameaçando meus ouvidos de entrar em algo mais danoso que a própria vida já é. Mais uma vez, me encontro presa em armadilhas feitas de um pó desfeito. Não seria tão paradoxal se não fosse uma veracidade tão aguda. E acaba sendo mórbido de pensar. A única espiritualidade que me resta é a esperança insurgida de decepções pungentes. São estas decepções, que me fazem ser quem sou. Ser quem sou dando o rosto para o mundo dar porrada e causar hematomas. E, apesar dos roxos de porradas serem curáveis, a pior porrada é aquela surrada até a alma, onde a dificuldade se infiltra em curar-se. Não cura nunca. Há de se pensar que cure, mas a mente encontra novas formas de lidar com aquilo. Porque o ser humano é domado de inteligência e senso crítico e se consegue ter uma percepção e se desviar daquilo que lhe faz mal. Auto sabotagens acontecem por escolha pessoal. Mas no geral, qualquer ser humano conseguiria dizer que sim, é possível sair do comodismo da dor. Ninguém pronunciou palavras dizendo que um dia isso foi fácil de se alcançar. Até mesmo pessoas que se auto sabotam costumam dizer que são fracas. E eu me transformo em mais um número destas pessoas. Uma porcentagem que nunca chegará ao óbito. Este sentimento continua indo e vindo, e querendo ou não, se bate como um martelo no oco da cabeça. No oco da minha cabeça. Depois

de fatos ocorridos, eu acho que me perdi de mim. Nada parecia mais tão vívido. O ter vida. Eu não tinha mais vontade de enxergar. Olhava mais o chão do que o céu, e sempre foi deste jeito. As mudanças só comprovam o quanto este modo continua me puxando para baixo e sendo certo em tudo que rotulo nas vivências passadas.

As lágrimas não paravam de descer dos meus olhos fazia oito dias. Foi neste tempo mais ou menos quando ela me deixou. E minha cama era um lugar tão sustentável ao meu corpo, que eu poderia morrer. Logo ali. Eu não precisava de mais nada. De vez em quando ia em direção ao banheiro para fazer as necessidades diárias, e quando não ia, segurava até acordar do sono profundo, na qual eu adormecia de uma em uma hora acordada, com a tevê ligada no canal infantil onde passavam desenhos animados. O que era uma conturbada lembrança de infância que eu não gostaria que voltasse como uma aglomeração de derrotas e perdas com o presente vivo. Por isso eu abaixava o volume da tevê com o controle remoto para não sentir o passado, mais uma vez, presente, e tentava não olhar diretamente para a tela, como se estivesse a assistindo.

Meus pesadelos quando adormecia pareciam tão reais quanto os pesadelos da vida. Eu não sabia para qual caminho era o menos torturante. E ninguém, felizmente, iria saber por mim. O lado bom da solidão é de resolver-se sozinha, com você mesma, sem influências de fora. Mas as influências de fora me ajudariam a sair do fundo do poço. A questão toda era: eu gostava daquele fundo do poço? E eu me fazia repetir esta pergunta o tempo todo, quase se tornando um remédio. O que nada mais era tão rigoroso se tornava agora, quando não conseguia achar a verdadeira resposta para isso.

Levantei da cama com esforço, apoiando minhas mãos na cama até obter a plenitude dos meus pés no chão. Me estendi e me arrastei até o meu armário de madeira. As cortinas estavam fechadas e o armário apresentava-se sombrio. A escuridão do quarto o fazia parecer mais sombrio. Abri uma das portas, enquanto elas rangiam em um período gritante. A parte em que abri cheirava um pouco a mofo. Tossi enquanto tentava agarrar uma caixa de fotografias reveladas. Abri a caixa e coloquei a tampa debaixo dela, enquanto voltava para cama, e me sentei. Fui tirando lentamente as fotos da caixa e as colocando no meu colo, observando profundamente todas elas. Eram fotos minhas e de Denise. Eu não conseguia fixar meus olhos em

momentos de nós duas juntas, sem escorrer lágrimas e soltar choros feito choros de bebês recém-nascidos; escandalosos e infrenes. Eu não alcançava mais o meu grito, uma forma de aliviar a raiva e angústia. O soluço do choro não deixava me permitir mais. Enquanto chorava dramaticamente, quase perdendo a força física, fui rasgando em pedaços minúsculos todas as fotografias. E rodei pelo quarto tentando achar algum isqueiro perdido para que eu pudesse queimar todas estas lembranças malditas que voltam a atordoar. Se as lembranças fossem queimadas, esperava serem queimadas dentro da minha mente também. Mas eu sei: era uma límpida ilusão minha. Ela não iria sair da minha cabeça. Nem por um segundo. Eu não sei na verdade, o que eu teria que fazer para que isso acontecesse. Mas não custava nada tentar. E se custasse, eu não me importava mais. Tudo já foi, tudo já virou carvão. Não havia mais luz, nem algo que me deixasse sã por uns minutos. Costumava ser assim, agora não sei mais.

Tinha achado um isqueiro debaixo do tapete do quarto. Consegui acendê-lo, não era antigo e ainda tinha gás. Pus minhas mãos nas fotografias, com as mãos trêmulas, sentindo como se eu tivesse voltado para meus treze anos, sem uma vida social. E eu tremia só de pensar em manter contato com alguém, olho no olho. Me lembrei, e essa lembrança acalmou-me um pouco, de não lembrar da Denise por alguns segundos. Acendi o fogo, indo em direção a fotografia. Enquanto ela queimava aos poucos, as lágrimas pingavam na minha perna descoberta, e observando no limbo, a chama, me surgiu uma vontade imensa de pô-la em minha mão. E queimar-me. Mas, calma, eu estava ciente de que eu estava enlouquecendo. Estava dentro de um poço escuro. Não iria fazer isso. Pelo menos não agora. Mas eu não sabia. Valia mesmo a pena esperar mais um pouco, para ver se algo melhorava nesta vida espairecida? Eu esperei vinte e seis anos e as mudanças não foram tão gratificantes. Apesar delas terem acontecido, não me enchiam e não me bastavam nunca. Eu sentia a necessidade de algo mais e esse algo mais nunca vinha. Nunca chegara. E talvez nunca chegaria. Olhei para a chama novamente e ela foi quase irresistível. A primeira fotografia já tinha virado carvão, e o fogo do isqueiro estava aceso, sem nada para queimar. A vontade de pôr cada dedo perto dele aumentava mais. Vagarosamente, fui aproximando-os, apertando os olhos com toda a força, enquanto as lágrimas continuavam descendo e pingando nas partes de baixo do meu corpo. Eu ouvi a porta da frente da casa se abrir, mas não

dei muita atenção. Presumia que seria só o vento forte do meio dia. Ouvi passos. E os barulhos foram ficando cada vez mais próximos. Enquanto os ouvia, o fogo já o tinha encostado em meus dedos e me queimado. Mas continuei a queima-los, até chegar na mão inteira.

- Olivia, para com isso. – A voz de Janaína saiu em grave, com um tom assustado.

Enquanto ela tomava o isqueiro da minha mão, meu choro se prosseguiu mais alto, e fui perdendo a força e o equilíbrio. Quase caindo no chão, ela me segurou e me abraçou. Meus braços se apertaram contra suas costas, em um ato inconsciente. A arranhei e percebendo que estava a machucando, não conseguia parar. Porque a dor – inevitavelmente - do lado de dentro estava mais forte do que a de fora.

- Eu sei que isso tudo é difícil. – Ela disse.

Continuamos na mesma posição por vários segundos, e meu choro foi se prendendo mais dentro dos olhos, enquanto ela completava sua astuta fala.

- Mas eu preciso que você vá para o enterro comigo. Eu realmente preciso. – Jana disse, me dando um beijo carinhoso no ombro, enquanto persistíamos abraçadas.

A pior posição que alguém ferido poderia tomar é se forçar a entrar em uma vida saudável com outras pessoas novamente. Entrelaçar a dor do peito junto com conversas superficiais do dia a dia de outras pessoas. Eu não tinha paciência – ou a carisma – suficiente para enfrentar. E o inverno já chegara na cidade. Temporada de frieza, combinando com tudo que vem a calhar atualmente.

- Eu continuo a te ajudar a passar por esse inferno, como sempre te ajudei. Mas eu preciso de você agora.

Ela me desabrou e limpou meu rosto molhado com suas mãos secas, e me deu um beijo leve na bochecha. Se levantou e estendeu a mão para mim.

- Vamos. Por favor.

Eu respirei fundo e fechei os olhos. Entrei em estado de transe. Coloquei as mãos na cabeça e conservei-me assim por alguns minutos. Começando a decisão de sair ou não, e enfrentar um evento mórbido da morte da mãe de Janaína. Iria absorver a morbidez e tudo aqui dentro iria ficar pior do que já estava. Só de pensar nisso, o choro queria sair novamente. Eu choraminguei.

Janaína foi até o banheiro e pegou uma muda de roupa e jogou no meu colo. E se agachou novamente para me olhar nos olhos.

- Vamos. Estacionei o carro aqui na frente. Nem vamos precisar andar.

Eu olhava somente para baixo. Não queria ter um contato olho a olho. Nada mais de subjetividade muda. Eu via o tapete marrom e meus pés com unhas encravadas encostadas no joelho dela. E minha visão se pairava somente nesta imagem. Endireitei meu cabelo e o pus atrás da orelha, e enfim abri a boca, mas com uma certa dificuldade de formular as palavras.

- Eu vou tomar um banho. – Eu sussurrei.

Ela se perseverava a olhar para mim com a mesma feição. Me perguntei se ela não tinha ouvido o que eu falei, porque não houve nenhum sinal de afirmação ou de negação de sua parte. Mas ignorei se ela iria me responder ou não, e segui direto para o banheiro, e fechando a porta do meu quarto. Deixei Jana sozinha, sentada na cama, assistindo desenhos animados.

A porta do banheiro se rangeu quando abri, e vi a ducha e a pia gotejando repetidas vezes. Eu tinha alguma certa agonia com gotas caindo e fazendo aquele barulho insuportável. Parou então. O banheiro silenciou, e tirei a roupa, já encardida. Não a trocava desde que a Denise tinha ido embora. E ficou por assim mesmo. A deixei no chão sujo do banheiro e entrei debaixo do chuveiro, jorrando água gelada. Gemi rapidamente com o susto do choque térmico. Engoli a saliva grosseiramente, tentando fazer o nó na garganta ir embora. Mas eu era uma estúpida. Não iria embora assim, o ferimento só se acentuaria. Para quê continuar tentando? Só para ver o gostinho da alma endurecida dentro da carcaça do corpo. É. Seria típico de mim ver isso acontecendo, e gostando aos poucos do fato sádico.

Batidas na porta. Janaína gritou.

- Abre a porta.

Fechei o chuveiro.

- Porque? – Perguntei, com uma voz falhada.

- Eu não quero te deixar sozinha aí dentro.

Respirei fundo e respondi.

- Relaxe. Estou saindo.

Quando voltei a ligar o chuveiro, ela falou algo a mais, mas não conseguia ouvir. E nem queria ouvir, por isso continuei a me molhar. O sabão em cima da pedra era o sabão que Denise frequentemente comprava no mercado perto daqui. Eu lembrei disso no instante em que olhei para meu

lado direito. Me ensaboei com ele. E enquanto o passava sob meu corpo, desabei em choro feito uma criança mimada, pela milésima vez. O sentimento voltava de novo. E se prolongava a cada vez quando algum objeto me lembrando dela, surgia magicamente em minha frente. Sentei no chão e esperei mais uma vez, a dor insuportável passar. E a água do chuveiro continuava a me molhar inteiramente, ansiando para a ducha molhar até a minha alma. Mas a superfície ganha de tudo, no final das contas. A vida em si, é a transparência imunda da superfície. E não há como lutar contra isso. A valorização do espírito é bobagem se exposta, porque todos os acontecimentos na vida são validos em matéria. Queria eu, e a maioria das pessoas sensibilizadas, que não fossem matéria. O material engana e desengana. A gente também não sabe mais em quem confiar por conta da materialidade do sofrimento. E este sofrimento que impede de destruir as paredes do passado, em toda sua solidez, corrói completamente a visão sob o mundo que antes se costumava ter.

Janaína bateu a porta arduamente, e insatisfeita com o silêncio ela iniciou seu drama com berros de desespero. Para deixa-la tranquila, levantei, sai rapidamente do chuveiro e me sequei. Percebi sua calma já do outro lado da porta por ter me ouvido desligando o chuveiro. Me olhei no espelho do banheiro. Olhei meu corpo nu e me assustei. Suspeitei que eu tinha perdido alguns quilos nestes dias. Minhas refeições tem sido somente água e cigarros. E algumas frutas quando Jana aparecia por lá para manter minha calma e se certificar de estar na continuidade da sanidade. Apertei um pouco minha barriga para sentir a diferença. Eu estava seca. E pálida também. Não quis me derreter nesta reflexão do pensamento e abri a porta do banheiro antes de me vestir.

- Estamos atrasadas. – Jana falou, enquanto eu me deparava com ela se apoiando sob a parede do lado da porta.

Não a respondi. Fui para o meu quarto e me vesti.

\*

O silêncio no carro entre mim e Janaína foi incômodo. Eu podia falar trezentas vezes de como um bom silêncio me confortava. Mas não desta vez. Tinha algo ali bloqueando nossa aparente programação de falas e

de expressões faciais. Não olhei para ela e ela não olhou para mim. Ela podia sentir: eu não estava preparada para ir para um evento como estes agora. Mas não culpo sua irritação ou tristeza. A melhor amiga não sai da cama faz uma semana por conta de um relacionamento que teve seu fim, enquanto a mãe dela acabou de falecer. A parte moral do meu julgamento mental concordava em ser injusto. Mas ela parecia estar lidando bem com tudo isso. Sempre foi uma mulher sem a perda inabalável da pose e da imagem, para nada nem ninguém. E além do mais, ela já sabia há tempos; a mãe se encontrara doente e hospitalizada. Eu só aspirava por enxergar alguma gota de angústia em seu rosto. Uma gota, um grão. Eu faria de tudo para poder enxergar isso. Nenhuma lágrima sequer? Eu nunca sequer vi ela chorando. Quando ia a visitar no hospital, não via uma pessoa triste sentada do lado de sua mãe doente, com medo do destino a transformasse em pó. Talvez ela fosse bem triste. Na verdade, no fundo de mim eu carregava um certo achismo sobre seu estado de profundidade velado. Mas aquilo do não demonstrar me aterrorizava. Porque era algo tão oposto a mim, o meu desabo emocional caía no externo. E quando se é tão oposto assim, é fatigante conseguir se colocar no lugar do outro, e o não conseguir se colocar no lugar do outro me aterroriza. Ela falava dos seus problemas, mas com nenhuma expressão de tristeza ou desespero, nunca. Éramos amigas fazia cinco anos. E eu só via uma expressão cansada pregada em seu rosto mendigado. Mas em tempo algum, de uma exata e maligna tristeza.

Ela olhou para mim enquanto eu estava com o rosto apoiado na janela fechada do carro, quase adormecendo. Eu olhei para ela também.

- Ela faleceu hoje ou ontem? – Perguntei

Ela demorou a responder.

- Hoje.

- E foi você que organizou o sepultamento?

Ela respirou fundo e franziu a testa.

- Quem mais faria isso?

Eu não respondi. Responder perguntas retóricas não fazia parte dos meus diálogos com as pessoas. Eu já tinha entendido. Apesar disso, ela não incidia uma raiva comum. Aparentou normalidade em sua fala.

- As coisas estão muito difíceis para mim.

- Sei disso. – A respondi rápido, murmurando.

- Então porque você não acorda e para de olhar só para você? – Ela berrou.

Eu olhei para ela, assustada. Desta vez não tinha dito nada. Eu absorvia cada palavra dita por ela. E dessa vez não seria diferente, por mais que fosse uma explosão não-intencional. Podia ter sido sem intenção, mas ela já o tinha na mente faz um tempo, para solta-lo tão rápido. Ninguém fala algo por acaso. É desimportante o nível de humor e de saúde emocional. Se falou, já foi sentido. E ela sabia que agora, após essa fala, iria entrar em um estado pior ainda em relação a mim mesma. Eu respirei fundo e olhei para a janela, observando as árvores enquanto o carro corria na estrada.

Ela apertou os olhos e a boca, mostrando arrependimento em sua expressão, e segurou firme o volante.

- Você sabe que não foi isso que quis dizer.

Continuei a não respondê-la. Não respondia, não por orgulho ou arrogância, eu só procurava entender a situação. Analisar se a verdade foi dita, ou não foi dita. Ou foi só mesmo uma questão de divergências de opiniões.

No fundo, eu sabia que quando algum problema se instaurava em minha vida, eu poderia fluir um ar egocêntrico pelos cantos das minhas relações sociais, dando ênfase, principalmente, nas relações mais íntimas. De certa forma não conseguia sofrer sozinha. Necessitava de uma ajuda e de um acolhimento para o sofrimento. Ele tinha que voltar para dentro de mim junto com uma bagagem. E esta bagagem seria, pessoas de fora. Mas, assim, a verdade dura e rígida, batendo bem de frente ao meu rosto, doía, como dói em todo mundo, creio eu. Então, eu sabia, mas não queria repensa-la, ou até expô-la em linha reta para alguém. Essa mania excessiva da população de querer sempre ressaltar qualidades e esquecer-se de defeitos se transforma em uma rotina tensa e calamitosa. O invisível fica ali, parado, exatamente no mesmo lugar que o deixaram. E ninguém lembra exatamente por ter se tornado invisível. Ele vai guardando, mas nunca lembrando. Em raras ocasiões ele decide tirar a capa e o coração apodrece com a vista.

Ela encostou o carro e me encarou.

- Me desculpe.

O silêncio se instalou dentro do carro fechado, com aquela brisa de ar-condicionado artificial sob nossos corpos. Não gaguejei uma palavra sequer. Não saía, e não queria sair.

- Converse comigo, Olívia. Eu preciso que você converse comigo para eu te ajudar a entender toda essa situação. Eu ando estressada e triste por conta da doença de minha mãe e sei que não posso jogar a culpa em você. Mas aconteceu. E agora ela não está mais aqui para compreender também. Só me desculpe por ter falado assim, porque sei que você também não merece.

A pergunta dela soou como se eu tivesse a obrigação de cometer uma afirmação forçada. Eu dei um sorriso azedo e atendi seu pedido:

- Tá bom.

Ela olhou para a frente e pisou no acelerador. E continuamos a rota até chegar ao cemitério.



Tinha começado a chover logo quando chegamos, enquanto estacionamos o carro logo atrás do posto. Quando entramos, o clima era o esperado e indesejado: mais e mais pessoas chorando. E se não chorando, com rostos inchados e saudosos. Toda aquela enfermidade começou a me dar embrulhos constantes no estômago e enjoos, tudo com uma mistura de um mal-estar emocional completamente entorpecido. Mas estava ali por minha melhor amiga, e pela mãe dela, que conhecia fazia anos. Me alimentou e me deu casa quando precisei. Não era qualquer pessoa. E era juíza, em casos de violências contra mulheres, foi uma pessoa importante e determinada. Mas infelizmente, não tenho espaço na cabeça para mais sofrimento, para mais perdas. A recuperação da minha pessoa era necessária, antes dos acontecimentos negativos e frequentes destroçassem o sentido da minha recuperação.

Fomos para dentro da capela, e antes de entrarmos para vermos o caixão transparente com um rosto morto dela dentro, Jana me perguntou:

- Você já veio para um enterro antes?

Eu demorei a responder. Analisava a reação das pessoas ao verem ela ali.

- Nunca.

- Nem o de sua mãe?

- Não me deixaram ir para o dela.

Ela franziu a testa.

- Porque? – Ela perguntou



- Poderia me afetar de forma negativa.
- Bom, claro. Mas agora poderia não ser diferente.
- Eu não sei.

A pergunta dela sobre minha mãe só me lembrou como eu nunca tive essa figura maternal consanguínea estampada frequentemente. Ela faleceu quando eu tinha onze anos. Meu pai a assassinou em uma noite qualquer, quando chegou em casa. Estava bêbado e deu oito facadas em seu peito. Desde esse acontecimento, me levaram para morar com minha tia. Por anos e anos meu pai tentou ganhar a minha guarda de volta, mas não conseguiu.

Entramos e um homem de meia idade segurou bem firme a mão de Jana. Provavelmente fosse algum parente próximo. A levou até perto de sua mãe, enquanto eu seguia seus passos, logo atrás. Ela finalmente viu seu rosto. Levou um susto, logo depois respirou fundo. Não olhei para o rosto de sua mãe em óbito, me virei e acariciei o rosto de Janaína, precavendo seu choro posterior.

- Ela está em um lugar melhor, querida. – Uma voz chorosa surgiu atrás de nós.

Nos viramos. Sua tia, irmã de sua mãe. Eu a conhecia de tempos remotos. Logo quando tinha acabado de conhecer Jana na faculdade de artes, no primeiro semestre. Ela continuou por lá, eu larguei depois do meu primeiro ano de estudo para dedicar-me a objetivos maiores.

Olhou para sua sobrinha, logo em seguida, para mim. E sorriu rapidamente.

- Como está? Olívia, não é?
- Sim. – Eu sorri de volta para ela – Estou bem.

Menti, olhei para a frente e respirei fundo. Eu odiava ter de omitir verdades para parecer mais elegante e menos humana. Esse era um dos meus pontos fracos, não conseguir reservar-me sobre nada. E essas perguntas tão normatizadas não fazendo sentido algum em serem respondidas, pois ninguém na verdade gosta de ouvir quando uma pessoa está mal, triste ou com uma vontade de se matar. O “tudo bem” é uma armadura, e ninguém nunca quer mesmo tira-la, em momento algum.

Eu passei vários minutos encarando Jana e a sua reação ao ver a mãe no caixão. Ela continuava com a mesma expressão, e ainda não tinha visto nenhuma gota de lágrima descendo em seu rosto. Ela estava com os olhos

um pouco fechados e com as sobrancelhas franzidas, como se estivesse com raiva de alguma coisa.

- Algo te incomodando? – eu perguntei a ela, evitando o contato visual

Ela não me respondeu. Fez um muxoxo e me deixou sozinha dentro da sala. A reparei saindo, indagando-me para saber aonde ela estava indo.

Tinha parado em frente a um pequeno riacho, onde tinham inúmeros bancos e sentou em um deles. Só via a sua miniatura daqui. Ela acendeu um cigarro e agora parecia estar me fixando reprovadamente.

O ambiente daquela sala começara a me incomodar. Olhei para os lados e só via os desalentados parentes de Janaína em prantos. Não sujeitei-me mais a estar ali sem absorver os gestos, expressões faciais e as desesperanças nos olhares. Coloquei minha mão na testa da mãe de Jana, como forma de respeito, e atravessei o caminho de pedra até chegar aos bancos embranquecidos com a tinta velha, onde Jana havia se sentado. Fui me aproximando mais e ela ainda portava a mesma expressão de raiva bisonha.

- Quer me dar um cigarro? – Queria mudar de assunto, me sentando ao seu lado

Ela arrancou agressivamente a carteira de sua bolsa marrom, e jogou o cigarro em meu colo sem olhar para mim.

- Não gostou da minha pergunta lá dentro?

Ela olhava apenas para baixo, enquanto a fumaça saía da sua boca e de suas narinas. O silêncio com ela, mais uma vez me incomodava. Esperei a resposta com calma, enquanto só ouvia meu nariz fungando de coriza e o som da água do riacho atrás de nós.

- Você precisa parar de ser menos egoísta. – Ela disse

Eu não tinha entendido. Retruquei:

- Eu estou bem vulnerável agora, então queria te pedir um pouco de paciência comigo.

Ela deu risada.

- Você sempre está vulnerável. Com ou sem nada, é sempre a mesma coisa.

- O que você quer dizer com isso? – Mais uma vez, retruquei.

Ela fechou os olhos, respirou fundo e olhou para cima. Se condicionou exatamente nesta posição por quase uns dois minutos. Quando ela fazia isso, era o significado da raiva já ter tomado conta e o fechar os olhos era

um jeito de tentar fazer ela ir embora. Minha mãe sempre o fazia também quando se encarcerava em discussões severas comigo.

Esperei ela responder enquanto pegava o isqueiro do bolso da minha calça e acendia meu cigarro.

- Quero dizer que minha mãe agora está morta. E você perguntar se algo me incomoda é algo cínico.

Depois dessa sua fala fiquei calada. E permaneci calada até irmos embora. O momento estava tenso e não queria causar mais danos ao estado emocional de nós duas. Fomos junto com a multidão do velório levar o caixão até a sala principal, onde ela seria enterrada e depois nos despedimos dos parentes próximos de Jana. Aquele lugar já estava me enlouquecendo e eu já tinha promovido o meu próprio nervosismo. Mas antes de surgir possibilidades de aparecimento de crises ansiosas lá dentro, Jana deu a ordem para irmos até seu carro e ir embora. Fomos e seguimos de volta até minha casa.



Eu abri a porta da sala e o ar já estava empoeirado de tristeza e lamento. Jana me deixou sozinha em casa. Ela também tinha a chave daqui, por precaução. Disse que tinha coisas para resolver e depois voltava para se certificar da tranquilidade ou não-tranquilidade por aqui. Poderia estar tranquilo, mas não bem. Quando a tristeza se instala igual a carrapato ela vem como desespero e depois se transforma em calma. Uma calma como um tanto faz, nem se lembrava mais de minha carente e desprovida existência. Quando alguém é abandonado e a solidão física pesa junto com a psicológica, esse alguém até esquece de uma vida esperando por ele lá fora. E era disso na qual minha situação se tratava. Meu olho era microscópico. Eu conseguia vislumbrar penosamente isso. Fui largada como um trapo velho, tendo prazo de validade. E ninguém se importaria se eu morresse agora também. Eu pensava que a única pessoa que poderia se importar era Denise, mas eu estava errada. Não se pode confiar em falsos amores idealizados. Todos estão centrados demais em seus próprios vazios e egos, não se interessam muito em ajudar terceiros, por mais que o outro seja minimamente importante. A verdade é que eu não via mais sentido naquilo tudo. Se ninguém está por ninguém neste plano, então qual é o sentido de

se aparecer como outra pessoa e causar boas impressões para o alheio, que nem por você está, e nem nunca estará? O mundo criou uma conexão tão estranha entre as pessoas que a complexidade do meu ser não tem carga suficiente e necessária para entender. Se eu for capaz de entender todos esses laços humanos um dia, eu enlouqueço e me perco de mim. Como já me perdi milhares de vezes.

Me dei conta de que eu era uma pessoa sem Denise pela primeira vez desde que ela foi embora e me senti um pouco bem por uns cinco minutos. Uma pessoa viva, com o coração pulsando, a mente pensante, de carne e osso. Mas o que são cinco minutos para vinte e quatro horas de um dia? Não é nada. Não é um grande avanço, como minha cabeça me engana. Liguei meu telefone e olhei minhas mensagens. Miguel, um grande amigo meu me mandara quase uma carta em forma de SMS. Soube do meu término com Denise e lamentava muito, e escreveu dez linhas sobre o quanto a minha dor doía nele. Me dizendo de sua vontade de me ver o mais rápido possível e sugeriu uma saída para bebermos um café naquela livraria perto do nosso antigo colégio onde passamos nossa adolescência juntos. Eu não respondi. Talvez eu ainda não esteja pronta para me encontrar com as pessoas, fingir estar bem, marcar esses compromissos superficiais fazendo de conta, como se a vida fosse continuar normalmente como antes. Não iria para mim. E raciocinar isto me trazia mais desconforto em sair e tentar me divertir. E além do mais, não dormia direito todas essas noites, acordava no meio da madrugada mais de cinco vezes. Meu corpo estava fraco. Sentia toda a sua fraqueza penetrando profundamente no âmago da minha alma. Eu queria uma paz no coração depois de todo o caos interno por incidente de uma pessoa específica.

Depois de um tempo pensando, decidi aceitar o convite. Ele não demorou muito para responder de volta. Amanhã estava livre. Aceitei. Amanhã às 15 horas com Miguel no café. Na minha cabeça estava confirmado e organizado que eu tinha um compromisso com ele, mas tudo ia depender de como eu iria acordar no início da manhã. Se eu, ao menos, conseguiria me levantar da cama com energias renovadas. Imagino o pior. É bem provável que eu acorde; mas acorde ainda com um rosto mórbido e enfermo, como de quem não dorme há tempos. Mas eu aceito desafios. Eu iria mesmo sabendo do arrependimento programado, antes de sair de casa.

Já estava quase anoitecendo. Eu normalmente via o sol se pondo como um conforto enorme. Eu sentia a escuridão do céu com aquela luz brilhante da lua como um aconchego, como um colo de uma mãe. Desde pequena, minha mãe tagarelava repetidas vezes, como mantra: “você é uma menina noturna”. Dizendo valentias como o meu desgosto pelo dormir, preferindo fazer qualquer outra coisa, exceto dormir. E era verdade. Eu não mudei. Se eu pudesse, eu viveria pela noite. Mas hoje eu vi o céu se escurecendo como se estivesse vindo algo de tenebroso para dentro de mim. Talvez por sempre ter me remetido à noite como uma espécie de solidão e angústia, me acalmando estranhamente. Mas não hoje. Na verdade, hoje foi o primeiro dia que eu percebia o dia anoitecer desde que ela foi embora daqui. Me senti incompleta, vesga, bizarra, ridícula, por não conseguir sentir a emoção luar dentro das minhas entranhas como antes. Deixei derramar mínimas lágrimas no chão e meu peito se desamparou; exaustivamente apertado. Tentei me enganar e fui até a sala fumar um cigarro. Lá estava mais ventilado comparado ao meu quarto. Enquanto eu ia até o cômodo descalça, percebia o quanto o chão estava sujo de poeira. Até me esqueci disso. Precisava fazer limpeza na casa inteira. Lembrei-me que a vida não tinha parado. Tudo continuava o mesmo, e eu tinha meus afazeres domésticos para providenciar, já que agora, morava sozinha. Denise costumava me ajudar na limpeza. Coloquei meu rosto na janela e o vento se fazia tão forte quando a ardência dos meus olhos infiltraram-se no conforto da ventania. Não tive o potencial nem de alcançar a vista da fumaça saindo da minha boca. Olhei para o lado e notei uma foto minha e de Denise no porta-retratos. Eu não lembrava; aquilo ainda estava ali. Peguei rapidamente e tirei a fotografia de lá e a rasguei. Enquanto a picava em pedacinhos, as lágrimas desceram novamente. Sentei no sofá e comecei a chorar feito criança, como sempre. Tentei colocar o cigarro na boca para dar uma tragada, mas minhas mãos estavam trêmulas demais para o processo. As mãos não, o corpo inteiro. Coloquei minhas duas palmas no rosto para me enxugar. Mas que merda. Esta dor nunca vai passar? Quando eu acreditava na existência de sinais para melhoras, aparecia algo para provar o contrário, eu não havia melhorado nada. Eu ainda permanecia no mesmo buraco escuro. Eu não sabia e não fazia ideia do que era preciso para mudar de vida. No mesmo minuto Janaina abriu a porta de casa. Não querendo sua visão para o meu estado lastimável novamente, tentei me recompor.

- Estou morrendo de fome. – Ela falou, sem olhar para mim.  
Se virou rapidamente e queria se certificar se eu estava mesmo chorando. Ela olhou para mim e teve a certeza.  
- Olha, a gente tem que dar um jeito nisso.  
- Não existe jeito. Eu sou isso, essa coisa fraca. – Eu a respondi, choramingando, com coriza no nariz.  
- Já está ficando chato.  
Eu não perguntei sobre o que estava ficando chato, mas imaginava sua intenção para com essas palavras venenosas. Está empoeirando de tanta chatice o meu sofrimento. Cansativo, exaustivo. A plateia um dia desiste do palco quando se mostra sempre a mesma cena. E ela estava certa. Ela não precisava completar a frase, eu já tinha ouvido aquilo tantas vezes ao longo da minha vida. Eu seguia em frente.  
- Esse sofrer o tempo todo, essa imagem que você cria de você mesma. De alguém sofredor e de se permanecer nisso. Cansa. – Ela completou.  
- Mas por muito tempo quis mudar. Não me ajudam muito a me desenvolver. – eu falei com a voz baixa, enquanto pegava um lenço de papel na bancada perto do sofá, para assoar o nariz.  
- Pelo amor de Deus, Olívia. Você já tem vinte e seis anos. – Ela berrou – Não acha que já devia ter amadurecido e percebido sobre a realidade te cercando?  
Sempre quando Janaina se enfurecia e me dava sermões exauridos, penso em como nossas vidas e experiências foram tão distintas. E como somos pessoas tão distintas também. Mas isso não entrava na cabeça dela nem por um segundo. O normal para ela, é pensar como ela pensa. Mas eu não sou ela, eu não consigo ser friamente sociável. Não consigo ser alguém insensível, não chorar. E ela me conhecia há um tempo, ela deveria ter o devido conhecimento.  
Ela tinha se acalmado um pouco e sentou-se do meu lado.  
- Você não acha que você devia sair desse apartamento?  
Eu olhei para ela e franzi a testa.  
- Se mudar. – Ela completou.  
- Eu não sei..  
- Olha, é normal essa resistência. Você não quer se desapegar do ideal de Denise na sua vida. Mas quando se tornar passado, você vai perceber como foi ótimo.

Eu a olhei profundamente nos olhos, e refleti.

- Sério. Imagina você ir dormir toda noite na mesma cama onde vocês costumavam transar. É tortura. E sei que você pensa. Te conheço.

- Talvez. – Eu sussurrei – Talvez seja uma boa ideia.

Ela sorriu e me deu um beijo na bochecha.

- Vou dormir. Amanhã organizamos esse plano direito.

Ela foi para o quarto e me detive sozinha, sentada no sofá da sala. Mal ela sabia: independente do apartamento onde eu residisse, meu sentimento se permanecia imutável. Tudo é muito fixo dentro de mim. Eu guardo e vou sobrevivendo. Poderia me ajudar a não lembrar como lembro agora. Já sofri por amor antes, sei bem como é, como me conheço. Eu sinto como se estivesse perdido um membro do meu corpo. Eu sou uma econômica de palavras, imagina de pessoas entrando e saindo da porta da minha vida. É duro, é árduo. Elas instantaneamente se tornam parte de mim. É algo sobre qual não tenho controle. Antigamente, com quinze anos, quando eu frequentava a psicóloga, ela repetia para mim sempre: “você é você, as pessoas são as pessoas”. Por muito tempo vislumbrei uma imagem de loucura pairando sob mim, por cogitar em uma visão distorcida do usual. Depois descobri: minha intensidade só veio com maior força do costume do habitual. Não tem nada de errôneo em mim, só me era dificultado a adaptação adequada ao externo. Para o meio, é tudo muito como frouxo, vago. Eu enxergo tudo com complexidades animais. E é por isso; era tudo tão instigante, todas estas pessoas balanceando com suas próprias teias de concepções. Pois elas, na verdade, são complexas demais. Ou talvez seja eu que seja assim? Até hoje não descobri. Mas de uma forma ou de outra, o mistério delas retira meu orgulho em forma de armadura.

Olhei para o relógio da sala. Já era meia noite. Tive uma ideia louca em ligar para Denise. Ela provavelmente estaria fodendo com outra mulher, depois de ter me deixado. Me transparecia agora que nosso amor foi como uma farsa. Mas uma farsa muito bem-feita; quem nos olhava passar pelas avenidas poderia ver brilhos nos nossos olhares de tão autêntico. Talvez ela nem estivesse com alguma mulher, mas minha cabeça afundada na paranoia insistia. Ela sempre pensava que sim. E meu peito apertou quando imaginei ela tocando outro alguém, ao invés de mim. Me segurei para não chorar novamente. Não ia chorar. Não mais. Meus olhos já se encontravam inchados e integralmente avermelhados.

Mas eu queria fazer a ligação. Eu não resistia a essa minha vontade. Quando eu colocava algo na cabeça, eu com certeza o faria. Não tinha jeito. Tirei o telefone fixo da base e disquei seu número de celular. Minhas mãos tremiam. Comecei a sentir enjoos e tonturas. Sentei no sofá novamente. Peguei um lenço de papel para limpar o suor que transbordava no meu rosto e pescoço. Cociei minha cabeça repetidamente. Eu quero que meu desespero de agora só se batesse de frente com o desespero dela. Mas isso não ia acontecer. Ela era uma típica aquariana, sabia se controlar, por mais que sentisse falta, se mantinha muito bem com sua liberdade. Mas eu não. Só dominava o lamento por falta de alguém. Transformava tudo isso em novela. Eu almejava um pouco de desespero de sua parte pelo fato de não me ter mais. Depois de sete anos de convivência, não recebo mais nada? Me corroía um pouco o quanto tentávamos desvendar tão profundamente uma a outra. Toda semana arrumávamos um tempo na semana para nos entender melhor. E ríamos. E agora tudo isto se transformara em aversão: conhecer alguém profundamente. Se eu for capaz de saciar uma vontade de conhecer alguém melhor novamente, irei lembrar dela. Desta rotina. Mas que porre, ela transformou tudo que eu mais amava em aversão na minha cabeça. Agora tudo isto não significa mais nada a não ser lembranças destrutivas de nós duas. Eu não sabia separar essas coisas. Nunca soube.

Acho que tentaria dormir, no final das contas. Não saberia na verdade porque ligar para ela. Pra dizer o quê? Que sinto sua falta? Que eu a amo? O que mudaria? Não mudaria nada. Pensei comigo mesma. Não fazia mesmo, sentido algum.

Apaguei a luz do corredor e fui para meu quarto, todo escuro. A iluminação mínima do compartimento era a luz da lua, com as cortinas e a janela do quarto abertas. Deitei do lado de Jana, devagar para não acordá-la. Fiquei ali, com os olhos abertos. Sempre tive dificuldade de pegar no sono quando deitava. Observei-a dormindo. Já estava em sono profundo, roncava como se fosse homem. Aquela escuridão toda do quarto me fez ter um medo desconhecido do dia de amanhã. Eu não sei, um pressentimento enigmático. Mas segurava-me para não ser enforcada pela corda dos meus pensamentos, a maioria das vezes era invenção mental, suas criações malignas, processadas por más experiências traumatizantes. Abracei minha amiga carinhosamente enquanto ela dormia, e fechei os olhos.

Acordei com o despertador alto no meu ouvido. O desliguei no mesmo segundo. Não tinha me lembrado que tinha colocado o celular para despertar. Senti a sensação repetitiva e também irreal, de acordar sem Denise. Após lembrar disso, meu peito doeu, mas se mantinha mais calmo. Pelo menos mais calmo comparando-se a dias anteriores. Relutei em deixa-lo assim, na mesma frequência. Queria voltar a dormir, mas não conseguia. Meus olhos já tinham se acostumado com a visão clara do sol entrando na minha janela. Mas aquilo só me irritava. E eu só queria voltar ao meu sono de poucas horas.

- Bom dia. – Janaina falou entrando no quarto

- Você colocou esse despertador? – Perguntei com a voz embolada, de como quem tinha acabado de acordar.

- Lógico. Eu tinha que acordar cedo para trabalhar.

Enquanto ela catava seus utensílios no chão, de um lado para o outro, eu sentia o aroma do seu perfume se espalhando no quarto inteiro. Ela tinha acabado de sair do banho e se arrumado.

- E você? – Ela perguntou – negociou quanto tempo afastada?

Eu trabalhava para uma revista de literatura. Escrevia para as colunas, crônicas, poesias e umas espécies de diários. Lancei alguns livros com a ajuda do departamento desta revista. Me sustentava muito bem sendo uma escritora jovem e fora do lugar. Mas pedi licença desde a separação com Denise, para poder me estabelecer emocionalmente.

- Não lembro bem. – Respondi ainda com a voz embolada

- É bom lembrar. – Ajeitou seu relógio no pulso – Volto para cá à tarde.

Eu acordei para lhe responder.

- À tarde eu vou sair. Com Miguel.

- Ah, certo. Então me liga quando tiver chegado em casa.

Não lhe respondi. Ela também não se interessou se eu fosse responde-la ou não, e saiu pela porta da cozinha. Ouvi a porta bater.

Eu sempre senti em Janaina um certo estranhamento em relação á Miguel. Nunca foram próximos, mas percebia em sua feição um ruído facial de desprezo. Ela nunca comentou sobre, mas era notável. E as razões também, era visivelmente perceptível.

Já eram dez da manhã. Procurava achar forças para sair da cama, pelo menos para beber uma água e continuar com meu vício de nicotina.

Miguel me mandou uma mensagem de texto. Perguntando se eu podia mesmo ás 15 horas no local combinado. O confirmei.

Fui até a sala cambaleando, com ausência de forças para manter minhas pernas no chão, me apoiando nas paredes com as duas mãos. Meus olhos não se abriam direito de tão inchados que acordaram. Tentava abri-los com esforço, mas logo começavam a arder.

Tinha uma mensagem de voz na caixa postal do telefone fixo. Apertei o botão para iniciar a mensagem e saber de quem era, enquanto eu acendia meu cigarro. No mesmo momento, acendendo o isqueiro, eu gelei. Meu corpo todo parecia-se ter entrado em uma profundidade febril de quarenta graus e a tremedeira, vindo de bônus. Era a voz de Denise. Ela tinha falado algumas palavras, mas não prestei atenção no que, pois me centrei demais em lembrar de sua voz ecoando pelos cantos da casa. Com o passar dos segundos fui prestando cada vez mais atenção ao assunto dito. Desanimei. Não era nada demais. Ela estava deixando um breve aviso de como queria as roupas dela de volta, o abajur e uma coleção de talheres que comprou quando viajamos para a Espanha. Tirando isso, eu poderia guardar o resto. É, mas eu não queria guardar o restante daquela tralha. Se ela fosse morrer para mim, todos os seus objetos pessoais teriam que morrer junto. Eu não poderia viver lembrando de algo tendo a mínima chance de lembra-la. Fiquei nervosa e em ato inconsciente, arranquei uma caixa do quarto de hóspedes, peguei suas roupas do meu armário, coloquei dentro, acendi meu isqueiro no moletom vermelho que estava por cima de todas as outras roupas, e o fogo começou a subir.

Era o começo do fim.

Bom, era achismo. O calor do fogo me esquentava cada vez mais, e pela primeira vez na minha vida, não consegui incomodar-me com tamanho calor chegando. Estava sendo um pouco satisfatório ver todas aquelas vestes, antes dívidas para usarmos, se transformarem em cinzas. E provavelmente ela iria vim atrás de mim perguntando dessas suas roupas. Um dia. Direi sim: queimei todas. Mas o que importa isso para ela? Agora usaria as vestes de outra pessoa. Iria viver um novo amor, e provavelmente não há nada mais prazeroso e satisfatório para recomeçar sua vida com outro alguém, em pleno estado de renovação. Você se sente mais limpo e jovial. Pensei, pensei, pensei. Nada. Não faria mesmo a menor diferença. Mas no fundo eu queria que fizesse.

Queria que até hoje, o peito dela apertasse quando alguém falasse de mim.



- Ela veio atrás de mim. – Eu falei com os olhos fixados para baixo, enquanto saboreava um pedaço de pão de queijo do meu prato.

- Atrás como? Ela te ligou? – Miguel perguntou.

- Não. – Eu dei uma pausa na minha fala – Acordei e tinha uma mensagem de voz no telefone.

Ele respirou fundo, e soltou o ar com uma insatisfação profunda.

- E você? Respondeu?

Eu coloquei minhas mãos no rosto e cocei meu olho direito. Estava evitando ter muito contato visual com qualquer pessoa, principalmente com Miguel, tendo em vista sua adoração por decifrar os outros olhando fixamente nos olhos. Eu amava isso. Exceto quando eu passava por turbulências emocionais. E quando ele fazia comigo, tentava me devorar de um jeito único, pois sua preocupação comigo era bem parecida com uma espécie de paternalismo.

- Não. A mensagem dela não tinha nada demais. Só queria suas coisas de volta.

- Então ela não foi atrás de você.

- Basicamente, foi sim.

- Olha Olivia, eu sei sobre tudo isso que você está passando. Todos nós passamos por isso. Mas já acabou. Não idealize um suposto retorno.

E ele estava certo em idealizar. Eu idealizava várias coisas, desde do meu próprio entendimento como um ser humano pensante. Mas para mim, a vida não se encheria de graça se não fosse idealizada. Teria que existir algum sonho, algo a ser alcançado. Podia ser a volta de Denise a ser idealizada, podia sim. Mas neste caso era um sonho já acontecido. Eu já tinha vivido o que tinha que viver. Se voltássemos, poderia ser desgastante, pois já nos conhecemos muito bem. O meu lado racional consegue pensar em todos esses contras. Mas o problema é o lado racional não me querer como o quero. A emoção e o instinto tomam conta de mim como se minha personalidade não fosse existente.

- Eu queimeei as roupas dela. – Soltei um sussurro, enquanto bebia um pequeno gole da xícara branca transbordando de café quente.

Ele revirou os olhos, impaciente com meus atos impertinentes.

- Eu tenho que te levar no meu terreiro.

- Você repete isso sempre quando nos vemos. Mas nunca faz.

- Eu sei. Mas agora falo sério.

Ele pausou sua fala para colocar um gole de café na boca. Suas mãos ficaram um pouco trêmulas e um pingo caiu em sua pele escura, no seu antebraço direito. Ele gemeu baixo de dor por causa da quentura do café.

- Além de fazer muito bem para você, você tem essa energia incrível capaz de conseguir tudo o que quer. Então, para que ficar se prendendo a algo que já viveu?

Eu não respondi. Só pensava a respeito. Ele sabia muito bem da minha não-resposta às pessoas quando elas comentavam algo sobre mim, ou sobre minha energia ou personalidade. Pois na minha cabeça tudo era muito diferente. Ele me conhece há tempos, sabe e entende de tudo que já passei, e tudo podendo voltar em acontecimentos como estes na minha vida. Então, ele parecia não se incomodar em falar demais perto de mim, pois sabia da minha falta de reação a todas as suas falas e ações.

Ele falava prestando atenção às pessoas subindo as escadas da cafeteria onde estávamos.

Eu soltei uma risada frouxa. Eu conhecia pouco do candomblé, conhecia pela convivência de anos com Miguel. Apesar de minha mãe ter sido candomblecista também, não lembro nitidamente de como era muito bem as experiências do dia a dia com ela. Tento apagar da minha memória tudo que restou dela, pois conseqüentemente lembro também de como ela chegou ao óbito. E eu não gosto de lembrar. Dói, e nunca cura. Quando ele conversava comigo sobre, eu escutava, mas não bastava palavras minhas ali.

- O pessoal de lá vai sentir isso em você na hora.

- Sentir o que?

- Essa sua energia. Pura, forte e única.

- Belas palavras. – Comentei, ironizando seu comportamento.

Ele deu uma risada com vontade.

- Percebi que você ficou nervoso.

- Eu?

- Claro. – Me inclinei na cadeira – Você começou a tremer.

Ele franziu a testa e fez um bico com a boca, tentando achar uma resposta para me dar. Mas eu não precisava de respostas tão rápidas. Ele tinha esse problema.

- Quando falo em te apresentar a algum lugar que é como uma casa para mim. – Ele pegou um pão de queijo do meu prato e deu uma mordida – Me deixa nervoso.

- Foi isso mesmo?

- Porque não seria? – Sua voz começou a afinar enquanto falava comigo, isso deve ser outro sinal de nervosismo – Vamos lá terça-feira.

Ele mudou de assunto repentinamente. Deixei para lá. Não estava tão interessada mesmo em saber porque ele ficara tão nervoso. Eu só queria agora era voltar para casa e me enfiar debaixo dos lençóis.

- Eu só quero voltar para casa e me enfiar embaixo dos lençóis. – Repeti em voz alta o que pensei na cabeça.

- Não vai não. Você precisa parar de ser tão autodestrutiva. Vamos fazer alguma coisa depois daqui.

- Mas estou tentando mudar, eu juro. Estou até pensando em me mudar.

Miguel franziu as sobrancelhas.

- Isso é novo. – Ele falou com um ar pouco duvidoso – Sozinha?

- Talvez. – Eu evitei olhar nos olhos dele – Com Janaina.

Ironicamente, ele soltou um riso sem graça e olhou para seu prato, como se tivesse prestando íntegra atenção nele.

- Ah, aquela mulher.

- Ainda não é certo. E mesmo se for, vocês vão ter que aprender a se reconciliar um pouco. E a mãe dela acabou de falecer.

Eu realmente não sabia direito o porquê dos dois não se gostarem. Sabia dos problemas de Janaina. Em aceitar algo na qual não entendesse. E ela não entendia de forma alguma, vivências diferentes. Mas se houve algum motivo específico, nunca soube.

- Claro, né. O que eu poderia fazer? – Perguntou retoricamente, demonstrando a responder – Agora, vai ser difícil.

- Porque acha isso? – Eu perguntei, com a garganta seca.

- Ela vai morar com você. – Ele suspirava – Se eu entrar lá, para ir te ver, e só por você, ela vai me induzir a erros que nunca cometi.

Eu acho que eu já sabia do que ele estava falando. Mas me mantive calada, como sempre. Esperei ele terminar, se é que tinha algo ainda a se dizer.

- Não vou mais compactuar com pessoas assim. – Ele disse, dando ênfase em cada palavra dita.

Eu balancei a cabeça, concordando com ele. Ele em seguida, olhou nos meus olhos, e sorriu.

- Então, para onde vamos agora?



A ideia de Miguel de fazer-me sentir bem fora de casa não estava indo tão bem. Fomos a uma praça logo ao lado da cafeteria, atravessamos a rua e conversamos por mais de duas horas, enquanto dávamos voltas, comendo pipoca. Ele me afirmava na conversa em ter uma mulher olhando para mim compulsoriamente nas redondezas do parque, mas eu estava aérea e interna demais para concentrar-me e focar em qualquer outra coisa que não fosse minha cabeça e minha imaginação volúvel.

- Vai te fazer bem. Vai falar com ela. E pegar o número dela. – Miguel falava com a boca transbordando de pipoca.

Não sabia mais como chegar em mulheres. Isso nem sequer existia mais na minha vida, achava que nunca mais ia precisar aparentar algo que não sou para impressioná-las, já que estava fielmente iludida de que passaria o resto da minha vida com Denise. Era como se fosse recomeçar uma vida. Eu não sabia fazer mais nada sozinha, nem cozinhar, limpar a casa, quanto mais galantear mulheres.

- Você sempre foi boa nisso. – Ele continuou depois de engolir.

- Em que, exatamente?

- Chegar em mulheres, ué. Vai lá. Te espero.

- Isso não vai dar certo. Não sei se tenho mesmo a vontade de fazer.

- O não ter vontade é normal. Mas esse é o processo de cura.

- Não sei.

- Sabe sim. Você sabe que quer ir lá.

- Minha cabeça só pensa em uma única pessoa.

- É. Aquela mulher que te abandonou.

Eu franzi a testa e olhei para ele, esperando que ele reagisse a minha expressão de desentendimento.

- O que? É verdade.

- Não foi bem um abandono. – Lhe disse, querendo me enganar.

- Sei. – Falou sendo irônico.

Miguel tinha uma pequena aversão á pessoas brancas. Por ser politizado em relação à sua raça, onde passou muito tempo de sua vida estudando e dedicando-se ao conhecimento, ele achava bem estranho e confuso minha relação com Denise. Eu fui uma menina excluída na época de colegial, tendo uma paixão platônica irresistível por ela. Uma menina loira de olhos

claros, na qual todos os meninos babavam. Mas é claro, eu, a excluída, estranha e assumidamente lésbica se apaixonar por alguém na qual a reputação da mesma seria manchada se alguém a visse trocando carícias comigo em algum lugar. Esta paixão platônica durou três anos. Quando passou, ela se assumiu lésbica também e veio á surgir uma atração muito estranha por mim. Logo quando estávamos terminando o segundo grau. E estávamos juntas desde então. Por sete anos.

Miguel afirma sobre esse tipo de situação, não existente neste mundo. Mas a minha relação com Denise foi real. Existiu. Na cabeça dele, pode ter sido algum interesse, querer permanecer comigo durante sete anos? Eu não sei. Nunca vou saber o que se passa em sua cabeça. Mas foi real. E acredito nisso, com a maior fé.

Enquanto batíamos boca, a mulher na qual Miguel tanto falava veio em nossa direção. Ele interrompeu minha fala para avisar-me.

- Olha ali. – Ele bateu no meu ombro.

Ela foi chegando mais perto de nós e percebi o quanto era linda. E seu sorriso brilhava igual a diamante. Mas parecia chegar perto para comprar um lanche de um carrinho encostado ao nosso lado. Vi ela abrindo a boca e conversando com o vendedor. Apesar de não estar ouvindo o que falava, era compreensível tudo acontecendo. Ela fez seu pedido, logo em seguida desviou o olhar para mim e Miguel. Sorriu, sem graça. Eu sorri de volta. Não sei se foi para mim ou não, mas é sempre bom ser educada com quem é educado também. Em alguns segundos ela agarrou seu lanche como se estivesse extasiante de fome, e deu alguns passos, onde podíamos ver sua caminhada, admirando toda a beleza de seu corpo. Sua forma de andar era engraçada, meio tímida. Me cativava. Ela virou seu rosto para nós novamente. Ela hesitou em piscar um olho, mas o fez. Miguel soltou uma gargalhada, logo em seguida.

- Nossa. Se isso não foi um aviso para você ir falar com ela, eu não sei o que seria. – Ele disse, com a voz de gozação, e soltou mais algumas gargalhadas.

Bom, eu decidi ir até lá. Não custava nada bater um papo com alguém, na qual sorriu gentilmente. E não iriam existir desculpas de desistências, como Miguel cismava constantemente.

Andei. Meus passos eram lentos como os de uma tartaruga. Enquanto andava, criava coragem para cutuca-la por trás. Meu coração começou a se

acelerar, e minhas mãos, a tremer. Meu corpo suave como se eu estivesse dentro de uma sauna. Definitivamente eu não sabia mais me envolver com as pessoas.

Lembrei-me das minhas antigas crises de ansiedade na adolescência, tomava calmantes sempre depois da refeição para acalmar meus nervos. Enquanto eu me aproximava, chicoteou em minha mente um pensamento transtornado: o de voltar a usar os calmantes e antidepressivos. Eu pensava nisto pois se eu parasse para olhar minha atual situação, indo de encontro á uma mulher tão autentica, eu não iria tranquilizar-me. Por fim, cheguei por detrás dela. Estava distraída olhando algo no trânsito. Meu tênis vermelho se encaixou simetricamente atrás de seus pés vestidos com sapatilhas cinzas.

Eu a cutuquei. Ela se virou e suspendeu as sobrancelhas.

- Oi. – Ela disse, em voz meiga e doce, como se estivesse falando com uma criança.

- Oi. Tudo bem? – Perguntei no mesmo tom de voz.

- Sim! – Ela falou, animada. Pausou em sua fala – Me desculpe. Meu nome é Laura. E o seu?

- Olivia. – Eu sorri enquanto pronunciava meu nome.

- Nome lindo. – Ela me encarou por um tempo, e continuou sua fala - Assim como você.

Eu paralisei, sem reação. Não respondi. Olhei para baixo para evitar contato olho a olho, e dei risada.

- Obrigada. Você também é linda. – Levantei a cabeça e olhei para o lado.

- Então? O que te traz aqui nesta bela tarde de segunda-feira?

Olhei para ela. Seus olhos pareciam que estavam transando comigo, em um ritmo denso e sereno. Um olhar sexual, penetrante demais, profundo demais. Intimidador, talvez. Sentia-me nua. Seus olhos eram castanhos bem claros, assim como a cor do seu cabelo.

Conversamos, conversamos, conversamos. A conversa entre nós duas fluía de um modo fluído e leve. O dialogo era como se alguém estivesse injetando algum calmante nas minhas veias, porque nesta hora tudo se travestia em cor-de-rosa.

Fomos sentar em algum banco na praça. Dei um sinal para Miguel, dizendo ter dado certo. Ele me mandou uma mensagem de texto: “Boa sorte”. O avistei bem de longe, indo embora da praça. O vi também alcançar o ônibus, passando rapidamente na via.



Eu continuava nervosa, pois depois da conversa não sabia mais aonde eu iria me meter. Se eu pensava em beijo, sexo, era só Denise me vindo a cabeça. Infelizmente não conseguia me desprender da ideia romântica e bajuladora atormentando continuamente minha cabeça.

Iniciamos um papo de relacionamentos, todos que já tivemos. Ela comentou toda sua vida. Parecia bem aberta e expansiva. Quero dizer, não parecia, ela era. Iniciou o papo falando de sua bissexualidade. Afirmou sua relação com homens e mulheres. Teve um relacionamento com um homem durante dois anos e com uma mulher, logo depois dele, de três anos.

- Eu acabei de sair de um relacionamento. – Falei, com um ar meio tristonho e sincero.

- Sinto muito. – Pausou – Estavam juntas há quanto tempo?

Eu olhei para ela, com uma visão profunda.

- Sete anos.

Ela arregalou os olhos.

- É muito tempo.

Senti que, depois dessa fala, a conversa e toda a química que tínhamos iniciado tinha morrido logo ali. Não era nem um pouco atraente desabafar em como ainda está se sentindo mal por não ter mais o outro alguém com você. Percebi o silêncio nos engolindo aos poucos, então decidi abri a boca.

- É sim. Mas fazer o que, não é? Durou o que tinha que durar.

- Sim... não era para acontecer nada mais, além disso. O universo deu um basta, para seu bem.

Eu dei risada.

- Falei algo engraçado? – Ela indagou.

- Acredita nas forças do universo? – Eu rebati com outra pergunta.

- Claro. É a única certeza cabível da vida.

- Também acredito nisso. Mas você não parece acreditar nessas coisas.

Pensei em algo envolvida a religião.

Ela gargalhou.

- Porque religião? Tenho cara de quem anda com uma bíblia na bolsa?

Eu a respondi, com seriedade na fala.

- Um pouco, sim. Escondida no armário, através da religião.

- As aparências enganam. Melhor não acreditar muito nelas. – Ela se voltou a seriedade, tirando o sorriso do rosto.

Eu nunca me perguntei se eu era esse tipo de pessoa. Alguém entrando nesta bolha de se importar com aparências estéticas. Provavelmente eu iria me perguntar bastante sobre isto a partir de agora. E se eu chegasse em conclusões precipitadas de que: sim, sou essa pessoa que se importa, cairia em um poço de confusão mental implausível, e o ódio preso por mim mesma só se ampliaria.

Interessava-me manter focada na longa conversa prosseguida com Laura, mas algo insiste em entrar como forma de reflexão na minha mente, me desferrando por completo, e minhas expressões começando a se azedar. E qualquer um ao meu lado poderia facilmente perceber.

- Você quer ir embora daqui? Não sei. Ir para algum lugar mais isolado. – Ela quebrou o silêncio.

Provavelmente deve ter percebido a minha face já se endurecer na expressão e nos gestos, tendenciado sempre a obstinarem-se na dureza; cada vez que cometo indagações internas.

- Pode ser. – Respondi

A minha resposta para a maioria das perguntas impostoras era quase sempre, a mesma. “Pode ser”, “Tanto faz”, “Você que sabe”. Não sei se isso era indicio de sentir no fundo, o não saber mesmo de nada. Se eu transbordava tantas incertezas assim nos meus diálogos.

Levantamos do banco, e fomos até o ponto de ônibus, atravessando a rua, do outro lado da esquina.



- Espero não se importar com a bagunça. – Ela falou, dando uma risada sem graça no final da fala.

Eu sorri para ela.

- Não me importo. Minha ex também era muito bagunceira.

- Hum. – Ela colocou as chaves da porta na mesa – Então isso me tranquiliza um pouco.

Eu sorri novamente.

- Quer comer alguma coisa? – Ela perguntou, abaixando seu tom de voz.

- Não, estou bem. Obrigada.

Fui logo me aconchegando no sofá, sentei, tirei todos os meus pertences do bolso e pus na mesinha de cabeceira. Respirei fundo e olhei para ela, vindo em minha direção.

Ela olhou-me profundamente no fundo dos olhos, como uma técnica de hipnotização. Conservamo-nos uns vinte segundos apenas assim. Nos olhando. Ela em pé, em minha frente, e eu sentada em seu sofá cinza de couro.

Ela tocou no meu rosto com uma de suas mãos e acariciou-me. Inusitadamente, disse:

- Você é muito linda. – E interrogou-me – Posso te beijar?

Minha voz não saiu. Usei expressões, como a afirmação com a cabeça.

Ela tocou em meus lábios suavemente, e então fechei os olhos. Segui seu ritmo, rapidamente. Suas mãos foram até a minha nuca, segurando meu cabelo crespo e bagunçado. E as minhas, em sua cintura. Enquanto o beijo se tornava mais quente e forte, enquanto eu ia gostando do gosto daquilo, lembrei de Denise. Não tinha algo ali me fazendo lembra-la, mas suponho de apenas ter sido o fato de fechar os olhos, me transportando para perto dela. E meu espírito sentiu, como se eu a estivesse beijando novamente, como se tivesse tudo voltado. Como se fosse há sete anos atrás, e eu tinha voltado a ser aquela menina engraçadinha e insegura, conquistando seu charme autoconfiante e intelectual.

Mas calma. Eu pensei comigo mesma enquanto o beijo ainda acontecia. Me sentia perdendo o ritmo. Ela parou.

- Tudo bem? – Me perguntou

Eu dei um sorriso de lado e respondi.

- Ótimo. – Continuei a beija-la.

“Não pensar em Denise” Eu insistia em repetir na minha cabeça.

Laura então, tocava em meu corpo e iniciou a me despir. Fiz o mesmo. Parei o beijo para perguntar:

- Você mora sozinha?

- Com uma colega de quarto. Mas ela não vai chegar hoje. – Ela sorriu maliciosamente para mim e deu um beijo no meu pescoço.

Enquanto nos despíamos, notei que ela tinha um porta-retratos com uma mulher, ao lado da televisão, bem aonde eu deixava o meu com Denise, na qual eu havia quebrado. Eu parei para perguntar quem era, mas já imaginava sua resposta.

- Ah, é, minha ex-namorada sim. Está te incomodando?

- Não. – Eu falei, em tom seco. – Eu só tenho lembranças também.

Ela me acariciou mais um pouco e perguntou.

- Quer ir lá para o quarto? É melhor. Não iria te incomodar tanto quanto aqui.

- Tudo bem. – Eu respondi, olhando para baixo.

Fomos. Ela pegou minha mão e me levantou do sofá, calmamente. Percebi suas mãos muito suadas, mas decidi não falar nada.

Ela me jogou em sua cama, brutalmente.

- Aqui ficamos mais confortáveis, realmente. – Ela sorriu.

Eu sorri de volta. Voltamos a nos beijar, e deitamos na cama, nos beijando.

Não poderia descrever bem a minha química com Laura. Era uma grande mistura de apreciação ao seu corpo, como se fosse uma escultura, com o desejo profundo do gozo, na qual era a mesma sensação sentida com Denise, independente de paixões passageiras. Era uma chama não apagável. E o estar na cama com uma mulher, me lembrando toda a excitação com Denise, me contemplava absurdamente. Apesar de não ser ela, eu gostava do ato do fingimento; agora a minha cabeça não suportava mais algum controle, quando as emoções já tomaram conta discretamente do meu ser.

Continuamos lá, até o anoitecer, até umas onze da noite. Depois de todo o esforço físico gasto, eu não tinha mais ânimo para pegar um ônibus, ou até um taxi. Não queria levantar da cama.

- Posso dormir aqui?

Ela sorriu, ao meu lado, enquanto estávamos deitadas, abraçadas.

- Claro.

Ela levantou da cama. Conseguia admirar seu corpo enquanto andava pelo quarto, pegando sua toalha pendurada na porta do armário.

- Quer tomar um banho comigo?

A pergunta dela soou maliciosa. Mas ela não sabia; eu não gostava de tomar banho acompanhada. O banho é uma das poucas ocasiões podendo-se aproveitar a solidão em paz. E eu não gostava de ter meus horários de solidão bloqueados e retidos.

- Se incomodaria se eu tomasse um banho sozinha? – Respondi com outra pergunta.

Ela franziu as sobrancelhas, sem entender.

- Pode. – Respondeu, ainda com um rosto de confusão.

Eu ignorei a sua confusão, agarrei a toalha e fui para o banheiro. Fechei a porta, tranquei e quando me virei, deparei-me logo com um espelho

na minha frente. Olhei para meus olhos. Estavam cheios de olheiras. Minha boca pálida. E meu corpo, grudento. Não me agradava o meu corpo depois do sexo. Ou depois de qualquer atividade física. Ele era um pouco desproporcional, apesar de já ter aprendido a conviver com ele, como é, me pegava pensando nestas injúrias descabidas, principalmente quando não me encontrava em casa, pois outros olhares estariam me julgando, não só o meu próprio olhar, incandescente em autojulgamento.

Entreí debaixo do chuveiro e o abri. Me encolhi, esperando a água descer. Queria ver se estava quente ou gelada. Era água quente. Bom, tudo bem. Eu preferia gelada, revitalizava mais as energias, e não conseguia achar nenhum botão ali para que o fizesse gelar-se. Quando comecei a me molhar, olhei para a saboneteira. O sabão dela era o mesmo de Denise. Maldição. Eu não posso deixar-me prestar em mínimos detalhes para me enfurecer os nervos e me fazer lembrar. Eu respirei fundo, sentia o choro vindo. Me contive. A tristeza naquele momento não conseguia ser mais forte. Apareceu a oportunidade de superar alguém, tapando o buraco com outro alguém. Um pensamento imundo de ego e perversidade. Eu era uma pessoa terrível. Pensar desta forma era desagradável. Todos os seres humanos se não curam suas feridas magoando outros, magoam a si próprios. São destrutivos ou são autodestrutivos. As duas formas para mim eram perversas. Mas perversidades focadas em pontos polares.

Fechei o chuveiro, me enxuguei e voltei para o quarto, vestindo apenas minha roupa íntima, e deitei na cama. Ela estava deitada, assistindo algo na televisão, mas não prestei atenção no que era.

- Minha vez, não é? – Ela perguntou retoricamente, enquanto acariciava minhas costas nuas e a beijando suavemente.

- Vai lá.

- Você vai dormir ou me espera?

- Depende. Demora muito no banho?

- Cinco minutos é demorado?

Eu gargalhei.

- Você já respondeu.

Ela deu risada, logo depois de mim.

- Eu já volto. – Falou, enquanto colocava a toalha na cintura, deixando seus seios à mostra.

Quando ela saiu do quarto, senti um ar de melancolia aproximar-se. Normalmente o sentia quando estava em meu quarto, sozinha. Olhei para a televisão. Queria me manter acordada, mas não conseguia. O sono já tinha vindo.

Eu adormeci, sem me dar conta.

●

- Bom dia.

Eu mal abri meus olhos, e Laura estava parada em minha frente, sentada do meu lado, na cama. Ainda desacordada, não tinha capacidade de responde-la.

- Dormiu bem?

Passei minhas mãos em meu rosto, tirando também remelas indevidas. E bocejei.

- Acho que sim. E você? – Eu disse, esmaecida.

Ela sorriu.

- Sim. Muito bem.

Lembrei de algum compromisso marcado com Janaina. Ela queria resolver se iríamos nos mudar ou não. Fui rapidamente checar meu telefone na sala. Era o esperado. Nove mensagens dela. Eu não abri nenhuma, para me poupar de desgastes emocionais.

- Me desculpe, Laura. Eu já tenho que ir. Tenho uma coisa para resolver com uma amiga minha.

- Não tem problema. Pode ir.

Eu me vesti rapidamente e coloquei todos os meus pertences no bolso, e dei um beijo nela quando saí.

- Fala comigo mais tarde? – Eu perguntei.

- Veremos. – Me respondeu, com um sorriso pouco frio.

Achei pouco estranho seu comportamento, mas deixei para lá.

## II

- Porque você não olha a porra do celular?

Eu cheguei em casa, e Janaina já berrava. Estressada, vermelha, com as veias pulsando de seu pescoço. Eu não entendi porque estava tão raivosa, de certo não era porque não olhei algumas mensagens. Devia ter outro motivo.

- Calma. – Eu falava em voz baixa – Quer me dizer o que está acontecendo?

- Vamos resolver logo essa mudança.

- Tá bom. Então, vamos nos mudar, não é? – Minha pergunta foi muito inocente.

- O que você acha?

Eu não respondi. Fui para o meu quarto tirar as coisas do meu bolso, que sempre pesavam.

- Eu já arranjei um lugar. – Ela disse – Há três quartos daqui. Tem espaço aberto, três quartos, um banheiro.

- Certo. Não preciso olhar, se você gostou, confio em você.

Ela não aparentava nenhuma expressão nas coisas faladas. É como se minha voz saindo fosse um barulho de vento passando pelos seus ouvidos.

- Amanhã.

Eu entrei em choque, e minha fala mostrava bem isso.

- Como assim?! Já?!

- O mais rápido possível.

Algo de muito estranho perturbava ela, eu queria perguntar, mas resolvi esperar a calma doma-la.

Mantive a calma também. E aceitei a posição dela em se mudar daqui amanhã. Aceitei, mas me deu receio, e medo, simultaneamente. De deixar todo aquele canto onde passei a minha vida com Denise. Deixar tudo para trás, todas as lembranças, memórias do que um dia já foram tão vívidas e vistosas. Se apartar de tudo poderia ser bom, mas o apego ao passado é o inimigo das novidades, impossível de se partir ao meio. Este é o pior apego existente: o de lembranças. Está morto, mas sempre vivo na sua

cabeça. Enquanto Janaina fazia alguns telefonemas, provavelmente para caminhões de mudanças, minha cabeça delirava de surrealismo de talvez não conseguir ir morar em um lugar totalmente novo, mesmo sendo tão perto daqui. Nada mais seria o mesmo. As memórias iriam se perder, com total certeza.

- Você não vai sair hoje não, né? – Perguntei.

- Obvio que não. – Não olhou para mim, só ouvi sua voz seca ecoando pelo corredor.

Meu celular vibrou na bancada. Era Miguel. “Como foi ontem? ”. Eu gostava de como Miguel introduzia nas conversas por mensagens de texto. Era algo muito objetivo, abraçando as pessoas em uma conversa banal qualquer.

“Foi ótimo. Dormi com ela.” Eu respondi também, sendo bem objetiva.

Após disso, suas respostas transcenderam-se para animações contínuas. A minha alegria interna de ter conseguido tocar e fazer-me viva em outro corpo se transportou para ele. Era um amigo incrível, e tinha uma empatia extraordinária. O perguntei se ele tinha chegado bem em casa. Miguel morava perto das periferias, o trajeto até chegar em sua casa era longo, então eu pensava em todo cuidado. Ele confirmou-me.

Paramos de nos falar e fui até a sala, ver como estava o humor de Janaina. Tirei meus sapatos e caminhei cautelosamente até seu encontro.

Ela ainda parecia muito nervosa.

- Está acontecendo alguma coisa? – Eu perguntei, sentando ao seu lado.

Ela não olhava para mim, fissurada para o chão. Parecendo-me estar tomada pelo desejo do choro. Mas ela não iria chorar. Ela não chorava facilmente.

Depois de alguns segundos ela colocou a mão em minha perna, e apertou. Respirou fundo e fechou os olhos.

- Olivia. – Falou, ainda sem olhar para mim.

- Pode falar.

Ela abriu seus olhos e finalmente fitou-me.

- Eu estou grávida.

Depois dessa sua fala, não conseguia pensar em mais nada, só em berros de bebês durante a noite e fraldas borradas de defeco soltas pela casa. O inferno. Eu não iria conseguir me recuperar, ter minha saúde emocional

de volta com o convívio com um recém-nascido. Eu não estava com raiva, nem nada similar. Só pensativa. Como viver com uma amiga que acabara de perder a mãe, e submetendo-se ao um estresse, por conta de uma gravidez? Se eu não suportaria, não queria imaginar se ela suportaria.

- Quando você descobriu? – Minha voz tremulou.

- Semana passada eu peguei o resultado. Já tem dois meses de gestação.

- Quem é o cara? – Eu perguntei, queria saber se existiria alguém para ajudá-la financeiramente.

- Eu não sei. – Uma lágrima desceu, escorregou de seu olho enquanto sua boca falava.

- Mas não faz ideia?

- Sim. Entre dois, mas como eu poderia chegar e falar sobre isso?

- A gente vai dar um jeito. É por isso o motivo de querer se mudar logo? Poderia ter me falado antes. Eu entenderia.

- Não. Acho que você não entenderia.

Ela se levantou do sofá e se jogou na cama. Eu a segui.

- Eu vou tentar voltar a trabalhar. – Eu falei, enquanto pegava um cigarro na bancada e o acendia.

Ela não me respondia mais. Enfiou o rosto no travesseiro e queria estar aparentando que tinha adormecido. Mas ela não o faria, ela demora para pegar no sono.

Depois de uns minutos, quando acabei meu cigarro, ela me perguntou:

- E você? Como está?

Eu sorri como uma criança. Apesar de suas dificuldades, ela se lembrava também da minha dor. Isso me enaltecia. Às vezes meus olhos brilhavam por razões tão pequenas e simplórias.

- Estou melhor. Ontem saí com uma mulher.

Ela animou-se de sua forma.

- Fico feliz por isso. E conseguiu esquecer um pouco aquela?

- Por um tempo sim. Mas quando eu menos espero, voltam à tona.

- Faz parte. Vamos guardando uns pedacinhos do que já vivemos. Com dor ou sem dor, sempre lembrará.

Eu olhei para a janela. Estava fazendo sol, e refletia na escrivaninha onde estavam todos os meus livros, muito bem empilhados. Quando fazia sol, a vida parecia renascer em outro plano. Sentia a sensação de ser mais bem aproveitada. Me virei para Janaina e sorri novamente.

- Obrigada por perguntar como eu estava. Isso é importante.

Ela sorriu e suas mãos acariciariam meu cabelo.

- Estou aqui por você.

- Sei.

Eu a abracei, e dei um beijo no seu ombro. O abraço se eternizou. Transformei seu abraço em um lar. Seus braços eram tensos, mas tão vivazes.

Lembravam os abraços aconchegantes de minha mãe.



O caminhão de mudanças já tinha chegado, tão cedo, não tínhamos nem tomado nosso café ainda. Janaina acabara de coa-lo por inteiro, fervia tanto que não conseguíamos nem encostar a boca. Mas o interfone não parava de tocar, mesmo os avisando das incompletudes. Janaina atendeu, mesmo assim.

- Está bom. – Ela respondeu algo que eu não sabia o que era. Desligou o interfone e falou para mim – Pediu para abrir a porta. Não tem problemas se ainda não estávamos prontas.

Eu dei uma risada.

- Fomos um pouco estupidas de não ter deixado eles entrarem antes.

Ela riu junto comigo.

- Não pensamos direito.

Ela foi abrir a porta. Eram dois homens bem grandes e fortes, e um bem magro, com um rosto de criança.

- Bom dia. – Falaram quase ao mesmo tempo.

Janaina respondeu, gentilmente. Os guiou até os quartos, onde deveriam pegar os pertences e desmontar a cama.

- Você não vai pegar suas coisas? – Eu perguntei.

- Elas já estão lá há muito tempo. Desculpe se não avisei.

- Nossa.

- O que?

- Você faz os planos sem avisar mesmo, não é? – Minha pergunta foi bem retórica e desaprovadora.

Ela franziu as sobrancelhas.

- Não sei o que quis dizer com isso.

Eu fiz um muxoxo.

- Deixa para lá. – Falei enquanto mastigava, com um pedaço de pão na boca. – Tome logo seu café da manhã.

Ela se estacionou na mudez da palavra, após perceber minha desaprovção. Nem um sussurro breve. Nada mais até chegarmos até o apartamento novo, na qual estava ansiosa para conhecer, e conhecer meu novo canto de sossego.



Chegamos, deixando todos os pertences ainda lá embaixo.

- Pode escolher seu quarto. – Janaina disse.

Não a respondi, fui logo entrando em todos para sentir em qual melhor se encaixaria comigo, com meus livros, minha cama, e toda a energia me rondando. Decidindo ser o último do corredor. Era bem redondo e a ventilação dele era confortável, não precisava nem mesmo de ventilador, já que eu não o tinha. E os quartos também não possuíam um. Janaina tinha um ventilador de mão, mas era dela. Pelo o meu conhecimento sobre ela, não iria querer dividir comigo. O calor na cidade se agravava loucamente, apesar de estarmos no inverno. Já me estabilizei na quase intragável discordância de viver nesta bipolaridade climática. Era de se suportar um banho quente, somente no período da noite. Quando o sol aparecia, o suor transbordava sem renuncias.

- Esse aqui. – Eu a respondi.

Ela não mostrou expressões. Quando não mostrava expressões, tinha concordado comigo. Normalmente nosso diálogo se dava desta forma.

- Já escolhi o meu também. Desça de novo para ajuda-los a carregar as coisas.

- Sim.

Confirmei e desci, correndo pelas escadas. Peguei o colchonete e duas sacolas com objetos íntimos.

Subi novamente. Quando cheguei lá, Janaina estava se apoiando na parede, com ânsia de vomito.

- O que foi? – Perguntei.

- Quero vomitar.

Peguei um braço dela e a levei até uma das suítes. Não chegamos á tempo, ela vomitou no carpete que cobria o chão do quarto, dando de

entrada com o banheiro. O vômito tinha cor de vinho. Não sei se enjoos de gravidez vinham com essa tonalidade, mas estranhei. Parecia mistura de álcool, como quem não comeu a noite toda e foi beber de barriga vazia. Eu tinha estes questionamentos sobre o modo como eu enxergava, mas não falava, não perguntava. Esperava pela verdade, bem depois. Esperava ser surpreendida por outros casos indesejados.

- Se sentindo melhor agora? – Eu perguntei, amarrando o cabelo dela com um elástico do meu braço.

Ela afirmou, sem verbalizar.

- Não sabia que seu desânimo era puro enjoo.

- Não é puro enjoo. Ele começou logo quando você desceu.

Janaina tinha uma certa mania de se fazer de forte quando não precisava. Eu sentia ali seu desejo de se resguardar por estar se sentindo mal por estar enjoada.

Os homens da mudança entraram no quarto e viram logo a grande nojeira no carpete bege.

- Querem ajuda para limpar isso daí? – Um deles, o maior e mais forte perguntou.

Olhamos com olhos de derrota e constrangimento. Mas diríamos sim. Ele sabia sobre os produtos necessários para a limpeza.

- Por favor. – Eu disse.

- Eu vou comprar. Achar algum produto de limpeza ali naquela bagunça iria demorar séculos. – Janaina embruteceu a voz.

Saiu do quarto com uma postura confiante e me gritou da sala:

- Você vem comigo?

Não respondi. A segui, e descemos todas as escadas.



O mercadinho bem ali na frente do prédio era pouco movimentado. Pelo menos estava. Com dois caixas e duas mulheres trabalhando de boné vermelho e a farda cinza. Eu tinha a mania de passear pelos corredores do mercado e categorizar todos os materiais vendidos. Em outras vezes frequentando, sempre lembrara onde estava cada objeto que queria. Como era a minha primeira vez indo ali, fiz este passeio e deixei Janaina olhando os preços na sessão de limpeza.

- Já achei. – Ela me gritou do outro corredor.

Ouvi seu chamado, mas não corri até lá. Provavelmente ela não tinha achado, mas me gritava somente para me apressar. Meu celular vibrava enquanto eu olhava as fileiras de carnes bem-passadas e malpassadas no freezer bem no final da loja. Era Miguel ligando. Relutei em atender pois sempre odiei atender telefone, principalmente em locais públicos, onde todos ali poderiam ouvir minha voz e deduzir o assunto da minha conversa com a pessoa desconhecida.

- Oi. – Eu disse, quase sussurrando.

- Onde você está? – Ele perguntou, com uma voz curiosa.

Achei ser uma investida de jogar conversa fora. Mas repentinamente estava me chamando para ir a uma festa hoje.

Eu nunca tive alguma paciência para energias de festas, e as boates cheias me davam enjoos só de pensar. Mas decidi aceitar o convite, seria uma tentativa de me testar. Se iria embora logo quando chegasse ou poderia suportar umas horas com um bando de extravagancias e excentricidades. Eu fazia estes longos testes na minha cabeça, de como e aonde seria se eu me suportasse a tal local e em quantas horas. Eu gostava de testar o meu, incansavelmente. Ocasionalmente, sentia duas pessoas morando dentro de mim, e todos os dias ocorriam das duas se enfrentarem.

- Não quer chamar aquela mulher que saiu ontem?

- Não sei, Miguel. Só nos encontramos uma vez. Não quero que tudo isso aconteça tão depressa. Você sabe que...

- Sim, sei da sua demora para esquecer alguém. – Ele me interrompeu, ironizando a minha fala dita como costume.

- Então, não me apresse por vontades suas.

Ele não respondeu e logo mudou de assunto. Queria saber se ele se sentiria incomodado se eu chamasse Janaína. Mesmo ela estando grávida, seria bom frequentar outros ambientes. E não queria deixa-la sozinha de forma alguma. Só esperava da festa um lugar aberto com boa ventilação.

- Vou chamar Janaina. – Eu dei ênfase.

- Certo. Só certifique que ela não vá fazer bobagens lá.

Me surpreendi com sua resposta. Minha espera fosse de zanga, ou raiava, ou algo parecido. Melhor assim. Sempre tive remoto repúdio de energias conflituosas. Não me faziam bem, singularmente de energias vindas de pessoas próximas a mim.

Desliguei o telefone e fui em direção a Jana, já estando na fila do caixa.

- Está com um espírito bom para sair hoje? – Minha voz surgiu detrás dela, e ela se virou para me olhar.

- Não estou me sentindo muito bem. Porque?

- Seria bom para você dar uma saída, tomar um ar. Algo assim.

- Qual é sua sugestão?

- Miguel me ligou. Tem uma festa hoje, logo ali perto do seu antigo prédio.

Ela inspirou e respirou. Se tornou a refletir. Sua testa começou a se franzir, lentamente. Isso era um sinal de não ter abraçado a ideia.

- Eu não sei. Não gostaria de voltar para aquela rua.

- Porque? Achei que desfrutava de sua moradia lá.

- Sim. – Ela parou – Eu gostava.

Eu tinha a plenitude da certeza sob as minhas mãos; tinha algo de errado sucedendo-se com Jana. Ela não pairava tão tensa deste modo por conta da morte de sua mãe, ela compreendia o acontecimento que viria a acontecer, por conta de sua doença. Tinha algo de bônus entrando pelas suas entranhas a fazendo fornicar em expressões de desgosto, quase o tempo todo. A gravidez na qual ela mencionara; tinha acontecido algo a mais. Eu só queria tentar tirar isto dela, essas informações de como isso se calhou-se, sem parecer doloroso demais. Se ela teve crises de choro, ou suportara dores escondidas.

Jana era como uma gaveta empoeirada. Ninguém nunca abre e nunca quer abrir, por conta do cheiro de mofo. Mas quando decidem abri-la por inteiro, sai tudo que tem para se sair de lá. Inclusive perdidos benéficos.

- Vai ser divertido. Ficarei com você o tempo todo por lá. Te juro.

Eu estava tentando motiva-la, tendo em vista sua resposta, não sendo por completo, uma negação. Eu podia insistir até o horário de ir.

- Não sei, Olivia.

Ela permaneceu com um semblante sério até a hora de sairmos do mercado.

- Meu irmão está vindo para cá. – Ela disse, em tom quase melindroso.

O irmão dele não compareceu ao enterro da própria mãe pois tiveram uma briga severa há três anos atrás. Ele envolveu-se com drogas e a mãe descobriu. Desconheço de sua situação atual, mas sei que não foi por isso o fato de Janaina ter entristecido a voz ao falar do irmão mais novo. Eles

tinham uma rixa pesada e consistente, não sabia do pretexto do mesmo estar vindo para cá; decidi pergunta-la.

- Porque?

- Eu disse a ele sobre a gravidez.

- Então ele vai te ajudar financeiramente?

- Eu espero.

Eu nem tinha ao menos cogitado sobre a outra pequena – e sincronicamente, enorme – possibilidade de ela não querer esse filho. Não tinha me passado pela cabeça, vindo agora, como um flash.

- Jana. – Meu tom de voz assumia uma mudança de assunto improvisada.

- O quê?

- Você já pensou na outra possibilidade sobre este filho?

Assim que estas palavras desabaram da minha boca, ela, andando em minha frente, estagnou-se e olhou para mim. Franziu a testa e quis ter certeza sobre o meu mistério na pergunta.

- O aborto? – Ela quase sussurrou.

- É. – Respondi tranquilamente.

- Pensei nisso quando acordei. Sonhei com isso. Não sei se quero. – Ela falava, parada no meio da rua – Eu só acho muito ruim.

Ela achava ruim pois teve uma criação muito rígida e severa. Não a culpo por pensar dessa forma, e também não a obrigaria a aceitar outra proposta senão a que fosse de sua própria vontade.

- Mas estive pensando em leva-lo para adoção. Quando ele nascer.

Sua admissão me pareceu meio sonsa. Não indago sobre; é como se ela fosse parir uma criança e esquecesse completamente que o carregou em sua barriga por nove meses. Esses vínculos e laços maternos não são esquecidos, e creio na minha intuição: ela não saberia lidar com esses transtornos agora. Estávamos arduamente tentando ajudar uma a outra estes tempos, e um bebê – mesmo não criado por ela – a faria sofrer em maior intensidade.

- Entendi. – Disse, com um tom delicado.

Chegamos em casa e já retiramos os produtos das sacolas. A percebi muito atenta na limpeza do carpete, mas aquela sua atenção não era séria. Ela estava querendo se ocupar com algo pouco útil do que com sua própria situação de gestante.

- Você não parou para pensar ainda, racionalmente. – Eu voltei, admitindo em entrelinhas aquilo ter me encucando.

- Não entendi o que quis dizer com isso.

Eu queria fazer ela entender por um lado mais lógico, do financeiro e como isso iria afetar sua vida em todos os aspectos. Ela se fragilizava pelo lado emocional disso tudo.

- Sua vida vai mudar completamente. Sabe disso?

Enquanto ela esfregava um pano velho no carpete com muita força, ela parou e respirou fundo, sem olhar para mim, com a cabeça virada para a parede. Inclinou-se suavemente para trás e me respondeu com amargura:

- Você não precisa me lembrar disso. Você deve pensar sobre seu trabalho de amiga com uma visão distorcida dos fatos, onde sua obrigação é lembrar dos meus problemas para fazer-me sentir pior.

- Tudo bem então. Se você se acha responsável o suficiente para cuidar de um bebê sozinha, te deixo em paz. Não falamos mais sobre isso.

- Eu gostaria.

Ela me respondeu secamente, com a intenção de fechar o assunto. Senti um abismo enorme de dentro dela. Ela aspirava em dialogar sobre seus planejamentos de vida com esta nova vida estando por vir, mas entrava em estado de negação sempre com alguma oportunidade de conversar sobre isso com alguém de confiança. Passamos por inúmeros momentos onde poderíamos ter conversado sobre, mas ela se negara e emburrou-se dentro de si. Eu não sou uma pessoa de insistir, ela tinha a plena convicção. Então, quando fossemos conversar, ela iniciaria o papo, provavelmente pois o aguardo estará a comendo por dentro.

- Ok. Não falamos mais sobre isso.

Permanecemos no silêncio por muito tempo, enquanto a ajudava a limpar o carpete sujo de vômito. Os homens do caminhão de mudança arrumaram tudo meio bagunçado nos cômodos da casa. Foram embora rapidamente, disseram ter mais duas mudanças para fazer neste dia, onde o tempo era curto. Brincaram um pouco com o ânimo estressado de Jainaina. Pararam, pois seu semblante mostrava desaprovação na atitude deles. Foram invasivos para uma primeira conversa de semi-desconhecidos. Já que eles não eram – de fato – conhecidos. Estavam nos ajudando em algo, objetivamente. Não era um encontro para se jogar conversa fora. Eu acabei me esquecendo de seus respectivos nomes. Se não me engano, mais



forte se chamava Pedro Samuel. Ou era o mais magro. Não me recordo. Por um minuto me veio a intenção de um deles estarem tentando jogar um flerte em Janaina. Olhando melhor agora, aparentava muito bem seu estado de gravidez. Quando perceberam, devem ter parado e iniciaram com as brincadeiras.

Este nosso silêncio no mesmo cômodo lembrou-me do convite da festa de hoje á noite. Me perguntei quem deveria estar lá. Eu e Miguel conhecemos as mesmas pessoas, todos amigos em comum, é bem provável encontrar Denise por lá. Pensei nesta possibilidade e comecei a tremer e a suar frio. Mas eu decidi arriscar do mesmo modo. Eu não deveria temer este encontro; mais cedo ou mais tarde nos avistaríamos. Se esta hora fosse hoje á noite, que seja. Eu enfrentaria meus próprios demônios.

- Decidiu então, se vai comigo? – Perguntei.

- Não quero ficar sozinha. – Ela me respondeu, com ternura.

Lembrei das circunstancias de Janaina, da ocorrência da mesma ser bem explosiva, fogo de palha. Tinha um habito de se estressar facilmente, mas logo se acalmava também.

- Você e Miguel estão bem?

- Porque não estaríamos? – Sua pergunta foi bem sínica.

- Vocês nunca se deram bem.

- Mas isso não seria motivo para não estarmos bem. Digo, nos tratarmos bem.

Achei sua resposta meio enrolada e desconversada. Podia ser um sinal de omissão da verdade. Estava acontecendo algo entre eles dois. Ou talvez uma mera impressão minha. Mas não podia deixar de lado a aptidão da situação.

- Ele é um dos organizadores da festa. – Eu dei ênfase.

Não sei mesmo se era, mas queria chamar a atenção dela para ver como ela se comovia toda vez o mencionando. Queria observar seus gestos, para onde seu olhar se dirigia, se existia alguma mensagem corporal a ser decifrada.

- Hum. – Ela deu um gemido estranho de afirmação.

Percebi seu corpo se remexer um pouco no chão, ainda com o pano velho, limpando o carpete. O apertou, como se estivesse sentindo dor.

- Bom, não é? – Ela falou, olhando para mim e me dando um sorriso involuntário.

### III

Ambiente de festa sempre me deixava com sensações vastas de náuseas e não-pertencimento. Encontrava-me desnorteada, como se não tivesse lugar algum com que fizesse sentir-me bem e em paz. Era conflituosa e muito energética, diferente de mim. Os jovens amam estar nestes lugares, e eu nunca entendi bem o porquê. Eu também era jovem, queria me sentir viva como eles. As pessoas e as drogas são boas ferramentas para se interpretar gostar de estar naquele recinto barulhento. Cheguei a um certo desempenho disforme: gostava de tudo aquilo também, mas por osmose. Não acreditava no interesse de alguém para saber minha opinião específica sobre aquele determinado tipo de ambiente. E não acredito também que alguém sequer se interessasse sobre isso. Mas não me enaltecia de forma alguma. Um bom motivo para usar drogas talvez, seria este. Somente para suportar o peso de me manter em pé ali, com pessoas tão estranhas e desinteressadas sobre outras formas de ponderar o mundo.

Porém, existem festas dentro da possibilidade de eu manter-me sã, em um determinado grau. Festas em que existem muitos dos meus, que se identificam comigo, que entendem bem o que é ser eu na pele e viver a realidade que eu vivo. Avistei muitos gays e muitas lésbicas na festa. Isso era um ponto positivo para mim, eu poderia sentir-me um pouco mais confortável, mas não totalizada do conforto.

Eu e Janaina quando chegamos, não encontramos sequer algum conhecido. Estava ainda, vazio e beirando na tranquilidade do espaço. Chegamos cedo, e ficamos do lado de fora, onde tinham duas mesas de madeira com quatro cadeiras, cada uma. Fumávamos um cigarro de vez em quando e observávamos a movimentação de toda a casa, na qual me era muito familiar. Na época de colégio já devo ter vindo aqui fazer algum trabalho em grupo. Porém, não me recordo bem de quem era morava nesta casa. Mas me recordo de ter algum contato com o colégio. Como estávamos na parte externa da casa, o som parecia estar bem baixo, não incomodava tanto, estava razoavelmente bom de se permanecer ali. Eu gostaria era de beber mais umas cervejas antes de poder socializar com toda estas poucas

peças. Socializar para mim é o clímax da noite; o veneno a ser ingerido. É cansativo, e são trocas de afetos superficiais. Á menos que eu esteja conversando com alguém especial, claro. Se for isto, a minha noite terá sido valiosa.

Vi Janaina tragando um cigarro do meu lado e a lembrei.

- Você não pode fumar mais.

- Eu sei. Mas estamos em uma festa, isso não conta.

- Isso é um vício. Então, conta sim.

Ela revirou os olhos e continuou observando a movimentação. Eu estava tão distraída com isso da gestação dela agora e não percebi pessoas chegarem e falarem com ela. Pessoas nas quais ela não via fazia um bom tempo. Ninguém olhou para sua barriga, ninguém reparou em sua gravidez.

De repente, sinto alguém acariciar meu ombro. Não dei muita atenção, estava atenta às pessoas que Janaina conversava e desconversava por esses poucos minutos. Quando me virei para saber de quem era aquela mão, um primo de Denise. Não tive reações negativas, senão só um rosto nostálgico e choroso. O abracei por longo tempo, até cair um pouco de lágrimas em sua blusa amarela. Tínhamos passado bons tempos juntos, e quando o enxerguei, todos esses tempos chegaram dentro da minha memória e consequentemente, Denise também. E a saudade me achou.

- Meu deus do céu, não esperava lhe ver por aqui. – Ele disse, com um sorriso estampado no rosto.

O nome dele era João e ele parecia um gringo italiano. Era loiro natural, olhos claros e todos os traços bem finos. A família toda de Denise na verdade, nenhum deles pareciam ser do Brasil. Todos eram muito idênticos. Esse seu primo, tinha quase a mesma faixa etária de idade, eram quase irmãos. Viveram a infância e adolescência toda juntos. Tinha um motivo bem aparente deles serem tão próximos assim: o mesmo também era gay. E ambos não eram muito bem aceitos pela sua família parte de mãe.

- Eu também não esperava lhe ver por aqui. Na verdade, eu não pretendia estar em uma festa hoje... Miguel me convidou de última hora.

- E como você está? Eu quero saber de você. – Ele falou logo se aconchegando em uma das cadeiras da mesa, aonde me sentei com Janaina.

Eu não saberia se eu poderia mesmo falar para ele meu real sentimento sobre Denise, já que eram extremamente próximos, então decidi me manter recatada.

- Estou indo. Não esperava que durasse para sempre mesmo.

Batemos um papo bem superficial durante alguns minutos, enquanto isso, eu observava Janaina se entretendo escandalosamente com as pessoas. João estava indo a algum lugar depois dali, levantou-se da cadeira e me disse:

- Acho que ela vem para cá.

Ele saiu logo após essa fala e tentei me divertir sozinha, com a cerveja já quente em cima da mesa, enquanto conversávamos. Era meio inevitável pensar em Denise agora. Fiquei alerta, observando os cantos, calculando se ela não chegaria na espreita.

Não sabia mais aonde estava minha amiga. Evaporou-se da mesa e me deparei sozinha. Eu tinha preocupações com seu uso sob alguma substância, podendo interferir na sua gestação. Mas ela já era bem grande, sabia se cuidar, eu acho. Não queria transformar seus problemas em meus, pois agora buscava arduamente meu processo de cura.

Algumas mulheres passaram por mim enquanto eu me concentrava na cerveja. Era um grupo de cinco mulheres, todas brancas e bem arrumadas. Duas delas olharam para mim de um jeito diferente. Uma piscou e sorriu com um ar confiante, e outra sorriu de um jeito muito tímido. Minha feição se bloqueou e não consegui retribuir. Mas a minha vontade era de pagar á tudo aquilo na qual a vida me proporcionava. Eu ainda me encontrava estacada em uma sensação de amor romântico, amor eterno, com uma mulher, na qual, bruscamente retirou-se da minha vida. Não sabia sair dessa bolha. Quem sabe, eu poderia ir atrás de alguma dessas mulheres, acabando de passar por mim. Quem sabe, não. Quem sabe eu permaneceria fadada até a eternidade ao sofrimento. Eu não sabia, eu deixava as coisas se desenrolarem como deviam se desenrolar. Como deviam ser. Fielmente, eu punha toda a minha esperança para o grito de algum dia intruso e inoportuno, o universo pudesse ouvir meu pedido de socorro.

- Olivia. – Ouvi alguém dizer meu nome, bem atrás de mim.

Não sei porque se passou pela minha cabeça, Denise. Era uma voz masculina. Me virei. Era Miguel. Fiquei aliviada e meu coração parou de bater tão rápido. Nos cumprimentamos e nos falamos rapidamente.

- Não te chamei para cá para sentar e beber sozinha. Se fosse, poderia fazer isso em casa. – Ele roubou um gole da minha cerveja – Vamos lá, deixa eu te apresentar para as pessoas.

Eu neguei aquela decisão dele. Eu não gostava muito disso de apresentações sociais, me deixava meio enojada. Se eu quisesse conhecer alguém, conheceria por mim mesma. Mas ele insistiu mesmo assim. E, sou fácil de ceder a esses pedidos. Decidi então segui-lo até a parte de trás da casa. O som estava bem mais alto naquela área. Estava agora tocando um rap americano com um ritmo empolgante, onde dava um prazer incontrolável de se mexer. Aquela área também parecia estar mais lotada do que dentro da casa, onde normalmente demorava-se a maior quantidade de pessoas.

- Gente – Miguel gritou – Essa daqui é Olivia. Alguns de vocês devem conhece-la.

Nos apresentamos bem e tranquilamente. Encontrei alguns conhecidos da época de colegial e fiquei por ali. Miguel saiu para resolver alguns problemas de bebida dentro da festa. Tinha esquecido de como era sair sozinha e socializar-me sozinha, sem parceira ao meu lado. E mesmo quando eu o fazia, tinha o sentimento de que, quando voltasse para casa, alguém estaria ali por mim, para me dar colo caso algo de ruim visse a acontecer.

Esse sonho acabou. Minha ficha ainda não tinha caído totalmente. Ou talvez tivesse sim caído, mas me evitava ponderar sobre. Em todo aquele cenário divertido onde todo mundo é feliz consumindo drogas, me pego sempre pensando no meu destino sádico de poder não ter nascido para chegar até esta idade. A juventude me apodrecia muito. Ou me sentia uma eterna criança em um parque de diversões, ou me sentia uma idosa sentada na cadeira de rodas na frente da televisão vendo o resto da minha vida passar sem gozar-me de nada dela. Como se eu fosse um vulto. Como se eu passasse bem rapidamente na frente de todos e sumisse sem dar respostas. Foi assim, e vai continuar sendo. Eu achava minha relação com Denise uma exceção, mas tudo sempre tem um potencial de nos surpreender. E agora estou aqui, neste choque de realidade, tentando me convencer de que, o que eu vivi junto a ela, foi real. Mas sinto a negação, porque agora se emanou como passagem. Então, se tudo é uma passagem, qual é o sentido da vida? O sentido de tudo que vivemos, se tudo chega para passar? Eu não sei aproveitar muito bem os instantes, e todo mundo sabe disso. Me prendo a um mundo ilusório dentro de mim e espero se tornar real um dia. E quando se torna, perdeu-se toda a graça, o ânimo, a euforia contida.

Em uma dessas pessoas encontradas na festa da época do colegial, estava uma menina que praticava bullying comigo e com outras meninas,

não muito boas em fazer amizades. Encontrava a insegurança em pessoas como nós, para jogar mais inseguranças, no caso, as dela, em cima de nós. Ela estava sentada, chorando muito. Não dava para perceber o motivo pela qual ela chorava. Estava tocando no telefone. Imaginei um recebimento de uma má notícia, ou algo do gênero. Criei coragem para ir lá. Se eu fosse, algumas magoas poderiam retornar à tona. Poderiam, mas decidi tentar. Caminhei devagar até chegar ao seu lado, me recordo do seu nome: era Larissa.

Cutuquei seu ombro levemente. Ela olhou para mim, seus olhos estavam inchados. Me reconheceu depois de alguns segundos. Fez uma expressão de surpresa.

- Olivia?

Eu sorri.

- Lembra de mim?

Ela sorriu de volta. Me abraçou como se eu fosse uma amiga de muito tempo. Fui meio indiferente com aqueles atos. Sentamos juntas e começamos a conversar. Depois de muita banalidade no papo, chegamos ao real motivo daquele choro profundo. Ela me contou que se assumiu lésbica há alguns anos depois de mim, e estava com uma mulher há um tempo, e que estava terminando com ela por telefone. Na verdade, já tinham resolvido o término, mas a conversa se problematizou nesta noite.

Consolei ela um pouco e peguei seu número. Eu tinha um prazer enorme em ajudar as pessoas, não importava quem seja. Marcamos de conversar em breve, para ela me contar sobre este caso direito. E engraçado que ela estava totalmente sozinha ali. Queria perguntar, mas me sentiria meio intrusa. Tinha acabado de nos reencontrar.

Fomos até o freezer, na parte de dentro da casa, pegar mais cervejas para nós duas. A luz da boate vinha diretamente até nós. Franzi a testa por conta do excesso de iluminação.

Chegamos lá, ouvimos um barulho muito alto de sirene. Era tão alto pensando ser o feito sonoro de alguma música tocando dentro da boate. Nos olhamos e estranhamos. Olhamos em seguida para a movimentação de toda a festa.

Estava todo mundo saindo desesperadamente de dentro da casa. Seguimos a multidão, confusas. Chegamos do lado de fora e tinha três carros da polícia parados, em frente a uma multidão de jovens. Dois policiais estavam agarrando

– para não dizer, enforcando – dois jovens que estavam na festa. Obviamente, um deles só podia ser Miguel. O menino adorado em se sentir dentro de qualquer confusão surgida. Um outro policial estava apontando um revólver para os dois, incansavelmente. Eu tremi. Por favor, que nada acontecesse á eles. Eu não queria ficar olhando aquela cena, só iria me fazer mal. Não há nada há se fazer, senão ir lá confrontar autoridades governamentais. Estava fora do meu alcance. Ou não estava? Me sentia meio alcoolizada enquanto ouvia os gritos daqueles monstros passarem por entre meus ouvidos, como se eu fosse terceira pessoa de algum filme.

Eu não sei o que dera em mim, mas gritei bem forte. Para todos eles ouvirem. Me mantive tão aterrorizada com a cena vista, não conseguindo me conter calada. Muda como estátua.

Deram mais de cinco socos no meu amigo. Conteí todos eles. No sétimo soco meu grito ecoou. Não tive tempo de raciocinar nada acontecendo ao meu redor. Não olhei para os lados, nem para a frente. Meus olhos quase se fechavam. Uma mão agarrou o meu braço fino e jogou meu corpo na grama. Senti pisadas na minha cabeça. Algumas fracas, e outras bem fortes. Parou por um instante. Começaram a bater nas minhas costas com algum objeto, onde eu me encontrava de bruços, sem conseguir me mexer e sem conseguir ver o próprio objeto.

Não lembrava mais de nada. Não me conscientizei de nada mais. Adormeci.



- Ela é o que? Uma das suas parceiras de crime, é?

- Vai se foder.

- Ela parece um homem. – Ouvi risadas logo depois.

Acordei em cima de uma cama. Olhei à minha volta. Era um hospital. Pelo menos, parecia ser. Miguel estava sentado ao meu lado. Seu rosto estava todo ferido, inchado. Não sabia com quem ele estava falando, quando abri meus olhos a pessoa, ou talvez pessoas, já tinham saído do pequeno quarto que só se cobria com as cortinas, estando abertas. E no mesmo instante em que acordei, senti meu rosto deformado também. Ainda estava sem entender nada.

- O que houve? – Perguntei com muita dificuldade de falar.

- Estragaram nossa festa. – Ele me respondeu com frieza – A polícia se achando que é dona da cidade.

- Mas porque eles chegaram lá?

Miguel respirou fundo antes de continuar.

- O som estava alto demais. Os vizinhos devem ter reclamado.

Eu não ligava muito para isso agora, o momento já tinha se passado. Perguntei por curiosidade mesmo. Minha vontade maior agora era de me olhar no espelho e tentar enxergar o horror sentido na transformação do meu rosto.

- Eu quero um espelho. – Eu falei, bem firme da minha vontade.

Miguel olhou para mim com uma expressão de espanto. Levantou da cadeira em que estava e se dirigiu até outras salas da enfermaria. Fiquei parada por um tempo e senti fortemente meu rosto, em sua parte esquerda, latejar.

Ele chegou com um espelho bem pequeno, onde só dá para ver uma lateral do rosto, não ele inteiro, completo. Me olhei. Era o que pensava. Meu rosto bem avolumado e pomposo em sua parte esquerda. Eu conseguia abrir meu olho esquerdo, mas com dificuldade. E quando eu olhava, só se degenerou a situação. Entrei em desespero. Chamei o primeiro médico passando por ali.

- Quando meu rosto vai ficar cem por cento bem? – Eu o perguntei, mas ele ignorou minha pergunta e continuou andando.

- Tenha calma, Olivia. Daqui há uma semana o inchaço já deve ter sumido. – Miguel tentou me tranquilizar.

- Certo, mas eu tenho que por minha vida nos trilhos. Não posso esperar uma semana.

- Não? Tem certeza? Esperou tempo demais, porque não mais uma semana?

Eu realmente não tinha nada para fazer em uma semana. Pensava em voltar ao trabalho, pois precisava urgente conseguir dinheiro para me manter. Janaina não podia lidar com tudo isso acontecendo, sozinha. Todo o momento passando só, me indicava sobre a minha vida ter sido destinada ao fracasso do que realmente parecia. Por pensar em Janaina, precisava ligar para ela para saber como estava, e dar notícias.

- Você tem celular aí? – O perguntei.

Ele me deu um que estava em cima do criado mudo do quarto. Disquei o número dela.

- Alô? – Ela atendeu imediatamente.

- Jana, sou eu, Olivia.

Com desespero, começou a contar o acontecido e qual foi o fim da festa depois dos policiais entrarem. Acontece que alguém notificou para eles que todos nós ali estávamos invadindo aquela casa, uma propriedade privada – sendo crime. Mas pegaram apenas dois dos organizadores da festa. Eram muitos trabalhando no evento. A polícia provavelmente tem punição seletiva. E tanto eu, quanto ela, sabíamos que seleção era essa, não precisávamos falar uma para outra. Depois de terem procedido sua saída, por incrível que pareça, a festa continuou. Porém, com um número menor de pessoas. Janaina continuou lá, até amanhecer. Estava totalmente perdida do horário. Não sabia as horas e quantas horas haviam se passado desde daquela noite.

- Daqui a pouco tento estar em casa. – Falei, e desliguei.

Não contei para ela sobre o estado na qual meu rosto se encontrava. Iria esperar para ver sua reação.

- E eu já posso ir para casa? – Perguntei a Miguel

- Não. Ainda não sabemos o que fazer com essa desfiguração no nosso rosto. Estou á espera do médico nos passar a receita.

- E há quanto tempo você está esperando?

- Cerca de uma hora.

- Eu não quero esperar esse tempo todo. Quero ir para casa descansar.

- Você acha que não quero? Temos que esperar. Tente ficar tranquila.

Eu percebia uma tranquilidade mesclando com fúria nos olhos dele. Ao mesmo tempo, estando seu corpo quieto, ele queria se mover, esmurrar e quebrar tudo que encontrasse em sua frente. O acontecido de ontem foi algo na qual ele não deixa passar em branco. Injustiça. Quando essa palavra vem à sua cabeça, no mesmo instante é tomado por um ódio sobrenatural.

- Temos que acabar com isso.

Fiquei confusa. Não sabia sobre o fim de nada, nem refletia. Mas com certeza pensava em outra coisa, que não a receita de medicamento.

- Isso o que? – Perguntei.

- Eles acham uma facilidade nos atacar assim. Perdi meu dinheiro investido e ainda recebi porrada.

Claramente, aquilo era tudo muito injusto. Mas eu não via algo concreto estando ao nosso alcance, sendo capazes de nos ativar a mudanças. Nós éramos jovens demais. Jovens não costumam ser levados a sério, ao menos

com muito dinheiro. O mundo gira ao redor de dinheiro, conseqüentemente, só iria ser fazer visível alguma mudança com um capital bem alto.

- Não há nada para se fazer.

Eu não queria mostrar pessimismo para ele. Nem para mim mesma. Principalmente nessas ocasiões extremas e brutais. Mas a minha boca às vezes falava o incompreensível.

- É claro que tem. Você não quer fazer nada, e por isso acha que não há nada que se possa fazer.

Tinha percebido pelo seu tom de voz sua negação em caminharmos juntos nisso. Sua discordância foi curta e objetiva.

- Como eu disse, tenho uma vida para ser resolvida. Não posso entrar em confusões para me prejudicar agora. – Eu disse.

- Você acha que tentar sobreviver é entrar em confusão? – Ele foi aumentando seu tom de voz.

Ele interrogava-me com sangue no olho. Quando era interrompido por ideologias contrárias, se enfurecia, até mesmo sem propósito algum.

- Não, não acho. – Fui firme em minha fala – Mas agora você sabe que não dá.

- Eu não estou te julgando, nem nada. Você pode fazer da sua maneira, sabe, Olivia. Você pode continuar sendo a escritora que for, mas se lembre que estamos juntos nessa.

Ele continuava falando sobre minha vida pessoal tendo uma análise sobre me afetar e me emocionar de alguma forma. Dentro de mim, eu absorvia seus argumentos e opiniões, sem mesmo filtrar suas intenções. E ele sabia disso, e por isso ele tinha um dom de manipular tão bem.

- Sim, eu sei.

- Então, peço é um pouco de apoio e compressão, ao menos.

- Eu não disse que não te daria apoio.

Depois da manipulação, ele usava um jogo de vitimização muito bem incorporado. Nunca iria saber como induzir aquilo tão bem e tão perfeccionista, como se tivesse ensaiado para uma cena de teatro.

Um médico chegou no nosso quarto com dois papéis escritos e nos mandou ir embora, muito rígido, pois precisavam esvaziar um quarto urgente.

Sáímos do hospital e a chuva começou a cair, e já tinha anoitecido. Reconheci o hospital em que estávamos. Era muito longe de casa. Precisaríamos pegar um ônibus, mas também não sabia onde tinha um ponto por ali.

- Você vai para casa? – Miguel me perguntou.

Afirmei com a cabeça. Nos cobrimos com alguns sacos plásticos encontrados em cima de um carrinho de compras, logo na entrada do hospital. Tinham macas, os carrinhos, lixos com cinzeiros e pessoas com tensões em seus olhares. Todo aquele ar hospitalar me pasmava; incomodava e deslocava. Apenas do lado de fora, ao lado de dentro conseguia sentir-me escassamente protegida.

Apressei Miguel para sairmos andando rapidamente, e tentamos encontrar um ponto de ônibus. Enquanto andávamos ao chão, lentamente, por motivação da água da chuva descendo, encontrava-se escorregadio, me perguntei com quem ele falara no quarto quando acordei e abri meus olhos.

- Miguel?

Ele olhou para mim.

- Quem era? A pessoa com quem conversava no quarto?

- Dois médicos.

Não esperava serem dois médicos. Pensei ser dois adolescentes de quinze anos. Não por causa das vozes, mas pelas coisas ditas de ambos.

- Fiquei em choque também. – Ele disse.

Fiz um rosto meio espantoso, por isso me respondeu desta forma. Realmente, não cabia em palavras todo aquele sentimento de incompreensão.

Achamos um ponto de ônibus e permanecemos sentados por mais ou menos uns quinze minutos quando o primeiro ônibus que me servia, parou em nossa frente. Eu o chamei. Mas algo me fez desistir de entrar nele. Olhei para as pessoas da janela. Uma delas olhou para mim.

Era Denise.

Nossos olhares se encontraram, como se tivesse sido calculado. Fizemos o mesmo semblante. Sério, corrompido e fingido.

- Deixa para lá. Ônibus errado. – Eu gritei para o motorista.

Ele se foi.

- Porque fez isso? – Miguel perguntou – Aquele ônibus passava bem em frente aonde você mora.

Eu olhei para o chão, para a água que corria até o esgoto, e vi meu reflexo. Olhei bem para o meu rosto. Estava expressando um olhar desesperador. Não podia continuar com isso, a encontrando por acaso e me sentir despedaçar por completo dentro de mim, com vontade de morrer.

- Senti um pressentimento estranho.

Ele não tinha visto Denise sentada naquela janela. Ele também não viu como me encontrava em desespero.

Ele também não estava vendo as minhas lágrimas caírem no chão.

## IV

Entendi. Pegar um ônibus á noite é sempre muito perigoso. Tive a sensação de ser assaltada mais de cinco vezes. Subi as escadas do pequeno prédio com muito cansaço. Cheguei na frente da porta do apartamento e fiquei procurando a chave, sem ânimo. Decidi apertar a campainha.

Demorou um tempo até eu ouvir algum ruído. Era uma voz masculina pedindo a identificação. Estranhei. Cheguei se eu estava mesmo no apartamento certo. Estava. Gritei meu nome. Para a minha surpresa, a porta se abriu. Era mesmo, um homem.

- Oi, sou Guilherme. Irmão de Janaina. Ela me disse que você chegaria.

Ele deu um sorriso meio forçado para mim e retribui. Entrei em casa, encharcada da chuva, tirei meus sapatos e deixei de molho para seca-los. Joguei as mãos em cima da máquina de lavar. Por essas alturas, os móveis ainda estavam todos fora do lugar e não sabia se eu iria lavar aquelas roupas molhadas tão cedo.

Respirei fundo e olhei para a sala de estar. Ainda toda desarrumada. Me incomodava muito ver todo aquele cenário. Intranquilo, inalterado. Não me fazia muito bem. Janaina apareceu.

- Como está? – Ela olhou para o inchaço no meu rosto e não teve muito espanto – Colocou um gelo ou algo do tipo aí em cima? Dizem que é bom.

- Eu estava no hospital. Te falei isso.

Ela parecia desinteressada sobre. Provavelmente outros assuntos atormentavam a sua cabeça naquele momento. Ela me deu um abraço curto e foi para a cozinha pegar um copo de água.

- Passou receita? Remédio? Alguma coisa?

- Sim. Mas não comprei.

Ela se sentou com o copo de água no sofá e ficou tentando ligar a pequena televisão que estava sob o chão. Enquanto ela procurava um entretenimento para sanar sua angustia de ter engravidado de alguém na qual nem ela mesmo sabe quem é, decidi ir para o meu quarto e deixa-la sozinha. Não sabia se o irmão dela iria ficar para dormir, mas resolvi fechar a porta do mesmo jeito, para não atrapalharem meu momento de solidão. Todos

precisam de momentos como estes, eu não era uma exceção; muito pelo contrário, eu era aquela personalidade não suportável muito tempo perto de uma grande quantidade de pessoas. Me importunava.

Sentei no meu colchão velho. Olhei para a cama desarmada na minha frente. Para o carpete manchado. Não fedia mais a vômito. Alguém tinha perfumado o ambiente, agora cheirava a lavanda.

Deitei. Deixei meu pensamento rolar a solta um pouco. Pensei no rápido encontro que tive com Denise hoje. Entristeci. Na verdade, me deixei entristecer. Tudo agora começou a ir por água abaixo. Senti meu peito se apertar e o nó na garganta aparecer, da mesma forma costumeira e regular.

Ouvi meu celular vibrar ao meu lado. Uma mensagem nova. Não tinha a menor ideia de quem me mandaria mensagem agora. Eram quase dez da noite. Abri a parte superior do telefone e vi quem era. Larissa. Ela realmente havia lembrado de falar comigo depois da noite de ontem? Me surpreendi com a preocupação. Me acorrentei na ideia de estar com um pé atrás, era um dos meus hábitos com quem costumava me magoar. Não agia de modo diferente, de forma alguma. Mas sempre estava com um pé atrás. Nunca se sabe quando eu poderia cair de novo.

Me fez inúmeras perguntas: de como eu estava depois do ocorrido na festa até o que eu estava fazendo neste exato momento. Como se quisesse vincular algum laço de amizade. Ok, tudo bem ela querer ser minha amiga, não problematizava. Só não iria deixar ela aproximar-se tanto. Ela me destacou de termos marcado de sair juntas, e dela me contar do seu caso com uma mulher, na qual a deixou bem triste por esses tempos. Decerto, estaria passando pelo mesmo cenário que eu, mas não tinha certeza. Ela não teria tanto tempo com esta mulher, se descobrindo muito tempo depois de mim.

Alguém começou a bater incansavelmente na minha porta. Era Janaina. Ela abriu e deixou encostado, e sentou no colchão, perto de mim, onde me encontrava deitada.

- Me desculpe a despreocupação com você. – Ela tocou devagar e suavemente no meu rosto – Vou cuidar desse machucado.

- Tudo bem. Está acontecendo muita coisa com você agora, não precisa se desculpar.

Ela deu um sorriso sincero e choroso. Olhou para a parede para evitar olhar nos meus olhos.

- Meu irmão vai ficar por aqui. Tem problema para você?

- Não. É seu irmão. Ele pode ficar.

Eu falei não ter problemas, mas francamente, não tinha sentido nada de bom vindo daquele Guilherme. Ele não me cheirava a coisa boa, a nada bom. Seu jeito de ser me deu uma moderada aversão.

- Vou preparar um chá. Quer também? – Ela disse, se levantando.

- Um pouco, quero sim.

- Amanhã cedo vou sair. Aproveito e compro seu remédio. – Ela continuou sem olhar para mim, abrindo a porta e a fechando completamente.

Eu a disse que iria querer um pouco, mas estava morrendo de sono. Quando deitei, senti toda a sonolência me puxar para o buraco negro do inconsciente.

Larguei o telefone no chão e me virei para o lado. Senti a parte esquerda do meu rosto latejar novamente. Mas não me incomodei muito, estava quase adormecendo. O lado positivo de dormir é estar dentro daqueles sonhos sem significância e sentido. A vida não era um pesadelo como era a vida concreta, tão mórbida.

Pesadelo.

Essa palavra ecoou com a minha voz, dentro da minha cabeça, até eu me deixar entrar no primeiro estágio do sono.



Eu e Miguel estávamos com um rosto deformado, e era bem visível para todos que tínhamos levado socos e pontapés no meio do rosto. Tentava não olhar para quem estava ao meu redor, aquilo só me deixaria mais paranoica em como eu estava aparentando para os outros. Tudo bem, não era tão difícil assim, sair de casa, e conversar com as pessoas sem dar explicações sobre como a polícia tinha nos espancado. Não convinha mais. Nós dois estávamos indo para seu terreiro. Ele queria me mostrar tudo, e como funcionava. Queria me apresentar a mãe de santo, na qual iria fazer meu jogo de búzios.

Marquei de me encontrar com ele em frente a uma praça. Cheguei lá, não o avistei. Ainda era cedo, sentei em um banco e comecei a fumar um cigarro.

Filas de crianças passavam na minha frente, indo em direção a um campo de futebol qualquer. Sempre quando me via em encontro com crianças

de uma faixa etária abaixo dos dez anos, era inevitável não lembrar de minha mãe. De todos os momentos com ela. Estava tudo muito bem guardado em uma espécie de caixa dentro da minha cabeça. E de vez em quando, as lembranças desses momentos viam à tona. Sobretudo quando eu me deparava com crianças acompanhadas dos seus responsáveis. E eu não sabia calculadamente o sentimento quando me memorava dela. Era uma mescla; felicidade com angústia. Simultaneamente em que lembrava, me viam também cenas de sua morte, e se iniciam pequenos e leves delírios. Era doloroso pensar, em dias onde me esbarrava plena de mim. Parecia um desarme. Eu não sei. Ela foi minha grande e única amiga por muito tempo. Já fazia parte de mim, não por circunstâncias de laços maternos, mas ela, em toda sua personalidade, não era fácil de se esquecer. Ela foi uma pessoa inesquecível.

- Ei!

Era Miguel. Procurei de onde vinha a voz, e minha cabeça rodava em círculos enquanto as folhas das árvores caíam de todos os lados.

O achei com a mão levantada bem ao lado do campo de futebol na qual as crianças tinham acabado de entrar. Fui andando até lá, calmamente, me deparando com uma ventania monstruosa.

- É por aqui.

Ele foi andando em minha frente, e eu o segui logo atrás. Começamos a entrar em um beco meio escuro, com um caminho de calçada estreito, existindo várias plantações naquela terra e ele me avisou para tomar cuidado para não pisar em nenhuma, pois era de um senhor que vivia por ali na qual era muito cauteloso em relação às suas plantações. As usava por puro interesse medicinal. Continuamos andando até chegar em uma casa branca, com sua pintura descascada e desgastada do tempo. Imaginei aquela casa sendo criada há muito tempo atrás e nunca foi remodelada. Entramos suavemente, sem fazer muito barulho ao andar, deixando nossos pés quase flutuando sob o chão. Entramos, e tinham muitas pessoas fazendo uma espécie de roda no centro parecendo uma sala de estar, com dois altares, com duas pessoas se curvando neste centro. Chegamos lá e Miguel sussurrou no meu ouvido:

- Faça silêncio. – Ele olhou nos meus olhos, naquele local pouco iluminado – Acho que ela vai rodar – E apontou para uma mulher adulta parecendo passar mal em nossa frente.

Não sabia muito bem o que significa isso de “rodar”. Não queria perguntar para Miguel agora, decidi observar acontecer.

Quando cheguei mais perto do centro, pude notar as particularidades: alguns vasos de comida sob o chão, em torno desta mulher. Vasos com pipoca e vatapá. Ela suave e transpirava exacerbadamente. Parecia ter-se transformado em outro alguém. Iniciou uma série de sorrisos, feito os de criança, girando em círculos, tentando alcançar a todos com suas presenças atentas. Eu concebi um ar sereno instantaneamente nela. E vindo em nossa direção, suspendeu seu braço direito e repentinamente pôs a mão no meu queixo; a acariciando.

- Que rosto lindo você tem! – Ela falou, animadamente, também como gesto de criança – Me diga, você ama sua vida, não é? Para ser tão tranquila assim.

Eu estava louca de vontade de contraria-la, dizer o óbvio: não, não amo. Mas minha timidez corrupta me destruía tão a fundo, sendo eu incapaz de me mostrar em poucas palavras. As pessoas me olhavam como se eu fosse algum tipo de criatura mística. Assim, como aquela mulher que pôs a mão no meu queixo.

- Acho que não. – A respondi, quase sem voz.

Creio que quase ninguém daquela sala ouviu minha resposta de tão baixo que soou. Mas era melhor assim, não queria mesmo alguém ouvindo minha voz; ecoando pateticamente infantil.

- Virão momentos difíceis. Mas você é forte, pois é sensível demais. E ama sua vida.

Essa fala dela me pareceu um pouco precipitada. Não sei de onde ela tirava aqueles entusiasmos para dizer assim em voz alta para qualquer indivíduo, crendo ser agradável. Ela agachou-se e sentou no chão, e começou a comer a pipoca desesperadamente. Miguel olhou para mim e deu um sorriso surpreendentemente confiante. Não sabia o significado daquilo e não sabia o significado do diálogo dessa mulher para comigo. Mas eu receava destes esoterismos – com a exceção da astrologia – exatamente por isso. A maioria das vezes nada vinha de algo concreto ou sólido. Eram forças poderosas fazendo acontecer em nossa vida e isto que me agitava em sustos. Não ter provas concretas daquela veracidade.

A vontade de falar com ela ainda persistia. De conversar e desabafar todos os problemas me rondando, sem descanso. Mas ali não era ela falando, essa



pessoa que falava daqui a pouco poderia ir embora. Não conheço como se socializam por aqui, como se relacionam. Queria poder gritar tudo isto. Gritar minha omissão de amor pela vida. E não há motivos para senti-lo. Outras pessoas podem ter seus motivos para amar, mas elas não são eu. Me perco neste vazio sem sentido mesclando com a insuficiência da tentativa de se manter sã e com a mente saudável todos os dias no calor deste inferno vestindo uma capa azulada.

Eu não sou forte, pois sou sensível. Eu não amo a minha vida.

A valer, eu desconhecia.

A confusão se dilacerou agora e estava sem chão. Eu amava a minha vida? Ou só estava passando por momentos fuzilantes de tristeza? Apesar de ter vivido com as dificuldades de estabelecer-me emocionalmente bem, não sei se minha essência se baseava nisto. Eu tive momentos felizes. Mas talvez eu tenha me prendido demais às melancolias das incertezas.

Eu nem vi a minha vida passar direito. Como posso ama-la sem ter a conhecido?



Era um dia ensolarado hoje. Eu não gostava muito de dias ensolarados, escaldantes, onde o corpo só fazia suar. Tinha vontade de tomar uns sete banhos em dias como estes. Cheguei em casa e Guilherme – aquele irmão bizarro de Janaina – parecia bisbilhotar algo atrás da estante mantendo-se a televisão. Aonde, no caso, ainda se encontrava no chão neste novo apartamento. Ele ouviu o barulho da porta se fechando e olhou para trás enquanto estava agachado. Olhou para mim e sorriu.

- Oi.

Eu o respondi de volta serenamente, bufando com um ar meio sonso, de como quem não queria ter respondido. De como eu gostaria de tê-lo deixado falando sozinho, sendo ignorado. Deixei meus utensílios do bolso da frente da minha calça do lado do meu colchão no meu quarto e fui até a cozinha preparar alguma refeição. Não tinha nada pronto. Abri uma das gavetas embaixo da pia e peguei um macarrão instantâneo para fazer. Deixei a água fervendo, enquanto fui espiar discretamente Guilherme na sala.

Ele ainda se agachava no chão. Não sei se ele estava tentando consertar algum fio mal colocado na tomada ou se tentava agarrar algo escondido

embaixo da estante. Ele me pareceu alerta, olhando para todos os lados. Olhou para o lado da cozinha e conseguiu me ver, mas não parecia uma espionagem. Fui bem discreta ao pousar minha cabeça para fora da cozinha. Me viu e continuou assustado, como se estivesse escondendo algum segredo, inaceitável de ser revelado. Agora eu tinha certeza das minhas impressões sobre dispor de uma personalidade errônea deste Guilherme. Era como se tivesse fazendo algo moralmente errado. Mesmo ainda não conseguido identificar seus objetivos ou intenções.

Janaina chegou. Ouvi o barulho da chave, e logo em seguida, a porta se abrindo. Ela entrou pela cozinha. No mesmo instante, olhei para seu irmão, que rapidamente colocou a estante no lugar que estava e se pôs de pé, fingindo fazer algo contrário. Ela sorriu para mim com um ótimo semblante.

- Trouxe seu remédio. – Me deu o saquinho com a caixa dentro dele e olhou para a água borbulhando na panela – Vai fazer o que?

Apontei para o macarrão em cima da mesa. Seu semblante logo mudou de forma, como se um anjo maligno a tivesse possuído. Insistiu em mudar a minha alimentação pois isso também afetava a alimentação dela. Saiu da cozinha e viu o irmão sentado no sofá, assistindo televisão. Ela pareceu contente. Na atualidade, ela ainda não me explicara a real situação. Se ele ainda permanecia com o vício das drogas, ou se tinha parado. Porventura não tivesse parado, pois é muito inusitado uma irmã se contentar com um irmão assistindo televisão, uma atividade tão comum. Se ela contentara-se com isso, pensava ruindades sobre a conduta do irmão.

- Quero armar minha cama agora. Você pode me ajudar? – Janaina me perguntou.

Por um segundo pensei que ela se dirigia irmão, pois o mesmo não fazia nada de útil no momento. Mas veio pedir para mim, a morta de fome.

- Claro. – Respondi de má vontade.

Espirrei o macarrão na panela e o deixei amolecendo enquanto ia para o quarto de Janaina. O esforço físico dificultava muito de manter um diálogo sério envolvendo recaídas emocionais. Mas como eu gostava de me arriscar, decidia sempre entrar no mérito desses assuntos, e fui o que eu fiz agora. Enquanto carregávamos para deixá-la do outro lado da parede, perguntei:

- Você não disse algo seu irmão estar aqui para te ajudar?

- Sim. Foi para isso que ele veio. – Ela falava sem olhar para mim, concentrada no seu objetivo de deixar sua cama confortável o bastante, do seu jeito.

- Não estou vendo ele fazer muita coisa.

- Você só o viu duas vezes. Ele acabou de chegar.

Essa é a hora em que ela vomita todo o sentimento de pena pelo irmão. Foi tanto vômito metafórico sendo visto como real. Aquele discurso fedia tanto e me dava até vontade de vomitar. Eu não respondi. Pensei inusitadamente na relação de ambos. Não pareciam – e eu também não sentia – os dois tão próximos assim. Era uma superficialidade desmedida de ser mantida, como se ele só estivesse ali por ela por ser família sanguínea, irmão de pai e mãe.

Já estava com vontade de tomar outro banho, o suor daquele esforço físico feito me enlaçava no desconforto. O sedentarismo me pega de vez. Para Janaina, nem tanto. Ela preza muito pelo seu corpo e seus movimentos corporais. Talvez morreria se não pudesse se expressar com seu próprio corpo. Mesmo grávida, ela não deixava isso atrapalhar sua rotina ou seus hobbies. Ela estava distraída demais com o forro e a fronha da cama, então decidi deixa-la arrumando sozinha. Entrei no meu quarto e vi uma nova mensagem no telefone. Era Larissa novamente, queria conversar. Marcamos de nos encontrar amanhã, no começo da manhã. Deveras, estava achando aquela situação toda excessivamente cômica.

O mundo dá voltas e parece-me ser o velho truque pregado pelo destino; a jovem tinha muitos amigos e era bajulada por todos, tirando sarro de meninas como eu no colégio, agora se encontrava sem amigos e sem com quem conversar sobre sua própria vida.

O carma existe e ele continua atuando, mas sempre sobre questionamentos descomuns, me vinha na cabeça sobre meu sofrimento atual. Um dia o carma atuará em Denise? Será ela a próxima a sofrer todo o meu sofrimento de agora? Ela nunca foi de sofrer por nada, porque sofreria por mim? Fui sua companheira durante sete anos, mas para ela isso não era motivo para sentir dor e sofrimento. Era tudo muito simples; uma separação. Como se água quente derramasse em seu pé e lavasse o pé com água fria depois. A separação é a sua água quente, e a água fria é a vida lhe proporcionando caridades. Simples, tranquila e despreocupada. Mas pegava em um pesar com pessoas assim, como ela. Não sofriam por nada! Consequentemente, também

não envelheciam. Eram eternos jovens iludindo-se de pelo privilégio de não terem responsabilidades até a morte caça-los. Dessabia o motivo de ter me apaixonado por alguém assim. Quem sabe, sejam os opostos atraindo-se. Mas juntos, sempre caem. E a minha queda era mais demorada de todas. Sempre foi. O sentir era extenso e intenso, eu não podia me dar o luxo de sentir. Mas evitava aprofundar-me, ou minha sanidade não existia mais. Ao máximo, eu tentava com que a loucura não prendesse meus braços e minhas mãos com cordas ásperas. Eu balbuciava, e iria continuar até não me poder mais me equilibrar na corda bamba.

Fui tomar logo um comprimido do remédio para surgir efeito, se o inchaço do rosto passasse a diminuir mais. Aproveitei e tirei o macarrão da panela, coloquei no prato e pus o tempero. Peguei a água na geladeira e coloquei o comprimido na boca. Ele tinha um gosto meio azedo, mas bebi alguns goles para descer, evitando o meu paladar de sentir. Sentei em um dos banquinhos pretos da cozinha e comi calmamente. Meu estômago tinha começado a se revirar por obra da ansiedade. Entretanto, continuei a comer.

Percebi a sala de estar em silêncio, não ouvia mais o barulho da televisão. Olhei. Guilherme estava dormindo ali no sofá, com os tênis sujos em cima de uma das almofadas. E com a tevê desligada. Não cansava da firme ideia de ter algo de errado com este homem. Fui até a sala devagar; com passos leves e discretos evitando o seu despertar e o olhei com toda a expressão de marreca do mundo. Ele estava boquiaberto, quase babando em uma das almofadas, onde seu cabelo castanho brilhava em cima. Olhei para a parte de baixo do seu corpo, seus bolsos da calça jeans transbordavam de utensílios inúteis. Tentei ter alguma visão das peças, sem precisar tocar. Minha cabeça foi se inclinando e se abaixando para perto dele, até para conseguir ter a mínima capacidade de uma visão plena do seu bolso. Enxerguei várias chaves, dois pacotes de chiclete, um isqueiro e papéis amassados, do lado direito. Nada que comprovasse meu pensamento sobre ele. Por ora queria me gabar de detetive, supondo saber de tudo que acontece e de tudo acontecendo no futuro por singelas suposições mentais. Tudo bem, pensei comigo. Talvez eu esteja pensando de forma torta e equivocada. Mas aquilo tudo era por precaução. Eu e Janaina já não tínhamos muita coisa – quase nada – e conseguir mais problemas para nossas vidas só iria pesar mais com o que já se pesava no presente fincado dentro dos nossos

corpos. Situações difíceis merecem momentos de paz e tranquilidade, e eu não estava tendo a paz merecida com ele dormindo debaixo dos nossos tetos. Não tenho motivos concretos para se reclamar, sempre me tratou muito bem; mas o modo alerta permanecia sempre ligado.

Depois de toda essa lorota criada por mim, precisava de um cigarro. Um cigarro é sempre um desabafo para o meu corpo; quando ele nunca sabe como se expressar. E ele não estava sabendo agora. Fui para o meu quarto, agarrei meu pequeno isqueiro vermelho com muita força e procurava objetivamente minha carteira de cigarro pelo chão. Me apoiei na janela, e consegui por alguns minutos, durante cada trago uma sensação de inércia. As cinzas mal vistas, com muito esforço, voar pela janela, me traziam pensamentos vagos sobre amanhã ser outro dia comum, como este. Como todos os outros. Apesar da tensão estar presente por acontecimentos inoportunos, os dias sempre me pareceram comuns, assim como a morte é imortal. E vinham paranoias me evitando de viver estes tais dias comuns normalmente, como qualquer um. Antigamente, meu alívio era pensar na possibilidade de ter uma companheira a minha disposição. Eu não sabia sobre o funcionamento dos sonhos, se eles um dia acabavam; e de forma tão brusca e súbita. O sonho, o desejo e a felicidade. Só a tristeza se mantinha ilesa e adormecida. A tristeza me parecia muito perene, como se fosse um ponto de equilíbrio. É estranhamente assustador pensar em um sentimento de ausência como algo pleno e compadecedor. Jogava tudo para a espreita, todo este sentimento. Eu aspirava na ideia de jogá-lo para um lado não visível, então eu estaria o destruindo. Mas não era assim, eu não possuía estratégia alguma para destruir o costume ao sofrimento e a indecência da tristeza adentrada, eu só esperava por algo digno de mudanças abruptas. Eu só esperava.

E quando a espera era longa, o incômodo extrapolava-se no transtorno.



Eu e Larissa fomos assistir um filme no cinema do centro, dia de hoje os cinemas estão sempre vazios, todos preferiam sair para curtir a noite; embriagando-se e não se lembrando de nada no dia seguinte. Queriam esquecer suas rotinas entediadas e robotizadas.

Pegamos um saco muito grande de pipoca, quase não aguentávamos comer, só nós duas, de tão salgado que estava. As pipocas de cinema normalmente não vinham com muito sal, por isso não me preocupei em comer tanto. Depois do filme, passei no banheiro e olhei minha boca no espelho. Muito seca, como eu esperava. Esqueci dessa sensação de palidez da minha boca e me distrai com nossa saída do cinema. Nos deparamos com uns chuviscos, mas nada que não nos fizesse sair andando normalmente. As ruas por ali eram bem esburacadas e se não olhássemos para onde pisávamos, era capaz de nossas pernas cambalearem a viagem inteira a pé.

Compartilhamos risadas. Ela até me parecia ser uma companhia agradável. Eu estava ansiando somente para iniciarmos a nossa conversa longa e terapêutica de como ela estava com o coração quebrado devido a alguma mulher. Transcorremos o filme, conversando bobagens e citando cenas nas quais nos lembravam aquelas vistas na grande televisão. Eu amava cinema; era inevitável não conversar sobre ou dar palpites qualquer naquilo posto nos minutos da cena violenta.

De tanto andarmos em busca de algum bar vazio e com bom atendimento, nossa procura tinha chegado ao fim. Encontramos um depósito-bar, pintura amarela bem antiga, duas mesas do lado de fora com quatro cadeiras vermelhas e confortáveis. Bem típicas de pequenos barzinhos. Tinham dois homens velhos ali conversando bem ao lado da mesa em que nos sentamos. Olharam para Larissa com um ar de malícia, discretamente, e para mim com um estranhamento satisfatoriamente elevado. Não demos muita atenção e logo pedimos a cerveja.

Havia um riacho perto desse bar. O som da água me acalmara inexpressivamente. Eu só iria desgostar se alguém estacionasse o carro bem ao nosso lado e ligasse o som na altura máxima, como quem tem a intenção de estourar os tímpanos de alguém. Mas tentava não me concentrar demais no meu medo, só a calma me agarrava naqueles poucos segundos, até Larissa destruir o silêncio entre nós duas.

Ela olhou para mim e sorriu docemente.

- E então? – Ela estava se mostrando com um grau de timidez muito inédito – O que me conta? Como está você?

Eu sabia deste método, era bem estratégico. A pessoa pretendida a desabafar normalmente começara perguntando qual é a situação do outro, para certificar-se se a energia da pessoa na qual ela iria compartilhar sua

vida, estava nos conformes. Se não estivesse, o aperto no peito normalmente iria existir. Se estivesse, a pessoa iniciava o falatório pois é bem provável da pessoa perguntar o mesmo.

- Eu estou bem. – Menti – E você? Me conte, quero saber de você.

Dentro de mim internalizava o nunca estar bem, consegui tantos bloqueios internos e agora me perdi do significado de “estar bem”. Isso varia de indivíduo para indivíduo. O meu estar bem são segundos tenebrosos de risadas. Risada é anestesiante. Creio no meu bem-estar ser por isto. Tudo de imaginável sobre meu estado de espírito se torna real somente para mim mesma; se exponho, os rótulos fogem de bocas variadas inesperadamente e sem cometer nenhum crime, já me encontro em uma prisão, um cárcere imaginário. Se alimentado, se torna real.

- Bom, como eu te disse... Essa mulher. Ela me fodeu. – Larissa suspirou – Eu ainda sou apaixonada por ela.

- Por quanto tempo ficaram juntas? – A sessão terapêutica iria começar partindo das minhas perguntas invasivas – E quando romperam?

- Bom, tínhamos um caso no começo. Eu senti o gostinho, o escondido sempre me atraiu. – Ela sorriu com um canto da boca, sem graça.

- Ela era comprometida?

- Sim. Casada. – Ela pausava sua fala enquanto tomava goles enormes de cerveja – Foi o que ela me disse.

Eu não concordava com este tipo de atitude, mas não a queria te dizer isto. Receava em estragar a tranquilidade da nossa conversa e o clima se acentuar com uma tensão não desejada para a noite de hoje. Não queria mais tensão, a atualidade já me mordida e beliscava as costas.

- Rompemos faz um mês, se não me engano.

Tive vontade de assumi-la sobre meu relacionamento, como o mesmo tinha finalizado-se neste período de tempo, mas não iria conceder da conversa se transformar em foco sobre a minha vida, casos acontecidos constantemente, sem eu mesma desejar. Janaina me alertava sobre isso: desaprovando a situação, eu era capaz de transformar aquilo em propósitos sobre mim. Eu parava para pensar um pouco nos avisos – por mais que agressivos – aonde ela deixava mantido dentro de mim. Desejava arduamente sobre sua condição de saber o quanto eu a ouço e deixo as suas palavras ditas penetrarem tão agudamente interiormente. A dúvida me traía como um cachorro traía seu próprio rabo.

- E vocês ainda conversam? Ainda mantem contato? – Abri a boca depois de um longo período de tempo, tomando goles intermináveis de cerveja.

Já sentia o nível de alcoolismo suficiente no meu corpo para mudar minha forma de agir e de falar.

- Não. – Sua resposta foi seca e segura – Ela age como se eu nunca tivesse existido.

- Se sabia que estava apaixonada, porque decidiu continuar com ela?

Ela usou muito do sarcasmo na sua risada espalhafatosa.

- Como se pudéssemos controlar o que sentimos. – Sua fala seguiu a linha da risada, ainda sarcástica.

Eu percebia uma constante falha de interpretação ali. Larissa elucidava todas as minhas falas de forma errada e pejorativa. Como se a verdade absoluta pertencesse á ela. Eu não queria mostrar nenhuma verdade, só queria seus olhos sendo capazes de tomar uma visão sob outros pontos da vista.

Mas era penoso. As pessoas nunca mudam. Ainda lembro de como ela agia comigo há anos atrás, no colegial. Da mesma forma como age agora. A mudança brusca foi em seu comportamento, se tornando um pouco mais aceitável. Sua essência ainda era oposta da minha verdade, e eu nunca iria esperar uma conversa na mesa de bar com alguém que na qual me faltou com respeito inúmeras vezes. Mas ali estava eu, a ouvindo e a acolhendo. Não sabia por qual motivo eu fazia coisas como estas.

- E você sabia do seu compromisso com outra mulher. Achava que isso ia dar em algo bom? – Fiz outra pergunta, mesmo ela não respondendo muito bem a primeira.

- Eu não sei de nada, Olivia. Ninguém sabe de nada. – Ela bateu o copo na mesa depois de engolir o ultimo gole – As pessoas são imprevisíveis.

Pensei nisso com muita calma e constância. Sim, existem pessoas imprevisíveis e as consigo perceber facilmente só pelas suas presenças, como se adequam e como se encaixam no ambiente. São as pessoas mais adaptáveis e volúveis, digamos assim. Vale-se de uma porcentagem de pessoas talhadas a isto, eu concordo. Mas é um erro ela digerir todo esse mundo de volubilidade exposto, como se fosse uma precisão de todo mundo. Não é. Tem alguns não-adaptáveis, demoram anos para superar os outros, e superar as suas faces medonhas do passado. Não era acessível assim, como

uma porta destrancada. Mas eu devia tomar cuidado com quem eu iniciaria uma conversa sobre o assunto.

- Você está querendo dizer que ela é imprevisível ou você? – Lancei uma pergunta ameaçadora.

Ela me olhou, com a expressão devastada. Como se estivesse guardando algo a mais e não queria falar. Ela não queria responder aquilo, só cair em prantos.

Foi o que ela fez.

Já me percebi muito alcoolizada enquanto levantei para abraçá-la do outro lado da mesa. E ela parecia se encontrar na mesma condição. A beije serenamente na testa, e lhe fiz uma pergunta receosa:

- Qual é o nome dela?

Decidi enxugar suas lágrimas enquanto esperava sua resposta, no seu tempo. Se ela não quisesse falar, estaria bom para mim. Espero ela ter achado um resto de consolo no meu abraço.

- Denise.

Eu paralisei. Meu corpo se tremeu e parei de acariciá-la no mesmo instante em que ouvi ela dizer esse nome. Pensei mais de quatro vezes.

Não. Pode não ser ela, queria fazer mais outras perguntas, mas não sabia se era o momento adequado.

- O sobrenome dela, você lembra? – Minha voz saiu arrastada.

Ela escondeu um pouco seu choro e olhou para mim, interrogada, me respondendo mesmo assim.

- Azevedo.

Era ela.

Não acreditei no que ouvia. Quer dizer, enquanto ela vivia comigo ela também mantinha uma relação com Larissa. Como eu nunca pude perceber e nem notar traços e ações típicas de traições? As pessoas usualmente percebem, ocasionalmente eu deva ser a ingênua demais para me relacionar com alguém. O que será que teria sido esse desvio e esse erro enorme, ter me relacionado com essa mulher?

Inúmeras neuroses rondavam meu cérebro de ideias doentias. Estava me sentindo um pouco tonta a cada vez nas quais os pensamentos tomavam força. Não tinha me caído a ficha; passei sete anos com uma mulher na qual eu mesma, poderia denominá-la de mentirosa. Nem suas expressões indicavam culpa. Nunca. Será que todo o seu sentimento foi uma mentira? Tudo que ela supostamente sentia, ela não sentia?

As perguntas apareciam na minha cabeça como um vexame de abelhas em busca de mel. Desengonçadas, desesperadas e em multidão.

A tontura estava se acirrando.

- Você está bem? – Larissa me perguntou, mas eu mal conseguia ouvir sua voz agora, penetrei na minha cabeça e não acatava mais o lado de fora.

Eu estava prestes a cair no chão de costas, quando ela me segurou bruscamente, arrastando a cadeira para trás. Ouvi o barulho e ouvi a cadeira se chocar sob o chão. Foi o último barulho ouvido naquela noite.

## V

- Olivia?

Eu tinha acordado como se fosse dentro do sonho. Eu estava ciente que tinha acordado, mas o acordar não me parecia minha realidade plena. Eu estava grogue de um medicamento qualquer, alguém teria me dopado. O que houve? Eu desmaiei, deve ter sido isso.

- Você desmaiou. – Janaina pôs a mão no meu pescoço, checando a temperatura – Larissa te trouxe até aqui.

- Como ela me trouxe?

- Dois homens vieram junto. Não sei quem eram.

Jana estava sentada ao meu lado, no meu colchão, com um copo d'água gelado e olhando seu celular enquanto ansiava por eu finalmente acordar.

- Como se sente?

Eu não queria responder essa pergunta. Eu ainda lembrava nitidamente de toda a conversa com Larissa. Eu lembrava, e me doía o peito como uma faca adentrando dentro dele. Eu não iria responder isso.

- Que horas são? – Perguntei, olhando para a janela fechada.

- Está amanhecendo. – Ela colocou o copo com água no chão e se levantou – Umás oito horas tenho ultrassom, quer ir comigo?

Eu não tinha dormido quase nada. Por isso me sentia tão fraca e bamba. Tentei me mexer, mas meus braços se tremiam de desespero de se apoiar em algum lugar. Queria dormir um pouco mais para acalmar os nervos, senti-los adormecidos, por fim. Mas era bem provável que aconteceria pesadelos tenebrosos bem no momento de adormecer. Quando eu dormia com medo ou com muita dor, geralmente os pesadelos se instalavam com maior frequência. Eu não iria passar o dia de amanhã tão bem assim.

- Pode ser.

O meu pode ser como resposta são sempre incertezas descabidas. Respondendo com essas duas palavras desmedidas, mas significa um não querer, mas iria mesmo assim. Não me sentiria bem em deixar Jana seguir por isto sozinha. Mas imagino não ser a primeira vez em sua ida a um ultrassom. Ela quase nunca comentava sobre seus planos de dias e meses seguintes,

sua verdade não era dividida ou compartilhada. Ainda desconfiava se isso poderia ser um sinal de um buraco negro ou de um caminho de luz. Não dividir sua verdade. Incansavelmente na minha cabeça, me identificava em alguns sentidos com seu perfil retido, mas sua forma de não dividir, não era – nem em outra dimensão no espaço – igualável ao meu desespero de querer dizer, mas recuar por estragar meus desejos mais profundos.

Decidi confiar em mim por um instante de um milésimo de segundo. A decisão foi tomada pelo meu inconsciente, mais rebelde e fresco do que minhas palavras doentes, de tentar seguir o dia acreditando não estar cansada e sobre o fato do conhecimento e o ocorrido me desconfortando na noite de ontem não abalava nada na química e psique do meu cérebro.

Estava tudo sob controle. Repeti isso mais de cem vezes na cabeça com uma voz imaginativa, ecoando e andando feito fantasma pelas rugas do meu cerebelo, quando a dor se transmutava em figura real, em objeto de atenção. Não tinha nada que me fizesse desacreditar disso agora. O objeto de atenção por ora era Janaina e seu esperado e inesperado bebê.

Filho.

Um filho, ela vai ter um filho. Tornei isso um choque quando pensei comigo. Tentei fantasiar seu rosto várias vezes, mas sempre imaginando o formato do rosto bem simétrico e harmonioso como o de Jana. Sem a imagem do pai, a ideia de imaginar seus pequenos traços lisos e sedosos se encontravam limitados. Eu queria saber qual sangue ele iria firmar em sua pele, em sua vida, em sua postura e estrutura. Sangue branco? Negro? Indígena? Sangue amarelado? Sangue leucêmico, fraco, forte? Estrutura corporal, qual seria? Como ele se acharia e se perderia junto ao meio e o ambiente que lhe fariam perder todos os seus sonhos? Como ele se encontraria novamente com seu “eu” da infância, depois de tantas portas da sua natureza sendo derrubadas sem pergunta alguma? Seria um homem se perdendo, ou uma mulher? Quando eu imagino como o bebê dela vai ser, projeto mesmo, todas as minhas vivências e as vivências da mãe. Sempre queremos os mais novos evitando repetir os erros dos mais velhos, me dava conta disso quando minha mãe faleceu.

Ela falava isto sem cansar, mas nunca dei ouvidos, só aprendemos quando estamos no mesmo lugar e na mesma posição exata da pessoa na qual estava dissertando, palavras impercebíveis nas feridas anti-cicatrizantes. O devido á se fazer era percorrer a trilha torta, passo a passo com este

futuro filhote humano. E a minha disposição se enaltecia em servir de ajuda para minha amiga sempre que pensava em possibilidades de educação doméstica para ele.

Me ergui do colchão enquanto Jana saía do quarto em silêncio, e fui até o banheiro, quase que depois de sua saída sonolenta, batendo a porta. Queria lavar meu rosto e respirar fundo, me enchendo de vibrações diferentes. Entrei no banheiro e o irmão dela estava lá, olhando algo no armário do espelho. Ele me olhou com olhos estupefatos. Franzi a sobrancelha de imediato.

- Procurando alguma coisa? – Perguntei, me passando em inocência.

- Sim. – Ele me respondeu, evitando contato visual, e com equilíbrio precário em manter um diálogo – Minha escova de dente sumiu.

A escova de dente dele não tinha sumido. Ele tinha inventado algo rapidamente para me responder agora, pois não tinha uma desculpa concebível para o porquê de ele estar olhando aquele armário, onde só ficavam medicamentos e substâncias de receitas passadas por médicos. As escovas de dentes, pastas, fio dental, pente, tudo isso se encontrava ao lado da pia, em um estojo preto e branco. Por que diabos ele iria vasculhar sua escova perdida naquele armário?

- Ah, sim. – Eu respondi, quase como um sussurro – Olhe no estojo – Aponte.

- Eu já olhei. Não está aí.

Depois dessa sua fala desanimada, saiu rapidamente do banheiro, me deixando lá, com a luz acesa e com um rosto perplexo de desentendimento. Quando ele passou por mim, pela porta, pude sentir seu espírito tenso e ofegante, não precisei nem de um mínimo toque para perceber.

- Bom dia. – Ele gritou do corredor da sala.



O ponteiro tinha acabado de marcar dez horas da manhã, e Janaina estava dentro do consultório fazia quase uma hora. Tínhamos visto o bebê, muito saudável e minúsculo naquela máquina de ultrassom. Eu nunca tinha visto um, nunca tinha ido com alguém a uma dessas consultas. Me impressionei, como sempre. Sou suficientemente impressionável, desde o meu entendimento como pessoa. Impressionável, ingênua. E agora, eu

estava sentada do lado de fora na sala de espera, pois o doutor queria conversar em particular com ela. Não sei qual segredo seria esse da conversa na qual eu não poderia ouvir. Como se ela não fosse me falar depois. Se fosse bom ou ruim, ela iria compartilhar comigo, como um jeito de desabafar mesmo.

Me senti uma intrusa quando ele me pediu para sair, tão repentinamente, de sua sala nanica. Eu estava ouvindo barulho de portas se abrindo e fechando, com a esperança de que fosse ela, saindo da porta do consultório. Quando eu via uma sombra aproximando-se perto de um aquário ilustrando a sala de espera, nunca era ela, com aqueles cabelos longos e castanhos. Saiu uma mulher bem baixa, e deprimida na primeira vez. Logo em seguida, uma com um estilo meio anos oitenta, cabelos loiros e oxigenados, idêntica a uma boneca.

Enjoei de prestar atenção nas mulheres que saíam, e comecei a me entreter com as ações dos peixes naquela prisão aquática. A vida dos peixes dentro de um aquário pode ser quase parecida com a de um ser humano quando vai preso. Entra em cubículo, e pessoas com maior poder te alimentam, só para você não morrer de fome e as mesmas não se sentem culpadas por terem deixado alguém morrer. Tem alguns não erguendo uma mão para salvar alguém, quanto mais um peixe. Eu percebia como um filhote nadava incansavelmente por todo o aquário. Buscava algo, não identificava o quê. Ele criava bolhas e mais bolhas com suas nadadeiras, e os peixes logo atrás dele seguiam seus passos, formando uma infestação de bolhas. Levantei da cadeira para olhá-los mais de perto. Consegui vê-los em todos os detalhes mais atrativos. Suas cores se realçando, seus golpes na água mais mortíferos, e seus olhinhos selvagens mostrando indefesa no ambiente onde não se pertenciam. Eu achava engraçado como os animais quando tirados dos seus habitats, ganham uma certa fraqueza, atípica ao do ser humano. Que transformam e destroem, eles próprios se tiram do seu próprio habitat para criar luxos e caprichos os tornando mais vazios e sem essência.

Ouvi outro barulho de porta, vindo da última porta. Era Janaina, tive certeza. Esperei seus passos firmes se concretizarem até o piso da recepção, e vi seu rosto sereno. Não aparentava estar triste ou arrasada, como se tivesse recebido uma má notícia. Ela me olhou em pé defronte ao aquário, e sorriu inocentemente. Pôs a mão nas minhas costas, e me acariciou.

- Vamos? Já terminei por aqui. – Ela me disse, como se sua voz tivesse sido anestesiada.

- O que ele disse?

Ela inspirou e suspirou.

- Temos que descobrir quem é o pai.

- Sim, você tem que descobrir mesmo.

- Não vai me ajudar a saber quem é?

Eu estava muito atenta aos pequenos peixes nadando, mas me mostrando também muito concentrada no nosso diálogo, já prevendo em dar a lugar nenhum,.

- Eu não sei com quem você transou esses tempos.

Minha resposta foi grossa e firme, quase que como se eu tivesse jogado uma pedra em sua cabeça, do vigésimo andar. Senti doer em sua expressão quando a olhei rapidamente. Mas aquela minha fala ríspida e sanguinária não era descompromisso ou despreocupação com sua situação. Queria revelar a minha angústia de ser sua amiga há tantos anos e o fato dela não me revelar nada desde muito tempo de convívio, e que essa não revelação decidida, iria vim como consequências para arcar a si mesma. Tanto as dores quanto as alegrias precisariam ser compartilhadas, e ela sabe; quando ela não me mostra nada disso, a confiança em mim para com ela enfraquece e quase sempre se perde.

Existem milhões de teorias sobre a definição de uma amizade verdadeira, mas essa era a minha. Não criei teorias alucinógenas, isto é apenas o sentimento.

Ela estava há um tempo calada, e decidi me remedar idolatrando a rotina dos peixes naquele aquário imundo.

Sentir meu telefone vibrar no meu bolso. Olhei para o visor, duas mensagens. Uma era de Larissa e outro era um número desconhecido. Larissa perguntando se estava tudo bem, se eu tinha acordado melhor e assumindo não ter entendido muito bem o porquê de ter me encontrado no estado de ontem à noite. A outra mensagem dizia:

*“Preciso te ver.*

*É Denise.”*

Meu coração quase pulou para fora do meu corpo através da minha boca, se empalidecendo no mesmo momento. Me tremi, do pescoço até os dedões do pé. Estava sem base, me sentei novamente na poltrona que

tinha deixado, sem olhar para onde estava indo, esbarrei em um senhor passando no corredor. Ele resmungou e eu pedi desculpas em um sussurro, sem prestar muita atenção às minhas próprias palavras.

Apenas encarei aquele visor. Abri o teclado do celular para tentar escrever, mas nada saía. Olhei para meus dedos, estavam trêmulos e suados. Eu não tenho condições de responder isso agora. Janaina olhou para trás e me viu sentada na poltrona.

- Nós já vamos, porque sentou? – Ela me gritou, ainda observando o aquário.

Eu não estava dando a mínima para o que ela dizia. Minha cabeça girava como um tornado, em um lugar só. Queria achar um jeito de me acalmar. Passei discretamente até o banheiro, entrei, abri a torneira com a água gelada, naquele ambiente com ar-condicionado e joguei a água toda no meu rosto, inúmeras vezes, enchendo as duas palmas da minha mão. O sequei e dei alguns tapas no meu rosto, para me extasiar, para me desagregar da sensação de utopia.

Saí do banheiro, e enquanto andava, minha raiva tomava força. Eu não queria vê-la, depois do que eu soube.

Eu poderia me forçar a ter uma conversa agradável e superficial, mas ao fim não sairia assim. Me conheço. Eu iria pôr tudo para fora, vomitando toda a ideia de ingratidão na qual ela me proporcionou. Eu ia, consequentemente, pôr o motivo da minha tristeza e angústia abertamente nela, como ferida exposta, sem curativos. Eu odiava fazê-lo, pois só eu sabia, no fundo, eu era a verdadeira culpada do meu próprio sofrimento. Ela nunca foi responsável por mim, nem nunca será, mas o sentimento vive em eterno conflito com a razão. Se os dois não conflitarem entre si dentro de um ser, então terá uma semente plantada em lugar diferente. Não é que eu não queria vê-la, eu não aguentaria vê-la. As sensações ininterruptas de uma nostalgia angustiante iam todas se acomodar novamente no sofá vazio e oco da minha cabeça doente. Estava pensando em uma alternativa para não demonstrar tanto desespero.

Eu não iria responder agora, eu poderia responder algo indiscreto, pelo impulso do sentimento no momento do recebimento da mensagem.

- Vamos. – Janaina tocou no meu ombro delicadamente – Espero estar tudo bem com você.

Sua fala aliviou os meus ouvidos, sem explicação. Me tranquilizei e meu corpo suspendeu-se de se tremer. Coloquei meu telefone no bolso aonde



eu sabia que não sentiria vibrar, e caminhamos até a porta. Abrimos e vimos a luz do sol, clareando nossos cabelos macios. O dia estava bonito, apesar das bagunças internas e externas. O ar vibrava em boas condições, apesar do sufoco de sobreviver.

Nada era como parecia ser.



Paramos em um lugar muito saudável para almoçar. A maioria das comidas servidas eram vegetarianas, e quando não eram, não possuíam quase nenhum processo de industrialização alimentícia. Eu não conhecia aquele lugar, Jana comentou sobre um conhecido dela, lhe indicando este lugar, pois soube da sua gravidez e precisava de um ajuste no seu modo de alimentar-se. Tudo bem, eu aceitei acompanhar ela nisto, mudar a minha forma de alimentação. Amigas são para isso, não é? Eu me perguntava. Pedi um refrigerante, mas só tinham sucos feitos na polpa. Pedi um de goiaba, o único onde meu paladar saboreava facilmente. Todos aqueles gostos de polpa da fruta me enojavam em um certo grau, talvez porque nunca fui acostumada a toma-los quando criança. A minha rotina era o leite com achocolatado.

- Você está bem? – Jana perguntou enquanto comia, apaixonada, seu feijão com arroz integral e brócolis.

- Porque não estaria?

- Não sei. – Ela disse com a boca cheia – Saímos da consulta, você parecia tensa.

Em certos momentos eu gostava de não obter respostas imediatas sobre as minhas ações. Não queria lhe dar explicações de algo na qual me inundo em incertezas dos não entendimento, pois ninguém está em mim. E se não estão em mim, certamente a vossas compreensões não chegaria a um grau de compreensão para com o outro, pois nenhum ser humano consegue enxergar além da sua própria compreensão de existência. Eu sempre tive uma certa noção do fato, por isso nunca fui de dar explicações, aquilo era só uma fachada em amaciar os egos alheios. Não gostava de cair nestes buracos.

- Eu queria ter te conhecido na infância. – Janaina mudou de assunto, sem motivo aparente.

Eu perguntei porque, franzindo a testa.

- Interesse, só. – Ela continuava mastigando enquanto falava – Queria saber o que você comia.

- Porque o interesse em querer saber o que eu comia?

- A alimentação reflete nas nossas emoções, e em como reagimos e lidamos com as situações no dia a dia.

Não entendi esse papo pouco convincente de Jana. Até semana passada ela não se interessava nem um pouco por questões de saúde e em como deixar seu corpo mais saudável, agora está criando toda uma bolha de conhecimento sobre isso e empurrando para cima de mim.

- Devíamos sim, rever tudo isso. Porque minha vida vai começar a mudar. – Ela completou.

Eu entendia. Mas não recomeçar uma vida por conta disso.

- Eu entendo. – Repeti meu pensamento – Lembre-se do fumo, é o mais importante.

Ela parou de comer e olhou para mim com um olhar sereno, mas como se quisesse me alfinetar com palavras duras.

- Você não vai parar junto comigo?

Eu não tinha condições nenhuma de parar com o vício do cigarro. Sem vício algum, meu corpo não se sustentaria em nada mais. Quando digo vício, não é necessariamente a droga, em si. Sexo, comida, momentos bons, tudo isso induz meu corpo a vícios em sensações incapazes de se escrever. E eu não estava tendo nada disso. Eu passava por dificuldades, e ela sabia disso. Se eu tivesse a força de vontade para parar, mas infelizmente não a tenho. Eu precisava de segurança, e isso era o cigarro, a bebida, isso eu não abriria mão agora, mas não queria expressar-me assim, dessa forma, para ela. Quase grosseira e rude. Quando as pessoas me faziam essas perguntas onde as respostas mantinham uma tendência em machucar, eu aspirava em ter um tele transporte, ou alguém muito aleatório aparecesse interrompendo nossa conversa, desmanchando todo o clima construído naquela mesa infestada de comida. Eu queria isso acontecendo agora, nem se fosse só para tirar alguns por centos de pesos da minha consciência, se culpando repetidamente durante os dias.

- Não tinha parado para pensar nisso. – Eu falei, quase transparecendo minha mentira.

Eu odiava mentir. E por consequência disso, minhas mentiras saíam da minha boca muitas horas, mal contadas, como se eu tivesse contando

uma piada bem ruim. Ou talvez contando uma piada de humor negro para pessoas politizadas em uma mesa de bar. Alguns iriam fingir conter a graça dentro de si, e daria um sorriso meio torto. Outros colariam uma máscara de um rosto azedo e amarelo, com a intenção de me constranger por ter falado uma piada tão horrível. Bom, era a mesma coisa com as minhas mentiras pensadas em cima da hora. O fingir era um esporte na qual eu fazia tão mal que deuses e forças nenhuma me salvaria desse defeito tão fiel.

- Você se preocupou comigo, no fato de eu parar com o fumo, mas não pensou em parar também? – Ela me perguntou, me jogando olhares íntimos, com a intenção de me constranger.

Eu tentava não olhar nos olhos dela, me distraíndo com qualquer pessoa que passasse ou com qualquer situação do lado de fora do restaurante acontecendo, nesses momentos de constrangimento me transformava em alguém impressionável.

- Não paro para pensar tanto em mim.

É óbvio sobre isto ser uma mentira, mas não sei se Janaina sabia. Eu tinha um lado muito carente e insatisfeito com as pessoas, mas também um lado de pôr certos alguéms em um pedestal, esquecendo-se de mim. Eu transparecia os benefícios e os malefícios de ser puramente eu. Eu tenho uma crença quase que indiscutível sobre com que lentes as massas de indivíduos interpelando-se na minha vida me enxergavam. Eu tinha noção da causa de um atrito de confusão, por mostrar tanto as paredes limpas e riscadas do meu íntimo. Por isso também, eu obtinha e permanecia com estas dúvidas complexais. Não existia limpeza de receios.

Ela estava muda fazia uns dois minutos. Se passou pela sua cabeça minha invenção de mentiras, pois demorava a responder. E ela conhecia o lado de lealdade estampado na minha testa.

- Não tem como parar com o vício se você não parar também.

Eu iria responde-la em um tom rude e áspero, mas antes da minha boca se desse a ousadia de se abrir e soltar essa linguagem sangrenta, pensei racionalmente, e me fiz perguntas óbvias, mas, em minha cabeça não eram tão óbvias assim. Não que a intenção dela seja me privar de uma pequena e fútil liberdade, na qual era tragar dia, tarde e noite. Não era sobre intenções, mas sobre emoções aflorando sem gotejar razão. Pensar sobre a delicadeza do momento, inquestionável. Pensar nela como um indivíduo com vontades e desejos, e não em alguém – ou uma massa de corpos simultâneos

- criando um certo complô contra mim. A raiva de responde-la em um tom mais grave foi abaixando e por mágica mental, se dissipou.

- É verdade. – Respondi, começando a comer meu prato com os alimentos já esfriados.

Meu telefone estava em cima desta mesa de refeição onde nos encontrávamos tendo esta conversa em um abismo de discussão, porém, ainda não chegava a ser. Eu olhava para ele minuto por minuto, em estado de alerta permanente, me educando para entrar em uma sintonia, caso vibrasse. Quando me via em mente a imagem de Denise, me doía e apertava o peito, e perdia a fome. E me enojava facilmente, sentia vontade de vomitar o alimento em algum lugar para sentir a angústia e o desespero saindo pela boca.

- Poderíamos substituir o cigarro por cannabis. Quem sabe dá certo, para a abstinência não nos pegar de surpresa tão bruscamente.

Jana não era tão fã de maconha e eu nunca a vi dar uma ideia tão justa antes. Me perguntei se ela perguntava isso para poder me agradar, pois claramente não fiquei feliz com a história de parar de fumar.

- Sairia mais caro. – Eu encontrei obstáculos e os externalizei para ver sua reação.

- É, mas vamos supor que você volte a trabalhar. Daria para bancar tudo, só nos organizarmos.

Ela estava insistindo na ideia e isso me clareou a mente. Ela estava disposta mesmo a isso. Não perguntei mais nada, mas também não acatei, de fato, o posicionamento.

Uma vontade inusitada mexeu comigo, de verbalizar a minha preguiça e incapacidade de voltar ao trabalho. Eu não queria adivinhar quando eu estaria disposta á querer, um desejo real, de voltar. Era um trabalho na qual me engrandecia, era o que eu sempre quis. Trabalhar com literatura. Mas eu não fazia mais a minha parte por conta de um coração partido e abandonado. Coração metafórico este fingindo sentir dor, pois ela na verdade é obra-prima do apego, este costume sanguessuga.

O apego é um costume sanguessuga. Era isso. A dor psicológica nada mais é que uma negação ao desapego. E se adaptar em outras pessoas, rotinas. Ninguém sabia viver desta forma, o sentido achado no fundo do baú para uma vida aonde ninguém pediu é essa. Se apegar. Até os mais desapegados não fogem do apego. Eu sabia de tudo isso na teoria, mas a ideia de não me conhecer como alguém apegado estranhava-me absurdamente.

- Hm. – Eu gemi sem abrir a boca.

- Está pensando em voltar que dia?

Creio em sua estratégia para um truque psicológico. Um aperto, uma pressão na cabeça para adiantar meu lado profissional e deixar de lado meu ócio. Não sabia nem como responder à essa pergunta.

Não estou pensando em voltar.

Pensei essa frase tão alto que ela quase saiu da minha boca.

- Próxima semana. – Sussurrei, me embolando nas palavras.

Seus olhos brilharam, mas decidiu esconde-los de tanto ânimo que ficou internamente. Continuou esboçando um semblante sério e sereno.

- Ótimo. – Seu tom de voz saiu como se estivesse bufando.

Mas a minha noção e a minha consciência eram aguçadas. Sabia e sentia sobre a sua vontade de transcender uma imagem na qual ela não era no momento. Eu não iria voltar ao trabalho até estar sã, e o pensamento de me encontrar em uma discussão com Janaina sobre esse estado me soava medroso e desonroso.

Mas não era melhor aproveitar o instante do que adiá-lo? Fazia sentido, não iria mais ansiar-me calada, somente comigo.

Abri a boca, mas a voz não saiu. Ela me olhou e prestou atenção em como minha boca estava aberta e se mexia devagar, sem produzir som. Ela esperava por alguma frase curta ou alguma palavra densa, para fazê-la estremecer. Mas um homem negro, de olhos claros, cabelo raspado, chegou á nossa mesa nos entregando a conta.

Eu não lembro se ela tinha pedido a conta. Mas ela olhou diretamente para os números na nota fiscal e desengonçou-se da minha cena dramática mal inserida no almoço.

- O que você ia dizer? – Ela perguntou.



O clima nunca me pareceu tão bipolar. Se o tempo fosse uma pessoa, eu a diagnosticaria com uma bipolaridade aguda. O vento da chuva era vigoroso e resistente, quase nos impedindo de entrar dentro do carro. E quando abrimos as portas da frente, em menos de cinco segundos os bancos já estavam quase encharcados. Um dilúvio tomou conta da tarde em pouco tempo. Mas não havia nada para se preocupar, pois o sol começaria

a brilhar logo em seguida. A cidade era toda caótica, e toda essa atmosfera climática se adequava plenamente ao caos terreno da cidade.

- Mas que porra. – Jana demorou para reclamar, logo quando saímos do meio fio onde estacionamos o carro.

Estávamos subindo as escadas do nosso pequeno prédio onde só tinha quatro andares, e morávamos no último. Suas reclamações entravam pelo meu ouvido e - pelo contrário - se repetiam na minha cabeça como um mantra. Eu tinha um hábito crônico de ouvir tudo e absorver, não me importando se aquilo se dirigia à mim ou não. Paramos em frente a porta branca com aqueles tapetes marrons nos observando, como se tivessem olhos, e as duas, simultaneamente procurando a chave do apartamento em nossos bolsos. Eu achei primeiro, e ela então retirou suas duas mãos de seus bolsos da calça jeans. Enfiei delicadamente a chave e abri a porta.

Olhamos para a sala de estar. Entramos em choque. Eu estava me sentindo em cima de uma corda bamba. Entre a interrogação e o desespero.

Todos os móveis tinham sumido.

Antes de poder raciocinar toda aquela luz clara e branca que agora a sala iluminava, dentro de um vazio material hipnotizante, Jana correu entre os cômodos em desespero. O primeiro cômodo a visitar foi o meu quarto, depois foi para a cozinha, banheiro, e por último seu próprio quarto.

Ela se voltou para a sala de estar novamente.

Ela pôs suas duas mãos em seu rosto e o arranhou com uma força tão grande que sua pele ficara vermelha, e ajoelhou-se no piso – sujo, lembrando um piso como o mesmo habituava depois de uma mudança.

Eu ainda tentava entender. Meu cérebro ainda não raciocinava. Eu segui seus mesmos passos, entrei em todos os cômodos, como Jana fez.

Vazio. Estava tudo vazio. Ficaram nossos colchões na cama, e os armários que já eram presos na parede. Abri os armários. Nossas roupas também tinham sumido. Ficaram nossas roupas íntimas, apenas. Pelo menos era um por cento da coisa. Eu me encontrei desestabilizada, paralisada, assim como Jana, mas mantive a calma e respirei fundo. Voltei para a sala e permaneci ao lado de Jana, e ela percebeu a minha presença ao seu lado. Em pé, e ela ajoelhada, nos contatamos verbalmente sem interferências, e com raiva, ela soltou emoção, gastando só a saliva.

- Aquele desgraçado.

Essas duas palavras que formavam uma frase chula, surgiu carregada de ódio e rancor pelo irmão mais novo. Eu não queria que, agora, ela sentisse nenhuma forma de negatividade, só nos analisarmos e analisarmos toda nossa posição nisso acabando de ocorrer. Bagunçar tudo até arrumar um jeito de sair disto. Não era pobreza, era roubo. Ir atrás de Guilherme não poderia ser tão difícil. Era bem provável das suas intenções com seus vícios.

Eu não queria bancar a conservadora para mim mesma, mas ultrapassando a verdade e a vida dos outros eu não me segurava em intervir do jeito melhor encontrado para mim; sendo o certo.

Eu sentia algo estranho por esse homem, e eu estava certa. A minha intuição nunca me traía, apesar das paranoias enraizadas. Mas é óbvio, que eu não teria a razão por agora, e nem Janaina me daria essa razão. Ela estava em um nível de humor tão diferente, e eu não saberia identificar mais se era raiva ou desespero. Era uma imensa colisão de ambos. Pensei se teria um calmante para ela na cozinha, mas não me dei o trabalho de checar. Ele deve ter levado também.

Finalmente me agachei ao seu lado e delicadamente, pus a mão em sua nuca, acariciando com leveza. Ela já tinha mudado de posição, agora se encontrava sentada de cabeça baixa. Para minha surpresa, ela pegou a minha mão direita, a desocupada, e a acariciou com seu polegar suado e trêmulo.

Meus pés começaram a formigar e a adormecer. Essa posição era horrível, mas seu carinho para comigo estava tão bom e profundo e continuei erguida um pouco mais.

- O que vamos fazer? – Ela olhou para mim, e seu olhar saltava uma desesperança de vida, na qual nunca a vi esboçar.

- Vamos dar um jeito nisso. Não duvide.

Eu tinha esse estilo pouco convincente de falar palavras formosas e esperançosas, bem cabíveis para a situação atual encontradas em conflito. Mas em suma de realidade, eu não era isso. Assim como Janaina, eu estava também, desesperada. O desespero me batia, mas se escondia. Eu disse em darmos um jeito, mas as idealizações se impediam de chegar até mim.

E sem mais nem menos lembrei-me de Denise. Quando surge desespero batendo na porta da vida, a corrente de desesperos passados é puxada para o presente. Lembrei-me dela pois ela foi, e continua sendo um desespero batendo na porta.

E lembrei sobre sua mensagem dizendo querer me ver. Eu seria mesmo muito interessada se eu pedisse algum dinheiro emprestado para ela para podermos comprar tudo de novo? Ou isso era algo muito utópico de se pensar? Seria mais fácil ir atrás de Guilherme? Mas a polícia não iria fazer nada, eu tenho certeza. Quando você perde algo envolvendo utensílios pessoais, íntimos, todas essas organizações governamentais não dão um dedo a torcer, pois pouco importa para eles.

Pensei ser útil sim, pedir algo a Denise. Não dinheiro, uma ajuda. Uma ajuda qualquer. Ela era a única pessoa em que poderia entender de finanças, próxima a mim. Miguel? Entrava em dúvidas, a ajuda vinda dele só se fosse uma: a procura eterna atrás de Guilherme só para dar-lhe mil pancadas em seu rosto branco feito neve. Não queria e não me traria paz conflitos de violências físicas, depois do acontecimento sangrento daquela festa, com policiais antiéticos e descontrolados. Eram torturas transbordando demais em meu estado colérico.

Mesmo sem esperanças, devíamos tentar notifica-lo como assaltante. Eu não entendia muito bem como eles trabalhavam com isso, mas iríamos em busca dos nossos pertences de volta.



- Você poderia me dizer como ele era? – Ele nos olhava, sem nos dar muita atenção.

- Pele branca, olhos pequenos, cabelo liso e castanho escuro. Altura média.

- Senhora, isso não é o bastante. Me diga, de onde o conhecia?

Janaina parou e relutou em responder. Se ela falasse que era seu irmão, ele provavelmente não iria levar a sério e passaria para a próxima pessoa da fila, fazendo outra ocorrência. Ela olhou para mim com olhos tensos em olheiras. Apertou a boca e esbugalhou os olhos. Olhei para o chefe de ocorrências, em pé na bancada, em nossa frente. Ele começara a se mostrar bem irritado, sem mesmo dizer uma palavra. Fingiu ver algo de errado na papelada, quando se cansou e abriu a boca.

- Senhora, de onde você o conhecia? – Ela perguntou dessa vez, aumentando o tom e cuspiendo um pouco no rosto dela enquanto falava.

- Ele era um amigo de um parente. – Ela iria prosseguir, mas estava inventando alguma história para esse amigo – Entrou lá em casa para tomar um café, e saiu de casa, o deixando sozinho.

O homem não respondeu mais, só anotava, agora com uma expressão bizarramente diferente. Antes, preocupado, agora irritado. Ele era tão branco que eu podia ver a cor de sua pele mudando de cor, se transformando para um avermelhado-amarelado. Nossa única opção era ficarmos ali em pé, esperando sua resposta, seja lá qual fosse.

Enquanto esperávamos, observei o local onde estávamos. Era incrível como aquela energia me drenava e como eu ficara pior de quando deixamos o nosso pequeno apartamento. Era um drama de todas as pessoas expostas, misturadas com suas angústias e desafeitos em relação a vida. Até então, eu não tinha visto ninguém sorrindo ali. Todo um excesso de algo, seja bom ou ruim, me distorcia interiormente que me parecia que eu estava dentro de uma peça de teatro, ou de um filme, não sei. Como se tudo ali fosse um disfarce. Mas é claro que, quando no caso me encontrava como me encontrava agora, em um ambiente onde eu só via incapacitações emocionais e desesperos, tudo parecia mais coberto de veracidade. Era um disfarce, mas ninguém ali sentia medo de se mostrar desesperado. Eu não era nem capaz de absorver os suplícios, ajudar um por um, quem trabalha em locais como estes devia endurecer-se ao máximo em sua condição de ser humano. Se não já se encontrava endurecido há um tempo.

Ele nos olhou, ainda irritado e disse, apressando o caminho:

- Venham cá.

O seguimos até uma sala bem escura, no andar de cima. Tinham muitas caixas empilhadas e a escada quase não tinha um espaço para pôr os dois pés. Andamos, nós três, um atrás do outro, delicadamente para não tropeçarmos em nenhuma das caixas. Em cima parecia um escritório, tinham alguns adultos e idosos em salas fechadas com um ventilador rodando em alta velocidade, juntamente com papeis e xícaras de café vazias.

Ele se sentou calmamente em uma mesa e o observamos como duas crianças esperando um pai acabar os trabalhos para poderem ver seus pequenos desenhos infantis. Ele estava lá, sem nos prestar muito interesse. Cheguei a pensar estar olhando outras coisas naqueles papeis, não tinham a ver com o que tínhamos falado e o porquê de estarmos ali.

Janaina olhou para mim, impaciente. Conversamos com o olhar e com os gestos da mão, lhe indiquei mais um pouco de paciência. Era incrível como nesses instantes só eu conseguia manter uma calma constante, segurando todas as quebras de emoções dos demais, próximos a mim.

- Você sabe o nome dele? Quero checar se ele tem ficha suja. – Ele disse, ainda com o mesmo tom e o mesmo semblante.

- Guilherme. – Jana respondeu calmamente.

Ele se levantou e foi checar em algum computador velho em uma dessas salas fechadas. Janaina realmente não sabia se o irmão tinha ficha na polícia, nunca se perguntou. E desestabilizou-se, esperando a resposta. Mas esse homem não iria nos dizer sobre um arquivo confidencial. Ela demonstrava confusão. Coçou sua cabeça mais de quatro vezes. Sua inquietação aos poucos se transmitia para mim, só com sua presença. Já estava desconfortável vendo seu caos interno só em olhar em seus olhos, atenta à qualquer mínimo movimento do homem.

- Vamos entrar em contato com você assim que soubermos de algo. – O homem nos respondeu, em um tom seco e irresponsável.

Jana se mostrou irritada. E com razão, ele tratou tudo isto e toda esta nossa demora com o maior descaso possível. E o nosso desespero para ele não parecia significar nada.

- Como vocês vão saber de algo? E se ele tiver fugido para outra cidade? Como vão saber?

- Vou acionar quem estiver disponível. – Ele falava enquanto andava pelas salas fechadas, onde ouvia sua voz saindo abafada – Para pegar o malandro.

Ela não se deu o trabalho de responde-lo, ou de confronta-lo de qualquer jeito que fosse. Apenas se virou, deu um tapa no meu ombro indicando para segui-la escada abaixo, e andou com passos duros e quase rasgando o chão, em minha frente. Não pude fazer nada senão segui-la. Saímos às pressas. Tentei acompanhar seus passos agressivos, atrapalhando e empurrando pessoas em minha frente enquanto seguíamos para a porta da frente.

- Impressionante. – Ela falou, prosseguindo seus mesmos movimentos – Impressionante como nunca fazem nada.

Eu poderia ter avisado para ela sobre como dificilmente isso iria ser resolvido por algum departamento de justiça. Pois a justiça infelizmente

não pertence ao povo, o povo não decide nada por aqui. As autoridades são as únicas relevâncias dessa cidade. Se eles não quiserem, isto não vai ser resolvido.

Mas ela não era idiota. Ela já deveria ter entendido isso há um bom tempo, mas confiou em sua intuição e tentou. Não lhe custou nada. O bom da tentativa é o nunca ter nada a perder.

Querida falar palavras para acalmá-la. Quando me surgia alguém sob efeito de estresse, como Jana tinha me surgido agora, eu nunca sabia o que fazer senão compreender toda a derrota interna e juntar-me a ela, alastrando ódio pelo mundo.

- São uns idiotas.

Minha resposta soou como alguém que não se importava com a situação. Me senti traída pela minha própria atitude de verbalização, o que normalmente era tão fiel a mim, pois sabia escolher muito bem as palavras na maioria das ocasiões. Decidi falar algo para quebrar essa horrível sensação atrofiada.

- Mas esse não é o único jeito, você sabe. De conseguir nossas coisas de volta.

- E que outro jeito teria?! – Ela berrou, de súbito, sem aumentar o tom de voz gradativamente – Porra, não vê que eu não tenho tempo para cuidar disso?

- Eu sei. Mas esse problema não é só seu. – Eu continuava na mesma constante de antes, sem me alterar, sem acompanhá-la em seu desespero – Eu também perdi.

Percebi minha resposta deixando ela mais enfurecida. Ainda não tinha dado uma palavra sequer. Ela estaria refletindo sobre o que eu dissera; e está com uma vontade única de me contrariar. Eu esperava por esse momento, como sempre esperava. Sua resposta são sempre segundos de tensão.

- Você é egoísta.

Ela me lançou essa frase. Tão curta e tão cortante. Eu nem fui capaz de respondê-la. Penetrou tão fundo em mim parecendo como se meus ossos e cartilagens também tivessem sido corrompidos pela dor. Eu seria mesmo uma pessoa que poderia se chamar de egoísta? Eu me sentia fazendo tanto pelas pessoas. O que eu poderia ter feito para ter me tornado uma egoísta? É impossível perceber, pois não me vejo de fora. Mesmo com

minha análise sobre mim mesma, eu nunca seria capaz de saber como me percebem, se de fato – como alguém egoísta. Se eu era mesmo, só vivia para mim. Mas eu não vivia para mim, se fosse isto, não sofreria por um abandono sem mais nem menos.

Eu não sei. Com certeza eu tinha me alterado agora. Nesse exato momento, ela jogou-me esse peso - dela - em cima de mim e me rotulou como alguém egoísta. Como se todos nós não fôssemos. Como se ela também não fosse.

Nossa vida estava uma merda, e toda essa falta de amor não amparava-me. Tudo em minha vida agora era unicamente ódio. Pelas pessoas, situações e problemas. E eu não poderia pensar sobre destruições agora. Meu ódio por mim mesma voltaria a qualquer momento com tudo isto acontecendo. Esse ódio sob todo o clima da minha vida atual está me sugerindo, me induz a absorvê-lo como se fosse vitamina. E eu não seria capaz de impedir meu âmagô de absorver, nunca fui capaz disso. Eu não poderia pensar em ódio por mim mesma. Eu não poderia pensar em acabar com tudo. Eu não poderia pensar em morte. Eu não poderia pensar em me matar.

Mas eu já estava pensando agora. E pensamento é possibilidade.

## VI

- Alô?

Eu ouvi sua voz. Minha garganta deu um nó e meus olhos transbordaram algumas gotas salgadas. Mas segurei meu instinto emotivo. Lembrei de tudo. Sua voz estava rouca e sonsa, ela tinha acabado de acordar. Lembrei de seu rosto dormente de quem teve uma ótima noite de sono e queria continuar dormindo por horas. Fui firme e respondi:

- Sou eu.

Conseguia ouvir sua respiração, e concertava sua voz rouca discretamente. Respirou fundo e respondeu.

- Oi. – O tom foi calmo e sereno – Que bom que ligou.

Eu soltei uma risada sem graça.

Era incrível como depois de tanto tempo, e depois de tudo que descobri esses dias, ela ainda conseguia mexer comigo desta forma. Sua voz me aconchegou e me confortou como nunca. Como se fosse a primeira vez que eu tivesse a ouvindo. E essa calma sua em relação a tudo também me tranquilizava. O apego é um sentimento fascinante. Como um ser consegue transmitir isso para outro, assim? Por vezes, eu tinha o sentimento de poder enlouquecer só de olha-la fixamente dentro daqueles olhos azuis. Me pergunto incansavelmente até quando ela estaria presente na minha vida. E se até depois da morte eu ainda a sentir, no meu espírito, no meu fantasma de reencarnação?

- Bom ouvir sua voz. – Falei baixo, quase como um sussurro.

Ficamos mudas por segundos, ouvi suas fungadas de quando acordava em crise alérgica, e ela ouvindo minha respiração alta. Eu nervosa demais para manter uma conversa normal, principalmente pelo telefone; e ela presumivelmente tinha sacado isso.

Pensei no porquê desse meu arbítrio de voltar atrás quando as situações desabam. Voltar atrás de pessoas, momentos, lugares. Quando eu tinha uma fiel ilusão da suposta felicidade, quando eu achava que um dia eu fui feliz.

Mas era sim, uma ilusão. Eu nunca iria ser feliz, nunca fui de verdade, feliz com ela, se nunca me senti feliz comigo. Mas eu teimava. Eu era absurdamente

desobediente se tratando de assuntos emocionais. Não estou acima daqueles que obtém a razão, pensam “a vida é mais que isso”. Não estou e nem nunca estarei. Minha vida era movida por algo, mas eu tinha uma forte intuição sobre não existir relações com a razão humana.

- Você quer me ver? – Eu a perguntei, quebrando o silêncio aconchegante nos conectando.

Ela me respondeu com a mesma pergunta.

- Você quer me ver? – Ressaltando a primeira palavra da pergunta.



Cheguei na cafeteria às doze em ponto. Estava um dia nublado, o local pouco movimentado, e com uma música ambiente tocando no fundo. Me sentia tranquila, pois só pensava no momento presente. Quando paro de pensar em atrocidades do passado e nas ansias do futuro, me estabeleço no presente de forma agradável e contente. Eu tinha trazido o resto das roupas e utensílios – os não-queimados - de Denise em uma caixa larga, carregando na mão sem sentir peso durante a caminhada até a cafeteria. Me sentei aleatoriamente em uma das mesas do lado de fora e esperei por sua chegada.

Logo quando sentei percebi um casal de idosos me olhando com desaprovção, enquanto comiam pães de queijo rapidamente, sem mastigar direito. O homem idoso deve ser muito nervoso e ansioso para comer dessa forma. A mulher idosa estava em um esquema mais devagar, alternando entre o mastigar e o ingerir seu café quente. Olharam para mim por muito tempo, mas depois sua atenção foi dirigida á pessoas atravessando a calçada da rua.

Eu imagino constantemente como deve ser a vida de um casal de idosos se não envolvida por muito tédio e um laço de amizade inquebrável. Se tornam tão amigos, podendo até se chamar de irmãos. A relação poderia ter ficado desgastada demais em quesito de química sexual e eles só se sustentam meramente na ideia de cumplicidade e reciprocidade de sentimentos. Apesar de sentimentos serem mutáveis, alguns são bases essenciais para continuarmos em frente. Suas bases sentimentais provavelmente deve ser um ao outro. Eu olhava para eles e eles não aparentavam estar desinteressados em sua relação, só na forma deles

se olharem. Eu via um espécime armazenamento de amor. Eu enxergava amor, mas não a paixão.

Avistei de longe Denise vindo ao meu encontro. Ela tinha me visto, mas não acenou, nem sorriu, apenas me olhou. Meu coração disparou e comecei a suar. Percebi minhas mãos trêmulas também. Tentei fazer alguns exercícios de respiração antes dela surgir para me cumprimentar. Ela sabia do meu nervosismo ao vê-la. Mas não queria que ela estivesse certa, não queria aparentar essa fraqueza tão comum. Conseguia enxergar mais de perto agora, seus cabelos louros batendo no ombro, atrapalhando sua visão por conta do vento forte sondando essa área tranquila da cidade. E as folhas das árvores repentinamente começaram a cair.

Ela chegou. Agora, ela sorriu. Me levantei da mesa para abraça-la.

Senti seu cheiro e seu perfume tão perto do meu nariz que fechei os olhos para senti-lo bem. Essas sensações nostálgicas me introduziam a um ânimo de chorar. Mas era incompreensível chorar agora, nesse momento. Ela só estava ali para buscar suas coisas, não para relembrar momentos de relações. Se é que ela ainda pensava em nós como antes. Possivelmente não, desde muito tempo. Depois da minha descoberta.

Ela se sentou em minha frente e foi logo chamando um garçom. Pediu uma xícara de café e me perguntou se eu queria. Eu recusei. Ela continuou falando com ele. Enquanto isso, ela não percebia de forma alguma minha fisionomia admirando cada traço daquele rosto, enquanto sua boca rosada se mexia devagar. Mas tentei voltar ao contexto do momento quando ela olhou para mim novamente.

- Como você está? – Ela tentava ser sociável com um semblante meio confuso ao olhar para mim depois de tanto tempo.

- Bem. – Eu tentei ser seca – E você?

Ela inspirou e suspirou.

- Tudo nos conformes, na medida do possível. – Ela não parava de sorrir.

Ela tinha esse hábito de aparentar estar tranquila o tempo todo. Não existia ninguém em sua consciência cem por cento tranquilo o tempo todo de vida. Ela provavelmente deve ter aprendido a não aparentar uma raiva ou um estresse em algum livro lido ou em algum filme assistido. Ela tinha uma adoração em imitar coisas nas quais ela não tinha conhecimento algum sobre.

- Tudo mesmo?

Eu gostava de interromper sua paz e de pessoas não costumadas se permitir sentir uma dor qualquer. E ela era dessas. Não se permitia sentir dor, era daquelas racionais demais. Eu já devia saber. Os opostos se atraem, de fato. Se atraem, mas rapidamente se desfazem. Um sempre será escravo do outro; o escravo emocional. Não suportará tanto o peso do seu racionalismo exacerbado que poderá cair fora, ou permanecer naquele ciclo de sadomasoquismo eterno. Eu era do segundo tipo, a permanente. Permanecia para sempre.

- Sim. – Ela seguiu meu raciocínio de voz apática

- Eu trouxe suas coisas. – Arrastei a caixa com o pé, em sua direção, logo em frente.

Ela ficou um tempo analisando as coisas que tinham dentro, mas não vi uma atenção legítima, me deu a entender a estar por pensar em outros assuntos. Era como assistir aula na classe do ensino médio. Você olha para o quadro e para o professor e consegue fingir sua atenção focada naquilo, mas só o professor sabia para onde seus pensamentos se escondiam. E ela não estava focada naquilo para onde olhava. Tinha algo preso em sua garganta, ou em sua cabeça, algo preso com cordas inquebráveis, como cordas de metal.

Seu café chegou e logo se distraiu com ele, o assoprando para poder colocá-lo na boca. Olhava para mim discretamente tentando se distanciar do campo emotivo comigo, como se fôssemos meras conhecidas.

Eu, por fim, a estava vendo, frente a frente, depois de tanto tempo, nem conseguia distinguir se aquilo era fruto da minha imaginação. No que estávamos prestes a dizer uma para outra, no que ela pensava em me dizer, se é que tivesse algo para me dizer. Ela era uma traíra. Como acreditar em alguma palavra saindo da boca de uma traíra? Sonhei tanto acordada com esse momento que quando surgiu, nada saía.

- Me conte, como anda sua vida?

Essa sua pergunta me deu vontade de rir. Na verdade, por dentro eu ria. Como eu queria muito dizer, estava tudo um lixo, uma droga, a minha vontade era só de dormir e não acordar mais. Mas eu sempre me continha em falar sobre meus sentimentos, principalmente para ela, em uma ocasião como essas. Ela estava claramente perguntando por conveniência, não por interesse.



- Quero saber como você está. – Ela continuou.

Não tinha ideia de que ela iria continuar falando, se ela continuava, então existia um significado maior, um interesse real, talvez. Mesmo assim, eu prosseguia ainda insegura e frustrada, tendo de falar sobre como eu estava e de voltar a todas as minhas situações precárias, aonde ela já estava careca de saber. Eu pressentia da minha insegurança não segurar-se por muito tempo, pois ela estava forçando um diálogo existencial comigo.

- Eu imagino que seu emocional não esteja tão bem.

Ela estava criando uma interação oral consigo mesma. Pressupondo, imaginando como eu devo estar nesse momento. Mas eu não respondia, eu não queria responder, se era para responder algo. Eu queria deixar ela se levar pelas suas invenções mentais.

Ela parou de olhar para sua xícara de café, e começou a me olhar profundamente nos olhos. Aquilo era uma espécie de arma, como se eu estivesse recebendo uma faca na barriga, ou um tiro no peito. Seu olhar me destruiu, era um cadeado da verdade. E ao mesmo tempo, era tão sedutor. Não adquiria em me conter sobre o desejo de beijá-la e de despi-la até o fim.

Engoli minha saliva a seco. Ela deve ter percebido quando ouviu o barulho descendo pela garganta, estávamos em pleno silêncio mudo. Ela deu uma risada pouco maliciosa.

Aquela situação toda só estava me deixando mais irritada. Ela sabia de sua capacidade de me amolecer e de me atormentar com esse seu poder eterno. Ou na verdade, esse poder possui ela, ela não consegue se conter, nem mesmo refletir sobre. Simplesmente faz. Seduz, intimida, indaga. Eu queria ter alguma arma tão poderosa como essa. Não era porque eu estava apaixonada, que eu pensava isso ao seu respeito, não mesmo. Já ouvi de pessoas próximas, concordarem com minha tese. Algumas pessoas são o que são, e infelizmente me envolvi com uma dessas. Mas ser uma espécie de traíra desse porte, era uma escolha. Não era escolha ser de um perfil sedutor, mas era uma escolha trair e enganar. Foi a sua decisão para comigo, e agora estamos aqui, eu sabendo de toda a verdade e da sua falta de honestidade em nossa relação, enquanto ela penetrava esse olhar tão fundo em mim, sem conseguir eu mesma me conter e me endurecer frente à isso.

- Como está o trabalho? Está conseguindo manter tudo em ordem?

- Eu não estou trabalhando. – Eu a respondi, finalmente.

- Porque? – Ela pareceu decepcionada – Mas pelo menos continua escrevendo, não é?

O clima se manteve mudo por mais ou menos trinta segundos, até ela continuar. Não a respondi.

- Sabe que sempre te apoiei e sempre lhe disse que era uma grande escritora. Não abra mão disso. – Seu tom transmutou-se para algo mais firme e autoconfiante.

- Sei. – Eu concordei, mas quase saiu como uma ironia.

Eu não sei se queria responder a sua primeira pergunta, pois, novamente, envolvia meu emocional. Envolvia toda aquela redoma de dramas emocionais, e eu não queria entrar nesse dilema para nunca mais sair. Ou melhor, sair dele pior nas condições de sua entrada. O maléfico de ter uma forma de diálogo como essa após um término, é sempre voltar a refletir sobre a relação.

- Bom, como você disse. – Eu me distraia com algo que estava sob a mesa para evitar o contato olho no olho – Meu emocional não está muito bem.

- Quer conversar sobre isso?

Ela continuava me encarando, mesmo percebendo claramente minha irresolução para me contatar com ela. Eu respirei fundo e olhei para o casal de velhinhos ainda sentados, conversando e dando risada. Eu não sabia sobre a minha resposta. Eu senti o choro subir em instantes, pois a resposta quase sempre saía involuntária da minha boca. Deu um nó na garganta repentinamente. Senti um entalo, meus olhos se embaçarem, ambos aguados. Eram lágrimas. Olhei para ela. Senti uma gota se escorrendo, descendo rapidamente até minha boca. O paladar repercutiu o salgado, de certa forma, trouxe-me sensação de alívio.

- Eu ainda te amo.

Eu falei com naturalidade, mesmo chorando. E era um choro involuntário. Não estava fazendo cena, drama ou como se estivesse anunciando algo. Não parecia uma peça de teatro, toda essa revelação. Coisas de sua lista negra. Essas revelações holofotizadas sem necessidade alguma. Por isso fui a mais crua e impessoal possível. Só foram quatro palavras saídas como um gesto de “bom dia”.

Agora nós trocamos os papéis: eu estava a encarando, enquanto ela evitava olhar no olho depois dessa minha fala compulsória.

Mas eu sou uma idiota. Eu sabia exatamente como ela reagiria. E mesmo assim, eu o fiz, eu falei. Mas sei do fato de nada adiantar com ela. Ela

não era tão movida á sentimentos, emoções e subjetividades como eu era. E eu era movida assim, tão intensamente, não sei como cabia em mim. Não sei como eu ainda não explodi aqui e agora, esperando sua resposta – fria e calculista – sair de sua boca aberta.

- Eu não estou te impedindo de me amar.

Ela me disse, olhando em meus olhos. Parecia tão confiante e segura do que dizia, aquilo não se passava pela minha cabeça. Eu franzi a testa e as lágrimas seguraram-se nos meus olhos.

- Eu não sei se entendi.

- Eu sei que me ama, e eu te amo também. Mas a nossa relação se desgastou, precisamos viver nossas vidas.

Eu ainda não tinha entendido seu intuito com aquele discurso, mas não iria perguntar de novo para não me passar por idiota em busca de significados inventados pela minha cabeça louca e transtornada. Eu sabia sobre a volta para esse mesmo assunto, de como chegamos ao fim, de como fomos acabar em um término, se parecíamos tão felizes. Eu não estava triste, melancólica ou algo assim, com essa notícia não-inédita. Estava nostálgica.

Quer dizer, eu não sei se eu estava chegando a sentir alguma coisa naquele instante. Eu estava meio paralisada, não conseguia mais interagir sem pôr uma comoção plausível.

- Como esta Janaina? Está tudo bem?

Ela mudou de assunto e decidi seguir seu raciocínio. Enxuguei minhas lágrimas do rosto e a respondi.

- Sim. Estamos morando juntas.

- Deve estar sendo ótimo para vocês duas.

Ela estava supondo, com seu tom autoritário, estar sendo ótimo para nós duas. Queria jogar – como se fossem documentos – no rosto dela, que não. Nossa convivência não estava lá indo tão bem. Ela tinha aquele ar de esperta e sabichona de saber sobre todo os acontecimentos ao seu redor. Eu sempre detestei isso nela. Suas perguntas não pareciam perguntas, pareciam afirmações. Mesmo sabendo que, na maioria das vezes, ela poderia pressentir acontecimentos inusitados na minha vida, isso nunca me agradou, pois ela permanece ali, só confiando em suas verdades, e se esquece de pôr o pé na lama em ocasiões precisas.

- Não muito.

Ela franziu a testa, enquanto bebia um gole de café, já frio.

- Não?

- Não estamos nos dando muito bem.

Estava esperando ela se interessar pela nossa história de vida, por todos os desafios passando juntas e os enfrentando diariamente. Queria as suas perguntas a respeito do porquê de não estarmos tão bem na nossa relação firme de cumplicidade uma com a outra.

- Entendo. Também já passei por isso, mas é temporário.

Me encontrei dentro de um mar de decepções com essa sua resposta tão fraca e acinzentada. Não estava com vontade mais de manter uma conversa, ou de manter um papo, qualquer que fosse. Se eu fosse embora dali, ou evitasse a conversa, eu iria me arrepender depois, por não ter este momento como proveitoso.

E um momento tão oportuno, tão esperado. Eu estava sofrendo por amor, por um término, nada mais clichê e comum. E quando algo na vida – o destino, universo – nos une para termos algo sobre o que falar, eu me fecho para o momento. Quem se fecha para esses momentos são covardes, eu nunca me considerei covarde, apesar do medo de enfrentar novos desafios, eu não desistia. Eu tinha os dois pés na frente, mas a minha mente me enganava, ela queria um autoconhecimento de mim como uma fraqueza da raça humana, como uma persona enfraquecida, já nascida assim: corrompida. Mas era só ela tentando me pregar peças, armadilhas; com suas construções sociais falhas e enraizadas dentro da minha cabeça.

Ela estava pedindo pães de queijo e torradas amanteigadas, logo depois, outra xicara de café. Decidi pedir uma xicara também. Percebi ela me observando falar com um semblante tão doce e sereno, então não pude me conter em sorrir discretamente.

- Eu queria que você visse o quanto você pode ser feliz sem precisar de ninguém.

As lágrimas queriam rolar novamente, com uma frase nem tão impactante assim. Mas isso foi um ato de preocupação, então isso me trazia certo contentamento. Mas eu não podia esquecer das suas posturas de traições, não permitiria mais ser enganada só com palavras bem-ditas. Eu era boa em cair nessas armadilhas.

Eu soltei um ar de convencimento. E zanguei-me.

- É sério, Olivia. Não podemos viver presos a alguém.

Outra atitude para mim, detestável nela: Todos esses discursos libertários. Ela poderia viver da forma como ela acha melhor, mas impor isso para mim era demais. Se ela concorda com tudo isso e com toda essa forma de “amar livre”, não entendo porque ela passou sete anos de sua vida comigo. Eu não compreendia essa sua lógica. E nunca a perguntei por medo de estragar toda a minha ilusão de idealização de sua imagem, onde projetei nela.

- Eu sei. Você sempre deixa esse seu ponto de vista bem claro.

- Eu só insisto em te ajudar.

Eu não me consolidava na sua forma de ajudar. A ajuda dela seria me abandonar e se concretizar por ela mesma, agindo com o ego. Depois de irmos embora dessa cafeteria, ela evitaria trocar papo comigo por telefone ou até de marcar em nos vermos novamente. Para mim, isso não era ajuda. Ela mesclaria em se ajudar, vendo esse seu lado sombrio. É tão independente, e pessoas independentes demais muitas vezes não se solidarizam coletivamente. De uma assistência malfeita, eu não necessitava.

- Eu não vejo essa ajuda vinda de você.

- Você não vê, mas está aqui.

Ela pegou minha mão - suja de farelos de pão de queijo – levemente, e acariciou. Olhou nos meus olhos e encenou – como uma peça de teatro - uma mãe tendo uma conversa preocupada com seu filho. Seu jeito inusitado agora me deu uma certa angústia no estômago.

- Eu estou aqui. – Ela me disse.

Mas logo retirei minha mão da dela e prossegui com a verdade.

- Eu saí para beber esses dias com uma velha conhecida da época de colégio.

Ela estava despreocupada com meu assunto, mas decidi continuar.

- Aquela época em que você dizia ter sido os piores anos da sua vida?

- Sim. Ela foi uma dessas pessoas responsáveis por isso, seu jeito de me tratar tão mal.

Ela deu risada.

- E agora vocês viraram amigas? Como foi isso?

- Encontrei ela em uma festa.

- Ela deve ter visto como você mudou, não é? Ela ficou assustada?

- Sim. E conversamos muito.

Ela parecia contente por esse reencontro com essa minha velha conhecida. Contente e sorridente, eu diria. Eu podia ver o brilho nos seus olhos.

- O nome dela é Larissa. Larissa Santiago.

Ela parou de sorrir, mas ainda se mostrava muito alegre enquanto eu continuava a história.

- Conversa vai, conversa vem...

Eu não continuei, Denise me interrompeu.

- Olivia. – Ela falou, em tom sério – Você sabe porque fiz isso.

Eu sabia e não sabia. Seu aspecto e coragens de liberdade privavam ela de ser alguém coerente e honesto com os compromissos assumidos com os outros? Se essa for sua ideia de liberdade, eu não queria e nem desejaria para mim essa tal de liberdade, eu também poderia chamar de uma palavra melhor: hipocrisia.

- Eu não sei. Quando você me mostra ser alguém, vem algo na minha frente e me ensina que você não é essa pessoa na qual você se mostra.

- Eu não podia viver sempre presa a você.

Aquela sua fala emergiu uma raiva tão larga em mim, eu só queria sair daquela mesa e quebrar tudo. Mas mantive a calma e continuei falando tranquilamente, como se nada tivesse me afetando.

- Então porque porra passou tantos anos da sua vida comigo? – Fiz essa pergunta, mas sem nenhuma intenção de receber uma resposta.

Não tinha como responder aquilo, com exceção de uma resposta bem fajuta. Aquelas dadas aos pais quando se é criança, quando se quebra algum objeto caro jogando futebol dentro de casa.

- Sua companhia sempre me deu segurança.

Essa resposta dela poderia enganar quem quer que fosse, menos a mim. Esse era um truque bem preparado criado por ela para se fazer imune ao sair de conflitos e clímax muito passivamente, sem se alterar e alterar seu estado de espírito. Mas eu não ignorava nada de alguém, muito menos alguém presente no meu passado, na qual me marcara tão bruscamente. Por mais da minha eloquência em obter conhecimento, minha emoção sempre falará mais alto. Quem sabe se o que ela falará agora não seja algo falado e enlaçado com o coração?

- Você é uma traíra. – Eu disse, articulando bem as palavras quando as soltei.

- Você pode enxergar dessa forma.

- Quer dizer, você me engana por tanto tempo e eu não tenho o direito de me sentir da forma como me sinto?

- Mais uma vez, Olivia, não estou te impedindo de sentir nada.

Aquele seu rosto pacífico em lidar com essas situações só me deixava ainda mais condicionada a agir de forma grotesca. Eu queria esmurrar alguma coisa na minha frente, eu queria gritar, correr, soltar a ira sentida há tanto tempo, mas nunca permitida de se soltar. Provavelmente me taxaria de agressiva, e iria apertar essa mesma tecla até o fim da nossa relação.

- Tudo bem. Eu vou embora então. Não tenho nada mais para discutir com você. E já entreguei suas coisas.

Deixei um trocado em cima da mesa e me levantei rapidamente, empurrando a cadeira para trás. Saí com passos firmes e descí todas as escadas. Ela me gritou.

Eu olhei para trás, com alguma esperança de que ela falasse algo que me fizesse ficar.

- Vamos lá em casa. Quero te mostrar uma coisa.



Quando abrimos aquela porta de madeira, me senti aconchegada e segura dentro daquele pequeno apartamento. Ele quase não tinha móveis. Lembrei da minha situação com Jana, como iríamos resolver aquilo, e me bateu um aperto dentro do peito por ter a abandonado sozinha, em casa. Tentei não me enclausurar nisso, eu tinha meus motivos em estar acumulando mágoas.

Andava devagar, observando todos os poucos móveis que tinham ali. Havia uma janela na sala onde dava para ver toda a vista da rua, assim como a do meu pequeno apartamento. Quando me virei para o lado da janela, incrivelmente tinha um porta-retratos nosso, com a mesma foto nossa na qual eu tinha também, naquele mesmo lugar estendido ali, na sala de estar. Não acreditei em como ela tinha deixado aquilo ali. E nem o porquê. Olhei para os nossos rostos na fotografia, tão dispersos uma com a outra; felizes, como se o mundo fosse acabar amanhã e estávamos aproveitando o último dia de toda essa ilusão chamada vida.

Me emocionei sem escrúpulos ao ver aquilo ali, exposto, para quem quisesse ver. Ela percebeu em como a minha expressão facial e posturas tinham mudado após me chocar com a imagem. Ela foi se aproximando cada vez mais de onde eu estava parada, sem reação.

- Eu nunca guardei isso. – Ela disse, quase sussurrando, perto do meu ouvido – Sempre estive do lado de fora.

- Porque? – Eu perguntei, ainda sem reação

- Nunca tive coragem de guardar.

Ela desistiu de súbito de aproximar-se, e percebi seu desejo em me tocar no ombro, mas algo a fez desistir. Ela mudou de assunto.

- Quer ouvir alguma coisa?

- Sim. O que você tem aí?

Ela abriu uma caixa que estava do lado da pequena mesa da sala de estar, onde transbordava discos. Ela pegou o primeiro em sua frente, e por sorte era um dos meus discos preferidos de vida. O Encarnado, de Juçara Marçal. Ela sabia disso, provavelmente deve ter o pego por esta razão. Ela me mostrou, suspendendo o disco na direção do meu rosto, e o colocou em um som portátil onde nem eu mesma tinha notado que estava ao lado daquelas caixas.

Ela pôs o disco com muita delicadeza, encaixando perfeitamente, sem precisar dos movimentos giratórios ou de empurrões bruscos para se adentrar por correto. Começou com a primeira faixa, O Velho Amarelo. Uma das melhores faixas, onde me traziam um contentamento tão incongruente que me faltavam adjetivos. Eu fechei os olhos sem perceber para poder senti-la melhor. Aquelas guitarras iniciais me traziam paz com os pés no chão.

Ressenti um pouco de manter meus olhos fechados. Não sabia o que Denise poderia fazer. Abri meus olhos devagar, quase como quem acorda de um sono pacífico de doze horas, sem interrupções, apenas por acordar.

Ela estava me olhando, como se admirasse uma criança brincando. Um olhar genuíno e simplório. Eu achei beleza nela por um minuto, após esse olhar. E ela prosseguia, piscava o olho bem devagar, também, como se estivesse bêbada.

Ela se aproximou novamente de mim e abaixou um pouco o volume do som, acariciou levemente meu braço.

- Sei que as coisas não estão fáceis.

- Sua intuição lhe diz isso? – Perguntei, em tom de deboche.

Ela riu, convencida, e foi se aproximando cada vez mais. Pude ir vendo os detalhes do seu rosto a cada centímetro que a mesma decidia juntar-se com o meu. Eu estava tão concentrada em seu rosto e em todas as partes, lhe

trazendo uma combinação fantástica e revigoradora para os olhos alheios, independente de quem fosse, onde não me passou pela minha cabeça suas intenções em estar aproximando seu rosto tão perto do meu. E, propositalmente, sua boca.

Lhe dei um pequeno susto momentâneo e uma certa quebra do ar quando pus minha mão em frente ao seu rosto, impedindo dele se aproximar mais do meu. Ela não reagiu. Esperou alguma palavra desordenada ou confusa saindo da minha boca. E saiu.

- Não, Denise. – Eu disse, com um ar pressinto.

Ela entendeu o recado, de certa forma, e se afastou. Demorou a olhar para mim novamente. Não que estivesse com vergonha ou algo do gênero, á ela não cabia estas negatividades imensas. Creio no seu pensamento de responder-me, quando todo o restante dentro daquele ambiente era o incômodo da presença uma da outra, berrando internamente, e o som no volume baixo, quase como uma trilha sonora de um filme moderno.

Ela cutucava os discos, sem chamar muita atenção. Me sentia feito uma estátua nos instantes seguintes, se me movesse poderia ser uma forma de ação sinistra e incomum, por isso me mantive parada até o início de um diálogo destrutivo se iniciar seu lado.

Nessas horas eu nunca sabia o que fazer. Se eu quebrava tudo ali agora ou esperaria o outro tomar a iniciativa. Sempre fui muito passiva nessas situações, eu não tinha uma plena certeza de futuras mágoas, pois, convivendo com uma pessoa durante sete anos e sendo sabedora de seus métodos subjetivos, não era de seu feito magoar-se com uma rejeição – principalmente – uma rejeição motivada como essa. O sentimento de pena surgiu, mesmo sabendo que ela não era digna disso. Era melhor ficar calada, se eu demonstrasse uma importância ela era capaz de insistir em beijar-me; e acabaria cedendo.

Mas a minha vontade era sim, de beijá-la. Porém, era óbvio: eu não faria isso comigo mesma. Iria afundar-me mais em um poço escuro sem fim, onde até por estas horas não encontrei o chão. Eu continuo caindo nele, e não sei aonde irei parar. Uma mão se estender para me puxar até a superfície era inútil agora; a mão da superfície não mais me enxergava, escuridão era tudo que alguém poderia ver passando o olhar tão depressa em minha áurea. Eu não via mais solução ou saída para a minha vida, e Denise não iria me ajudar a sair disso. Não era ela a minha salvadora, eu

sentia isso até o fundo da minha alma. Creio no grande problema, por ora seja esse: uma busca incansável em ter alguém para me salvar, de um buraco aonde mesma me enfiei. Mas o que seriam relações pessoais, se a não ser isso? Ajudas, trocas, empatias mútuas. Eu tenho tudo guardado dentro de mim e por vezes até parece que queima a pele, todas as lembranças tortuosas palpitando como um pulso ensanguentado – desse relacionamento corrosivo na qual saí, forçadamente – por iniciativa de um outro lado. Um outro lado se encontrando sem ação a minha reação imprevisível; agora, neste momento, em minha frente, mas sem o contato romântico do olho no olho. Eu penso em como tudo foi se encontrar dessa forma. Estava bem, para o lado dela, até chegarmos aqui, em sua casa. Agora os dois lados permitiam-se mofar na desestabilidade.

- E agora? Você vai sair por aquela porta e nunca mais vamos nos ver?

Sua voz saiu, sem ter contato nenhum com o próprio tom, ou em sua fala, ou no físico; como se estivesse conversando sobre banalidades diárias. A frieza dela era perceptível até em uma fala possivelmente dramática. Não amputava na dramatização.

Me perguntava o tempo todo; minha cabeça cometia nós diários sobre como era ser alguém como ela. Distante e impessoal ás emoções alheias. Eu poderia estar errada, mas era vulto percebido quando se passava.

E agora eu tentava agir como ela, berrando para o inconsciente; para negar quem eu sou agora. Isso me dava tanto aperto no peito, mas se eu agisse como normalmente eu agiria, me sentiria pior. Me lembrava um jogo de manipulação na qual eu não queria entrar e alimentar-se dele até não termos mais nenhuma forma de contato, pois ambas estaríamos exaustas, até que não haveria mais forças para se segurar a máscara perpétua.

- É isso que você quer? – Minha voz saiu seca, sem saliva nenhuma para engolir.

Minha boca estava pálida, para começo de conversa. Meu coração batia dez vezes mais rápido que o comum. Minhas mãos suavam. Não sei como fui deixar meu corpo se corromper desse jeito, por uma pequena rejeição de um beijo qualquer. Não; mas não era um beijo qualquer. Era o beijo do idealizado amor da minha vida. Aquela á quem arrisquei; doando todo o amor que eu tinha dentro de mim. Meu amor próprio se foi por ela, fui cair nesta veracidade após não conseguir dormir em um dia de insônia.

Eu não tinha mais amor próprio; eu me encontrava vazia e sugada em todos estes anos. Não digo que alguém tenha culpa nesse processo sinistro, só quando acaba-se convivendo com alguém durante tanto tempo perdidamente apaixonada, os detalhes se tornam invisíveis, não nos damos conta da rapidez que é este envolvimento com um, de princípio se forma uma dupla, e dentro de pouco tempo, viste novamente; dois se tornaram um, como era antes de ter essa adorável companhia aproximadamente acalentada. E então quando se vê a outra parte de ti, indo embora, é inevitável se despedaçar, como copo de vidro, no chão. E nesse caso, os cacos permaneceriam por tempo indeterminado. Pois não tinha vassoura ou pá nesta casa abandonada, onde nem se acarretava o habitar de alguma forma de matéria.

Quando as pessoas contam histórias sobre casas mal-assombradas eu crio uma teoria sobre elas: algum final não se deu em convicção, e então, a matéria poderia ter prosseguido na casa, mas o que todos viam era um espírito corrompido; triste; empobrecido. A minha casa tinha virado mal-assombrada. Eu poderia me negar, pois continha uma presença muito impactante na minha vida, a de Janaina. Mas ela por ela, já também caía aos pedaços.

- Não. Eu gosto da sua companhia.

Essa sua resposta me fez entristecer tanto, e entrei na desistência de continuar a conversa. Foi tão desinteressante e impessoal que já pressentia o final da história. Minha vontade impulsivamente foi de sair pela porta e deixa-la lá – sem explicações. Mas por quais motivos eu teria que explicar-me com uma traíra como ela? A minha tristeza aos poucos dos segundos foi se tornando em raiva enrustida. Era de uma impossibilidade incabível para mim; sentir a tristeza toda me corroer sem isto se transformar em um sentimento de raiva, rancor ou ódio. Mas isso só acontecia dentro de mim. Eu não teria a coragem necessária que um ser humano tem de pôr em prática um plano de vingança. Não, isso não era eu.

Mas que merda. Ela falava comigo como se eu fosse apenas uma conhecida. O que eu teria que fazer para receber um tratamento adequado e merecido? Ela me dizia tantas e tantas vezes, eu não era qualquer uma; nem para ela, nem para o mundo. Pois insistia em praticar impessoalidades ordinárias com tudo, e envolvendo-me nesta teia anti-arbitrária.

Meu cérebro não parava de processar dúvidas nem por uns instantes. Ele estava ali, maquinando a possibilidade de Denise um dia perceber como a forma de sua fala e a forma de seu tratamento machucavam toda a minha forma e o meu molde de ser sensitiva exacerbadamente. Mas ela sequer falava comigo sobre o que sentia, não poderia esperar nada mais. Por ora, creio que o problema seja meu, e seja esse: o de esperar demais do que vêm de fora. Pois bem, se eu não esperasse, viveria em constante angústia com o meu eu? Meu desejo de pôr fim á minha vida só aumentaria gradativamente. Eu sabia do meu desejo, de me tornar livre da dor e das desestabilidades da vida, e não da vida em si. Mas o meio já provou-me incansavelmente que a própria vida é desestabilizada. Mutável. Nada é fixo. Minha consciência nunca sucedeu-se ao costume. As minhas experiências dizem o contrário, mas a minha essência vai em frente com ela, e se nega a acreditar nessas impurezas de volubilidades.

Eu me ergui e fui em frente. Segui até a porta da sala de estar e a abri, olhando para trás.

- Você vai embora mesmo? – Ela me olhou nos olhos.

Aqueles olhos azuis penetravam tão cegamente em mim fazendo minha motivação de resposta sumir. Como se estivessem se perdendo e minha consciência se tornasse analfabeta.

- Não há nada aqui que me faça ficar.

Fechei a porta e uma pontada no peito direito surgiu, imprevisivelmente.

A minha vida ficara cada vez pior.

## VII

Tinha começado a chover logo quando saí de lá. Entrei no ônibus pingando, molhando tudo por onde passava. Do meu cabelo até meus sapatos encharcados, sujos de lama da calçada escorregadia. Eu subia a escada do meu prédio devagar, para não causar acidentes por conta do molhado. Era uma sensação insuportável fazer qualquer movimento físico quando se sentia dor e angústia por dentro. O corpo todo se paralisava na estranheza. Expressões faciais, jeitos de andar, falar e agir. Os outros se contagiavam com isso também. Mas como não me mexer neste estado? Não havia ajuda, braço direito. Eu queria ter um tempo para descansar, mas a vida própria já é o cansaço. Como descansar no próprio cansaço? Não há lógica. Eu só pensava em desistir. Era o melhor caminho. Estive arduamente tentando viver como alguém normal desde a adolescência, nunca obtive êxito. Era como se algo me puxasse sempre para baixo, em vozes se perpetuando como mantras no verso e no avesso das ações que saíam descabidas de mim.

Acabei de subir todas as escadas, exausta. Pus a chave na fechadura da maçaneta – som ou ruído nenhum saiu. Mas eu ouvia gritos de relance, me perguntei se era naquele apartamento. Pus o ouvido direito sob a porta e me atentei. Eu estava certa. Era ali mesmo, no apartamento aonde eu residia. Me inundei em dúvidas; não sabia se era certo entrar ou não. Eu ouvia a voz de Janaina, mas não identificava quem era a pessoa com quem ela discutia. Era uma voz masculina.

Decidi seguir minha intuição já quase marginalizada pela minha racionalidade – na qual se opôs a nunca mais acreditar nela como alguma forma de veracidade absoluta, e entrei depressa, como um vulto, um vento fazendo barulho na porta. Entrei pela cozinha. Tomei cuidado para o barulho dos sapatos não se rangerem contra o chão, evitando assim o ruído que iria fazer percebido a minha presença. Estava tudo em silêncio, eles tinham parado a discussão por conta dos barulhos que ouvia. O imprevisto deles falhava; pois ouvi repentinamente um gemido de choro. Eu sentia ser Janaina a pessoa a soltar os gemidos. Dei passos longos para evitar novamente algum barulho contra o chão até poder ter visão da sala de estar.

Eu me virei para a porta de passagem entre a cozinha e a sala e me paralisar na cena que vi. Creio que eu tenha ficado boquiaberta sem eu mesma perceber. Tive tonturas e meu olhar se embaçou.

Era Miguel. Ele estava com um revólver 38 apontado para a cabeça de Janaina. Ela gemia de tanto chorar. Quando me viram, suas reações não poderiam ser mais espontâneas: ela parou de segurar o choro e quase como um bebê, explodiu em lágrimas. E Miguel, abaixou a arma e disse, olhando nos meus olhos, com profundo desespero:

- Olívia, me dê uma oportunidade de explicar isso. Não é o que você pensa.

E o que é que eu estava pensando, afinal? Eu não estava pensando em nada, eu só queria sair dali. Só não queria mais viver. Que diabos ele acha que eu estaria pensando? Merda. Nada justificaria o fato dele estar quase tirando a vida de alguém, e provavelmente eu cairia nesta justificativa tola, aonde, no futuro, ele me daria. Eu sempre dava ouvidos. Um defeito meu a ser trabalhado. Às vezes temos a obrigação de fechá-los um pouco e nos escutar, hábito nunca engolido por mim.

Me ocorreu um ato involuntário. Minha mão se estendeu até a mão de Miguel, aonde se posicionava a arma agora para baixo, devagar e suavemente, e a retirei, escondendo atrás das minhas costas, sem problemas. Eu estava com um rosto entorpecido, e Janaina continuava aos berros de choro.

- Eu não quero explicações. Só quero que você vá embora. Por favor.

Ele continuava com olhos de desespero. Parecia filtrar a minha fala e a obedecendo. Arrancou a mochila cinza dele posta sob a mesa e foi chegando devagar até a porta. A abriu e me olhou.

- Eu queria te fazer entender a situação.

- Eu vou entender. Estou com Janaina e ela vai me contar exatamente a situação. – Desprezava sua presença enquanto minha voz saía.

Ele fechou a porta, sem insistências, demoras ou condições. Repousei a arma devagar na mesa e fui até o sofá com Janaina, ajudando ela a se sentar. Estava tremendo e soluçando bastante. A deixei lá e busquei um copo cheio de água gelada para ela na cozinha. Sentei ao seu lado, esperando ela acabar com a água do copo. Parava de soluçar aos poucos, e foi respirando fundo. Se acalmava, admirando a paisagem da janela.

- Agora você me conta.

Ela me olhou fatalmente. Ela poderia compenetrar-se em cima do meu olhar até amanhecer, assim como eu também o faria. Queria saber a resposta através dos olhos, mas alguns imprevistos precisam ser ditos com nossa linguagem limitada e prepotente. Ela segurou minha mão, e olhava nossas mãos entrelaçadas.

- Olivia – Ela suspirou - Miguel é o pai do bebê.

Eu fiquei perplexa. Então, o motivo todo era este? Motivo de tensões e de estresses de ambos, sem fim? Mas como isso aconteceu tão inesperadamente? Eu não havia pensando em uma possibilidade concreta dos dois juntos. E de um filho dos dois. Que eu saiba, eles nunca se gostaram. Mas é uma tendência a amarmos sempre os nossos inimigos. Analisava isto desde a pré-escola, com casais de mentira inventados pelas crianças. O menino fingia odiar a menina, mas quem sabe aquele ódio não seria uma paixão platônica disfarçada? Homens sempre se comportam dessa forma quando sentem algo incontrolável. Como eles amam o caos e a destruição mais que eles mesmos.

Não assumem um sentimento genuíno, e por isso, criam a guerra e a desordem. E os poucos assumindo seus sentimentos, se tornam máquinas de ódio, atirando nas mulheres – as quais não valorizam este sentimento, tão raro em um homem. Chega a ser patético como os próprios se comportam em bando.

- Eu ando muito estressada pois ele não tem coragem de assumir um filho. É um covarde.

- Todos os homens são covardes. – Eu a completei imediatamente, sem pensar.

Ela soltou um riso frouxo.

- Imagine se relacionar intimamente com eles. Deve ser melhor ser você. Se sentir atraída por mulheres.

Eu não queria entrar em um discurso aprofundado de como não era tão bom – socialmente falando – estar no patamar que estou, sem conseguir me relacionar amorosamente com homens, pois sinto um asco por eles. Em que ela, estando onde está, se encontra em posição confortável, todo o desejar das pessoas como uma mulher seja. As coisas vêm mais fáceis quando você agrada a maior porcentagem da população. Mas quando se encontra na margem, o sucesso se esconde, e geralmente a felicidade se inclui nisso. Eu não era uma pessoa feliz, eu nunca fui. Mas não atribuo

essa minha infelicidade á meras questões de sexualidade, ou o que for. Meu caso em particular chegava a ser enterrado, denso, tenso, profundo, intenso. Mas parando para pensar melhor: não se mede sofrimento. Desconversei.

- Então, ele queria te matar.

- Sim. Mas eu disse a ele que iria contar para todos que ele era o pai da criança se ele pelo menos, não pagasse pensão.

- Nem a pensão ele queria pagar?

- Nada, Olivia. Ele não quer esse filho.

Bom, era compreensível. Miguel não tinha dinheiro nem para se sustentar, quanto mais um filho. Porém, nunca pensei na sua capacidade de matar alguém para se livrar de um problema. Acontece e temos o dever de assumir.

- E eu não quero abortar. – Ela continuou – Ele insistiu para que eu o fizesse, mas eu não quero.

- Eu entendo. E agora? – Eu perguntei, supondo sobre ela ter alguma solução, mas eu sei: ela não teria.

- Acho que, se você voltasse á trabalhar...

- Eu não posso. – A interrompi.

Ela franziu a testa, demonstrando desentendimento.

- Quer dizer, não consigo. – Completei.

Ela parecia indignar-se com a minha resposta, mudando sua expressão de desentendida para quase como uma ditadora.

- Olha, Olivia, temos que sobreviver de alguma forma. E você precisa pagar sua parte do aluguel, não pode ficar só por minha conta. – Ela foi dando pausas ao longo das palavras, ainda gaguejando do susto de quase ter morrido – O que há contigo? Perdeu a força de vontade para as coisas? Nem escrevendo está mais.

Enquanto Jana falava pelos cotovelos, me perguntava constantemente o motivo da minha existência no mundo. Percebia uma certa tendência de crises depressivas nos meus anos de vida. De três em três anos ela voltava com tanta força, mas sem nenhum motivo externo específico. Ela só voltava, como um efeito fantasmagórico. Eu estava com vinte e seis anos agora, e estava percebendo sua volta gradativa. Me observava nas situações também, muito passiva. Ela estava do meu lado, falando de mim, sobre minha vida, sobre o que eu devo fazer e o que não devo fazer, e eu não



respondia absolutamente nada. Eu agia quase como uma criança chorona. Porque criança assim é boa de ser pisada – metaforicamente – por outras crianças, as mais encenqueiras. O mundo não passava de uma pré-escola, ou de um parque de diversões. Todos eram crianças, e eu era aquela sempre sozinha no balanço, sem ninguém para balançar-la. Enquanto as outras se ajudando, prezando pelo coletivo, brincando de amarelinha. Nenhuma delas olhavam para mim. Esta criança sozinha vai ficando cada vez mais amargurada, e escondendo essa amargura dentro de si, pois os adultos não se interessavam muito em ouvir sobre desabafos infantis – enfim, criança ainda não tinha conhecimento de nada sobre a vida, em suas visões tão pobres de mundo.

Desde mais nova, sentia uma raiva constante de adultos. Os seres horríveis, achando-se melhores e superiores que os mais novos. Como se anos de vida trouxessem um dom divino para alguém. Alguns iam em busca de conhecimento, pois esta sede humana deveras ser saciada fazendo os mesmos sentirem-se dignos de inteligência. Por conseguirem conhecimento breve sobre algo, achavam que já podiam ser donos do mundo. Mas a fase adulta era isso, em completude. Fui compreende-la quando ingressei nela, por final. Batalhas de egos sem fim. Quem consome mais e quem irá morrer nas garras deste consumismo para saciar-nos. Lembro-me bem da minha pressa – chegava a apertar o peito – de tornar-me adulta.

Um grande erro da vida: querer tornar-se adulto.

Crianças e adolescentes com este desejo flamejante de chegar lá. Pois eles veem e eles sabem: quem está no comando são eles. Mas eu era jovem ainda, não era completamente adulta. Vinte e seis anos é uma juventude-adulta. Aproveito ainda os restos e as sobras da boa vida, mas com cargas de responsabilidades sob as costas. Inclusive, nunca entendia essa paixão pela juventude onde o mundo vangloriava. Eles querem nos transformar em adultos o quanto antes, mas a juventude prevalece como a fase de ouro.

Eu nunca tive fase de ouro. A minha juventude se reflete na pessoa que sou hoje. Triste, ansiosa, piedosa, torturante.

Olhei para Janaina. A frase simplesmente saiu, em forma involuntária.

- Eu quero me matar.

Ela não respondeu. Mas analisava seu semblante discretamente: preocupou-se comigo. Mas ainda não mantinha palavras na ponta da língua. Não creio que as teria por um bom tempo.

- Você quer comer alguma coisa? – Perguntou-me, ignorando o contexto todo da conversa.

- Jana... – Eu relutei em continuar

- Eu acho que dá para fazer algum prato saudável aqui, não é? – Sua voz estava nervosa – Com os ingredientes do fim do mês.

Ela levantou do sofá, e foi até a cozinha. Enquanto caminhava para o outro cômodo, retirou a arma de Miguel de cima da mesa. Provavelmente iria escondê-la em um lugar muito sigiloso, onde eu não poderia imaginar aonde. Mas ela me conhecia bem; eu sou analítica. Eu iria achar esta arma quando estivesse com vontade. O medo dela poderia ser este. Não sei se ela foi para a cozinha realmente fazer algo para comer ou para guardar o revólver. Fui até o banheiro, pisando devagar no chão, ouvindo meus pés, ainda com sapatos molhados, pisarem sob o chão. O barulho me confortava de certa forma.

Fechei a porta em silêncio e a tranquei, tirando meus sapatos e as meias encharcadas. Tirei minhas partes de baixo e sentei no vaso sanitário. Olhar para a parede do banheiro enquanto sentada sempre teve um significado excêntrico para mim. As paredes dos banheiros usados normalmente tinham espécies, umas texturas dos mesmos tipos. Esses riscos formavam desenhos aonde minha cabeça facilmente inventava, no mesmo segundo que as via. Era engraçado e significativo. Esse banheiro tinha o mesmo. Encontrei um dragão cuspidor de fogo, com a língua de fora. Observei ele atentamente, demonstrando fúria e ódio. Eu queria demonstrar minha fúria por, muitas vezes, cuspidor de fogo.

Me limpei, percebi que tinha menstruado. Eu sangrava muito, abri o lixo e pus o papel sangrento virado para baixo – evitando que qualquer um que abrisse ele tivesse uma visão do meu sangue. Minha mãe, desde pequena, me ensinou; nosso sangue é muito íntimo para ser mostrado assim. É como sexo. Você não doa seu sexo para todos, se o faz, é porque não se preocupa muito com o que irão fazer com o seu íntimo, com suas alegrias e dores. Isso vale para tudo: como age e deixa de agir. Se não se importa em mostrar teu sangue, está deixando as profundezas do seu ser, todas abertas em exposição. Ensinações de minha mãe, sempre lembro deles quando menstruo. Mesmo não concordando completamente, ela tinha uma firmeza em ensinar-me, sempre admirei. Era uma mulher forte como aço. Meu amor e admiração por ela transcendiam qualquer limite

físico. Às vezes me enganava: pensava estar sempre aqui do meu lado, nunca pareceu morta, de fato. Mas o fato da solidão me encher os pulmões me fazia questionar o tal apego pela matéria; que eu, querendo ou não, me deixo ser contaminada por ele. Pois sou humana e vivo nessa civilização, e uma das bases principais dela é esta: o apego. Não percebem as criações de pobreza de espírito em todos. Nos sentimos vazios, nos precipitamos, achando que outrem poderá nos preencher de algo na qual nem sabemos o que é. Depois percebemos, nada dessa idealização é real. E voltamos a um buraco negro constante.

Senti lágrimas descendo do meu rosto, e eu nem mesma percebi o nó bem atado na minha garganta formando toda a água salgada. Olhei-me no espelho sujo do banheiro. Me achava feia, sem sal, pálida, rosto embriagado de morbidez. Não achava nenhum motivo sensato para gostar da minha apresentação física. Me sentia um lixo a cada dia passado como sombra. Não sei bem o motivo de me sentir assim em relação a mim mesma. Mas sempre foi assim, porém, agora o fundo do poço se atingiu. Me sentia exausta e cansada, sem ter movido um músculo sequer. Minha cabeça pesava como tijolo. Meus olhos encontravam-se cada vez mais baixos, minhas pálpebras não mais conseguiam surpreender-se com nada. Eu olhava novamente no espelho e meus olhos adormeciam, como se eu estivesse sob o efeito de maconha. Mas que situação deplorável essa na qual eu havia chegado. Um ser humano não consegue viver desta forma. Se não for para viver bem, que não viva. Era o meu jeito de pensar. Se eu não estava bem, não me sentia grata por ter a vida que tenho, então o que eu fazia aqui, afinal? Ocupando espaço, presença quase nula, incapacitando outros de viverem normalmente, sem preocupações. Isso gerava preocupações nos demais nas quais eu não queria me responsabilizar. O melhor jeito para acabar com toda essa insatisfação era ir embora. Ir embora para sempre, deixando minha matéria ser corroída e decomposta. Minha alma iria para algum lugar. Estaria perto de todos, ao mesmo tempo. Não sei se minha existência iria além disso, mas eu seria capaz de arriscar novamente.

Eu abri a primeira gaveta da pedra da pia. Tinham objetos cortantes. Tesoura e dois giletes fechados, em um pacote. Peguei a tesoura, e agarrei uma de suas pontas afiadas. Não pensei duas vezes, a apertei firmemente no pulso. Eu esperava que saísse algum sangue.

Ouvi batidas agressivas na porta ao mesmo tempo em que tentava mutilar-me.

- Olivia? – A voz de Jana estava tensa, dava para sentir até pela barreira da porta.

Sua tensão me tocava, de uma forma ou de outra, e me senti mais pressionada a enfiar a ponta afiada da tesoura mais fundo. Foi o que eu fiz.

O sangue jorrou de forma brusca. Caí no chão, não conseguia manter uma força apropriada para meus pés se sustentarem no chão. Eu não ouvia mais nada. Minha visão na parede do banheiro se encontrava, agora, turva e embaçada. Olhei para o lado e o sangue escorria pelo chão e pelo tapete do banheiro. E as batidas na porta continuavam. Essa foi a última cena que via antes de fechar os olhos e adormecer.

## VIII

- O corte não foi tão fundo assim. Não foi nada grave.
- Tem certeza?
- Sim. Agora, a recuperação pode demorar um pouco. Ela perdeu muito sangue.

Abri meus olhos e vi um senhor branco e barbudo tendo um diálogo preocupante sobre a minha situação com Janaina. Percebi que eu ainda estava aqui. Crise desgastante. Olhei para meu antebraço, estava todo coberto de gesso. Eu via o sangue ser absorvido por ele, já se encontrava todo manchado na região próxima à minha mão.

Tentei me localizar direito. Era uma cama de hospital, em um quarto com mais duas pessoas. Ambas adormecidas. Eu via a recepção e as pessoas trabalhando do lado de fora através da parede de vidro transparente do quarto. No mesmo momento, surgiu um homem negro, de boina e mal-vestido na recepção, com um andar um pouco desesperado. Ele foi chegando cada vez mais perto e pude perceber: era Miguel. Como Miguel teria descoberto isso? Ele e Janaina se falaram? Mas como, depois do incidente que aconteceu? Estava confusa. Acordar de uma crise, confusa, é a pior sensação, como se eu estivesse em um mundo paralelo. Como se todas as situações se passando agora no presente fossem inexistentes. Efetivamente, a impressão que eu tinha sobre a vida era exatamente essa. O presente parece ser sempre algo inexistente, e o passado sempre parece existir no instante do presente.

Ele abriu a porta do quarto, com calma. Olhou para mim e sentou-se na cadeira ao lado da minha cama, sem olhar para Janaina ou para o homem barbudo, crendo eu que fosse o médico. Pegou meu braço engessado delicadamente e passou o dedo polegar sob o pulso. Soltei um gemido de dor. Ele olhou para mim, e caiu no choro, colocando sua mão sob o rosto.

A minha reação foi apenas esperar ele parar de chorar. Aquilo não me sensibilizava, não sabia bem o porquê. Minha sensibilidade geralmente não escolhe momentos, mas dessa vez, nada me engrandecia por dentro. Janaina o olhava discretamente, com olhos de rancor, mas ao mesmo tempo de

pena. E o homem notava a minha expressão, para aquela cena de Miguel. Como se estivesse me analisando. Eles iam chegando cada vez mais perto de mim. Aquela aproximação me cheirava a invasão, estava começando a me incomodar.

- Olha, eu sou da área de psiquiatria também. – O homem continuava a falar, olhando nos olhos de Janaina – Quer o meu número, caso precise?
- Por favor. – Ela respondia quase maquinalmente, aos sussurros.

O homem começara a me irritar, em plena recuperação de uma quase hemorragia que tive. Ele olhava para mim como uma doente, evitando ter diálogos sérios e adultos comigo.

Ele pegou um cartão de seu bolso e deu para Janaina. Enquanto isso, a crise de choro de Miguel parava aos poucos.

- Eu vou deixar vocês a sós. – Ele disse, enfiando sua mão branca e veíuda no bolso do seu jaleco, dando passos lentos até a porta.

Miguel olhou para mim, seus olhos estavam iguais aos meus, da última vez que me olhei no espelho. Baixos, cansados e deprimidos. Me lançou um sorriso amarelado, ainda com lágrimas descendo de seus olhos. Pôs sua mão sob a minha, acariciava meus dedos tão levemente que quase não os sentia. Ficamos trocando olhares profundos e complexos; sem saber direito os significados dos mesmos, por um grande período de tempo. Janaina se encontrava do meu lado esquerdo, em frente a Miguel, assistindo à programação monótona da televisão do quarto, com o volume quase mudo, para evitar acordar os outros pacientes. Ela sequer prestava atenção na relação que eu estava tendo não-verbal com Miguel ali. Ela sequer olhava para ele agora.

- Como você soube? – Eu quebrei nossa rara conexão, deixando a curiosidade matá-la.

Ele olhou para Janaina, indicando que tinha sido ela sim, á avisa-lo sobre isso. Ela não notou sobre como estávamos falando dela, ainda muito atenta a televisão. Percebia sua inquietude em pronunciar Jana na conversa, então desconversou com um assunto inesperado.

- Olivia, eu quero que você venha morar comigo por um tempo.

Eu espantei-me de súbito. Não sei se seria uma boa ideia morar junto com um amigo na qual acabara de tentar tirar a vida de uma pessoa tão importante para mim, por covardia. E é bem provável que ele planejasse uma lavagem cerebral em mim, para me fazer pertencer

ao seu lado: como se eu fosse uma pessoa em cima do muro. Eu nunca o fazia, e ele bem sabia.

- Então, o que me diz? Conversei com ela. – Ele agora tentava chamar a atenção de Janaina – Você, nesse estado, e ela com outras coisas na cabeça. Não vai dar certo.

- Porque não daria? Eu estou bem. – Falei com a maior convicção possível e tentando mostrar veracidade no olhar.

Miguel riu de nervoso. Virou-se para o outro lado, olhando agora para a tevê. Ele não prestava atenção em nada passando no canal, olhava reflexivamente, apenas para pensar no que me responder. Ele não parecia ter se irritado ou entristecido com a minha resposta, aparentava normalidade, porém, dentro dele estavam se soltando milhões de turbinas; e nenhuma delas queriam sair pela boca em forma de palavras.

Eu não entendia a tamanha preocupação que ele e Janaina tinham comigo. Uma vida á menos no mundo, como se essa minha materialização; como se o plano físico fosse tão importante assim, e logo eles, acreditavam tão sabiamente em reencarnação e espiritualidade. Conversávamos sem parar sobre assuntos do gênero, mas me parece que suas cabeças absorvem só as teorias congruentes. Na prática agem com mediocridades.

- Vai ser bom. Não vamos fazer nada o dia inteiro. – Ele me respondeu serenamente

Ele tinha fé disto ser a cura para a minha depressão crônica: o ócio. Bom, muitas vezes isso constantemente piorava a situação, pois a cabeça começaria a pensar mais do que devia. Ela não pode pensar tanto, acaba saindo da realidade. A realidade é uma teia de limitações, enquanto a cabeça não tem limite nenhum. Se deixar pensar demais, o resultado é a loucura. Socialmente julgada como loucura. Para os mais desestruturados, poderia ser genialidade. Passei tanto tempo em ócio já querendo fugir dele.

- Aqueles jogos de tabuleiro. Ainda os tenho lá em casa. Estimula o raciocínio lógico, se entreter um pouco com algo não subjetivo. O que acha? – Ele continuou prosseguindo sobre suas ideias imaginadas sobre nós dois morando em um mesmo lar.

Realmente, estar com Miguel me fazia esquecer um pouco minhas complexidades atordoando-me desde sempre. Essas manias extrovertidas possuíam ele, e eu gostava disso, pois eu era o oposto em exagero. O completo oposto. Comecei a pensar na probabilidade dessa ideia concretizar-se. Mas

naturalmente, como nada forçado, pois se assim o fosse, o ambiente se tornaria desagradável, se eternizando assim; no incômodo.

- Pode ser. – Demonstrei descaso na minha expressão.

Ele sorriu com vontade. Sorriu com vontade pois percebeu, meu descaso disfarçado de vontade. Sua percepção foi bem intuitiva, e tinha ciência de que ele me conhecia ao ponto de perceber o meu desejo escondido de ir morar com ele por algum tempo, apesar do ocorrido entre ele e Janaina. Eu queria ver, pagar para ver: duvido que ele me contasse a história por inteiro. Mas eu iria insistir, do mesmo jeito. Melhor precaver do que remediar. Eu iria esperar minha recuperação emocional, pelo menos dez por cento dela, para conversar sobre o assunto. Aquilo tinha me deixado abalada, e creio ter sido isso, a gota d'água para a minha tentativa de suicídio.

- Tem uma lista de remédios para você tomar, Olivia. – Ela leu o papel que se encontrava em sua mão junto com o cartão do médico – Estou com eles aqui, me avise quando estiverem indo, para irmos juntos.

- Não precisa irmos juntos. – Miguel interrompeu Jana e estendeu a mão para ela – Eu compro os remédios. Me dê o papel.

Ela foi indiferente. Seu rosto não mudou, não abriu um semblante amargurado ou conturbado como costumava fazer. Mas mesmo assim, deu o papel para ele, relevando seu comportamento.

Ela muitas vezes agia com descaso em questões onde, em sua cabeça, as colocava como prioridade. Se preocupava sozinha, sem dividir suas extensas aflições com ninguém. Brotava-se uma expressão de “nada” em seu rosto e parecia se iniciar um jogo emocional com as pessoas ao seu redor. Tenho a impressão destas suas atitudes serem movidas pelo orgulho. Mas ela era sim, uma pessoa orgulhosa. Eu creio. Creio também que ela não tinha essa convicção sobre ela mesma. Miguel deu um longo suspiro, olhou para mim, e sorriu enorme, até as orelhas movimentarem-se:

- Está com sede de café?



A casa de Miguel era uma casa mesmo. Não era um pequeno apartamento de três andares, morava ele e seu cachorro. O nome dele é Hugo, e é um rottweiler. É manso, diferente de outros rottweilers que conheci durante minha vida. Não mordía, só era carente demais. Estendia a pata

o tempo todo e enfiava a cabeça em sua mão nas horas mais inesperadas, inimagináveis. Fazia três semanas que eu estava ali e ele já tinha se tornado meu grande amigo. Me fazendo companhia no pequeno sofá velho do lado de fora da casa, na garagem. Adorava brincar no banho de mangueira onde Miguel o dava todo domingo de sol. Vê-lo brincando me enchia o peito de algo bom. Não sei se o sentimento era exatamente amor, mas era algo bom.

A casa era verde, e as portas e as janelas, de madeira. Mas a tinta já descava e os cupins comiam aos poucos as portas de entrada. Era um lugar onde me contemplava, me sentia em um interior. Não aparentava uma cidade grande, até quando eu saía da casa e passeava pela vizinhança. A mãe de Miguel vinha vê-lo frequentemente e ver Hugo também, pois ele era o cachorro da família. Sua mãe foi despejada e não sei aonde morava agora. Miguel morava nessa casa pois um grande amigo se mudara e a casa ficaria vazia. Ele preferiu seguir sua rota com sua mãe, mas ela insistiu que não. Era para ele tomar um rumo da vida dele, pois aquela caminhada era dela. Ele tinha a mesma idade que eu e trabalhava em um restaurante como cozinheiro em bairro nobre. A comida de Miguel era divina.

Aprontei-me depois de acordar. Tomei um banho, escovei os dentes e fui tomar uma xícara de café. Ele estava lá, sentado na mesa da cozinha me esperando acordar.

- Eu já fiz o café. – Ele encheu até a metade da xícara – Não precisa se dar o trabalho de fazer.

Miguel estava sempre muito tranquilo pelo começo da manhã, era um hábito em comum comigo. Para mim, o melhor horário onde meus nervos encontram-se em algum lar é quando o sol nasce. Mas quando os horários começam, de dez da manhã em diante, horário de turbulência e caos em cidade grande, sinto de longe a desestabilização da minha passividade, mesmo estando em casa. Começava a me corroer como máquina de trabalho. Era bom, ninguém para me interromper em algo que eu estivesse fazendo. Todos acordavam, e quando se acorda, é a transferência de um mundo paralelo para o mundo real; a despedida dos sonhos psíquicos, a sensação de confusão profunda pairando e rodando em cima do ser. E quando nos encontramos neste estado, quase como um nirvana, ninguém tem tempo para ser um julgador, um maléfico, um vilão ou alguém com uma certa ciência de ser um calo na vida das pessoas. O começo da manhã

era sagrado, e eu não creio que eu era a única a pensar de tal forma. Alguns tem preguiça de acordar cedo, já eu tenho preguiça de dormir cedo. Tenho preguiça de dormir. Eu prefiro filtrar-me em universos de sonhos enquanto encontro-me acordada e sã, do que não ter a plena consciência do que estou sonhando, não ter a capacidade de controla-los: isso me enlouquece tanto, quase não respiro, quase me falta ar nos pulmões.

- Obrigada. – Eu disse, delicada, quase como uma semi-desconhecida.

Peguei a xícara pela parte de cima e não sentei ao seu lado. Fui ao fogão ver o que tinha nas panelas. Um resto de ovo mexido e aipim. Miguel olhava para mim, curioso em saber quais as minhas preferências culinárias. Notava se surgiria algum semblante em mim notório de desgosto pela comida. Mas eu nunca expressava muito bem, quase nada que sentia. Em meu rosto pálido nada surgia.

- Gosta de aipim? – Ele perguntou

- Minha mãe sempre fazia.

- Então gosta?

Não é que eu gostasse, fui acostumada a comer por muito tempo. Então, desde sua morte, se tornou algo meio simbólico e lembradiço. Alguns costumes, guardo com carinho por ela, apesar de nunca ter parado para pensar se o gosto me agradava de verdade. Era como ter um vício desde pequeno e não saber direito porquê o tem.

- Acho que sim.

Eu nunca tinha certeza direito das minhas preferências, apresentava-me muito submissa á escolhas; mesmo pequenas, como um prato de comida de café da manhã.

Cacei um prato no armário, sem pergunta-lo onde estava. Tinha achado na prateleira de cima com uma das portas quebradas. Coloquei a comida no prato – saindo ainda o vapor da quentura – e sentei-me ao seu lado na mesa da cozinha. Aquele momento de silêncio enquanto se estava comendo para mim era outra espiritualidade sagrada. Não se fala enquanto come. Mas apesar disso, eu não gostava de falar, nem quando eu estava comendo. A fala para mim era oculta, inexpressiva, intangível. Um pesadelo vivido todos os dias. Mas Miguel infelizmente quebrava isso. E principalmente no horário da refeição. Eu o odiava por alguns minutos, enquanto tentava puxar assunto.

- O que você acha de dividirmos essa casa com alguém?

- Como assim? – Eu não tinha entendido sua intenção nisso.

- Bom, para nos ajudar. Não acha? Ficaria mais fácil ter alguém aqui para dividir custos. Compra de comida, a faxina, limpeza e tal.

Eu concordava com ele em questões de custo, mas não queria mais alguém para fingir socialização, fingir algo que não sou. Isso era desgastante e exaustivo. Se com Miguel, meu amigo, alguém confiável, me ousava a sentir-me assim, imagino o horror que seria alguém na qual não sou familiarizada morar no mesmo teto que eu, nestas condições. Meu braço todo cortado e desnutrido, sem força para manter um mínimo diálogo com alguém. E um diálogo superficial; era o mais detestável para mim.

- Isso é, se você concordar. O que te deixar mais confortável. – Ele terminou.

- Não acho uma boa ideia no momento. – Fui clara e firme na minha resposta, sem parecer muito grosseira.

Ele balançou a cabeça para cima e para baixo, afirmando. Terminou sua xícara de café e a deixou na pia.

- Entendo. Marquei com uma mulher hoje para ver o quarto vago, mas posso desmarcar.

Outra atitude detestável nas pessoas: fazer algo sem avisar aos terceiros que irão afetar-se com isso. Ele me perguntou se eu achava uma boa ideia, mas antes mesmo de me perguntar, já tinha tomado a decisão na cabeça e marcado com outra pessoa. Falta de honestidade, descompromisso descabido. Eu não perdoo. Já engavetava um pouco de raiva, depois disto. Mas decidi mudar de assunto.

- Eu quero saber de você e Janaina. O que houve, exatamente. – Mudei imediatamente meu tom de voz, para um mais severo e ríspido

Não sei como consegui puxar esse assunto agora, depois de semanas acordando no mesmo teto que o homem colérico; não havia me batido a coragem necessária da ousadia de pergunta-lo a dúvida mais ociosa da minha mente: o porquê da vontade de matar.

Ele paralisou. Se petrificou, como estatueta, após ouvir estas palavras saindo da minha boca. Ele não olhava para mim, creio que o assunto o pegou de surpresa logo pela manhã, o horário mais tranquilo do dia. Foi virando a cabeça devagar, como uma câmera lenta, até se pousar de frente a mim.

- Eu pensei que você já tivesse entendido.

- Não. – Eu continuei com o mesmo tom.

- Olivia, você sabe, não tenho condições para criar um filho. Nem para cuidar de mim, eu tenho.

Deu vontade de dar risada dessa sua resposta, mas me mantive. Um riso irônico, sarcástico. Um homem não era nem capaz de cuidar de si mesmo, quanto mais de um filho. Eu concordava. Mas achei engraçado o fato dele mesmo ter assumido isso tão naturalmente.

- Então você simplesmente tiraria a vida dela? Assim, como se fosse nada?

- Eu não ia... – Ele pensava em cada palavra que dizia – Aquilo foi para assusta-la.

- Assusta-la para quê?

- Queria convence-la a fazer o aborto.

Miguel tinha um poder de manipulação muito grande, eu era facilmente impressionável com as verdades e mentiras saindo da boca de terceiros. Muitas vezes eu nem era capaz de suspeitar de alguma mentira, por tão mal contada que ela tenha sido. Ele iniciou a história de sua vida, colocando-se em um lugar de vítima. Eu já sabia de sua história de vida e de todos os seus problemas financeiros, mas ele me contava tudo novamente em tons dramáticos, para ter a certeza de que eu estivesse me comovendo emocionalmente; ficando ao seu lado nesse enredo mal resolvido dos dois. Enquanto ele falava e eu fingia prestar toda a minha atenção a isso, me veio uma dúvida na cabeça: o do porquê deles sempre terem se odiado e repentinamente terem tido um caso como esse. E por azar, ela engravidou. A vida prega uma peça tão grande em algumas pessoas, se permanece até árduo de acreditar na benevolência das coisas fluídas do mundo. Eu nem prestava atenção mais no que ele falava, só olhava seus gestos com as mãos; tão bem articulados e facilmente perceptível daqueles perfis de personalidades ególatras.

Olhei para a minha mão e ela começara a tremer. Eu não me mantive atenta, desde quando ela tinha começado a tremer? Eu tinha começado o tratamento com aquele psiquiatra do hospital, me receitou três remédios de tarja preta, logo na primeira consulta. Irresponsabilidade profissional era algo claro nos olhos daquele velho barbudo. Eu ia ao seu consultório uma vez por semana, ele não falava muito, esperava pacientemente algum som vindo da minha boca. Passávamos minutos calados, olhando um para

o outro, e eu tinha quase a afirmativa em mim, do seu tratamento para comigo era por puro profissionalismo. Ele não me via como alguém digno de conversas, ele só estava ali fazendo seu trabalho. Não o culpo por sentir esse intuitivo nojo por mim. Afinal, eu sou alguém fora dos padrões, eu imaginava sua prepotência em sentir a minha dor de não estar encaixada em lugar nenhum. Algo nada inspirador para alguém que sempre quis fazer psiquiatria e cuidar de gente fora do normal. Provavelmente ele começou o curso por obrigação e pressão de outros, e não por vontade e desejo de fazer o que gosta. Ele ofereceu seu cartãozinho à Janaina para se auto promover, era tosco de tão óbvio. Algo me comoveu e mexeu comigo no seu consultório: foi o objeto que ele colocava do lado do sofá, onde os pacientes sentavam durante as sessões. Três caixas empilhadas de lençinho de papel. Na última vez que estive lá, vi somente duas, mas normalmente eram três. Ele imaginava que todos os seus pacientes chorassem? Meu pensamento estava meio fora do comum agora por pensar isso, mas por qual motivo associam algum distúrbio mental com gestos de choro? Me perguntei inúmeras vezes se os pacientes costumavam fazer isso lá, pensei em pergunta-lo também, mas desisti por achar a pergunta boba e infantil demais.

Lembro de ter tomado os comprimidos ontem, antes da meia noite. Era de manhã cedo agora, e minhas mãos estavam trêmulas. Me senti receosa de toma-los novamente em tão pouco tempo, eu esperaria um pouco mais antes de deixá-los descer goela á baixo. Enquanto isso, tentava voltar a realidade de Miguel se explicando por quase ter matado uma pessoa. Será que ele percebeu a minha falta de atenção na maior parte da sua fala?

- Então, espero o seu perdão. Pode ser difícil, mas eu te amo muito. – Ele finalizou.

Eu queria mesmo ter ouvido seus argumentos depois de ter contado sua história de vida, para saber e organizar na minha cabeça, a possível possibilidade de perdoo-lo. Minha falta de resposta estava questionando sua afirmação na sua mente, de que eu o tinha dado ouvidos. Eu percebi a sua percepção diante a minha distância durante a sua finalização de discurso, e respondeu:

- Olivia, você precisa mudar para sair disso.

Eu franzi as sobrancelhas. Ele obviamente tinha mudado de assunto e eu não compreendia sua intenção com a mudança de foco tão rebuscada.

Á quais mudanças ele se referia para sair disso? E sair disso se referia as minhas tendências suicidas, claro. Mas qual deixa ele tinha tragado nesse súbito momento para lembrar-me da minha aparente vontade de morrer, bem estampada no meu rosto?

- Não sei. – Ele retrucou e uma lâmpada imaginaria se acendeu – Ah! Podemos cortar seu cabelo, o que acha? Deixa-lo curto, ou inventar um novo modelo para ele. Quando estamos em crise, é a melhor época para a mudança, principalmente da aparência. Pois você não terá nada a perder com isso.

Será que ele estava certo? Mudança de aparência. Para mim, poderia desencadear um grau maior de depressão se eu me olhasse no espelho e me sentisse mais feia do que me sinto nesse instante. A mudança, em quase todas as ocasiões vem em duas vias: pode proceder á uma libertação, ou pode proceder ao caos. Me matava sempre nos atos de mudanças, a dúvida nunca fluída, sempre como pedra perpetuando em inúmeros tons nas calçadas frias da minha vida. A ansiedade e a dúvida subiam em cima de uma balança sagrada e se mantinham, até o momento de algo chegar e ter fim.

- Eu não sei. Talvez eu tenha sim, algo a perder. – Eu lhe disse.

- O que?

- Minha autoestima.

- Achei que você nunca tivesse tido isso.

Aquilo me doeu. Sua impressão seca e desfolhada sobre os modos como me vejo. Não é que eu nunca tivesse tido autoestima, ninguém nunca proporcionou isso para mim. Ou, em uma análise mais profunda, o mundo retirou isso de mim, e deixou em várias outras pessoas. E pessoas próximas nas quais fazem o favor de adaptar sua realidade á realidade de todos ao seu redor. O que Miguel estava fazendo comigo agora. Resolvi não implicar, talvez ele iria discutir até eu me sentir errada, não queria me sentir pior comigo mesma.

- Todo mundo tem autoestima, Miguel. Alguns tem mais, outros tem menos.

- Você entendeu o que eu quis dizer. – Deu pouca importância para minha correção e continuou – Podemos cortar hoje mesmo, antes da mulher do quarto chegar.

- Você disse que iria desmarcar.

- Ela só vai dar uma olhada.

Eu enfureci por dentro, mas mantive a calma por fora. Não poderia ter cabimento eu morar com alguém que mal conheço nesse estado, se isso for uma mera conversa para me manipular, eu sairia daqui. Não sei aonde encontrar algum abrigo, qualquer um valeria. Mas não poderia ter contato próximo a terceiros. Era perceptível pela minha expressão facial, da minha paixão pelo abismo da loucura e insanidade. Aquelas paixões incontroláveis; sem saber muito bem o porquê de não saber se controlar, se deixando levar pelo sentimento e ignorando a racionalização das coisas. Bom, isso era o que diferenciava os seres humanos dos outros animais, a racionalização. Se não racionalizamos, estaremos vivendo no puro caos do instinto animal que habita em nós. Não penso nisso como algo ruim, mas a civilização seria destruída em poucas semanas com atitudes como essas.

- Vamos, Olivia.

Eu estava no processo de me convencer a passar por isso. Eu já não tinha nenhum grau de expectativa de sentir-me bem ou mal, só estava imune a situações acontecidas comigo no dia a dia. Resolvi aceitar. Não sei se meu estado poderia ficar pior, mas o risco é a única oportunidade que possuo em mãos. Sem o risco não haveria possibilidade de melhorar ou de piorar; apenas permanecer no mesmo. E o mesmo já me levava a decomposição do espírito. Eu não queria ver meu espírito se desfazendo; ele era inquebrável. Tenta-lo tirar desse estado eram toda as agravações do impossível se acendendo. Minha matéria pouco importava, mas o espírito teria permanecido por aqui, até o fim dos tempos.

Muito mais que um corte de cabelo.



- Você não sabe o que quer fazer no cabelo?

Miguel continuava falando por mim.

- Queremos mudança, Peão. Mudança.

Peão era o apelido do cabelereiro daquela região da cidade baixa onde Miguel morava. Não sabia seu nome verdadeiro. Conversavam como se fossem próximos, e creio que o eram. Por um segundo, confundi-me se era apenas o jeito deles se tratarem. Iniciaram uma conversa longa sobre a mãe de Miguel e de como ela estava fazendo com sua situação financeira. Se puseram em situações difíceis em vários momentos da conversa, ouvia

de relance suas vozes, pois alguns secadores de cabelos estavam ligados e me impediam de ouvir com total confiança sobre a comunicação recíproca. Eram três mulheres ajudantes, e ele, o dono do salão. Tinham apenas mulheres ali esperando ser atendidas e mais duas nas cadeiras secando seus cabelos. Ele era especialista em cuidar de cabelos crespos. O meu já estava enorme, o mesmo ficou feliz, mas simultaneamente desacreditado com o tamanho do meu cabelo. A mulher da cadeira da direita me olhava com um olhar sedutor e malicioso, como se estivesse achando sexy a minha postura de estar sentada nas poltronas de espera e de olhar com total descompromisso para toda a estrutura do salão. Depois virou-se novamente como se não tivesse o feito. Esqueci isso e me concentrei novamente na conversa dos dois. O famoso Peão me chamou. Me levantei discretamente.

- Quero saber de você. O que você realmente quer?

Eu não sabia o que eu queria de fato, Miguel me puxou para esse lugar desconfortável e cheio de futilidades inúteis, onde no final não serviam para manter uma aparência líquida, se desfazendo no final das contas.

- O que você acha que ficaria bom em mim? – Fui calma.

Ele tocou no meu cabelo para sentir a textura necessária e deu risada.

- Ele está precisando é de uma boa lavada. Há quanto tempo não lava ele? – Ele, ao contrário de mim, foi bem indiscreto e falava alto – Você precisa usar uma maquiagem também, está com um rosto muito morto.

Eu odiava indiscrições ao meu respeito. Eu não queria responde-lo, se eu o fizesse, é bem provável que eu não seria alguém tão agradável assim. Mas ele começou a ser bem grosseiro, fazendo perguntas retóricas como se o tempo não existisse.

- Eu não vou deixar você tocar no meu cabelo. – Eu o calei com essa frase.

Ele olhou para Miguel espantado, não entendendo a minha reação com as suas capacidades de intrometimento e cinismo para comigo. Eu era calada, mas dessa vez resolvi inverter os papéis. Não tolerava aquela forma de tratamento, e não era um desses perfis insolentes que falariam assim comigo, do porquê dele me achar tão ruim e tão feia. Ele parecia mais confuso do que enfurecido. Na verdade, nem um pouco enfurecido. Miguel estava com um semblante de desentendimento, assim como ele. Ambos não percebiam as minhas inseguranças se alimentando de uma forma bem perceptível através de palavras grotescas vindas deste homem? Não, nenhum deles percebiam. Ele olhou para baixo, e foi perdendo sua expressão



de susto. Olhei para baixo, assim como ele. O percebi olhando para o meu braço, na parte do pulso, com as manchas de sangue. Foi se encontrando em expressões de humor, ele pôs a mão na boca, como se estivesse querendo controlar a risada.

- O que é isso no seu braço, menina?

Quando ele se dirigiu a mim com essa pergunta, vi a expressão de Miguel também mudando. Mas dessa vez, uma expressão densa, tensa, seca. Nada receptiva para o seu velho amigo cabelereiro.

Ele invasivamente segurou meu braço e aproximou até seus olhos para ter uma visão melhor.

- Ela caiu. – Miguel, mais uma vez, incansavelmente, respondeu por mim.

Não tive uma reação boa. No mesmo instante, arranquei meu braço de suas mãos sujas de fios de cabelos e tinturas, e falei, de um modo impessoal, como se falasse para os dois:

- Vai se foder.

Sai do salão sem olhar para trás. É um ato precipitado da minha mente, pois o que faço por quase todas as horas é olhar para trás. Pouca importa se a situação me favorece ou desfavorece. Eu queria ter olhado para trás para ter visto suas respectivas reações, pois não sei digerir minhas atitudes sem antes observar os telespectadores. Eu tenho uma frígida impressão de estar analisando minha vida toda do lado de fora, como se não fosse eu ali; a personagem principal, a que estivesse vivendo o conflito brusco. Era como ver minha vida sentada em uma poltrona de cinema, enquanto eu estivesse passando na tela. Essas sensações me manipulavam tão fortemente, que por ora não acreditava no presente. Era como se fosse uma ilusão. O passado sempre pareceu mais real que o presente, canso de dizer isso para mim mesma. E não há nada me fazendo voltar ao passado. Não há nada me fazendo voltar e a reavaliar esse meu posicionamento com esse cabelereiro e com Miguel, onde, inclusive, ficaria bem enfurecido comigo por eu ter tomado esse caminho.

Enquanto eu já me encontrava na terceira rua, logo entrando na casa de Miguel, me veio uma ideia lúcida para desfazer o caos ocorrido dentro de mim no momento, por conta dessa energia de conflito ter trovejado tanto em mim.

Cheguei em casa rapidamente, Hugo começou a latir, assustado, com a minha indelicadeza ao me locomover pelos cômodos, e fui até o banheiro,

me tranquei lá dentro, deixando ele do lado de fora. Fui até a última gaveta da pia e achei uma máquina de cortar cabelo. A agarrei, com as mãos suando. O único jeito de destruir algum caos dentro de mim era destruir algum caos do lado de fora. A liguei, fechei os olhos e passei por toda a cabeça, até não sobrar nenhum fio sequer.

Eu pude ver todo o meu couro cabeludo pela primeira vez. Era um pouco assustador, toquei na minha cabeça e a massageei, senti toda a macieza que continha ali. Olhei para o chão do banheiro com uma luz amarela refletindo e só se via cabelo. Crespos, fios ressecados, hidratados e químicos.

Vi uma gilete em cima da pia e raspei minhas duas sobrancelhas também, sem pensar duas vezes. Agora meu rosto estava livre de pelos. Era estranho me ver daquela forma; mas ao mesmo tempo, me senti libertada de algo, sem saber identificar bem o que era. Me encarei como se encarasse a pior parte de mim. Quer dizer, aquilo era uma das piores partes de mim. Defeitos, traços negligenciados, a palidez no rosto se ressaltando ainda mais.

Olhei para o espelho novamente e vi todas as minhas imperfeições ali, analisei cada uma delas, todos os milímetros de cada uma, e me perguntei:

Porquê todas essas coisas me incomodam tanto?



- Se você quer saber, eu realmente não gostei. – Miguel me dava sermão enquanto eu preparava o café – Podia não ter sido falado daquela forma.

Miguel poderia se posicionar do meu lado alguma vez publicamente; ou então parar de mascarar sua volubilidade insolúvel para admitir ter lado, e por isso se mantinha do lado do mais forte para se beneficiar.

- Então você não tem opinião sobre o jeito que aquele homem falou comigo? – Eu perguntava, mas sabia onde essa discussão daria: nada.

- Ele fala assim como todo mundo. – Ele pegou sua xícara e pôs café antes mesmo de coar tudo na chaleira – Só me preocupei com sua forma de receber aquele jeito meio diferente dele.

Meio diferente e invasivo, uma das escórias universais para mim. Ele considerava o jeito do homem como “diferente”, e não qualquer adjetivo negativo, podendo descreve-lo como asqueroso. Eu não tolerava aquelas

discussões, eu sou a errada na história. Ele fazia eu me sentir assim, e o sentimento não demorava a aparecer por conta de suas falas saídas sem escrúpulos, colocando quem ele não conhece tão profundamente, em um patamar de deus.

- Então eu fui errada mesmo, em não tolerar mais um pouco suas agressões verbais. – Fui explicitamente irônica.

Ele revirou os olhos e deu seu primeiro gole de café quente. Eu via o vapor do café esquentar uma parte de seu nariz, depois apoiou um pouco sua xícara na mesa, enquanto eu colocava leite no meu. Olhei para o contraste incrível ali em cima da mesa. Minha xícara preta com a cor de um café com leite, e sua xícara de uma espécie de bege escuro, com café preto. Engraçado: desde pequena nas brincadeiras com meus colegas da rua, sempre fui a considerada “café com leite”, aquela que as outras crianças não podiam brincar tão pesado assim, pois era a frágil do grupo, a demorada de entender como funcionava as brincadeiras, aquela especial: como se fosse vidro. Olhei para a minha xícara e o leite tinha acabado de se dissolver junto com o preto do café. Creio que me vi agora, me formando dentro de uma bebida quente. Me formando e me estruturando em um mundo cruel, dando o efeito do leite para que o gosto permaneça um pouco mais fraco. Miguel era o café preto, como todo o resto das pessoas. Fortes, astutas, sabem lutar, sabem viver. Um café com leite não sabe viver. Não entende regras, fórmulas, teorias, se estabiliza na base do medo de um gosto mais forte. De uma vida mais forte. O medo é a sua chama para se fazer mais fraco que o café preto. Nessa analogia, podemos chamar o medo de leite.

Eu era o café com leite quando criança, e percebi na inconstância das convenções, na qual eu continuava sendo. Nada mudou.

Em épocas onde as psiques das pessoas me interessavam bastante, eu chegava à umas conclusões sobre a infância e a adolescência: sobre como essas fases são os moldes do nosso inconsciente. Como agimos e reagimos com o mundo, de acordo com nossas experiências positivas e negativas.

O mundo é cruel. É um ciclo vicioso de pessoas frustradas, depositando suas frustrações nos próximos. Eu continuo sendo aquela menina frágil, chorona sem nunca saber como brincar. Cheguei a essa conclusão e de uma forma estranha. Me trouxe calma.

- Pare de se vitimar. – Ele disse.

Depois dessa sua resposta, respirei fundo e evitei debater. Mas eu estava em uma posição de vítima, sempre estive. As pessoas sempre me colocaram nessa posição. Me conformei. O que ele queria que eu fizesse? Buscar ter uma postura ativa de hora para outra? Era um sujeito pouco empático mesmo.

- Valorizou seu rosto. Estou vendo agora como ele é.

Falava dessa minha atitude de ter me raspado olhando para a minha cabeça e tocando na maciez da careca. Deixei ele encostar pois era até aconchegante e uma forma de carinho, mesmo ele não tendo pedido uma permissão para tocar. Comecei a ver seus olhos brilhando de uma forma na quais nunca vi antes, estranhei um pouco. Ele parecia feliz, e sua boca denunciou isso, sorrindo, sem mostrar seus dentes. Parecia uma espera de alguma lágrima inesperada que estava por vir a cair de dentro de seu olhar apressado.

- O que foi? – Perguntei, sem pensar muito do porquê.

- Eu amo você.

De repente, um clima sereno se estendeu entre nós e as sensações nossas de conflitos tinham sumido. Ou talvez, por impressão minha, isso tenha se camuflado por ouvir isso vindo da boca dele. Eu sorri para ele em seguida.

- Também amo você. – Acariciei um pouco seu braço; onde ainda estava a acariciar minha careca.

- Me desculpe se às vezes sou meio “em cima do muro” contigo. Não é por mal.

Só o fato dele ter assumido para mim suas posturas ineficientes, já me sentia contemplada por alguns momentos de rancor remoído internamente. O ato acabado de sair em uma fôrma de linguagem acabava comigo. O assumir-se em defeitos e qualidades, algo que não via ninguém fazendo por hora nenhuma. Aquilo me dava uma certa segurança e confiança em alguém, pois sabia, naquele instante; que eu não era louca, um erro, ou uma máquina de dizer incoerências. Me sentia leve por um instante por eu não ser a única peça errante.

- Tudo bem. Você não é perfeito, muito menos eu.

Ele sorriu de volta para mim e concordou comigo com a cabeça.

- Porém, eu queria ser.

- Não haveria graça alguma.

- Você acha mesmo? – Ele foi firme em sua pergunta.

Aquela sua firmeza me deixou sob dúvidas até mesmo da minha opinião e consciência sobre isso. Eu achava mesmo não haver graça nenhuma em obter a perfeição? Na verdade, obtê-la ou nascer com ela? O respondi com essa pergunta pairando agora na minha mente, mas camuflada como uma resposta.

- Conquistar a perfeição teria graça. – Tomei um gole do meu café com leite – Nascer com ela não.

Ele admirou-se por completo com a minha resposta.

- Bem pensado.

Depois de ficarmos conversando por algum tempo sobre o fato de nunca conseguirmos conquistar essa tal de perfeição, chegamos a um senso comum: ela, de fato, não é absoluta. Existe o seu plural. A perfeição é inatingível pois não é como um troféu no topo da pirâmide. Ele se percebe em todo os lugares da pirâmide. Mas como nossa visão foi atrofiada e corrompida pelo sistema do capital, não vemos tantas essas perfeições, apenas uma; a que ilusoriamente ficaria lá em cima.

Ouvimos alguém bater na porta, de modo delicado, com dois toques. Miguel se levantou.

- Deve ser a mulher para ver o quarto vazio.

Eu tinha me esquecido completamente desse compromisso, e do fato dele não ter desmarcado isso; um motivo para deixar-me enfurecida mais uma vez com ele. Mas reprimi a raiva no instante, por conta do nosso momento tão fraternal que acabávamos de ter tido um com o outro. Fui com ele até a porta por curiosidade mesmo, ver o rosto da mulher interessada em morar com duas pessoas não muito sãs de consciência.

Ele abriu a porta e a abraçou de um modo bem superficial. Quando a olhei nos olhos, reconheci.

Era Laura, a mulher com quem eu tinha saído por dias passados, onde Miguel tinha me induzido á puxar assunto. Acabamos que nos damos bem por uma noite. Mas ele não parecia ter reconhecido o rosto dela. E ela também não parecia reconhecer meu rosto, pois estava livre de qualquer fio de cabelo. Ela encarou-me por um tempo até dizer:

- Eu te conheço! – Sua fala foi entusiasmada.

Eu a respondi, sem muita alegria, com um sorriso azedo e amarelo.

- Olivia. – Não obtive retorno de reação, aparentemente também não

lembrava o meu nome – Aquela da praça.

Ela se expressou de um jeito pouco discreto e surpresa. Provavelmente pelo fato da minha cabeça e minhas sobranças estarem raspadas. Achei meu dever, não me importar muito com esses detalhes sobre como eu estava aparentando para as pessoas, mas um outro lado de mim me dizia para me importar ao máximo com isso.

- Você está muito diferente! – Ela disse.

Como se eu já não soubesse disso. Não sei se sua fala foi irônica ou se estava, de fato, impressionada com a minha mudança. Tentei fingir um bom carisma para ela, enquanto estava ali. Apesar de nada mais fazer tanto sentido para mim naquelas circunstâncias, eu tentava forçar de alguma forma o mais-valia da minha pessoa. E o jeito mais fácil e pela culatra achado por mim era o fingimento. Apesar de despreza-lo totalmente. Minha consciência estava lutando contra o meu ego o tempo inteiro, não podia ignorar isso. Além de saber que era quase impossível para mim, chegar ao nível de entusiasmo dela no momento, continuei tentando.

- Sim, raspei a cabeça.

Ela sorriu ingenuamente.

- Mas continua linda, sabia? – Ela tocou levemente no meu rosto, e o acariciou.

Eu não esperava por essa sua atitude. Agora estaríamos em uma área de amizade. Pelo menos era o meu pensamento acerca do pensamento dela. Uma dedução, intuição. E geralmente minhas intuições correspondem á verdade.

Miguel olhou para nós e olhou para o olhar de Laura recaído sob os meus. Achou graça e abriu a boca.

- Laura! Então, venha ver a comodidade do quarto, como é boa. A dos fundos.

Laura seguiu Miguel até o quarto e permaneci parada ali, na frente da porta. Ainda meio abismada com sua reação sob mim. Eu estava com um rosto de morta por inteiro, quase como se tivesse renascida das cinzas de um sarcófago, de um tumulo. Uma múmia, com bolsas embaixo dos olhos caídos, a boca pálida e sempre com um sorriso mal-usado no rosto. Impressionante como aparentava uma beleza exótica para o alheio. Como alguém poderia me achar bonita, nesse estado na qual me encontro? É surreal. Só se esse alguém tivesse uma essência bastante

exótica e anti-aparências físicas. Ou talvez, um espírito animalesco. Ela nem me conhecia ao menos para me achar bonita por dentro.

Mas de certa forma, aquele elogio e aquele contato físico me contemplaram de uma forma tão grande como a conversa que tive com Miguel na cozinha há minutos atrás.

Pensando nesses momentos pequenos como uma elucidação da minha mente: isso até poderia me fazer suportar um pouco o ato de sobreviver.

## IX

Eu já sabia quando Miguel chegava em casa pois todos seus hábitos do que fazer após fechar a porta eram memoráveis e perceptíveis pelos sentidos da audição. Olhei no relógio. Era madrugada, duas da manhã. Acabara de chegar de algum lugar, acordei com a batida brusca na porta que ele dava no seu quarto e quando abria as janelas. Ele viria a abrir a porta do meu quarto também, para checar meu estado.

- Demorei? – Ele perguntou-me, simultaneamente no segundo em que abria a porta.

Franzi minha testa por conta da claridade do lado de fora da casa, refletindo nos meus olhos, já acostumados com o escuro do meu quarto, onde eu tinha permanecido por mais ou menos quatro horas, sem conseguir dormir.

- Não. Mas não consegui dormir.

- Como você está?

Algo me contemplava em alguma área da vida, mas eu não sabia responder o quê. E não sabia responder se eu estava bem. Não estava, nunca estava. Mas também não sentia um mal-estar.

- Eu não sei. – Fui sincera ao dizer.

- Algo te desestabilizou de ontem para hoje?

- Não. Não acho que essa incerteza tenha algo a ver com o externo dessa vez.

- Já tomou seu remédio?

- Sim. – Eu me perguntei se eu tinha mesmo tomado o remédio – Tomei.

Ele sentou na cama onde eu estava deitada e repousou um pouco sua mente no conforto de não precisar mexer tanto mais seus pés. Olhava para as paredes – como se buscasse alguma solução para a minha situação de incerteza. Mal sabia ele que o sentimento de incerteza permanecia em mim desde o meu entendimento por um ser pensante. Mas não queria dizer isso, estragaria todo o seu raciocínio e esforço em me ver bem.

Ele inspirou e suspirou diversas vezes.

- Amanhã vamos comigo em uma pequena festa de pizza da minha prima. É aqui perto, na vizinhança.

- Festa de pizza? – Não tinha entendido.

- Sim. Você paga dez reais para entrar e recebe pedaços de pizza sempre que passar por algum lugar.

Engraçado, nunca fui a algo do tipo. A curiosidade se instalou de repente em mim. O perguntei mais sobre essa tal de festa, que não era festa, estava mais para um rodizio disfarçado. Mas a ideia tinha me conquistado do mesmo jeito. Era uma programação diferente, eu quase nunca ia – ou era levada – á programações diferenciadas. Era sempre a mesma rotina sem nenhum êxtase.

- O motivo dela ter feito isso foi sensacional. Ela se curou de uma forma milagrosa de um câncer. – Ele continuava a explicar o porquê, respondendo ás minhas perguntas – De um câncer de garganta, se não me engano.

Eu quase nunca ouvia falar sobre câncer de garganta, deveria ser algo bem raro, principalmente nesta idade. Miguel tinha me dito que ela tinha completado dezenove anos em abril deste ano. E se for raro, eu acreditava mesmo na cura ser noventa e sete por cento milagroso.

- Queria te fazer enxergar o outro lado da vida. – Ele sorriu e acariciou meu ombro.

Já entendi o porquê de ele querer minha companhia nessa festa familiar onde quem comemorava sua vitória eram apenas os familiares. A vitória dele, a vitória da sua prima, a vitória de qualquer um da família. Pois família de sangue eram aqueles laços – muitas vezes superficiais – onde se trocam apoios para amaciar seus egos. É horrível falar isto nessa situação de vida ou morte, de um câncer. Mas alguém de fora não choraria essa morte tão bem chorada como alguém da família.

Para falar a verdade, eu não gostava desse papo de “querer me fazer enxergar o lado bom da vida”, como se eu fosse incapaz de enxergar por outros âmbitos, como se eu fosse incapacitada de algo. Como se eu enxergasse apenas minha condição. Se eu fosse assim; todos eram. Eu não era a única a possuir um ego na face da terra. Eu não sou tão burra ao ponto de acreditar nessa falácia enrustida.

- Eu enxergo todos os lados, Miguel. É por isso que me encaixo no lado aonde estou agora.

Ele parou por um momento para pensar na minha resposta.

- É sua opção querer se encaixar nesse lado. Agora, não prejudique os outros por isso.

Eu não entendia quase nada do contexto quando Miguel iniciava uma vitimização insuportável para me fazer sentir; novamente, a pior pessoa do mundo. Ele não busca transcender seu pensamento para algo mais empático, como eu faço, e por isso quem sai prejudicado é apenas quem eleva o pensamento. Quem escolhe por não fazer, não se machuca, não se fere. É bom ser acomodado. Eu queria estar acomodada como ele também.

- Tudo bem. Mas não machuco ninguém.

Eu falei isso para me auto afirmar. No fundo, eu sabia sobre prejudicar terceiros próximos a mim, isso era exato. Não tinha o que pensar ou repensar. Eu só tinha dito aquilo para não aceitar a dura verdade crua. A de prejudicar aos outros, o meu último objetivo de vida seria me comportar como uma certa destruidora de vidas ou de momentos. Quando alguém se encontrava neste estado deplorável, era perceptível o pensar das mentes em como outros o veriam e se preocupariam com a situação do envolvido no estado deplorável. Creio que pensariam o pior das hipóteses.

- Você que diz. – Ele se convenceu da sua verdade.

Eu parei para pensar e não havia nada me fazendo sentir presa em viver sob o mesmo teto que Miguel. Nos desentendíamos e entendíamos. Mas isso acabara se tornando um habito desgastante na qual não queria me responsabilizar. Viver com os outros era difícil, e mesmo com amigos, talvez até dificultasse a saída de ar de uma alegria qualquer onde tivesse um potencial a sair de dentro. Pois era sempre a mesma lembrança de erros pairando na mente, era sempre a mesma angústia ao lembrar de mágoas; em quaisquer situações felicitadas encaminhadas ao sorriso mal aberto no rosto.

Eu disse, com muita dificuldade na fala. Pois só agora pensando em falar, me veio este nó impulsivo na garganta. Lágrimas subindo aos olhos se forma um entrave da voz na boca.

- E agora?

- E agora o quê? – Ele confundiu-se com a minha pergunta inoportuna.

- Como vamos conviver, duvidando um do outro dessa forma?



Antes da sairmos para a tal festa da pizza, eu esperava ansiosamente por uma ligação de Janaina. A mesma me avisou para esperar á este horário, sete da noite, o horário onde ela chegava do trabalho para querer conversar e saber

como estou. E claro, eu iria perguntar dela também. Como estava fazendo para se manter.

Mas eram sete e cinquenta e quatro e ela ainda não tinha ligado. Estava ali esperando, e Miguel esperando eu receber a ligação para podermos sair.

- E então? – Ele entrou no quarto sem bater.

- Ainda não.

Ele parecia estar se irritando um pouco. Mas não sabia bem se era com o meu ato de esperar a ligação ou pelo descompromisso de Janaina para comigo. Pensando em uma situação com eles dois, sempre me vinha a cabeça como iriam fazer para se resolver. Digo, em relação ao futuro filho que ambos esperaram.

- Vem cá. – Eu disse, antes dele ter a oportunidade de fechar a porta novamente.

- Fala.

Ele sentou-se calmamente do meu lado.

- Você... – Eu parei para formular minha pergunta – Você vai assumir esse filho de Jana, não vai?

Ele surpreendeu-se negativamente com a minha pergunta, mas continuei a falar.

- Vamos lá, Miguel. Você não faria isso. É muito fácil dizer para mim para enxergar o lado bom da vida, quando você ignora as consequências dos seus atos.

- Porque puxar esse assunto agora? Já estamos de saída. – Ele se levantou – Um assunto inadequado em uma hora inadequada. E você não deveria se envolver nisso, afinal. Isso não lhe diz respeito.

Não me dizia a respeito, mas eu me importava. Assim como eu achava a importância dele para comigo digna de um aprendizado e experiência positiva. Mas com ele as coisas eram diferentes, talvez por ser homem – acha ter o direito de uma vida livre de compromissos e ruindades. A raiva por ele poderia aumentar a cada dia mais.

- Então, será sempre uma hora inadequada para falar disso. Seu comportamento às vezes me irrita, sabia?

- Sim. E você acha que o seu não? Está sempre aí, se lamentando, chorando, querendo morrer. Olhar para os outros, não quer. Lutar, não quer.

Aquilo me atingiu como uma faca no peito. Eu só desejava morrer naquele momento após estas palavras tão duras terem se engalfinhado no meu cérebro, coração e cartilagens.

Ele saiu do quarto e fui para o banheiro. Chorei tanto que senti meu corpo derretendo, senti meus poros todos se dissolverem. Olhava para algum canto da parede e era como miragem. Enquanto a água dos olhos caíam sob meus pés descalços, feios, e com unhas á cortar, recebi a ligação de Jana. O aparelho fixo na minha mão, apitando.

E com aquele apito; a agonia e a raiva formatizaram-se ainda mais, sem saber o que fazer: gritei.

Mas gritei tão alto, pude sentir os vizinhos ouvindo as dores soltas no esperneio.

Depois do grito o telefone continuava a apitar. Atendi, com catarro no nariz e garganta, sendo perceptível o choro ecoando nas entranhas invisíveis do aparelho eletrônico.

- Alô? – Eu disse.

- Desculpa a demora de ligar, meu bem. Estava resolvendo a situação das nossas coisas roubadas aqui. O que houve? Está tudo bem? Estava chorando? Ouvi uma voz meio triste...

Eu funguei repetidas vezes até responder-lhe com algo tão desconexo de sua fala.

- Eu não quero mais viver aqui.



Eu odiava estar ali naquela festa sendo uma acompanhante de Miguel, mas a pizza estava tão gostosa que me distraía inusitadamente. Estava sentada sozinha em uma mesa, comendo, e Miguel bem longe de mim, evitando me olhar nos olhos. Era bom que não me olhasse, pois eu não aguentaria outra briga, ou disfarçar ódio e rancor quando estou sentindo. A prima dele estava dando um discurso na frente da mesa aonde eu estava. Eu lembrava dela, da época de colégio, quando eu e Miguel estudávamos juntos. Mas ela era criança, a reconheci facilmente pelo seu olhar; continuava o mesmo. Mesmo depois vendo seu estado arrasado da quimioterapia ainda conseguia pulsar pelas emoções certas. Ela olhava hipnotizada, muitas vezes para mim. Ela deve achar que encontrou uma sobrevivente de câncer também, por eu ter raspado a cabeça e a sobrancelha. Ela olhava muito para o meu braço também, com gesso. Várias perguntas se confundiam em sua cabeça nesse momento, creio eu. Mas estava tímida demais para

vim até a minha mesa e conversar comigo sobre e tirar suas dúvidas. Eu poderia conversar com ela sobre minha vida facilmente e divertidamente, ela me parecia ser alguém de alma boa. Minha intuição me bagunçava: dizia-me com marteladas pesadas de que; se eu não fosse embora tão cedo daquela festa, ela viria falar comigo. Bom, eu esperaria. Minha intuição quase não se achava errada. Minha intuição tinha um ego enorme.

Eu esperei ela acabar seu discurso junto com sua mãe. Eu estava gostando do clima, não era muito dramático e meloso, mas sim realístico e vívido. Deus ou Jesus não pareciam tão inclusos na matemática deste roteiro de superação de quase morte. Poderia ter sido um milagre, mas não necessariamente Deus. As coisas boas e ruins se manifestam através da captação de nossa essência e ações para com o universo. Não acreditava em Deus como uma energia personificada, como matéria. Ele era energia cósmica. Eu duvido que alguém naquele local entenderia a língua da qual falo. Todos eram muito catolicistas e alienados. Tudo bem seguir essa religião e suas crenças, contanto que esteja ciente do que tal religião prega, o que a maioria dos indivíduos católicos não são. Se movimentam dentro da crença através de osmose.

O discurso já estava sendo finalizado e eu já tinha comido quatro pedaços de pizza e bebido dois copos de cerveja. Começaram a colocar músicas animadas e alegres, algo detestável para mim no momento. Odiava ter de ouvir isso sentindo negatividade, eu não queria engoli-la e fazer um certo tipo de pose para estar bem. Pouco me importava em manter a aparência de feliz. Pouco me importava se as pessoas estranhassem por eu não estar ali, fingindo ser o que não sou, fingindo sentir o que não sinto. De fato, eu gostava disso. Eu gostava de mostrar meu pior lado para os outros; assim, quando me conhecessem de verdade e a fundo, não teriam surpresas sobre meus defeitos, pois eu já os mostrava frente a frente; como as pessoas normalmente mostram suas qualidades. Os donos do local olhavam-me com olhos suspeitos, nojentos: Uma mulher, com a cabeça raspada, com um braço cheio de gesso e expressão acinzentada e fúnebre, comendo sozinha. Eles iam pedir para eu me retirar? Eu vim como uma acompanhante, eu não era convidada. Mas quem iria retirar alguém de uma festa ou local, apenas por uma escolha de isolamento? Eu já estava começando a ficar paranoica. Tentei me conter e me acalmar profundamente, pensar onde nada de errado existia ali. Estava curtindo os pequenos luxos.

Sem eu mesma perceber, atenta a formigas na mesa indo em direção ao meu prato vazio, a prima de Miguel sentou-se na minha frente. Olhei para ela, assustada, por agora ter alguém na minha frente.

- Oi. – Ela disse, sorrindo.

- Oi. – Falei com uma voz arrastada.

- Você é amiga de Miguel, não é? – Eu respondi mexendo a cabeça para cima e para baixo, afirmando – Ele me disse que traria você hoje.

Então, é por isso a insistência de seu olhar sob mim, em quase todo o tempo de discurso. Se Miguel tinha dito sobre mim, provavelmente teria dito o porquê de querer a minha presença aqui. Já imaginava por alto como seria a conversa, ela não ia tentar adivinhar se eu estava com câncer ou algo assim, ela sabia que não.

- Ah, sim. – Eu continuava desanimada em minhas respostas.

- Queriam conversar com você. Te dar uns conselhos.

Essa sua fala me parecia um tanto precipitada e forçada. Não sei, conselhos sobre o quê? Sobre como viver a vida bem? Como me manter feliz? Isso não era uma fórmula matemática e exata, onde só existia uma, para todos. Algo absoluto. Se eu tivesse de ser feliz, seria do meu próprio jeito, e não do jeito dela achar correto. Provavelmente era um jeito moralmente e eticamente certo. Algo condizendo e agradando ao social exposto à vida.

Surgiu uma vontade súbita de morrer agora. Depois de ouvir suas palavras arrogantes a autoritárias soarem e escorrerem dentro dos meus tímpanos mortíferos. Eu não iria responde-la, ansiava – porém, demonstrando muita calma – pela sua continuação horrível de diálogo. Eu sei que eu nunca seria feliz, mas arduamente tentava desfrutar dessas noções de prazer em certas ocasiões, mas me aparece o ocorrido de sempre surgir constrangimentos ou inutilidades de relacionamentos semi conhecidos na qual eu não tinha dever algum de ser educada ou tranquila, ou qualquer sinônimo de um carisma inexistente dentro de mim.

- Olivia, não é?

Eu respondi, afirmando com a cabeça, olhando para o restante de queijo grudado no prato vazio.

- As coisas estão difíceis para você. Mas não se submeta à esse tipo de pensamento. A vida não é só isso que você vê.

Eu franzi a sobrancelha, confusa.

- E por acaso você sabe o que eu vejo? – Meu tom engrossou.

Ela suspirou, de forma muito dramática e superiorizada. Eu me irritava intensamente com aquela forma de estupidez. Ela estava se mostrando uma pessoa imbecil e ignorante, adjetivos nas quais não observei pelos olhos dela e nem no seu discurso. Talvez ela nem seja, mas estava se mostrando comigo, em um estado muito pleno e convicto.

- Muita tristeza. Sei porque já passei por isso, com o processo do câncer e tudo mais. – Ela pegou minha mão e a acariciou.

Como ela ousava comparar a minha condição emocional com a condição física de doente dela? Ninguém nunca a ensinou a calar a boca quando devia? Ou ela estava se agradando e amaciando seu ego para poder ganhar alguma forma de ponto comigo? Ela olhava para mim muito calma e serena, como se não percebesse meu olhar de fúria e ódio; na qual era o meu estado de nirvana atual.

- Não se compare comigo. – Eu disse, com um tom de voz controlado, tirando sua mão da minha, agilmente.

Ela se assustou com a minha atitude indelicada. Não esperava que seu susto fosse maior que seu cinismo. Ela abriu a boca para falar mais audácias.

- Estou tentando te ajudar.

- Não começou muito bem. – Eu a respondi, rapidamente e sendo agressiva à minha maneira.

- Olhe... – Ela parou e respirou fundo, novamente, olhando para os lados – Não te conheço e agora não faço mais questão em conhecer. Mas meu primo pediu para mim, para ver se dá um jeito nessa sua cabeça.

Eu dei uma risada maliciosa e ordinária em seu rosto. Pouco me importava e me guiava as palavras daquela mulher, não me importava se ela tinha acabado de se curar de um câncer, uma doença não mostra se alguém é bom ou não. Geralmente não costumavam receber palavras duras ou grosserias em atos de recuperação, mas a mesma veio falar comigo como se me conhecesse e como se fossemos uma mesma pessoa, eu não tolerava isso. Eu não sou alguém ruim, só desejava ter um pouco de paz, só queria ser eu sem receber essas certas padronizações de comportamentos. Eu já estava prestes a vomitar toda a pizza que comi com esse desconforto horrível sentido no ambiente. Dá um jeito na minha cabeça? Provavelmente ele deve ter dito à ela que tenho alguns parafusos soltos. Esses parafusos ele mesmo deve ter retirado de mim na época de colégio, na qual minha autoestima foi esquarterada e nunca mais ressuscitada. A queria de volta,

como todas as outras pessoas do mundo mereciam tê-la também. E quem ela pensa que é para falar comigo dessa forma? Maldita. Acabou de se recuperar de um câncer com muito ódio no coração. Não demoraria muito tempo para desenvolver outra espécie de tumor.

- Olhe, sua cretina. Eu vim aqui como acompanhante do seu primo e não como um saco de lixo para você vomitar todo seu ódio e superioridade. Acha que, porque se recuperou de câncer é melhor do que alguém? Faz quanto tempo que sabe que se livrou da morte para ter tanta certeza de ser um ser humano divino?

Ela não me respondeu com mais nada além de um rosto enfurecido e um grito aclamando todo o auditório onde estava acontecendo a tal da festa. Olharam para nós, para nossa mesa. Em particular, para mim. Vim Miguel vindo em nossa direção, com um semblante ansioso. Acariciou um pouco as costas de sua prima e perguntou, de forma chorosa:

- O que houve? Está tudo bem?

Ela não parou para pensar antes de falar e nem sequer olhou para mim.

- Miguel, essa menina é terrível. Tire ela daqui. O jeito que ela me tratou, eu não desejaria a ninguém.

Eu estava certa. Ela era, de fato, bem dramática. Aquele drama típico de se ver nas peças de teatro, e não na vida real, onde tudo acontece. Fiquei meio desapontada com a minha intuição também, de ter achado ela uma pessoa tão boa e calma. Ela estava falando bem alto, significando praticamente ela me humilhando em frente aos olhos de toda família e amigos estando presentes ali, sendo solidários ao seu sucesso de ter vencido o câncer. Me perguntei agora sobre as pessoas pensando em mim, depois dessa humilhação pública.

Seu olhar para mim foi de cansado. Exausto. Esvaziado de mim, da minha presença. Insuportavelmente um peso na sua consciência. Um tijolo em sua cabeça, uma raiz crescendo em seus pés, o impedindo de andar. Me olhava como se quisesse, literalmente, me matar. Assim como faria com Janaina. Creio que por essas horas, já passara do tempo de mudar-me para outra direção. Se algum deus me guiasse – só ele saberia para onde, pois nem eu mesma faria ideia. Sentia-me como um vazio no mundo, sem diferença, sem gosto, sem presença.

Isso me deu uma ideia para uma poesia, mesmo não estando em horas para pensar nisso. Quis ali um papel e uma caneta para anotar esse pequeno trecho saindo das minhas úlceras, mastigadas pelo meu intrínseco.



Provavelmente ele não queria saber para onde eu iria também. Ele nem mesmo gostaria da minha presença na mesma casa que ele esta noite. É capaz de nos resolvermos mal.

Não era possível. Um mês com uma pessoa e eu conseguiria revoltar seu emocional desta forma. Assim como fiz com Jana, estava fazendo com ele também. Eu era mesmo um erro. Não merecia estar aqui. Pelo menos, não nessas circunstâncias deploráveis. Enquanto meu pensamento fluía depressa demais, enxerguei uma pequena multidão se aproximando de mim e me expulsando para fora da festa. Não foi uma expulsão física, me golpearam com palavras. De “egoísta” até “um lixo”, “inútil”. Estavam me fazendo querer sair dali. E foi o que eu fiz.

Saí daquele lugar, estava do lado de fora, com o coração batendo como a velocidade da luz. Sentei em um banco na praça e a acendi um cigarro. Não sei por qual motivo me comovia com opiniões de pessoas nas quais nunca vi em minha vida. Eu era ousada demais para falar atrocidades com a mulher na qual acabara de se libertar de uma doença grave, mas era covarde para derrubar uma multidão comovida com a superação dela. Eu poderia ter usado manipulações com a minha voz para todos calarem a boca, mas minha voz não seria ouvida de qualquer forma. Pois seus gritos se uniram formando uma matilha inconversável a minha entrada contra eles, como se tivesse travando uma batalha.

O cigarro acalmava meu coração aos poucos. Fui ficando mais tranquila. Comecei a tossir repentinamente, a paranoia surgiu: comecei a investigar se estava pegando uma doença. Eu também não me importara com isto neste momento. Meu desejo por esses tempos era morrer, pior: viver ou morrer, tanto faz. Não fazia mais sentido para mim estar aqui, por quê? Qual eram os meus objetivos de vida? Viver para alguém? Para quem? Eu não enxergava além do meu próprio umbigo, era verídico. Mas ninguém ensinou-me a ver além dele, onde eu iria aprender isto? A superar ciclos que nunca terminaram em minha vida? Já me sentia morta. A carne sair daqui não era nada tão importante.

Já tinha tomado a minha consciência pelas correntes da moral e investido na vontade de ir para casa, deitar-me no meu colchão e chorar até sentir meus olhos inchados e pulando para fora do rosto. Antes que eu pudesse mesma me levantar do banco, algumas pessoas do andar de cima da festa jogaram-me ovos. Provavelmente ouviram meus tossidos e se perguntaram o porquê de eu ainda estar ali. Minha visão não demorara ali naquelas

pessoas, corri até o portão e saí. Chequei meus bolsos e não havia nenhum centavo, lembrei que eu voltaria com Miguel e ele estava com o dinheiro todo, inteiro.

Eu teria que voltar andando, às duas da manhã. Quanto tempo duraria até chegar em casa andando, isto é, se não acontecesse nada comigo pelo caminho? Talvez duas ou três horas, já que os bairros eram um pouco afastados. Não tinha problema para mim. Eu poderia caminhar enquanto chorava. Enquanto minhas simbologias depressivas se concretizavam na minha cabeça, comecei minha jornada com meus dois pés vestidos com um tênis rasgado e surrado na qual não o largava nunca. E com meias sujas e fedidas, deixadas a mercê pela minha irresponsabilidade com a necessidade de lava-las de semana em semana.

Apesar de toda essa confusão, eu ainda estava meio embriagada dos goles que tomei na festa. Aquilo me deu mais um pouco de gasolina no corpo para aguentar-me de pé nas longas calçadas. Eu era uma ótima memorizadora de ruas, então era um ponto a mais. Enquanto eu ia passando, com uma expressão de louca ou de totalmente fora de mim, carros passavam do meu lado, buzonavam, gritavam. Fingia que eu não os ouvia. Até que um parou e perguntou com um rosto malicioso, se eu gostaria de uma carona. Aquilo me corroeu os ossos. Mas continuei com um semblante de embriagada, mantive a pose autoconfiante, e continuei andando.

Comecei a pensar em como é horrível ser mulher. Eu não desejaria nem para o meu pior inimigo, se é que estes já não são mulheres, e sabem sobre as minhas referências. Não poderia nem passar por conflitos ou voltas e idas de ônibus; o tempo todo era este comportamento bruto voltado para nós. Se jogássemos a merda no ventilador, eles jogavam a merda no nosso rosto. O mundo era mesmo um lixo, um pedaço de merda. Não havia nada que pudesse salva-lo, e não havia nada podendo me salvar de enxerga-lo dessa forma.

No caminho, tinham inúmeras prostitutas. Passei por vários clubes desse porte. Ver mulheres se prostituindo aumentava mais ainda a minha certeza de tudo ser um lixo. A venda de corpos femininos era algo na qual a humanidade já tinha transformado em natural; mas era tão perverso. Meu Deus, eu era a única a ver isto desta forma? Um grupo pequeno de pessoa, quem sabe, mas um grupo pequeno de pessoas não salvavam a humanidade de nada.

Sentia o andar dos meus pés por várias horas. Quando me encontro andando sozinha pela calçada vazia na madrugada, percebo como o tempo é algo inventado, e os ponteiros de relógio são utopias e ilusões criadas para abastecer o ser humano com seu ego e sua vontade de se satisfazer com suas próprias verdades. Nada é tão realístico no mundo real como parece ser. Nem o próprio mundo é. Toda essa baboseira sobre o planeta terra que aprendi, me parece ser pura especulação. Por mais que existam comprovações. Eu duvido do que parece ser real. Não há apenas uma verdade absoluta pairando sob as coisas. Acontecimentos, pessoas, cidades; são feitos de dois polos. E eu estou tão exausta de decidir em qual dos dois permanecer, meu coração se apodrecerá antes mesmo de explodir.

## X

Chegar em casa depois de momentos indesejados é algo desesperador. Não sei se permaneço aqui comigo mesma, sob o chão frio e sem proteção, ou se procuro outras glórias para me imaginar como um auto sustento de mim. Outras glórias em formas de gente. Mas de que valeria a pena todo este custo? Aconteceria tudo igual, todos sinônimos. Eu procuraria alguém, me apegaria emocionalmente, e depois? Eu já sei. O mundo todo sabe qual é o próximo passo, o clímax; do logo depois do apegar-se e aproveitar este apego tendo uma agradável ilusão daquilo ser teu sentimento mais puro. Ele é o mais venenoso e áspero de todos os sentimentos. Mas eu só tinha ele, eu só o tinha de escudo, proteção e armadilha. Não havia outra genuinidade em mim que me fizesse ter uma vontade de viver perto de alguém senão isto.

Entretanto, tentei me dismantelar desse desejo inoportuno de estar com alguém. Já que eu admirava tanto a serena solidão, o porquê de busca-la em outros, se a solidão mais especializada e íntima estava em mim? Só em mim. Ninguém poderia rouba-la, essa era uma boa sustância para continuar. Se conseguissem rouba-la de mim, é porque não era minha. Era de outrem, e com isso eu conseguia me abastecer, só o tempo me mostraria o que era pertencente a mim e o que não era.

Algo lá no fundo me dizia para ligar para Denise. Eu só queria ouvir sua voz de tudo que passei, seria confortante. Acolhedor, um lar dentro de som, o som de sua voz. Mas eu não sabia o porquê do orgulho me corroer tanto ao ponto de não me deixar correr pelos meus instintos quando necessário. Decidi pisar no orgulho e guarda-lo dentro do armário, pelo menos por algumas horas. Meu coração palpitava mais rápido á medida que o orgulho ia se dissolvendo nesses segundos fracionários.

Disquei seu número e pus o telefone no ouvido. Começara a suar frio e a perder o ar nos pulmões. A ansiedade me desnaturalizava como um sangue suga. Eu daria tudo para mata-lo a facadas nos dois olhos, para que ficasse cego em não me ver.

Ela atendeu. Não tive tempo de conta-la tudo. Só queria vê-la depois de ouvir uma frase ecoando pelos meus tímpanos.



- Calma. Me conta direito.

Eu já tinha chorado quase por meia hora quando ela me ouvia continuamente, enquanto acalentava meu braço, quase como um toque de veludo.

- Onde está Jana?

- Jana tem as coisas dela para resolver. Não pode me ajudar. – Fui firme na minha resposta.

- Certo. Ela sempre teve as coisas dela para resolver. Mas nunca deixou de lhe dar suporte.

Eu já estava me sentindo um pouco irritada com essa insistência de Denise em querer procurar Janaina para qualquer situação problemática em que eu estivesse. Decidi abrir o jogo para ela sobre sua situação. Mas era provável que sua reação desate sua preocupação do meu estado. Eu não gostava de esconder os meus tormentos, era preciso ser digerido e depois jogado para fora. Não funcionava de outra forma. Mas antes que eu pudesse falar algo, ela olhou para meu braço engessado e esbugalhou estupidamente os olhos.

- O que é isso, Olivia?

Eu não respondi, pois, sua cabeça já tinha deduzido a resposta correta para essa questão. Me mantive intacta, na mesma posição e continuando aos prantos. Pouco me importando como ela estava me vendo agora e o que ela poderia dizer. Tanto para me ferir ou para me consolar. Não sei mais.

- Não me diga que você tentou. Meu deus do céu, onde você está agora? Com quem? Um homem não saberia cuidar de uma mulher tão vulnerável desse jeito.

A cada palavra saída de sua boca, ia aumentando seu tom e seu desespero. Eu queria que ela ficasse quieta até eu acabar de me lamentar pelo ocorrido nessa festa de hoje. Ela poderia ter notado meu braço depois da minha angústia. Eu odiava ver as pessoas constrangidas por alguma situação na qual apenas eu me encontrava. Era um sentimento, problema,

causa minha. Ninguém haveria criado esta situação senão eu mesma. Eu sou a culpada por isto. Me desconfortava, pois, eu não era mais ou menos especial que outros na mesma situação. E Denise sabia bem disto, era alguém igualizando tanto tudo. Mas se não estava fazendo isto comigo agora poderia significar a minha importância em sua vida sendo pouco válida.

- Fala alguma coisa, Olivia. Conversa comigo.

- Eu não tenho o que lhe dizer mesmo. Você já descobriu tudo antes de abrir a boca.

- Você quer ficar aqui? – Ela ignorou a minha fala e continuou seu drama.

- Não.

Eu fui grosseira e rude para desatar o laço deste assunto desconfortável. Não gostava de falar sobre isso, muito menos quando alguém me dizia o que eu devia fazer comigo mesma em situações como essas. Eu cuidava de mim muito bem, e se eu quisesse morrer, isso teria de ser sob a minha vontade, e não de família, amigos, estado, país, seja lá de quem fosse. Se eu não estava contente com toda esta miséria e desgraça de mundo aonde fui posta em vida não privilegiada, me tirariam o meu direito de não querer viver? Se eu falasse sobre esse papo com algum pensamento de senso comum, me prenderiam em alguma forma de cárcere privado para loucos. Não, eu não sou louca. O mundo pratica loucuras e vai-se criando pessoas transtornadas, desestabilizadas, ilesas, sem nada.

De qualquer forma, queria voltar para a casa de Miguel pois estava presa na esperança da minha cabeça de que ele viesse conversar comigo sobre o ocorrido de hoje. Se permaneceria do meu lado, se me repreenderia. Eu não sei, poderia ser uma curiosidade bem masoquista do meu intrínseco. Mas algo me sentia para dormir lá – pelo menos hoje.

- Tenho que conversar com Miguel. – Eu pensei em pular a cerca do meu aprendizado espiritual e fazer um jogo de chantagem emocional, e foi o que eu fiz – Já que você não se importa mesmo com o que eu tenho a dizer, não é?

Ela revirou os olhos com tanta raiva até o limite de poder sentir sua dor de cabeça em fazer um gesto deste em pleno sentimento de cólera.

- Para com essa idiotice. – Percebi a sua real fúria no jeito de relacionar-se comigo.

- Mas eu tenho que voltar mesmo. – Eu me fingi de surda para seu comentário ofensivo e continuei – Quero saber como ele está, além disso.

Denise não tinha nem ouvido o ocorrido sobre a festa pois não prestara atenção em mim, só com o gesso no meu pulso. Eu não estava conseguindo movê-lo tão bem, a deixando mais desesperada ainda.

- Me conta essa história direito.

- Olha, foi isso que você está vendo. – Acariciei um pouco meu pulso, e falei, olhando para ele – Me levaram para o hospital, depois de uns dias fui até um psiquiatra.

- Está tomando medicamentos?

Eu afirmei com a cabeça, sem manter contato direto com ela. Eu continuara a olhar para meu pulso quase de forma maternal, como se fosse um filho, esperando ansiosamente sua voz sair. Esperando um tom agradável, diferente de como conversava há alguns minutos atrás.

Mesmo com toda a depressão me comendo animadamente, com facas e garfos de cortar carnes malpassadas, a ansiedade a convidada o tempo todo para o meu corpo. E nessas horas de apreensão – onde eu esperava, sem resposta, um comentário leviano – ela resolvia aparecer aqui dentro. Já perdi o número de vezes sobre a quantidade de suores frios e tremedeiras dadas hoje.

- E como você está com todos esses medicamentos? – Ela quase susurrou, me surpreendendo com sua mudança de reação.

Eu finalmente a olhei nos olhos e sorri. Nos olhamos tão apaixonadamente que não sabia mais se aquilo estando a acontecer, era uma discussão legível sobre minha condição e saúde mental. Peguei sua mão e apertei.

- Não quero dizer que bem. Você sabe minha opinião sobre estes métodos de cura. Isso é um presságio de um real suicídio.

Denise deu uma leve risada de contentamento. Eu franzi a sobrancelha sem entender. Não teria falado nada de tão engraçado para ela abrir a boca dessa forma.

- Saudade dessas suas questões.

- Minhas questões?

- Sim. Sobre ter uma opinião de tudo, mas uma opinião sempre em prol dos outros. – Ela apertou minha mão também – Saudade do modo como você é humana.

Aquilo me comoveu. Eu não fazia ideia do porquê Denise me achava tão humanitária. Foram sete anos de convivência e não me lembro dela ter me dito isso de forma tão pura e extraordinária como fez agora. A maioria

das suas falas sobre mim eram para ressaltar meus defeitos, e me lançando dicas de como melhora-los. Mas talvez isso esteja sendo um truque dela agora, para me convencer a dormir em sua casa hoje. Eu não queria isto. Não agora, neste dia, nesta noite. Eu estava mais preocupada com minhas questões. Eu era mesmo uma pessoa egoísta e autocentrada. E ela me dizendo palavras tão doces, e em minha cabeça só se passava o contrário.

Eu sorri de volta para ela, e seus olhos brilharam. Estava tão silencioso e sentia o vento passar pela minha nuca – agora livre dos meus fios crespos – e arrastando os cabelos lisos e louros de Denise para trás. Senti uma vontade dela em me beijar, como há dias atrás ela tentou, e eu recusei, com muita infelicidade. Eu não poderia voltar para esta toxicidade novamente, mais do que aonde a minha situação atual já me proporcionava. Um jeito tóxico de sentir as coisas.

A vida era tão engraçada, e eu já achava ela bruscamente estúpida e imbecil. Já tinha me convencido de que era um show de horrores. E era tão desejada; até quando o desejo se realizava ela perdia todo o encanto e magia. Pois a magia está mesmo no desejar e no sentir o desejo. Mas quando não se consegue, se frustra. E quando se consegue, não traz tanto contentamento como se questionava sentir. Se frustra novamente. É um círculo vicioso. Ela nos pregava peças bem embaixo de nossos narizes inferiorizados pela secreção de um choro estúpido de lamento de algum fracasso abstrato.

- Me acha humanitária?

Ela riu ainda mais, como se a pergunta que eu fizera fosse tão retórica. Como uma prova de autoconvencimento de algo.

- Uma das tão grandiosas e poucas pessoas que colocam outros acima de si mesma.

Senti umas lágrimas descendo do meu rosto por ouvir palavras fora de hora, fora de contexto. Ela pôs seu dedo indicador sob meu rosto para limpá-lo, tão delicadamente, que me senti acolhida. Só por ter recebido um toque tão menos nocivo sendo capaz de receber por esses momentos de desprazeres. Sem perceber, beijei sua mão. Ela foi arrastando seus dedos para baixo, até tocar em minha boca. Se fixava neles como se fosse um prato de comida.

Me deixei levar pelo momento inadequado e nos beijamos calmamente. Ela colocou suas mãos na minha cabeça nua, enquanto pus as minhas

em sua cintura. Nos deitamos no sofá e jorramos saliva por mil beijos perdidos que não foram realizados neste tempo. Ainda continuara tudo silencioso entre nós, ouvia o barulho de nosso beijo e o sentia por todos os poros do meu corpo.

Eu comecei a me sentir excitada. Era algo novo para mim, depois de tanto tempo presa em tristezas e transtornos sem fim, não sentia isso há um tempo que pouco me passava pela cabeça. Era uma sensação boa, inesquecível, insubstituível. Eu sei o porquê do mundo venerar tanto o ato sexual. É libertário, de certa forma. Quando criança, me perguntava como devia ser e por qual motivo falavam tanto disso. Era ótimo sentir isto, mas não era a melhor elucidação da vida. Agora eu me lembrava. Mas só havia graça com sentimentos postos em cima da mesa do corpo suado.

Tiramos nossas roupas, sem desespero. Com muita calma e serenidade no olhar e no jeito de tocar uma a outra. Me veio um gosto nostálgico incrível, ao ponto de não querer parar. Permanecemos na sala até a glória dos gozos se acabarem e se entrelaçarem como um quase nó no peito. Todos os gozos vindos da nossa genitália pareciam sair de dentro do coração e da mente. Todo nosso suor misturado e bagunçado ali nos arrepios de cada gemido me lembrava como a nossa ligação sexual era uma das melhores e pouco reconhecíveis no mundo. Nos ligávamos em um sentido tão claro e genial, sendo impossível de se romper com uma atração física desta. Atrações físicas é física; são forças da física, como suas leis. Elas sempre estão ali, existindo e agindo, mesmo ninguém se dando conta disto. Era tão impressionante como tudo funcionava cosmicamente.

Ela sorriu várias vezes para mim enquanto olhava para meu corpo, como se estivesse se lembrando de algo bom. E estava lembrando, de fato. Ela tomava muito cuidado com o meu pulso machucado em cada posição. Depois que olhara bem para meu rosto e no fundo dos meus olhos notara meu hematoma das batidas da polícia no dia da festa em que fui com Miguel. Expliquei para ela rapidamente a situação, mas já não doía tanto assim.

Continuamos aquela estranha volta de ligação por mais ou menos duas horas. Ela me deu beijos curtos quando estávamos deitadas, de mãos dadas. Sorri de contentamento.

- Eu realmente tenho que ir.

- Tudo bem. – Ela foi espontânea em me responder e se levantou do sofá, apanhando minhas roupas pelo chão, com todo cuidado.

Me levantei junto com ela e apanhei sua roupa. Sua blusa de alça com flores roxas estampadas tinha um cheiro inegável do seu perfume, na qual nunca mudava, sempre comprara o mesmo. Estávamos no escuro, com a luz da cozinha acesa refletindo no cômodo da sala.

A indaguei, subitamente:

- Porque está fazendo isso?

- Isso o quê? – Ela deixou minhas roupas no meu colo.

- Me ajudando.

Eu não sei por que falei isso. Provavelmente ela se encontraria enfurecida neste momento por estar achando ruindades de mim por não achar sua ajuda em lugar nenhum, como achei agora, nessa noite. Não a ajuda, a preocupação excessiva. Eu esperava, mais uma vez, sua reação sobre as minhas coisas ditas.

- Porque eu te amo.

Aquilo parecia ter soado sincero de sua parte. Não duvidei de forma alguma pois eu ainda conseguia ver seus olhos brilhando, desde que cheguei aqui e me ouviu como se ouve um padre na igreja, tornando todas as suas palavras absolutas e divinas. Foi como me senti, e ainda estava me sentindo com ela. Eu não ia responde-la o mesmo, mas ela sabia da reciprocidade. Olhos não mentem, e ela sabe como ninguém, que sou alguém movida a expressões, e não palavras extraídas.

Me vesti como se tivesse saindo de um banho quente. Tranquila, serena e leve. Ainda nos olhávamos enquanto eu precisava me manter de pé em sua frente para me vestir. Ela sorria sem parar. Coloquei a mão em seu rosto e a beijei no rosto.

- Eu já vou indo.

Ela me levou até a porta. Logo quando abrimos, meu telefone tocou. Era Miguel, e imaginei se ele estava me ligando por preocupação sobre aonde eu estaria, ou por me repreender e me insultar verbalmente. Não fazia diferença, eu já estava indo. Eu iria ver quando chegasse lá.

- Eu vou pegar um táxi. – Eu disse, antes de Denise me perguntar como eu iria voltar.

Antes que eu pudesse perceber sua atitude, ela me deu um beijo rápido na boca como forma de despedida. Eu saí de sua casa, sem olhar

para trás. Eu aprendi com seus ensinamentos de vida, de que olhar para trás não era preciso.

É uma pena. Ela não cumpriu um de seus ideais. Não dessa vez.



Enquanto eu abria a porta, tomei cuidado para ele não ouvir passo algum. Mas sei que quando penso em algo não desejado, isso acaba acontecendo. Então provavelmente iria acontecer algo com que ele fizesse dar ouvidos a minha chegada.

Hugo olhou para mim e latiu desesperadamente. Ouvi passos saindo do quarto de Miguel. Era o próprio. Me olhou fechando a porta delicadamente, me virei, e sua expressão era como se estivesse desapontado. Não sei bem se estava. O respondi com uma expressão de conformada com a situação. Eu estava cansada, só queria dormir, apesar de talvez não conseguir, por estar em conflito com ele. Caminhava para o meu quarto de um modo explicitamente cínico. Ele me parou, pondo seu braço na minha frente.

- Para onde pensa que vai?

- Para o meu quarto.

- Você não vai. – Ele se movimentou até a porta do meu quarto e a fechou – Você vai me dizer sobre hoje, estou sem entender nada.

Ele não tinha entendido nada? Para mim estava mais que claro o ocorrido. Sua família insultou-me por ter feito desfeita da ajuda de sua prima recém curada de um câncer. Estava mais dramático do que parecia ter sido. Eu não pretendia ter um contato com ele ou com sua família tão cedo. Nem tão cedo, nem tão tarde, depois dessa humilhação, e ele insistia em se fazer de cínico. Eu entendia em partes por eu mesma ter causado essas circunstâncias. Mas eu não sou de ficar calada em momentos de raiva, por muito tempo engulo a raiva, e como tudo que engulo – alguma hora devia sair. Ela não sai. A raiva não sai nunca. E se sai, como saiu hoje, é mais cabível colocar toda a culpa em cima de mim. Porque eu mesma merecia carregar o mundo todo nas costas.

- Você não entendeu? Claramente sua família não vai com a minha cara.

- Não, Olivia. – Ele engrossou a voz e pigarreou – Não se vitimize de novo. Ela me contou.

- E eu não posso te contar também?

- Não é questão de escolher lado. Você está passando por problemas psicológicos, sabemos que você não está bem.

Aquilo tinha soado patético de sua parte. Primeiro, insiste em querer desculpas dilaceradas de mim, logo em seguida ele mesmo me faz de vítima na sua cabeça multifacetada, onde nunca escolhe lados, está sempre mudando, como um vira folha. Aquele plural me deu um ódio maior. Sabemos quem? Ele e sua adorável prima? Ele me tratara como se eu fosse um animal feroz, onde precisasse se manter engaiolado, como um sinal de perigo para o resto da população. Denise tinha razão. Um homem não poderia cuidar de pessoas diferentes, como eu. Já estava mais do que na hora de sair dali. Não tinha tanto tempo assim, mas tudo dentro desta casa passara tão rápido me parecendo anos.

Acostumei-me com a toda a estrutura da casa, o contexto, a rua, a vizinhança. Tudo tão tranquilo e sereno onde sentia-me de volta a casa de minha mãe. O que matava e distorcia o bem-estar era a convivência com Miguel. Apesar de ama-lo muito, amor não é sinônimo de boa convivência, e nem se sustenta com ela, assim, tão crua e vérmida.

Eu estava até um pouco calma e relaxada depois desse meu encontro com Denise. Eu não tinha mesmo do que reclamar. A raiva não estava me consumindo agora, como achava que iria consumir após ouvir discursos contraditórios e insustentáveis como estes. Eu o ouvia sem parar, mas sem absorver nada. Era uma sensação de liberdade: esta, saber ouvir e se manter calada, sem fazer muita questão de mostrar seu ponto e suas crenças. Era libertário pois o ego desaparecia naquele momento. Eu me tornava o que sempre fui: uma observadora de situações, como se estivesse na cadeira de um cinema assistindo ao roteiro de algum filme no lançamento de uma sexta feira. Comendo uma pipoca salgada e amanteigada.

Ele continuava a falar e a olhar para mim, explicando hipóteses e suposições sobre sua família e sobre o caso de sua prima, como forma de defende-las. Eu entendia essa superproteção, não o culpava, de forma nenhuma. Minha compreensão estava indo mais além quando ele me explicava de jeito lúcido e sensitivo. Eu estava entendendo, mas não entendia o porquê do meu coração estar falando mais alto, estar priorizando a minha mágoa, os meus transtornos, a minha falta de discernimento. Minha confusão interna berrava, alguém precisava parar um dos lados. Eu racionalizava

ou sentia? Eu sentia. Mas por qual motivo estava racionalizando tudo agora? Minha intenção de colocar-me no lugar do outro era mais forte, não era racionalização nenhuma. Não sei lidar com a frieza do pensamento racional. Me entorpece e nunca me trouxe glória alguma. Infelizmente eu pensava com o dito coração, a metáfora que usam para distinguir seus pensamentos puros de seus pensamentos já influenciados pelo social ao longo de sua vida. Quando pensava com o coração, a parte pura e intocável de seu cérebro se acendia, e é tão raro de se acender em pessoas comuns. Era, e me mantinha feliz quando percebia minha especialidade em lidar com o barulho dos egos; e isso inclui o meu também.

Eu toquei sua mão devagar, e suavemente, o fitando de forma sombria. Ele olhou para sua mão, já sendo tocada pela minha e permaneceu com expressões interrogativas, foi quando ele parou de falar pelos cotovelos.

- Tudo bem. – Eu disse, sorrindo.

- Como assim? – Ele se assustou – Você não está sendo irônica, está?

- Não.

Ele percebeu a minha serenidade e se contentou com isso. Fizemos as pazes com ar pouco satisfatório para a minha alma ainda meio perturbada com seu descaso para comigo hoje, e me disse que ia deitar-se pois foi tudo muito cansativo.

Antes dele poder virar-se em direção ao seu quarto, ouvimos batidas na porta. Fui até lá com ele para saber quem era a esta hora. Hugo começou a latir. Ele estava na frente, abriu a porta. Três homens fardados do departamento policial. Ambos com a mesma expressão autoritária, emburrada e colérica. No mesmo sentido que ele, eu tremi. E senti seus pelos se arrepiarem, estava sem camisa, poderia olhar muito bem sua pele se escamando indiscretamente.

- Você é Miguel Seita? – O homem negro, do lado direito, com um boné perguntou, sem fazer contato olho a olho.

- Sim. – Ele gaguejou, mas tentou manter a postura.

- Temos um mandato de prisão para você.

No mesmo momento em que este disse a frase onde havia me chocado, e chocado ele também, os dois outros policiais tocaram em suas armas. Pude observar todas as suas atitudes mecânicas.

- Deve ser um engano. Eu não fiz nada. – Ele continuava amedrontado, mas agora mais explicitamente para que todos esses agentes pudessem ver.

Miguel não iria fugir, como eles pensavam que iria, ele não era assim. Ia tentar entender a situação e se explicar ferozmente. Fiquei pensando enquanto batiam boca se um deles não estava lá naquela festa onde nos socaram e nos humilharam em público. Um deles, o que iniciou o julgamento com Miguel, me trazia uma vaga memória de seu rosto. Um deles cortou o papo furado dos outros dois fardados e foi objetivo:

- Você roubou a mobília de um apartamento inteiro.

Ele assustou-se imediatamente e abriu a boca. Sem pensar, gritou, não falou. Pois sabia que estava acontecendo alguma injustiça. Ele nunca havia roubado nada em sua vida.

- Mas que porra é essa? Eu nunca roubei nada na minha vida!

Eu já tinha entendido tudo. Havia roubado todas as nossas mobílias, do meu apartamento com Janaina. Bom, eu não era capaz de acreditar que ela seria capaz de pôr um homem inocente na cadeira. Mas ele tentou matá-la, e com toda a certeza não assumiria o filho dele, então ela seria bem capaz disso. Me preocupei. Pensei em ligar para ela agora, mas não havia tempo, seria irresponsável e desastroso pegar o telefone e ligar para alguém. Eles suspeitariam e provavelmente me prenderiam junto.

Agora eu esperaria para ver. Encontrava-me assustada com toda essa provocação desses sujeitos fardados. Antes que eu pudesse voltar à realidade assustadora pairando no momento presente, dois deles arrancaram Miguel porta à fora de sua casa, e o colocaram em seu carro.

Eu estava aos gritos, aos berros, não pude me conter. Mandaram aquietar-me ou me prenderiam também. Um deles me deu um empurrão no peito e disse:

- Quieta, sua merdinha.

Isso corroeu meu interior e novamente, machucou-me quase como deixar cair um tijolo em cima de uma flor. É claro que eu era merda para eles, Miguel também era. Se eu não poderia fazer nada para eles soltarem meu amigo, insisti ao ponto de querer ir junto para a delegacia. Eles permitiram me levar no carro.

Em todo o trajeto, nós permanecíamos mudos. E os três homens cretinos contavam piadas e riam um do outro, como se não estivesse acontecendo nada de errado. Como se a situação ali não tivesse existindo. Eu e Miguel éramos um nada dentro daquele carro. Dentro do carro, dentro do mundo, dentro da podridão da organização de todo um governo. Eu

observava a careca de um deles, sentado no banco da frente. Me perguntei inúmeras vezes o que será que eles fariam comigo se eu decidisse dar um tapa ali naquela área, bem agressivamente. Provavelmente, me socariam.

Tudo se resolve com violência. Tudo é violência. Eu dizia isso para mim mesma, mas eu não queria que se desse assim. Eu observava todos os comportamentos das pessoas desde a pré-infância e absolutamente todos incitavam a violência de alguma forma. Eu entendia bem o porquê. Eu já tinha elucidado tudo na minha cabeça, mas me negava a viver de acordo com essas atrocidades diárias. Eu era uma criança em espírito, com um corpo de mulher adulta.

Enquanto eu pensava no meu corpo como de uma mulher adulta, o policial sentado do meu lado acariciou minha coxa maliciosamente. Olhei para ele com desespero. Ele sorriu, mais uma vez, maliciosamente. Eu só queria a chegada logo na delegacia. Eu não poderia reclamar, insulta-lo, desmerece-lo. Era um oficial, ele vestia uma farda. Mas que belo lixo de mundo é este. Nossos status social definem muito bem se merecemos ou não respeito. Não importa se ele me estupraria na frente de três homens ali dentro, ele era um policial, tinha de ser do seu jeito. Suas morais deturpadas me engrenavam de um modo fracassado.

Enquanto o desespero de estar ali sentada me mordida a mente, ele apertava minha coxa quase como uma intenção deu mesma gemer de dor. Pois aquilo começara a doer bruscamente. Eu estava de calça jeans folgada e o mesmo insistia em dizer no meu ouvido, sussurrando:

- Está me excitando.

Meu coração arrepiou-se de tanto terror. Esse é o pior dos arrepios existentes, que alguém poderia ter, sem controlar: o causado por atroz.

## XI

- Olivia, cadê o meu menino?

Eu havia ligado para a mãe de Miguel logo quando chegara. Ele já estava dentro de uma cela obscura e desumana junto com mais sete homens. Eu não podia entrar lá, por isso permaneci aqui e resolvi tomar alguma providência sobre isto. Eu estava sentada a esperando, e aquele policial me fiscalizava a todo o tempo. Fiz um esforço mental para ignorá-lo e ignorar suas ações de um estuprador.

A mãe de Miguel era empregada doméstica, tinha saído correndo da casa dos patrões para socorrer seu filho. Ele nunca havia sido preso então, por isso a preocupação tão urgente de sua mãe. Era um “menino de ouro” como ela o chamava sempre. Mas pena que ela não pôde ver o que o mesmo tentou fazer com Janaina, apesar de ter quase a plena certeza de ter sido ela a ter enfiado ele dentro desta cela demoníaca de presos doentes, todos beirando a autodestruição, sem expectativa de vida.

Seu grito foi alto e chamativo, onde todos ali olharam para ela chegando, quase como se houvesse alguém famoso entrando no local.

- Ele já está lá dentro. – Eu a disse, enquanto ela olhava desesperadamente ao seu redor.

Todos com um rosto pálido, cansado e ressequido. Viver assim era duro, eu não saberia como interpretar como cada família ali reagiria a alguém muito querido sendo preso, pois estava acontecendo agora comigo e com sua mãe.

- Eu quero ver ele. Como eu faço? – Ela falava continuamente, sem antes esperar minha resposta, interrogava os policiais barbaramente, fazendo a eles a mesma pergunta.

Eles batiam boca. Eu ouvia as vozes se confundirem e se misturarem na discussão, ninguém ouvia ninguém. O desespero de ver seu filho preso era maior que a força de dialogar suavemente. Eu pensei em ligar para Janaina para saber dela, mas saberia que, se fosse ela mesmo na qual armara esse plano para Miguel, ela nunca me contaria. Segredos são segredos. Um segredo haveria de ser segredo se não contasse a ninguém, se me contasse



não seria mais um segredo, iria atrofiar-me completamente e provavelmente a justiça poderia ser feita se eu verbalizasse. Mas para quem?

Todos ali começaram a pedir para a mãe de Miguel se acalmar, o que a deixava ainda mais enfurecida. Começaram os gritos e surtos. Eu estava sentindo aquilo por ela também. Eu a deixei confrontar-se sozinha com aqueles superiores da justiça e fui ver Miguel.

Eu só poderia falar com ele se fosse em horário de visita. Mas eu insisti – quase choramingando – para deixar-me vê-lo. Eu menti. Disse e redisse: era caso de vida ou morte.

Me liberaram, por fim. Fui lá dentro.

Sentei-me em uma das cadeiras e esperei o chamarem. Observava todo aquele recinto. Podre, sujo e fedido. Aquelas condições eram todas precárias. Como pode alguém viver bem em um lugar como este? Perguntava-me se aquilo seria uma forma de reabilitação de pessoas fora da lei. Se fosse isso, não os reabilitaram muito bem. Era tão inteligente da parte deles racionalizarem um pouco? Todos iam sair piores do que entraram. Esse sistema cria suas próprias criaturas e logo em seguida, não aturam lidar com as consequências da sua própria criação. Era tão desgastante pensar daquela forma e perceber com meu intelecto precário de que a solução estava bem à frente, mas por qual motivo permaneciam na inércia do egoísmo? Certamente não sabem que todos colhemos frutos um dia. E estes frutos são os mesmos dos quais plantamos, é impossível nascer uma fruta com uma semente de outra. É ilógico. É biologicamente e naturalmente imutável.

Ele veio até mim, lentamente. Não pareceu surpreso em me ver. Devastado, frio e silencioso. Apenas sentou-se na minha frente e esperou eu falar. Então eu falei, aquele silêncio me entorpecia aos poucos, bem devagar.

- Você imaginou o porquê de isso ter acontecido?

Ele bufou e desprezou a minha pergunta. Eu soei como uma psicóloga horrível, me notei quando me ouvi. Sua paciência não existia mais. Mas o que ele queria que eu dissesse a ele? Que tudo ficaria bem e ele poderia sair dali sã? Nenhum de nós tinha alguma quantia suficiente de dinheiro para poder tira-lo dali.

- Não confie em pessoas brancas. – Ele me disse, distraído, olhando para um pequeno corte em seu dedo.

Agora eu sabia: ele pensou bem. Ele já havia percebido a causadora dessa acusação injusta. Não me recordo se comentei com ele sobre a perda

das nossas mobílias, se eu comentei, então meu achismo era a certeza. Eu iria falar pressupondo que ela já soubesse.

- Pode culpa-la? Você tentou matá-la.

Não queria culpa-lo, ou culpa-la por nada mais. Mas era hora dele arcar com suas consequências, e ela também faria isso. Não com uma conversa ou repreensão, algo disso. A injustiça foi cometida, com ela nada foi feito; mesmo tendo quase morrido baleada por estar grávida.

- Vai se foder. Eu estou preso. – Ele gritou – Ela está viva.

Os federais fardados o mandavam abaixar o tom de voz.

- Eu ainda estou aqui, Miguel. Estou aqui, mas você não pode mais me tocar. Mas no momento em que eu puder te tocar de novo eu cubro seu céu novamente. Não garanto proteção pois não estarei aí com você. – Eu toquei sua mão e finalizei – Eu vou fazer o que for para te salvar.

Ele não se convenceu das minhas palavras mágicas e doces, e respondeu-me friamente:

- Você precisa se salvar primeiro, antes de poder salvar alguém.

Me salvar de mim mesma era uma necessidade intrépida. A solução para isto seria tirar minha própria vida, mas mais uma vez, não queria preocupa-lo, não nestas condições precárias de cárcere. Constantemente eu me sentia como um fardo derrotado, não posso ser um lixo reciclável. Eu não me renovo, eu apodreço nas minhas amarguras que me correm como se fossem correntes presas nos meus pés. Neste momento eu estava me sentindo um peso. Um peso nas costas. Eu estava oferecendo minha total lealdade e confiança sob nada de ruim acontecer com ele, e o mesmo se recusava a aceitar por conta da minha saúde mental desestabilizada.

- Você acha que tenho capacidade suficiente de salvar a mim mesma?

- Todo mundo tem. Você cria essa bolha na sua cabeça de precisar de alguém para se sentir bem e melhor. Seu maior inimigo é sua mente. Mas é seu melhor amigo também.

Todo aquele papo começara a soar meio filosófico para mim. Eu queria fumar um cigarro ali dentro enquanto conversava com ele, estava tensa e desengonçada mentalmente. Mas como não ficar nestas condições?

- Sua mãe está lá fora.

Ele assustou-se com a notícia.

- Sério? Eu quero vê-la.

- Não vão deixar.

- Por qual motivo? Você está aqui. Porque ela não poderia?

Por falar nisto, eu não saberia lidar com a situação que estava acontecendo lá fora. Ela brigava com todos do departamento. Tudo por causa de seu filho.

Imaginava muitas vezes como era ser uma mãe. Apesar de nunca ter tido uma vontade tão real de ter um filho, eu desejava. Creio que eles são como nossas criações. Quando faço uma poesia ou quando escrevo história, crônicas, contos. É como se aquilo fosse um filho para mim. Deve ser a mesma sensação. A diferença é que eles são de carne e osso, como eu. Perdê-los seria como perder um pedaço de mim mesma. Uma parte que vai embora, deixando um vazio oco, como se faltasse; e sempre faltará.

Ter filhos seria como esta sensação? De perder uma criação? Bom, para ser honesta, eles também são. Frutos da nossa cabeça, às vezes são projetos, às vezes eles só vêm, sem intenção de tê-los. Mas quando veem, dão alegria de olha-los.

Quando escrevo me sinto assim. São filhos meus.

- Olivia, chama minha mãe. Eu quero vê-la. – Ele persistiu.

Não o respondi. Me levantei da cadeira e fui em jornada para achá-la durante a delegacia. Antes de deixar o local de visitaçao, ele me chamou. Olhei para trás e ele me disse:

- Não pare de escrever não, viu?

Aquilo foi como se tivesse sido uma telepatia. Eu pensara nisso agora, e ele me incentivou; como se tivesse lido meu pensamento. Eu sorri, contente.

Filhos nutrem amor pelas mães também. Minhas criações nutriam amor por mim? Não, é claro que não. Eles não eram gente viva. Mas imaginava se fossem. Nunca me sentiria sozinha. E será que ter filhos preencheria essa sensação de vazio e solidão? Eu nunca mais me sentiria só? Era como ter um cachorro? Um cachorro de estimação não poderia dialogar comigo, assim como um recém-nascido também não, um bebê.

Mil pensamentos agora pairavam sob a minha mente desembrulhada do ceticismo enquanto eu andava por aqueles corredores assustadores, com uma energia de morte e ódio.

Perguntei ao homem branco da recepção sobre a moça negra parada na porta insultando os federais. Ele disse que a levaram para casa. A levaram para casa? Eu suspeitei de como a levaram. Tive medo por ela.

- Me explica isso direito. – Eu queria mais detalhes.

- Olha, menina, ela entrou no carro junto com os homens. Foi para casa. – Ele não prestara atenção em mim, olhava para o computador velho como olhava para uma mulher nua em sua cama.

Peguei meu telefone no meu bolso e tentei manter contato com ela. Nada. Caixa postal. Tentei avisar a Miguel, mas não me permitiram mais entrar no local de visitas. Ainda com o telefone na mão, disquei o número de Janaina.



- Eu sei que foi você.

- Um dia você vai entender o porquê eu fiz isso. – Ela nem tentou se explicar ou omitir sua ação injusta e cínica.

Aquilo me deu ódio. Eu começara a acrescentar mais ódio por ela, apesar de ter me ajudado tanto em momentos em que eu mesma necessitava de alguém. Mas falta de honestidade para mim destruiu e destroçava qualquer relacionamento recíproco.

- Ele tentou me matar. Não iria tomar as rédeas do seu comportamento irresponsável de ter transado comigo e não assumir um acaso acontecido.

- E por isso você colocou ele na cadeia?

- Olha, Olivia. – Ela parou e respirou fundo – Podemos conversar melhor pessoalmente, se você quiser. Apesar de que não espero seu entendimento sobre minha posição.

Eu desliguei enquanto ela falava. Eu não suportava ouvir aquelas audácias enquanto o acontecido era supostamente todos os meus contras. Decidi voltar para casa. Quer dizer, para a casa de Miguel.

Com ele em cárcere, como ficaria minha estabilidade? Eu voltaria a trabalhar? Voltaria a morar com Janaina? Ou me desmoronaria por completo? Existia Denise também, mas eu ia voltar para um buraco fundo aonde eu estava tentando sair há meses. Eu voltei para a rua e esperei algum táxi passar. O abordei, sinalizando.

Quando entrei no carro com o clima aromatizado de ar-condicionado, me deu uma vontade inédita: voltar a escrever depois de tanto tempo. Mesmo com desordens acontecendo ao meu redor, aquela vontade, inspiração, imaginação estava me contentando enquanto eu chegara em casa.

Não pensei em outras consequências da rotina. Cuidar de Hugo, cuidar da casa, saber administrar as contas de luz, água. Nada disso importara quando minha inspiração vinha e tomava meu corpo como uma sensação de nirvana.



*Com a língua dormente, pernas pálidas e com a boca seca  
Eu me proíbo de dormir consciente de sua partida  
Eu fugiria contigo, mas não agora  
Poís minha vontade de morrer trepida como um volante convulsionado.*

*Momento escondido de pavor por medir disposições  
Sérias; mas não tão sérias capazes de provocar desfeita  
O início da noite me ordena a sonhar  
A austeridade do meu rosto me cansa.*

Tinha conseguido escrever duas estrofes rapidamente de uma poesia enquanto tinha chegado em casa e sentado no sofá da sala pegado o bloco de notas da mesa de madeira. Aquelas duas estrofes já me contentavam ao mínimo. Mas depois, sentia uma estranha melancolia me domando. E ela não me permitia continuar a poesia. Mas que merda. Eu gritei enxovalhos rapidamente e soquei a almofada do sofá. Eu tinha que pelo menos acaba-la, ou me frustraria novamente.

*Mas já é tarde, eu sou fraca demais para realçar-me na luz de cobre  
Eu tenho sede de algo sem nome, sem carteira de identidade  
Se pudesse me perdoar por meu amor ser incompleto  
Todo batimento do meu coração agora é um tiro de falsidade.*

Pelo menos a melancolia me servia de algo. Mais uma estrofe já tinha sido completada. Eu creio que a desesperança me enche o cérebro sempre quando começo a criar. Desesperança, desânimo, uma mistura de cores mórbidas na qual me sentia obrigada a misturar-me. Pois sentia aquilo há tanto tempo, se eu sáísse agora me renderia para quê? Para quem? A felicidade é uma utopia. Se fôssemos felizes, não faríamos arte.

Eu sentia – com a parte mais pura da minha mente – que a felicidade era como uma agulha enfiada no meu braço para retirar sangue. Era uma pontada, apenas. Assim como doía, por um segundo, assim era a felicidade. Eu a sentia, por apenas um segundo em determinados momentos. Viver assim era corrosivo?

Eu vivia assim por vinte e seis anos. Minhas experiências mudaram, modifiquei-me ao máximo, aprendi; mas minha visão sobre este mundo cor de rosa inventado pelas pessoas continuava a mesma. Há quem dirá para mim que eu mesma enxergo o mundo com cores rosas e vivas também. Talvez sim. Mas eu não sentia o brilho desses espaços e dessas falas tão fugazes.

Larguei o bloco de notas com a caneta na mesa e fui até a cozinha pegar uma xicara de café. O café tinha acabado, coloquei a água para esquentar imediatamente. Enquanto esperava a água borbulhar, pensei em como a espera é aterrorizante e nos causa explosão. Percebi isso com esta solução da água se esquentando. Demora, demora, demora. O borbulho é como uma explosão. A espera eterna de algo melhorar não me satisfazia, e minha explosão era por dentro; era autodestrutiva. Não era pelos outros, para os outros. A cada vez que explodo pela espera da felicidade, eu morro sem saber que morri. Eu nunca sei, pois, meu corpo continua vivo, em pé, intacto. Mas eu morro. Esta semana já morri dez vezes, eu creio. Não contei nos dedos, foi pura dedução. Como eu fazia para domar este aspecto acinzentado da morbidez? Achar a paz, a tranquilidade e a serenidade em mim; era o que minha mãe dizia. Mas eu já me sentia em paz.

Sentei-me em uma das cadeiras da cozinha e minha vontade de escrever havia sumido. E a de fazer o café também. Hugo estava ali perto de mim, sentado no chão, comendo sua ração de uma semana no prato. Seu prato de água estava vazio. Me levantei para deixa-lo um pouco de água fresca. Me sentei novamente.

Meu coração começara a apertar repentinamente. No vácuo, na solidude, no extenso do silêncio. Eu estava sujeita á isto. Eu não poderia ficar sozinha. Os pensamentos de incapacidade, inutilidade e inferioridade atordoavam novamente. Mas incapaz de quê? Inútil em quê? Inferior á quem? Me perguntava. Á vida? Talvez. Eu não era alguém capaz de permanecer sozinha por muito tempo, ou enlouquecia.

Enquanto a água começara a borbulhar, sentia uma febre muito estranha no meu corpo me tomando até chegar nos dedos dos pés. Comecei a

me tremer, sem controle de mim mesma. Eu estava tendo alguma espécie de crise de pânico. Eu queria sair dali agora. Sair dali que eu digo, sair de mim; do meu corpo. A água borbulhava escandalosamente. O som daquilo me prendia ao desespero.

Corri para a sala e disquei o número de Janaina. Observei que tinham três ligações suas perdidas na caixa de mensagem. Eu ligaria para ela agora mesmo. Nem chamava, dava caixa postal o tempo todo. Eu cansei. Fui até o meu quarto, joguei todos os meus remédios antidepressivos na minha mão e pus na boca. Fui até a cozinha beber alguns goles de água para todos os comprimidos descerem bem.

Enquanto isso, peguei a água quente na chaleira para fazer o café. Não durou alguns minutos, me sentia fraca e quando percebi, já estava deitada no chão, quase adormecida. Deixei a panela com a água quente cair no chão junto comigo, sentia aquela queimadura sob minhas pernas como se estivessem as amputando.

Doía tanto, mas não conseguia me concentrar nelas, pois estava tão grogue que meus braços não captavam nem mais as coordenações motoras.

Fechei os olhos.



Mais uma vez, me encontrava no hospital. Mas dessa vez, em uma cama diferente, em um quarto diferente, sem dividi-lo com ninguém. Um hospital diferente, me parecia. Me sentia fraca e quase incapaz de me mover. Percebi ainda estar um pouco grogue. Não percebi quem estava perto de mim e quem não estava. Conseguia ver alguns vultos.

Esfreguei um pouco meus olhos com uma das minhas mãos. Eu vi. Denise, Janaina, o psiquiatra na qual me atendia por todo esse tempo. Não entendia o porquê de todos estarem ali, me analisando.

Eu tentei me matar de novo.

Como se eles não soubessem que isso poderia acontecer de novo. Qual é a grande surpresa?

Denise veio até mim e acariciou meu braço.

- Amor, o que você está sentindo? Dores? Sensação de desmaio?

Eu juntei minhas sobrancelhas e bufei um pouco.

- Não. Nada. – Minha voz estava tão fraca como quem tivesse acabado de acordar. E eu tinha acabado de acordar.

Os três me olharam como se quisessem dizer algo. Estavam apreensivos, tensos e com expressões de lástimas.

- Olivia... – Jana começou – Decidimos que vamos internar você.

Aquilo assustou-me e no mesmo momento, me arrepiei por completo. Eles não eram capazes de fazer isto. Não. Se o fizessem, seria uma prova concreta de que nunca se importaram com a minha psique.

- Vocês não podem fazer isso comigo. – Eu sentei na cama, rapidamente – Vocês não seriam tão cruéis assim.

- Estamos sem condição de cuidar de você. – Janaina continuava falando com aquela sua voz irritante de tão fina.

- E você acha que uma merda de uma clínica psiquiatra vai cuidar? – Eu já me encontrara enfurecida e fora do meu controle emocional.

O psiquiatra branco interrompeu nossa discussão:

- Fique aliviada, Olivia. É tranquilo. Eles não vão te dar tratamento de choque ou coisa assim. – Ele deu risada da minha reação de medo e desespero.

Eu queria que ele estivesse no meu lugar para dar risada dos seus medos também.

- Vai se foder, seu velho branco pretensioso.

Ele olhou para mim com um rosto meio desengonçado. Como se estivesse morrendo de raiva por dentro, mas com um certo receio de demonstrar para prezar seu status de bom psiquiatra, cuidando bem de seus pacientes. Tudo bem, eu já tinha percebido seu jogo ridículo de ambição desde que ele começara a me atender e quando me receitou todas aquelas bombas com as quais tentei me matar ontem.

Ele fechou seus olhos bem apertados e respirou fundo. As meninas o olhavam também com um certo receio de que ele estivesse planejando alguma forma de me atacar por eu ter cuspidado essas palavras tão pesadas em cima do seu ego masculino.

- Vamos leva-la hoje, não acham? – Ele perguntou para elas, ignorando minha presença.

- Eu não vou. – Eu disse, com uma maior certeza firme do mundo.

- Você vai. Você precisa de ajuda. – O psiquiatra me provocava arduamente.

Porque ele simplesmente não me deixava em paz e eu pararia de ser sua paciente? Era tão prático. Pois eu bem se: foi o próprio a recomendar

que me internassem numa clínica. Tanto Denise quanto Jana nunca teriam uma ideia tão desumana como esta.

- Vamos. – Denise pegou no meu braço - Não tente resistir. Só vai piorar.

Minha opinião sobre minha ex-namorada tinha sido distorcida completamente agora. Como ela seria capaz de concordar com algo assim? Logo ela, uma das pessoas mais sensatas entre minhas conhecidas.

Eu não resisti. Me levantei e caminhei junto com ela para do lado de fora. Me puseram em um carro que me levaria até lá. Antes deu entrar nele, me virei para Denise e olhei em seus olhos azuis.

- Você nunca me amou.

## XII

- Olivia, não é? Nome bonito. – Ela sorriu com gosto.

Quem me atendera na clínica logo de primeira foi uma mulher psiquiatra. Menos mal. Me dava melhor com mulheres, elas entendiam melhor as coisas incompreendidas do mundo.

- Então, me conte. O que faz da vida? Ou pretende fazer?

- Eu sou escritora.

Ela animou-se com minha resposta.

- Artista? Ótimo! E qual é o problema?

Era mesmo uma boa pergunta. Qual era o problema que me assolava tanto dentro da minha cabeça? Por qual motivo eu não conseguia ter um pingão de felicidade? Nunca a encontro, em qualquer canto que olhara. Aqui não era o meu lugar, muito menos do lado de fora. Eu observava toda aquela sala da psiquiatria. Era um clima bem arrojado, ventilado e aconchegante. Me sentia confortável ali com ela e sua presença.

Eu dei uma risada amarela e de desgosto.

- Bom, eu não sei.

Ela anotou algo em seus papéis em cima de sua mesa com sua caneta preta, provavelmente o que eu acabara de dizer. Mas não era uma informação muito relevante para ser escrito, era inútil o fato de não saber o porquê de algum paciente se sentir assim. Eu continuei:

- O problema sou eu.

Ela parou de anotar e olhou para mim, estupefata.

- Você acha que você é o problema?

Eu afirmei com a cabeça.

Ela parecia minha amiga de anos. Senti uma sensação insólita de poder conversar qualquer angústia. Talvez essa tenha sido a razão de completar minha incerteza agora com essa sensação de menos valia e inferioridade.

- Você tem certeza disso? – Ela foi profunda em sua pergunta e em sua expressão – Você quer que eu concorde com você?

Eu não queria que ela concordasse comigo. Eu fui sincera e honesta e a respondi que não. Queria alguma ajuda dela para sentir-me melhor co-

migo mesma. Eu me sentia pequena, indefesa, uma criança cheirando os odores da cidade. E eu não gostava desses odores, faziam-me sentir fraca aos alvoroços acontecimentos. Eu desejava ser forte de alma e corpo. Contei dos meus vícios do cigarro e da bebida, como eles eram minhas escapatórias da realidade. Porque muitas vezes a escrita só não bastava para tirar-me da realidade. Eu precisava de algo que a complementasse mais. Era isto. Meu complemento poluído e destrutivo. Mas o que eu era se não autodestrutiva? Eu não sabia lidar com nada sem sentir dor pelo futuro que estava por vir ou sentir dor pelo passado decepcionante que se foi. O presente não me contentava nunca. Parece mesmo que a vida só acontecia no passado e no futuro. Quando o presente acontecia ocorria alguma forma de estagnação da minha pessoa e do meu espírito e me paralisava. Não conseguia sentir no instante presente, quando se tornava passado é quando se tornava real. Mas por qual motivo a minha cabeça doente era moldada desta forma? Eu acreditava que isso já vinha comigo desde o nascimento. Uma carga energética. Desde que nascemos, possuímos graus, perfis, essências de personalidades já grudados no nosso espírito, saindo da barriga da nossa mãe.

Contei sobre minhas crenças para ela. Que para curar-me de verdade só nascendo de novo. Eu não tinha salvação e nem pretendia ter. Por horas, eu pensava sobre minhas saudades e momentos felizes mas duravam pouco, era uma pontada de agulha. Expliquei para ela sobre essa analogia que eu fazia na minha cabeça sobre a sensação da felicidade.

Eu tinha tanto á falar da minha vida para ela que não sabia mais separar as explicações. Minha mãe tinha morrido assassinada pelo meu pai e eu não soube relatar isto para ela sem chorar. Mas não aquele choro de desespero, era um choro de saudade. Nada muito dramático. Contei sobre como me assumi homossexual, minha história com Denise e como eu andara ainda superando tudo isto. Sobre Miguel sendo preso e Janaína lidando com situações por conta própria. Sobre como, constantemente eu me sentia uma péssima amiga e pouco digna de confiança e convivência, e como isso era mais um motivo para matar-me por dentro. O não servir, o não ser útil para alguém, para pessoas amáveis. Falei sobre minhas tentativas de suicídio de uma forma tão natural; ela deu risada e comentou sobre isto também, de forma natural.

Eu contei o que acontecera nos últimos tempos. Tudo. Ela arregalava os olhos a cada vez que eu me abastecia no clímax da história. Ela parecia

animada em ouvir-me, apesar dos ataques de sustos bem engraçados e estratégicos dela.

Ela foi anotando tudo, de pouco em pouco. Permaneci calada por um tempo até ela acabar. Enquanto ela se concentrava no que escrevia, eu olhava para seu rosto detalhadamente. Observava bem seus traços físicos, suas imperfeições; que mais pareciam perfeições pois combinava muito bem com sua fisionomia.

- Eu vou mudar seus medicamentos. – Ela disse, ainda escrevendo olhando para a papelada – Vou te recomendar mais quatro e retirar dois.

Mais quatro? Não esperava que ela fosse tão radical no tratamento.

- É para a sua melhora.

Ela era mesmo uma pessoa simpática e divertida. Não tinha nada contra, e nem mesmo percebi algo em seu olhar. Era inocente e brilhante. Ela poderia falar o que fosse, eu interpretaria de forma diferente, pois eu não enxergava a maldade vinda de uma pessoa como ela. Mas todo cuidado é pouco.

- E hoje? Você pensou em suicídio? Depois desse ocorrido de ontem. – Ela se demonstrou séria.

- Eu penso o tempo todo. Não necessariamente em suicídio. Mas em morrer.

- Entendi. – Ela voltou a escrever e respirava fundo enquanto escrevia.

Eu estava um pouco contemplada por estar me sentindo bem em desabar tudo aquilo para alguém que eu acabara de conhecer. Não me sentia assim, tão aberta com alguém faziam tempos. Uma sensação boa desabrochou por ter tirado estes pesos das minhas costas. Me perdi na vontade de querer continuar uma conversa com ela. Fui puxando uma forma de diálogo, mas não de uma forma amigável. Desabafei mais. Eu contava mais a ela como meus relacionamentos amorosos eram um desastre. E como eu analisava isto de uma forma tão fria e calculista. Ninguém queria estar perto de alguém aonde na maioria das ocasiões está morta. Que sente medo, pavor e ódio de tudo. Alguém que não sabe ser feliz e agir com despreocupações algumas vezes.

Ela me interrompeu dizendo:

- Eu não acho que você tenha ódio de alguma coisa.

Não entendi aquela sua suposição, mais me parecendo uma certeza. Como se estivesse se gabando de ter achado aquilo dentro de mim. A curiosidade se instalou e a perguntei:

- Porquê?

Ela riu com um canto da boca, usando um espécime de ironia no seu gesto.

- Eu vejo o brilho nos seus olhos, o jeito como fala de coisas que te magoam. Mesmo que sua boca fale palavras cortantes. Seu rosto não me diz isso.

- Meu rosto? – Não tinha entendido.

- Suas expressões. Faciais e corporais.

Eu ri de nervoso de suas observações tão rápidas e conclusões tão precipitadas.

- Você lê pessoas tão bem assim?

- Claro. Como eu poderia ajudar alguém se eu não souber lê-lo? O que está sendo exposto na minha frente? Sabe, eu tenho uma teoria. – Ela continuava a falar, demonstrando empolgação - eu acredito que palavras são um jeito de nos dispersar e de nos manipular para não conseguirmos enxergar o óbvio, bem em nossa frente.

Aquela sua resposta foi tão auto identificativa que comecei a dar risadas. Era o mesmo sentimento possuído por mim sobre a linguagem.

- Desculpe se isso pode ter te ofendido.

Eu a interroguei:

- Porque isso me ofenderia?

- Você não é escritora?

- Sim. – Eu a respondi, firme, e expliquei-me – Mas isto não muda muita coisa. As palavras que escrevo são uma fuga, um refúgio, um esconderijo desse mundo. Não as uso nas minhas relações pessoais.

Ela se contentou em analisar e absorver minha resposta. Esteve á pensar por alguns segundos, olhando para janela e olhando de volta para mim. Permaneceu em estado de transe, olhando para a parede amarela-bege do consultório.

- É uma boa tática para se viver, não é? – Ela me perguntou, e a pergunta não me pareceu retórica, então respondi.

- Sim. Eu preciso de uma fuga desse mundo podre. Não iria nem estar aqui se não fosse por esse escudo.

Ela olhava para mim, com olhos brilhando.

- Vejo que você tem objetivos.

- Não sinto isso. – Eu rebati, rapidamente.

- Mas eu vejo. – Ela insistiu – Eu posso estar errada, mas é minha visão.

Eu estava com muita vontade de fumar um cigarro agora, mas a conversa estava tão entendível entre nós duas que eu não queria levantar daquela cadeira, nem mesmo para ir ao banheiro. Ela me disse que iam reduzir a quantidade de cigarro que eu fumaria lá dentro, porque tinha horários para sair ao ar livre – nos horários de refeições.

Alguém me buscaria a qualquer instante para me levar até o quarto aonde eu me instalaria, e eu teria uma colega de quarto também. Só espero que nossa convivência não seja insuportável. Ser suportável para mim já bastava.

Eu sempre tive dificuldades de fazer amigos, de socializar-me. Mas, como eu estava em uma clínica psiquiátrica, não via isso como um obstáculo. O meu maior medo era de um julgamento maior sob mim, mas quem aqui dentro teria razão e direito para julgar alguém?

Eram todas loucas. Ou disfarces de loucas. Mas quando se usa um disfarce, você está vendo toda a dor de ser um louco sob a superfície. Não sente muito bem o que é, mas está vendo; está sendo empático.

- Vamos nos ver três vezes por semana, Olivia. Aqui mesmo, nesse consultório. Alguém que trabalha aqui te levará para cá no seu horário de consulta.

Aceitei este cabimento e ser atendida por ela; aceitaria até mais vezes, se fosse possível. Foram muitos minutos conversando, mas senti algo bom estando em uma consulta com ela. Fui até a porta para sair de sua sala e ser encaminhada até o meu quarto, mas me virei e perguntei-lhe:

- Qual é o seu nome?

Ela sorriu.

- Antônia.

Era o mesmo nome da minha mãe.

Me encontrei em uma luz resplandecente dentro de mim. Eu queria ter lhe dito que era o mesmo nome da minha mãe, mas ela notou minha esquisita felicidade em saber seu nome, e pode ter pensando algo do gênero em sua cabeça.

Saí da sala e fechei a porta.

Uma mulher com cabelos longos, loiros e com aparência bem jovem se aproximou de mim com uma caderneta.

- Olivia?

Eu disse que sim, e comecei a segui-la. Caminhamos até outra ala, bem longe do consultório. Atravessamos a sala principal, a sala de televisão, banheiros, a cozinha, até chegarmos aos quartos. Cada porta tinha escrito o seu respectivo número. Ela me deixou no quarto quarenta e três. Ela abriu a porta e tinha uma mulher lendo um livro infantil; e ela também tinha uma aparência e vestimentas bem infantis. Ela me deixou ali e me aproximei da cama vazia, deixando os poucos pertences trazidos ali, ao lado da cabeceira.

A mulher me olhou da cabeça aos pés. Pude notar que suas expressões também eram bem infantilizadas, mas ela mesma parecia ter uns trinta anos. Olhou para mim bem surpresa, deixando seu livro de lado. Ela pôs o livro na cama virado de cabeça para baixo e se sentou.

- Quem é você? – Ela perguntou-me.

Eu demonstrava estar a alguma disposição de diálogo.

- Eu sou Olivia. E você?

- Ana.

Sorri para ela e comecei a tirar meus pertences da pequena mochila, organizando tudo no chão.

- Minha mãe me deu esse nome porque disse que combinava comigo, significa “graciosa”, algo assim. Sabia disso?

- Não sabia, não. – Eu a respondi, bem séria – Mas tenho curiosidade em saber mais sobre o significado de nomes.

- Ela me deixou aqui. Mas daqui a pouco ela volta. – Ana continuou, e eu entrei no seu assunto.

- Foi para onde?

- Para o mercado, fazer compras. Ela daqui a pouco está voltando para me buscar.

Eu acho que tinha entendido. A mulher pensara ainda ser uma criança, provavelmente deve ter tido algum surto de idade ou identidade e ter se achado na sua forma infantil. É este o motivo dela estar internada? Por achar que ainda é uma criança? Sim. Ela tinha perdido a noção da realidade. Um hospital psiquiátrico era para pessoas assim, como ela, como eu: quem não está tendo mais noção nenhuma de sua realidade.

Eu não tinha mais percepção nenhuma sobre nada, e nem mesmo essa Ana. Mas, claro, tínhamos perdido a noção em contextos e motivos diferentes. Não achava nada mal dividir um quarto com alguém assim, pelo

menos não era alguém na qual tentaria me matar durante a noite. Assim, eu esperava.

Eu esperava que ela não me matasse.

Mas eu olhava profundamente para seus olhos; assim como eu fazia com todo mundo quando eu acabo de conhece-los. Nossos olhos escondem as mais profundas verdades sobre nós, e eu não achava que ela seria alguém do feitio de matar. Eu poderia estar levemente enganada, mas não me parecia ser algo do gênero. Senti alguém muito sensível, se deixando enlouquecer por causas nas quais eu tinha total desconhecimento sobre. Mas como ela era minha colega de quarto, iríamos conversar sobre. Talvez quando eu estivesse sem sono; ou ela. E nenhuma de nós conseguíssemos dormir.

- E há quanto tempo ela está no mercado? Não voltou até agora? – Eu provoquei, instigando minha curiosidade interna com sua esperada resposta.

Ela franziu a testa e respirou fundo. Cruzou as pernas e agarrou seu livro, como se fosse um urso de pelúcia, o colocando na frente da sua barriga, de braços, e respondeu-me, amargamente, olhando para baixo:

- Faz uns quatro meses.



A sala da televisão sempre estava muito cheia, logo no período da manhã onde todos comiam desesperadamente. Parece que não comiam há meses. Alguns ali poderiam levar seus pratos para comer no sofá, em frente à televisão. Mas só passavam programas educativos e que instigavam a imaginação. Canais infantis também eram livres. Mas nada que fazia contatos com tragédias mundiais era posto ali nos canais da clínica.

Era horário de almoço agora. Eu fiz meu prato, fui para a sala da televisão e me sentei no sofá. Uma adolescente, com cabelos brancos, pintados, me olhou com olhar de discórdia, e disse:

- Esse lugar é meu.

Eu não queria causar nenhuma forma de briga, muito pelo contrário, queria permanecer quieta e no meu canto contando os dias para ir embora daquele lugar. Mas nem eu mesma sabia por quanto tempo eu permaneceria dentro deste cárcere. A respondi, com muita delicadeza:



- Qualquer um pode sentar aqui, não é?

Ela parecia se enfurecer aos poucos com a minha resposta. Não me parecia “louca”, ou algo assim. Só com um temperamento meio colérico, incapaz de receber uma resposta negativa. Uma outra mulher bateu no meu ombro, me virei para trás e ela me disse:

- Não mexe com essa daí, não. Dá o lugar logo.

Dessa vez eu não insisti, cedi o lugar. Fui pergunta-la o porquê de não ter um contato tão próximo com aquela que tinha me mandando sair do lugar.

- Ela gosta de queimar coisas. – A mulher continuou enquanto colocava quase um pão inteiro na boca, falando com a boca cheia, mastigando – E já é toda assim, cheia de raiva. Não duvido que ela queira te queimar durante a noite.

- Mas ela não poderia entrar no meu quarto.

A mulher deu gargalhadas.

- Você acha que por aqui tem algum tipo de proteção? Ninguém se importa com nada por aqui. Fazemos o que puder para sobreviver e é isso. Somos todas loucas.

- Então qualquer um que queira entrar no meu quarto, simplesmente fará isso?

- Bom, você tem que certificar-se de trancar a maldita porta.

- Qual é o seu nome? – A perguntei

- Cristina. Prazer. – Ela apertou minha mão, quase forçando o cumprimento – Eu poderia estar aqui cuidando de vocês.

Ela falava demais para meu gosto. E me parecia sensata também. Percebi que ela não parava de falar, então a deixei no seu espaço, não atrapalhando sua lógica cerebral de manter os diálogos organizados na linha de raciocínio. Mas também me mantive um pouco interessada sobre seu assunto, não a precisei nem perguntar, ela mesma respondia por ela, e continuou:

- Mas é tudo culpa daquele meu marido imbecil. Homens podem te foder. Não podem, como vão. E infelizmente não é no bom sentido que eu falo.

Ela continuava a falar enquanto mastigava, deixando cair alguns farelos em mim e na minha camisa branca.

- O que ele fez? – A perguntei.

- Me incriminou. Disse para todos que eu era louca. – Ela começou a beber seu suco de cajá desesperadamente – Disse que pessoas loucas não tem condições nenhuma de cuidar de outras pessoas loucas.

Eu concordava em partes. Lembrei do que Miguel me disse na cadeia. Eu não poderia salva-lo pois eu precisava ser salva. Mas eu não sei do que eu precisava ser salva, exatamente.

Eu precisava ser salva de mim mesma. E isso não é uma resposta me trazendo soluções, é uma resposta vaga. Como se eu tivesse que suportar todo o peso de ser eu mesma, neste corpo, nesta mente abominável. Eu repetia todo o pensamento anterior de tentativas de suicídio. A única forma de poder me salvar de mim mesma era o suicídio. Ou então alguma forma de lavagem cerebral que poderia existir, me fazendo voltar a ser um bebê novamente; como Ana. Evitando experiências ruins na qual me marcaram, evitando ter nascido em um contexto horrível e em uma condição social desfavorável para mim. Ninguém sabia – além de mim – o quanto isto pesava-me nas costas. Este fardo inebriante e fixo, não faz correnteza com nenhuma prova boa de esperanças de uma vida digna com uma saúde mental instável. Eu nunca tive isto.

Eu não esperava que essa Cristina me ouvisse ou ouvisse meus pensamentos, mas enquanto ela falava poderia me sentir um pouco mais confortável por ter encontrado alguém que esteja na mesma posição que eu para alguém. Ambas queríamos salvar e ajudar alguém. Ou alguém. Não importa. Ela não parava de falar, algo muito oposto a mim, evitando especular e fazendo tudo que já sei fazer: reprimir emoções. Eu buscava uma alternativa para esquecer-me dessas emoções reprimidas, era o de escutar pessoas como essas e esquecer-me de tudo me assolando.

- Você era psiquiatra?

- Eu não era, eu sou. Isso é temporário. Só por mais um tempo estarei retornando ao que mais gosto de fazer, ajudar pessoas.

Outro ponto em comum: ela tinha esse desespero descabido em ajudar pessoas. Lhe perguntei algo mais a fundo:

- Você gosta de ajudar até quem te machucou?

Ela olhou para mim com um ar pouco suspeito, como se ela achasse que minhas perguntas fossem alguma forma de investigação. Franziu o cenho e andou até a mesa, deixando seu prato e o copo ali em cima.

- Eu não deixo meu plano pessoal interferir no meu plano profissional.

Eu a rebati com outra pergunta:

- Mas seu sonho de plano profissional não começou com seu contentamento de um plano pessoal? – Ela começou a me observar e a fitar-me – Quer dizer, você não pode sonhar em ser algo que quer, sem antes elucidar isso com emoções, certo? Seu lado pessoal é o próprio criador disso.

Ela me pareceu bem interrogativa após eu tê-la falado isso. Permaneceu em silêncio, possivelmente pensando sobre minha resposta articulada. Não se submeteu a me responder se concordava, desconversou, mudou de assunto.

- E você? Faz o quê da vida?

- Eu trabalhava em uma editora. Sou escritora.

- Literários?

- Sim.

- Entendi porque pensa tanto.

- O que quer dizer com isso? – A perguntei.

Ela se sentou no sofá, junto a mulher que ainda estava sentada no meu lugar onde eu a cedi, e falou para mim, de costas:

- Ora, você é uma pensadora. Não é?

Provavelmente se a minha vontade de me matar era tão louca e encorajada pelo meu consciente, definitivamente era porque eu pensava demais. Eu era uma pensadora. Me senti um pouco grande por ter me dado este título agora em minha mente. As pessoas sempre se referem á pessoas pensadoras como alguém sábio, sabe do que fala e conhece o que diz. Eram consideradas pessoas dignas de respeito. Eu podia ser uma delas, mas isso me vinha com um peso gigantesco: essa dor anti fugaz. Era tamanha que eu mesma já não conseguia ouvir as palpitações do meu coração por sentir ele sendo apertado por imensos cordões feitos de aço.

- Sou. – Eu disse, dando leves risadas de canto de boca.

- Então você é uma das minhas. Qual é o seu nome mesmo?

- Olívia.

Ela virou-se para mim e sorriu.

- Nome bonito.

Eu a agradei e continuei ali, junto á ela, na sala da televisão. Ela parecia não estar prestando muita atenção ao que passava, me fazendo outras perguntas e eu me mostrando interessada também em responde-la.

- E você? Porque está aqui?

Eu a olhei profundamente.

- Eu quero me matar.

Ela mostrou-se clara e pensativa depois dessa minha resposta, ficando boquiaberta. Depois olhou para televisão novamente, enquanto enfermeiros passavam bem na nossa frente.

- Você tentou?

- Duas vezes.

- Mas porquê?

Eu simplesmente odiava aquelas perguntas. Por que eu queria me matar? Eu poderia dissertar sobre, escrever uma redação. Escrever várias páginas em algum caderno e entrega-la. Eu me mostrava em dualidade de personalidades quando alguém perguntava-me isso. Eu abriria o jogo ou guardava tudo para mim? De qualquer forma, ambas as opções faziam-me sentir mal comigo mesma. Se me abro, me sinto mal por ter falado da minha vida com alguém na qual não lhe é de interesse. Se me fecho, me guardo, reprimo o sentimento e me sinto pior comigo mesma. Talvez a primeira opção seja a melhor a se fazer: falar.

Eu nunca fui mestre em falar. Desde pequena minha mãe me dizia que eu precisava entrar no teatro ou algo parecido para deixar ir essa timidez, essa personalidade enrustida. Não sei se ela era enrustida ou se era só um modo de defesa criado por mim para arcar com minhas dores do abandono. Do mesmo jeito, não era bom. Eu sabia. Mas eu estava dentro de uma clínica psiquiátrica. Quem se importava com alguma coisa ali? Todas aquelas mulheres só queriam sair dali, não se importando necessariamente com o que acontecia ali dentro enquanto estávamos todas encarceradas. Então, ouvir alguém desabafar qualquer angústia era uma forma delas mesmas se distraírem. A psiquiatra aqui parecia estar se dando muito bem com várias loucas ao seu lado. Mas não se comportava como uma, eu devia admitir. Seu feitio era de alguém leve e não compenetrada em problemas alheios, deixando alguma ventania do destino se destilar sobre seu colo.

Ela me perguntou isto, mas não parecia estar tão atendida em uma espécie de “cura” para o meu problema, algo que; alguém no ramo da psiquiatria estaria interessado em fazer. Até eu mesma estaria se eu estivesse no seu lugar.

- Eu não acho que sei lidar com minhas dores. Elas não cicatrizam.

- Isso é bobagem. – Ela me respondeu, olhando para a tevê – Todos sabem lidar com suas próprias dores, você não estaria sentindo ela agora se fosse incapaz de senti-la.

Não entendi muito bem sua resposta. A indaguei.

- Não entendi muito bem.

Ela se virou para mim e finalmente prestara atenção em mim e no que eu queria dizer-lhe.

- Olha, quando você nasce, você recebe uma natureza, certo? É sua personalidade. E a vida vai lhe entregar exatamente o que sua natureza é capaz de suportar. Ela não te entregaria nada que você não fosse capaz de receber.

Cristina estava mais me parecendo uma budista do que uma psiquiatra. Se ela estivesse mentindo para mim ou não, eu estava gostando daquele assunto. De certa forma, ele me fazia sentir melhor comigo mesma e enquanto continuávamos a conversar. Ela provavelmente deve ser de uma área que pregue todos aqueles papos errôneos de privilegiados; como a vida é bela e doce, necessitando a todos nutrir a paz em nossos corações. Não que eu discordasse disso, mas se todos seguissem essas espécies de mantras as diferenças pessoais se tornariam quase obsoletas. As pessoas agiriam de formas iguais para receber resultados iguais.

A minha natureza pedia paz desde a infância. Mas eu nunca consegui obtê-la. Mas não queria lhe dizer isso, mais uma vez, eu iria reprimir meus contextos pessoais e passados para me abrir para o novo. Não era algo tão ruim, já que eu era uma boa ouvinte.

- Eu não sei se concordo com isso.

- Você concordando ou não, acontece. As leis da física estão aí, algumas pessoas não sabem que elas existem, mas não deixam de existir e de acontecer.

Pode ser que isto esteja algo relacionado a física, mas eu sempre fui alguém difícil na área de naturais, não sabia mesmo argumentar sobre, só ouvir. Mas eu mudei de assunto logo em seguida.

- Sabe, eu terminei um relacionamento há pouco tempo. Fiquei desestabilizada.

- Acontece com todo mundo. Você não é fraca por permitir se sentir essa dor. Talvez você seja alguém especial que tenha que passar por isso.

- Como?

- Você se permite, Olivia. Isso é ótimo. Eu não vejo as pessoas fazendo isso.

Isso era algum sinal ou aviso de glória? De vitória? Eu ironizava na minha mente sem eu mesma me dar conta. Se permitir era algo tão benévolo,

almejado e simpatizado pelo mundo do lado de fora; mas a ferida se estendia até que a vontade de morrer se assente nas suas veias pulsantes, até que seu coração e olhos se encontrem funerários e cansados de se empalidecer na espera do amanhã. Permitir-se era ato de coragem, podiam aparecer fãns e simpatizantes de sua história, qualquer que fosse; mas o fardo e o peso eram carregados em suas costas, te tornando corcunda até sucumbir-se no espaço e brilhar fora daqui.

Ter um coração cheio de bondade não é ser feliz.

- Isso dói.

- Ninguém disse que não doeria. Com algo bom, sempre virá algo ruim. Ou o quê? Você acha que alguém vive de vida boa o tempo todo?

- Não, mas...

Ela me interrompeu, parecia estar emocionalmente estimulada para continuar o assunto comigo, me dando lições de moral, na qual eu teria o maior prazer em ouvir, senão lhe foi-me imposto de modo tão bruto. Mas ela não parecia ser uma pessoa bruta, era uma leve impressão que eu estava tendo.

- Você se considera alguém feliz ou triste? Duvido que nestas horas de tristeza se ache feliz. Mas com certeza já sentiu o gosto da felicidade. Nem que seja por um minuto.

Eu respirei fundo e pensei um pouco nisso que ela disse. Não acho que tenha sido felicidade, de fato. Quer dizer, em certos momentos me senti contemplada, óbvio. Quem não se sente contemplado em certos momentos da vida? Mas a questão toda é o fator geral de tudo isto. Somando todas as minhas conquistas, privilégios e qualidade, não me vejo como alguém feliz. Ela irá duvidar se eu te disser isso. Duvidar, discordar e me questionar o triplo de perguntas que ela me fazia.

- De fato. – Saiu quase como um sussurro – Mas a felicidade é um conceito.

- Sim! – Ela gritou – Inventaram uma só percepção do que é ser feliz, e quem sai desta percepção é vista como infeliz. Parabéns Olivia, você achou a resposta para seu próprio sofrimento.

- Mas eu sempre pensei nisso, como um conceito. Eu não me considero feliz, mas não tem nada a ver com os tais conceitos.

Eu queria lhe explicar a minha falta de desânimo para fazer qualquer coisa. Não tinha a ver com o que eu fazia se era aceito pelos outros, isso

tudo se alinhava ao fator de não querer fazer absolutamente nada. Não existe o ânimo dentro de mim, e ela não estava conseguindo compreender isso. A felicidade, para mim, era o sentir-se bem.

Eu não me sentia bem. Fazendo nada. A escrita era um refúgio para este sentimento, ele me impedia de jogar-me da janela de algum prédio de vinte andares. Mas a escrita não era o bastante para a sobrevivência. Ela não me puxa pelo braço para sair da cama, não tira minha roupa para tomar banho depois de três dias sem quase conseguir respirar direito de estar em um quarto fechado.

Ele era o refúgio, a proteção. Mas como conhecemos o mundo tão bem, um dia não haverá mais proteção. Ele é cruel e esmaga tudo que vê. O mundo corrompido por humanos incapazes de se sustentar em civilizações.

Podres, sujos e burros. Eu me incluía nisso, mesmo sendo mulher, pensadora e sozinha. Eu era burra pois era humana. E humanos não sabem lidar com diferenças.

Ela não me respondeu, só olhou para mim e fomos banalizando a conversa.

- Vou pegar mais café.



O toque de recolher era dez horas, pela noite. Quando eu chegava em meu quarto Ana sempre estava lá, na mesma posição, lendo algum livro diferente do que eu tinha visto antes. Apaguei a luz da minha cabeceira e me deitei no travesseiro, enquanto ela continuava lá, interessada em sua leitura.

Nessas horas me dava vontade de ter trazido algum livro para ficar aqui, para não morrer presa nos meus pensamentos sombrios. Olhava para ela constantemente a observando lendo, sempre atenta a todos os detalhes da história. Ela nem me percebia concentrada em suas ações. Parecia que existia sempre alguma forma de êxtase a tomando ali. Eu tinha dificuldades para dormir, mas toda noite antes do toque de recolher era preciso tomar as medicações necessárias na enfermaria, por isso meu sono se alentava rapidamente nessas duas semanas em que eu já estava ali nesse lugar.

Ela finalmente olhou para mim, um pouco surpresa. Me disse:

- Aqui tem biblioteca. Se quiser ler, você pode também.

Foi bom ela ter falado isso. Era o que se passava pela minha cabeça. Eu não tinha consciência de que poderia existir uma biblioteca aqui, sinal de que eu não conhecia nem um pouco a estrutura daquela clínica ainda. Talvez existiam lugares desconhecidos nas quais Cristina não tenha me mostrado. Ou talvez ela nem mesmo saiba destes lugares por aqui.

Eu sorri e disse:

- Obrigada por me avisar. Se você não me falasse eu não iria saber.

- É, mas eu nunca vou lá, sabe. Esses meus livros aqui são minha mãe que compra pra mim.

Aquele papo de sua mãe constantemente já estava me cheirando a algo monótono. Queria pergunta-la o que acontecera com a mãe dela, mas é possível, que se eu o fizesse, acionaria gatilhos de traumas nas quais eu não seria capaz de suportar a culpa nos ombros. Ela poderia se transtornar ou praticar algum ato de revolta contra mim. Melhor deixar de lado. Mas a minha curiosidade sempre foi maior que os meus medos, e eu tinha certeza disso. Se não fosse agora eu iria acabar a interrogando de forma ou de outra.

- Entendi. – Aceitei sua resposta rasa, com uma expressão bem crua.

- Quer ler alguma coisa aqui? Gosta da história dos três porquinhos?

Era engraçado estar com Ana, por oras eu me sentia de volta a infância. Como estar conversando com uma criança eu voltara inconscientemente ao meu eu criança. Algo que me encanta absurdamente, sempre tive vontade de ser criança para sempre. Aquilo me lembrava a história do Peter Pan. A perguntei se ela tinha, ao invés dos três porquinhos.

- Você gosta do Peter Pan? – Perguntou, encantada.

- Gosto. – Segui seu ritmo de entusiasmo.

- Eu vou ver se tenho aqui. Eu tenho um monte.

E começou a procurar no meio das suas pilhas de livros, entusiasmada, o livro do Peter Pan. Sentou-se no chão para enxergar melhor os nomes nas capas. Ela achou e me deu. Me levantei para apreciar a grossura da capa e todas aquelas páginas nostálgicas com letras enormes e figuras fantasiosas, decorrentes de termos visto apenas na nossa imaginação de criança.

- Pode demorar o quanto quiser para acabar de ler. Não precisa me devolver agora. – Ela falava realmente, como uma criança. Como se eu fosse sua primeira amiga no primeiro ano de escola.

- Certo.

Eu comecei a ler, mas com muita análise e criticismo.

O que eu amava na história de Peter Pan era o fato de existir essa ilusão em podermos todos permanecer em estados infantis, com nossa imaginação e criatividade apurada e sem ser questionada como “infantis”. Afinal, se era isso que éramos, crianças, que mal fazia sermos infantis? Mas na fase adulta você ser considerado infantil é uma ofensa bruta. Significa ser irresponsável, não levar nada a sério, entre outros insultos nas quais muitas vezes nada tem a ver com o período da infância. Ora, para mim este estado é o mais feliz que poderia existir na vida humana. Você crescer é tornar-se indiferente à vida. Tornar-se alienado, incapacitado de aproveitar as boas coisas, ter seu estado criativo destruído e degolado, é matar seus sonhos, todos de uma vez.

Tornar-se adulto era tornar-se triste e miserável.

Eu entendia agora. Eu já tinha pensando em todas estas coisas, mas não com tanta clareza como agora, lendo esta história de Peter Pan. Talvez eu nunca tenha me tornado adulta e me cobrei tantas e tantas insuportáveis vezes a ter obrigações adultas que acabei enlouquecendo dessa forma. Quer dizer, eu não sei. Eu também não tinha certeza de nada. Eu iria me questionar isso por muitos dias até minha cabeça sentir que vai se explodir.

Quando ela se explodir, eu pararei de pensar.



Eu já tinha ido ao consultório de Antônia umas cinco vezes. E até agora não tínhamos tocado no assunto de que seu nome era igual ao de minha mãe. Eu também não queria relembrar-me aquilo, só iria doer mais na ferida. Hoje eu tinha acordado com a ferida aberta. Talvez eu tenha sonhado com minha mãe de um modo sentimental e saudoso, e acordei assim, à flor da pele.

- Então? Não tem nada para me falar hoje? – Ela me perguntou, enquanto preenchia relatórios nos papéis da sua escrivania.

- Hoje eu não estou com muita vontade de falar. Você tem problema com isso?

- Eu que devia te fazer essa pergunta. Você tem problema em não falar hoje? Não vai se sentir sobrecarregada?

- Sobrecarregada de quê?

- De guardar tudo para si.

Depois disso ficamos nos olhando por um tempo, analisando a expressão uma da outra, querendo a atitude uma da outra, viesse à tona. Eu estava começando a vê-la mais como um certo alguém amigo, ou íntimo; do que como uma psiquiatra. Não estava vendo mais aquilo como uma relação profissional, se fosse profissional eu não iria conseguir me abrir tão bem como eu estava fazendo durante essas semanas que eu estava aqui, presa dentro dessa prisão disfarçada de reabilitação. Mas reabilitação de quê? Todas essas mulheres pensavam que eram loucas pois todos diziam á elas que elas eram.

Só eram incompreendidas, assim como eu.

Quem transformara os loucos em anormais era a moral, o social reto, de um caminho só, para seguir tudo na vida e ser alguém. Quem saía disto era o quê? Louco? Até eu já chamei pessoas de louca, assim como elas também me chamam. Pois escolhemos algo que não condiz com suas expectativas tão mortas de vida. Seguir tudo como o resto segue, é broxante, desgastante, sem gosto algum. Eu queria sair dali pelo menos com alguma história para contar. E eu sei exatamente do porquê eu ter me encontrado tão triste e sem ânimo para a vida desde os meus treze anos de idade. Eu me obrigava a ser uma peça do quebra cabeça. E eu me odiava por isso.

Como nosso inconsciente era capaz de nos enganar. Ele era o melhor gênio já inventado pelo divino. Nosso inconsciente, o nosso melhor amigo e pior inimigo. Ele era um multifacetado ordinário. Mas não deixava de ser amigo nas horas mais impuras.

Decidi abrir o questionário interno com ela:

- Você acha que somos loucas ou que só somos incompreendidas?

Ela deu um riso de contentamento.

- Você é bem questionadora. É sinal de que não pensa só pela superfície.

- Se eu pensasse só na superfície eu não estaria aqui. – A respondi, sem expressões carismáticas, de forma bem ambiciosa.

- Tem razão.

Ela parou um pouco e pensou.

- Mas, não. Eu não acho que sejam loucas. Vocês só tiveram azar em terem entrado aqui. Existem mulheres em piores situações mentais aí fora,

e as pessoas não as consideram tão loucas. Isso vai de um determinismo profundo, na qual dialogar sobre seria um conflito que se eternizaria e deixaria nós duas com parafusos soltos.

- Você não quer dialogar sobre a loucura?
- Não é que eu não queira. Não precisamos.
- Porquê?

Eu a perguntava cada vez mais, e ia percebendo que a cada pergunta feita para ela, sua paciência ia se esgotando. Ela não tinha mais intenção de me fazer sentir melhor por conta do seu temperamento. Ela respirou fundo inúmeras vezes até me responder.

- Meu objetivo aqui não é esse.

Agora o clima tinha ficado constrangedor demais para continuar uma sessão terapêutica. Eu não falara mais nada, e nem mesmo ela olhava no fundo do meu olho como antes. Percebi que enquanto segurava a caneta azul transparente, sua mão tremia e suave. O suor deixava a caneta mais escorregadia. Ela desistiu de escrever algo e olhou para mim.

- Tem tomado todos os medicamentos? Todos no horário correto?
- Sim. Porque a pergunta?
- Estou te achando meio diferente.
- Eu estou diferente porque estou me questionando as coisas?
- Não, não é por isso. Seu modo de falar, está nervoso. Estou te achando nervosa.

Eu rebatia rapidamente á suas conclusões precipitadas:

- Bom, eu também estou te achando meio nervosa. – Eu falei isso por conta do seu nervosismo ao segurar a caneta e vê-la escorregando em sua mão.
- Eu não estou. – Sua fala não foi sincera, ela tinha gaguejado um pouco.

Na verdade, eu poderia ter acreditado nela, mesmo sem o gaguejo. Só o fato dela não ter conseguido escrito nada me deixou intrigada com seu tamanho nervosismo com os meus questionamentos.

- Me desculpe se toquei em alguma ferida sua. – Eu com certeza tinha tocado – Só queria sua opinião sobre minhas dúvidas existenciais, você já deve ter tido isso na vida também.

Depois disso, percebi ela se acalmando aos poucos. Ela guardava algum segredo sobre o assunto loucura, era fácil de se notar. Mas eu me considerava uma péssima detetive em relação a descobrir segredos profundos das pessoas. Eu sentia, eu podia sentir e captar através de intuição, mas

com fatos concretos eu não iria descobrir coisa alguma sobre sua vida. E também o meu foque não era esse. O meu foque era sair daqui sã e não me deixar levar por ideias absurdas das minhas companheiras aqui dentro.

Será que eu conseguiria me tornar uma pessoa feliz ali dentro? Eu iria mesmo conseguir atingir um certo grau de contentamento estando fora do contexto do mundo afora?

Eu não sabia mais nada sobre o que acontecia do lado de fora, isso era algo bom. Eu não tinha exatamente com o que me preocupar, só com as coisas que eu inventava dentro da minha cabeça. Mas não era real. Eu tentava parecer com que não fosse algo realista. Janaina e Denise me colocaram aqui, eu não pedi por isso, mas mesmo assim, eu podia sentir um pouco que aquilo poderia me fazer bem, não ter contato com meus problemas envolvendo as pessoas. Mas isto também não mudava nada, pois aqui dentro também existiam pessoas, e quanto mais tempo eu passasse aqui, eu iria acabar criando problemas com elas. Isso é o ciclo da vida, a vida não poderia existir sem conflitos.

Um bebê não poderia nascer sem um conflito de uma mulher grávida sobre um ser vivo nascendo dentro dela. Eu não tinha para onde correr, eu teria que enfrentar alguma forma de conflito mais cedo ou mais tarde, por que eu tinha esse costume de tornar-me imune á isso? Eu precisava de uma paz, pois minha visão dentro de mim já tornava tudo do lado de fora em constante aflição e peso.

- Não tocou. Eu que não estou muito bem hoje. Me desculpe.

Ela estava mentindo. Ela estava muito bem quando eu entrei no consultório dela hoje, começou a agir estranhamente quando iniciei os tais questionamentos.

- Acontece. – Eu menti de volta, aceitando suas desculpas.

Ela passou as mãos delicadamente entre seu rosto, apertou os olhos e os abriu novamente, respirando fundo. Ela colocou um sorriso no rosto, igual ao quando eu entrei em seu consultório.

- Então, quer me falar um pouco mais sobre sua mãe?

Eu não sei porque ela tinha me perguntando aquilo. Mas decidi responde-la asperamente.

- Hoje não.

## XIII

Estava na fila de receber os medicamentos da manhã quando Cristina apareceu bem atrás de mim, um pouco animada.

- Bom dia, flor. Acordou bem hoje?

Eu a olhei, com uma expressão emburrada e rígida.

- Como acordar bem num lugar como este?

- Não é tão ruim assim. Pelo menos você não se sente tão sozinha, não é? Está entre as suas.

- As minhas?

- Sim. As incompreendidas.

Engraçado: eu não tinha comentado sobre isso com ela, do fato de achar que todas nós éramos como isso: incompreendidas, e não loucas. Mas ela parecia ler meus pensamentos toda vez que me vinha com uma fala intrigante como essa inusitadamente.

Eu tinha uma duvidosa impressão de que Cristina sabia de coisas nas quais eu nunca tinha refletido. Reflexões sobre o lado bom da vida, era bom passar o tempo com ela dentro da clínica, eu tinha uma noção menos pesada da vida e da condição de encarceramento habitando nessa época.

- Você concorda que somos incompreendidas então?

- E o que seríamos? Compreendidas? Estaríamos do lado de fora, vivendo nossas vidas, e não aqui, sendo empurradas todos esses comprimidos goela a baixo, que só nos deixam sonolentas e incapacitadas de agir como alguém digno de ser ouvido.

Mais uma vez, eu não parava para pensar sobre como os comprimidos afetavam nossa rotina e nosso bem-estar com nós mesmas, nos deixando ainda mais loucas e mais presas a esse hábito de sermos cuidadas por autoridades, como incapazes de agirmos sob nós mesmas. Usando nossa condição mental como pretexto para pessoas de cargos maiores se sobressaírem superiores. Tudo isso me cheirava á rotinas governamentais disfarçadas de humanitárias. Não, disfarçadas não. O governo não poderia ser humanitário pois ele próprio nega a condição de humano. Eram teorias contraditórias, no final das contas.

Nos prendiam aqui para tentar nos salvar, nos recuperar, nos transformar em sãs, seja lá o que for, mas seus costumes são o oposto da salvação. Só nos deixam mais loucas ainda. Eles sabiam disso, e eu achava estupidamente incrível como a consciência deles não pesava nem um pouco com isso. Todo o corpo social era feito de um cinismo sem cura.

Enquanto esperávamos na fila, duas enfermeiras passaram rapidamente carregando uma mulher, que gritava desesperadamente. Gritava como se sua garganta fosse quase rasgar, como se estivesse sendo assassinada á marteladas por alguém. Me virei para ver se reconhecia seu rosto. Era Ana.

- Eu quero a minha mãe! Porque vocês não trazem ela para mim? – Ela gritava essa mesma pergunta, repetidas vezes.

Correndo pelos corredores, chegaram dois enfermeiros para ajuda-las, segurar apenas seus braços não adiantaria, ela iria se soltar em breve. Ela era maior que as enfermeiras que as seguravam. Ela passou por mim, e me olhou nos olhos. Eu vi o seu desespero em querer sair dali. Seu sufoco, seu grito sendo mudo e todos ficando surdos ao seus desejos e atenções. Por onde andava a mãe dela? Eu nunca tive a oportunidade de conversar com ela direito sobre nada. Me atentei tanto aos meus problemas e não olhei para ela. O que ela deve ter feito de tão errado hoje que a pegaram desse jeito, como se fosse um monstro?

- Para onde estão levando ela? – Eu perguntei á Cristina, eu achava que ela sabia das coisas que aconteciam por aqui.

- Algum quarto de isolamento. Não sei, nunca cheguei perto dali. É um cárcere dez vezes pior. Injetam agulhas e dão um tratamento hostilizado. Nunca queira ir até esse ponto.

- Mas porque ela está sendo levada para lá?

- Eles fazem isso normalmente em períodos de crises de pacientes.

- E quem ordena que mandem esses pacientes até lá?

- A coordenação geral de psiquiatria.

Eu pensei que pudesse ter sido Antônia. Mas ela me pareceu tão simpática e com uma bondade incrível. Não é surpresa que eu tenha me enganado com aquele rostinho branco e sorridente, livre de impurezas de oleosidades e cravos na pele. Dentes tão brilhantes que podiam cegar se olhassem por muito tempo. Agora, uma sensação intensa de decepção me bateu ao peito, mesmo eu ainda estando em dúvidas se tinha sido ela ou não, mesmo sem saber se era ela mesmo que coordenava todo esse sofrimento

feminino, e piorando tudo isso crendo que há de se resolver através da força bruta e da falta de liberdade.

- Antônia? – Eu a perguntei, sem mais delongas.

Ela olhou para mim, e seu semblante imitava o meu. Era um semblante desgostoso, com aversão e asco quase salivando de fora de nossas bocas.

- Essa mulher não é uma pessoa boa. – Ela me disse, falando perto do meu ouvido, encostando-se ao meu lado – Ela trabalhava na ala masculina de psiquiatria, mas se mudou para cá.

- Porque?

- Começou a se envolver amorosamente com um dos pacientes. Descobriram, foi transferida. Não recebe o que recebia antes lá, obvio. Isso deve ter lhe subido a cabeça.

Pensar nela como uma pessoa gananciosa ao ponto de ter se deixado levar por um salário menor me mostrava que ela também poderia estar aqui dentro dessa jaula, junto com todas nós. Ter problemas com dinheiro também era um sinal de loucura, se ela já não tivesse recebido alguma forma de diagnóstico. Mas no fundo eu não conseguia crer que era por causa disso. Não era por causa disso que ela fingia ser uma pessoa boa, e ter esse tipo de tratamento com seus pacientes. Eu estava a pensar em seu lado também, em como tinha que cuidar e atender todas sendo fria e analítica, evitando se deixar levar pelo seu stress da vida pessoal. Era difícil. Uma atitude como essa sobre Ana poderia ter resultado disso, eu iria observar se Antônia a tiraria de lá.

Chegou a minha vez de tomar o remédio e a fila estava conturbada, o silêncio todo se perdeu quando Ana foi levada até aquela ala. Estava tudo amontoado e barulhento. Todas já tinham se esquecido dos seus deveres do dia a dia ali dentro, quando acontece algo assim. As pessoas gostam de algo para se comentar e para se falar. Notícias. Isso poderia deixa-las um pouco entusiasmadas para fazer as coisas por lá. Assim como eu, também me mantive intrigada quanto a isso.

Engoli os seis comprimidos matinais. Quando eu os olhava em minha mão pareciam balas de açúcar para crianças comerem. Eu usava uma certa analogia para isto, ambos eram drogas e nos consumiam até ficarmos apossados de um efeito transcendental. Acontece com crianças quando ingerem uma grande quantidade de açúcar. Usamos drogas desde a infância e sequer nos darmos conta disso. Já nascemos ingerindo drogas. Tudo

existia um efeito colateral momentâneo e em longa escala. Não eram esses remédios que me fariam permanecer em estado grogue, isso era só uma soma do contexto geral.

Saí da fila e fui até o caminho da sala de tevê. Cristina bateu levemente em meu ombro.

- Você quer saber quem é o cara?

Eu presumia que ela ainda falara do assunto da psiquiatra. Se isso fosse uma resposta rápida e fácil, eu diria que sim. Minha curiosidade também poderia ser assassinada, não sou uma santa. Mas se essa sua pergunta fosse uma proposta para bancar uma de detetive, ela poderia me ver fora disso. Eu não quis pergunta-la de vez, objetivamente, então fui aos poucos, evitando provocar total negação de algo que eu ainda não sabia do que se tratava.

- Você sabe quem é?

Ela sorriu para mim de forma encrenqueira e aventureira.

- Podemos descobrir.

- Eu não quero me envolver em problemas.

- Eu também não. Mas não é difícil descobrir algo por aqui. – Enquanto falava, se aproximava mais de mim para ir diminuindo seu tom aos sussurros – É muito fácil ter acesso às coisas daqui.

Eu entrei na conversa para ver aonde esse plano dela iria dar e como iria se desenvolver na cabeça dela. Estava receosa pelo seu raciocínio mental.

- Podemos entrar no consultório dela enquanto está ocupada e tentamos achar o telefone dela.

Esse plano era tão esquisito na qual eu tinha a certeza de não funcionar. Ela não iria deixar seu telefone à toa sem estar a sua vista por pelo menos um minuto. Ninguém o faria, na verdade. O apego por telefones hoje em dia era tão medonho que eu perdia mais a vontade de viver. E de qualquer forma, se achássemos esse telefone, não haveria nada provando como iríamos saber quem seria esse homem na qual ela se relacionava. Era um esforço desnecessário, que poderia nos causar um destino idêntico ao de Ana.

- Isso não vai dar certo. – Eu disse, seca.

- Você quer morrer nesse lugar ordinário? Se não for de suicídio, vai ser de tédio. Eles nos prendem e não temos nem o direito de nos entreter com alguma coisa por aqui?



- Eu também não gosto disso. Mas não quero piorar minha situação.

Cristina olhou para mim, alimentando um olhar de raiva, com sangue nos olhos. Eu quase consegui ouvir seus dentes rangendo. Ela nutriu esse sentimento em milésimos de segundos, provavelmente foi essa minha resposta que dei agora. Eu não tinha entendido porque me olhara com tanta aversão e desgosto.

- Você é uma medrosa. O seu problema é o medo.

A interroguei, por ter sido tão presunçosa em sua afirmação.

- Como você tem tanta certeza que o meu problema é o medo?

- Você me disse que não quer mais viver. Que já tentou suicídio inúmeras vezes – Ela parava de olhar para mim enquanto falava – Não é por isso que está aqui?

Não respondi sua pergunta retórica, deixei ela continuar.

- Você quer se matar pois morre de medo da vida.

No momento em que suas palavras saíram de sua boca, fincaram nos meus tímpanos e se mudaram para a minha mente, descendo também o questionamento para a garganta.

Eu refleti por tempos sobre essa frase que mais parecia um mantra se repetindo absurdamente dentro de mim. Eu sabia que o medo sempre se alastrava em mim de forma contínua. Eu não tinha noção da proporção indestrutível que ele poderia se residir no poço fundo da minha cabeça, me permitindo ser acorrentada por tantos anos. O medo desceu pela minha garganta como um pedaço de carne dura, há muito tempo atrás. Me dei conta de que esse pedaço se encontrava estancado em mim até então.

Mas ao mesmo tempo, sua certeza tão precipitada de ser verbalizada, era um pouco contraditório para mim. Eu não iria só a ouvir e vê-la me amassar e derrubar com essa dureza insustentável.

- Você pode estar certa. Mas estou aqui até hoje pois também morro de medo da morte.

Ela parou de dar atenção para situações que ocorriam em sua frente, e me olhou, interessada pelo o que eu dizia. Então, continuei:

- Se morro de medo da vida e ainda estou aqui, sou corajosa. Se morro de medo da morte e tentei me matar, sou corajosa também. Ambos são atos de bravura, depende de quem olha para os atos.

- Sim...

A interrompi.

- Então, seu modo de me enxergar é através do medo porque talvez você só tenha isso dentro de você. Ou talvez... – Eu refleti – Só seja mais uma pessoa que olha sob a superfície das situações.

Ela se encontrava paralisada com a minha resposta para ela. Eu não sei o que deu em mim, mas aquilo me deu coragem para tentar descobrir quem era esse homem na qual Antônia se relacionara por tanto tempo. Eu não sei, talvez seja algo para provar a Cristina mesmo. Eu não era medrosa. Eu não me sentia dessa forma. Pelo menos, não da forma na qual ela me colocara, no contexto de uma inferioridade desguarnecida.

Eu tinha ciência de que isso era só um modo fútil de procurar me entreter dentro da clínica. Eu nunca fui uma pessoa fútil. Mas essa ideia agora me bateu na cabeça como um martelada. Mas eu não iria fazer isso sozinha, a ajuda de Cristina era indispensável; apesar de ter a plena noção de que eu poderia fazer isso por mim mesma. Eu iria arcar com as consequências de ter pego um objeto privado de uma autoridade da clínica psiquiátrica na qual eu fui internada sem o meu próprio consentimento.

Talvez por isso eu esteja com tanta vontade de fazê-lo. Minha entrada aqui não foi consentida, seria um desgaste guardar esse rancor só para mim, eu precisava descontar em algo. Guardar rancor piora qualquer estado emocional em que estiver, em qualquer contexto. Além do mais, alguém teria que pagar pelo o que fizeram com Ana há poucos minutos atrás.

Eles criam seus próprios monstros depois não querem assumir seus métodos de criações.

Eu penso nisso o dia inteiro. Eu sei.

Porque chega a ser patético.

- Vamos amanhã no consultório dela. Se não me engano, ela fica aqui até 23 horas. – Eu dei o sinal de afirmação para Cristina, ligando seu modo de entusiasmo.

Ela não falou nada. Sorriu maliciosamente para mim e apertou minha mão.



- Isso até parece um filme aonde melhores amigas se encontram por obra do destino. – Cristina falava, arrumando suas coisas na estante do dormitório.

Tinham levado Ana para aquela ala sombria, e transferiram Cristina para o meu quarto. Foi coincidência, eu tentava acreditar que era coincidência. Eu tinha um certo receio de pensar que alguma divindade estava a ler todos os nossos sentimentos, ações e pensamentos. Se há algum divino fazendo isso, então sabia ler nosso lado mais escuro também. Ele sabia de todos os meus piores segredos. Mas tudo bem, eu tinha na minha cabeça a ideia de ser uma pessoa neutra. Não necessariamente alguém bom, ou alguém mal, só alguém. Possuindo defeitos e qualidades, a diferença são as capacidades de se omitir e expandir determinadas coisas. É claro, nossas naturezas são tão distintas, e ele será capaz de ler isso também: nossas naturezas, e adequá-las ao nosso meio, ao ambiente, para cada um poder viver bem e saudável. Mas é claro que isso não acontece, o capitalismo destruiu a maior parte dessa liberdade humana. Não culpo ninguém, eu observo tudo pegar fogo. A fraqueza sucumbia-me ao ponto das minhas opiniões e pontos de vista serem irrelevantes para esse tipo de discussão.

Eu não tenho culhões para suportar meus ideais.

Era a explicação exata. Não é uma analogia como “em cima do muro”. Era a falta de audácia de defender-me a mim mesma.

Se ninguém entendia meu ponto de partida, como eu esperaria que entendessem o ponto de vista? Era pedir demais de pobres humanos enganados pelos seus próprios egos e fantasias. Eu não estava na posição de julgar, pois não é como se eu fosse algum alíen despercebido por eles.

- Não faça muito barulho durante a noite. Eu preciso de concentração para dormir. – Eu a alertei.

- Ana não fazia barulho nenhum?

- Ela só fazia ler. Parecia que não estava aqui.

- Bom, isso é uma pena. Porque enquanto o sono não chega, eu gosto de conversar. – Ela me disse, como se estivesse impondo isso à nossa rotina daqui para frente, nas noites seguintes.

Eu odiava conversas superficiais. Não estava dizendo que com ela, seria posto de tal modo, porque até agora não foi. Mas quando alguém me diz que gosta de conversar, eu só consigo supor superficialidades ditas e colocadas em uma redoma brilhante onde ninguém possa sair dela sem antes passar por esse método de socialização bruta. Sim, as conversas sociais são modos de socializações impostas goela á baixo, e é, e sempre foi um temor imenso para mim fazer parte desse círculo, andar por esse círculo sem fim.

A saída dele era o isolamento. Eu era uma mulher com tendências ao isolamento, mas como um ser humano racional, muito tempo nesses hábitos, eu iria perdendo aos poucos meus aprendizados primários: o de falar, o de ouvir, o de expressar-se. Por isso o isolamento não poderia também, ser visto como algo “bom” pelo mundo. Eu entendia um pouco a lógica do senso comum, mas a minha pratica é sempre protegida por um muro de quatro metros; de aço.

Conversar me desgastava, desgastava minha essência de neutralidade típica. Minha natureza de quietude e vislumbamento com detalhes e com coisas simples e pequenas. Eu não queria que ninguém me falasse nada enquanto eu observava ou assistia determinadas coisas e não-coisas. Isso deturpa totalmente minha visão de mundo, alienando meus ouvidos enquanto deixo de escutar a mim mesma em momentos únicos.

A única pessoa com quem eu gostava de conversar sem precisar esconder segredos ou impor eufemismos nas falas era comigo mesma. Mais ninguém. O resto eram incômodos, mas infelizmente não desprezíveis. Mas a conversa comigo mesma me agradava tanto porque não era com alguém de carne e osso. Isso desvaria para um certo caminho na qual eu sempre chegava ao mesmo ponto: da minha fraqueza tão desperta em mim. Eu odiava ser consciente de todas essas coisas mirabolantes do meu cérebro. Eu odiava ser sensata, ponderada, pensar exacerbadamente. Meus neurônios já estavam desgastados. Até quando eu dormia eu não tinha a sensação de renovação tão estupidamente divina.

- Você ainda está aí? – Ela perguntou-me, pois eu estava deitada, com olhos fechados.

Eu os abri rapidamente e os esbugalhei.

- O que foi?

- Eu não vou conseguir dormir agora.

- Eu também não. Mas faça um esforço. – Me virei para o outro lado da cama, onde quando meus olhos abriam pela manhã só enxergaria a parede acinzentada e meus pertences.

- Amanhã você terá sessão com Antônia? – Ela insistia em continuar conversando, mudando de assunto continuamente.

- Depois do dia de amanhã.

Ela queria resolver como pegar o telefone dela, e provavelmente me usaria como cobaia em seu plano. Eu sei o perfil de personalidade de pessoas como

Cristina. Ela poderia usar qualquer um para conseguir o que quer. Ou até mesmo colocar a mão no fogo por alguém, mas nunca ser a pessoa que está se queimando.

- Ótimo. Você já sabe o que fazer, não é?

Franzi a testa sem entender muito bem sua pergunta retórica. Eu saberia o que fazer na verdade, ser atendida por ela. Apesar de querer partir para essa aventura desastrosa, ela estava tomando partido disso como se a responsabilidade dessa consagração de intrigas fosse minha. Eu tinha vontade muitas vezes de agir com indiferença ou destilar rancor, ou algum sentimento negativo que se aproprie por si só do clima de injustiça, deleitado no físico. Mas eu sei que o meu sentir-se mal logo depois de comete-los não valeria o carma que eu iria receber depois.

Mas o agir com indiferença no caso, eu não estaria fazendo nada mais nada menos que não agir. O não agir é a ausência do bom e do ruim, é o vácuo. Se eu estivesse sendo um vácuo, eu receberia um vácuo de volta. Um vazio tenebroso.

- Porque eu tenho que fazer isso? – Depois de minutos passados depois de sua pergunta, perguntei novamente, com estado sério entre os olhos, mesmo ela tendo vista apenas da minha careca.

- Ela deve confiar mais em você. Fala muito bem de você.

E desde quando é permitido para uma psiquiatra falar sobre outros pacientes para uma paciente? Quebra de sigilo, dependendo do que fosse contado. Não sabia muito desses termos burocráticos, mas intriguei-me sobre o quão bem ela falara de mim para Cristina.

- Ela fala de mim? Isso não é, tipo... ilegal?

Cristina riu, forçadamente.

- Fala em um sentido geral. Não fala de nada específico. Só diz que te acha especial, quando mencionei que estava começando a fazer amizade com você.

Eu nunca mencionei para Antônia como eu estava criando uma amizade com Cristina. Me senti uma péssima amiga por as satisfações e as emoções não serem igualmente recíprocas entre nós.

Ou talvez eram.

Mas eu não sou faladora o suficiente para me forçar a me apresentar com entusiasmo necessário para que saibam exatamente o que ando sentindo sobre determinado alguém.

- Só isso?

- Calma, Olivia. Ela não está falando nada de você para mim, fique tranquila.

O que tirava minha tranquilidade não era o fato dela falar ou deixar de falar algo ao meu respeito. Eu só queria saber o que essa Antônia tinha comigo em me ver de tão especial assim, e não ver isso em outras pacientes na qual ela atendia. Ela podia ter essa visão com quase todas talvez, nunca saberei ao certo. Mas a mente pesava ao máximo.

- Porque? Está com medo? Tem algum segredo que esconde de mim? – Eu desconheci seu interrogatório; não entendi se ela estava brincando ou se perguntou com a intenção que eu respondesse.

Me mantive ilesa, calada.

Ela me olhava compulsoriamente. Deve estar estranhando a minha falta de resposta. Continuei muda, para não parar a impressão exata e assertiva de que eu tinha algo a esconder. Bom, eu creio que eu não tinha. Mas ela iria sentir uma falta de confiança na minha pessoa, e eu temia isso. Eu temia isso em quase todas as pessoas que cruzavam minha vida e me marcavam de alguma forma. A falta de confiança em mim indicava uma falta de caráter, ou algum erro na qual eu tivesse cometido que poderia ter mudado alguma vida secundária. Eu me analisava sempre que podia, eu fazia meu lado correto e puritano bater no lado alienando e anti-humano que, bem intrínseco, que por puro egoísmo não me permitia mostra-lo para ninguém. Mesmo eu não conseguindo lembrar de algo que eu já tenha feito que pudesse ter destroçado alguém tão á fundo, a preocupação vinha á tona de pensar em mim como uma aberração á ser extinta.

Eu poderia estar delirando. Eu poderia estar achando que estaria sendo esse local que estava me transformando em alguém delirante. Mas eu já tive esses delírios antes, fora de uma clínica – que por sinal, os problemas daqui não eram as internáveis, era quem internava. Se depender dos que internam, as que foram internadas apodrecerão aqui, sem mais ou menos. Morrer dentro de uma clínica podre como essa, onde nos tratam como lixos humanos deve se igualar a morrer dentro de uma penitenciária. Eu nunca fui presa, mas a sensação que eu estava sentindo poderia se igualar.

Encarcerada. Cercada de pessoas nas quais tenho que me ver na obrigação de conviver. Os direitos e a justiça não existem dentro de lugares como esses.

- Não importa se tem ou não. Vou respeitar sua vontade se não quiser dizer.

Eu continuava minha linha de raciocínio internamente enquanto ela continuava a falar. Eu estou vendo uma pessoa na minha frente. O que poderia nos definir como sendo loucura ou não o que pensamos, e como agimos de acordo com nosso pensar? Quem tinha um dicionário sobre loucuras? Eu poderia considerar algo como loucura. Ana poderia considerar outra coisa, que não ela. Cristina poderia considerar outra, bem distante da minha ideia e da de Ana, e por aí vai. Percebi que nada disso fazia sentido. Nada nunca fez sentido, na realidade da ideia profunda do meu cérebro, eu tinha consciência disso desde a infância.

O sentido se perde quando pensamos que algo tem sentido. Quando eu vejo o sentido, no mesmo tempo, ele se perde no vácuo do espaço. Mesmo tendo essas viagens mentais, eu tomava as atitudes no mecânico, pois o sentido não havia.

Eu me virei e tentei dormir.

Cristina disse:

- Só espero que esse segredo não esteja te matando por dentro.



Mentiras e mais mentiras. Era isso que eu ouvia sem ouvi-la muito bem. Era isso que eu ouvia Denise falar pelo telefone. Eu nem sei porque atendi essa ligação, em primeiro lugar. Eu queria ter me priorizado o quanto antes, e não ter me levado por estúpidas tentações impetuosas. Mas como se priorizar quando tudo o que você tem são essas desesperadas sensações que comem toda a sua autoestima? Como cupins ambiciosos, eles se aposavam. Estavam com fome de tudo que nutrisse algo bom dentro de mim.

Eu não sabia como era o inferno, mas provavelmente ele deve ser um estado de espírito. Não é um lugar quente, e infestado de chamas. Ele deve estar acontecendo dentro de mim. E o diabo era a minha consciência; infelizmente, impune.

- Eu não quero visitas suas. – Eu lhe respondi com palavras quase evaporadas pela voz.

Suas explicações pareciam tão bobas que quase vomitei no chão do corredor onde eu me encontrava em pé, parada, estendida ao telefone.

Quando algo de falso ou que requer um certo ar de invenção para sair, surgia-me um asco e vertigens pairavam minha visão repentinamente. Era o que acontecia agora.

Eu quase nunca a via irritada com acontecimentos, não importa quais graves e sérios sejam esses acontecimentos. Mas dessa vez, não foi mais passiva em seus argumentos.

- Você está do lado de dentro, é a parte mais fraca da relação. Você não pode me impedir de vê-la.

Eu nem sei porque ela se mostrava tão desesperada para saciar o desejo de me ver. Talvez para estar com a consciência menos pesada com ela mesma por ter me jogado aqui dentro.

- Olha, Denise – Eu iniciei minha firmeza no diálogo, não suportava mais aquele ar de superioridade – Se você só quer aliviar sua consciência não precisa vim, não vai acontecer. As coisas não podem ser desfeitas, e eu não posso deixar de sentir o que eu senti.

Ela ignorava o que eu falava, e eu ouvia seus suspiros profundos de insatisfação do outro lado.

- Eu vou aí essa semana.

- Você tem o livre arbítrio. Se eu me dirigir a palavra a você, será algo fora do meu limite.

- Olivia, deixa de ser criança. Porque insiste em evitar as conversas assim?

- Criança? – Eu gritei, a repetindo. O corredor todo olhava para mim.

No mesmo momento, apareceram duas enfermeiras, se posicionando ao meu lado, para certificarem-se que eu não saía do meu controle e perca a cabeça, como acham que Ana deve ter perdido.

- Orgulho, imaturidade. Sei que está sendo difícil para você aí, mas evitar as conversas que podem deixar claro os assuntos e as mágoas podem amenizar um pouco, não vai adiantar. Não vai adiantar fugir delas.

Eu ri desesperadamente. Como alguém que quer chorar, mas o choro se transforma em riso nervoso. Tudo que me restava é a ironia.

- Difícil? Acho que usou um termo pesado. É uma vida boa aqui, até consigo ter um pouco de privacidade. Sabe, quando estou indo até a privada.

- Por isso quero lhe ver. Queria que confiasse mais em mim. Mas você está sempre presa nesse círculo de paranoias que inventa.

Ela desligou. Aleatoriamente.

Como é se sentir apaixonada por alguém e esse alguém ter te jogado nesse poço sujo de confusões, traumas, experiências horrorosas e mesmo assim ainda não entender do porquê se sentir dessa forma para com uma pessoa assim. Eu poderia ter criado uma aversão por ela, ou algum grau de nojo.

Mas não.

Eu me surpreendi comigo mesma quando me achei em um estado diferenciado do comum. Não conseguia sentir nada por ela, senão coisas boas. E aquilo doía. Eu quase sentia uma mão invisível apertando meu seio direito. A dor emocional passa para o físico como um gelo se derrete facilmente e se transforma em estado líquido.

Mas eu iria desistir dela, de forma ou de outra. Eu odiava jogos de relacionamento, nunca consegui estabilizar meu emocional a essa condição precária de se relacionar com alguém. E eu não podia estar em um agora, pois estou em uma clínica psiquiátrica. Eu era dura e rude comigo mesma em relação a verdade, eu permitia incansavelmente que ela me engolissem, sem pena, sem pensar, sem pesar.

Quando alguém diz que o amor doía possivelmente deve ser essa contradição louca que perpetua os pensamentos. Só conseguir sentir coisas boas por alguém que te fez tão mal. Aquilo doía. Acho que isso é amor.

Na verdade, eu não poderia fazer um discurso sobre o que é o amor pois isso foi um rótulo inventado por homens. São inúmeros rótulos sobre o amor na qual eu pegaria um e usaria como minha crença sobre o que seria o amor e me prender a isso. Todos os nossos pensamentos são rotulados, e o amor é o principal deles. Eu sei que era algo bom e puro, mas qualquer outra cabeça poderia transforma-lo no pior sentimento do mundo. Vai saber.

Eu queria inventar minha própria verdade e acreditar nela. Só assim será possível plenamente e bem. Na teoria, eu pensava sobre isso ser o correto. Mas na prática, o apêndice dos pensamentos se torna mais doloroso e - como se fosse computadorizado - cheio de espinhos. Eu não estava em uma posição em saber se eu sentia algo bom ou ruim, eu me encontrava presa, concentrada apenas na minha própria sobrevivência. Pensar se eu estava bem ou mal era um luxo na qual eu evitava. Um luxo de pensamento, se posso me permitir chamar dessa forma. Se eu me permito

chamar dessa forma, direi que sou uma eterna luxuosa mental. Nunca fui pobre de espírito, quanto mais da cabeça. Influenciável nunca, sempre firme aos meus pontos. Mas acontece quem era como eu, teria um preço a pagar. Quem é fiel demais sempre tem um preço a pagar. E esse preço é comigo mesma. A tragédia da dor interna. Isso ninguém tiraria de mim, e exatamente por ninguém conseguir tira-la que apenas eu teria a capacidade de removê-la.

Eu não sei como eu teria estruturas para vê-la. Eu não tinha. E essas estruturas, tanto físicas quanto psicológicas, não existiam mais. Tinham desaparecido aqui dentro. Eu me habituei a vê-la sempre com um rosto muito feliz, delicado e carismático. Agora ela irá ver uma face na qual ela nunca viu antes, durante sete anos de convivência. Um rosto morto, fúnebre e carrasco. Todos os sentimentos por dentro refletiam na minha expressão facial, ela veria isso logo quando me visse. Creio que o susto irá atormentá-la por alguns minutos. Irá analisar minha expressão, o canto da minha boca, a bolsa embaixo dos meus olhos, a minha cabeça; para depois falar algo digno de pena. Ela não teria coragem de me tirar daqui, mesmo observando meu estado calamitoso. Seria uma responsabilidade na qual ela quis se livrar, e conseguiu. Como é desgastante pensar em mim mesma, uma pessoa de carne e osso, como um peso a ser carregado nas costas de alguém.

Isso era triste. Não era para isso que eu estava aqui.



O banheiro pela madrugada era sempre muito tranquilo. Nunca tinha nenhuma mulher perambulando por aquelas áreas fedidas. E isso para mim era ótimo, sempre. Já tinha se tornado um pouco da minha rotina vim para o banheiro pela madrugada aproveitar um pouco minha solidão. O único horário e espaço aonde eu poderia estar completamente á sós comigo mesma. Sem interrupções. É claro, por vezes entravam certas mulheres para completar suas necessidades do dia a dia, mas quase sonâmbulas, adormecidas; quase não me notavam.

Eu olhava para o meu rosto no espelho analisando todos os detalhes das minhas injúrias faciais. Tinham crescido três espinhas gigantes, sem dar-me conta. Uma no queixo, uma logo em cima do buço, e outra no nariz. Três áreas bem visíveis para qualquer um olhar de perto a asquerosidade. Ele

estava com uma oleosidade exacerbada também, desde que cheguei aqui, minha pele estava mais pálida, e por todas as partes dos meus braços e mãos, as veias se ressaltavam, quase sem o tecido oleoso da pele. Eu tinha emagrecido. Meu rosto começou a modificar-se intensamente; como se eu tivesse voltado á puberdade.

Olhei para a minha cabeça e como meu cabelo já tinha crescido tão rápido desde que o raspei. A sensação foi tão libertadora que eu já tinha me dado conta da imensa vontade de raspa-lo novamente. Mas por aqui não devia ter nada com que eu pudesse fazê-lo. Ao mesmo tempo em que eu gostava de ver meus cachos se formando em minha cabeça, com ela nua; o sentimento era outro, e diferente: era um êxtase, um alívio, uma glória sem nunca ninguém ter me dito que era glória. E nunca diziam. Essa descoberta era destinada ao interior do próprio eu. Como iríamos nos libertar de nossas amarras? Ninguém nunca sabe ao certo quando o pensamento insiste em ser superficial. A superfície não mostra o outro lado da moeda, não mostra a raiz podre da árvore. E era algo que me corroía. Eu não queria passar por tudo isso completamente sozinha. Mas creio que tudo isso não era questão de querer. Se eu tinha algo em mente, eu corria por mim mesma desse algo, pois a mente é minha e eu decido os limites até aonde ela irá chegar. Mas a força de se ter que pesar todas as vitórias incertas em solidude me trazia um desagradável aperto no peito.

Me sentei no chão do banheiro e olhei diretamente para minha frente. Um dos boxes do banheiro, um vaso sanitário com a tampa aberta. A parede estava toda descascada. Aquele prédio era bem antigo, não tinha suporte nenhum. As mulheres frequentemente estavam doentes por aqui, o máximo que faziam era dar um comprimido para elas de alguma coisa e bota-las para dormir profundamente, acordando quase um dia depois. Ainda grogues. Como ninguém tinha responsabilidade por ninguém nesse local, me peguei pensando se eu deveria agir como alguém com quem não tivesse responsabilidade nenhuma sob ninguém também. Era duro, mas o processo de mudança pessoal muitas vezes era endurecer o ser. Não era uma mudança pessoal recomendável, mas alguns optam pelo caminho mais fácil e menos espinhoso. Quando Denise viesse me ver, eu estaria pronta para encara-la, de fato. Mas com outra expressão, diferente dessa.

Por isso eu gostava de ter um espelho. Ele é um treinador muito bom se você quiser inibir verdades possíveis de ser ditas com um olhar mais

aguçado. Eu detestava o esconder. De um olhar até uma camisa velha sem muita importância. O esconder não era muito amiga da minha essência. Sentia-me mal por ter a necessidade de omitir ocasiões inadequadas.

Estava um silêncio tão aconchegante dentro do banheiro, e uma ventania tão penetrante que tinha perdido minha vontade de voltar ao quarto, para dormir lá. E Cristina poderia estar acordada a essa hora, e muito provavelmente teríamos mais minutos de conversas e todo o meu sono de agora iria se dissipar. A sonolência veio, junto com uma saudade inesperada de Janaina e Miguel. Me perguntava como ela devia estar, preso dentro daquela jaula. Nada bem. Assim como eu. Queria lhe pedir perdão pela minha falta de compreensão muitas vezes para com ele. Não queria que nosso afastamento tivesse sido dessa forma tão fatal e ogra. Agora eu só esperaria que o tempo pudesse curar nossas feridas.

O vento vindo da janela ao lado da porta me fazia fechar os olhos devagar. Pensei em adormecer ali mesmo. Mas por consequência, eu teria uma noite mal dormida e seria recebida pela manhã pelas mulheres com chutes e pontapés por eu estar no caminho das mesmas para as duchas, onde são loucas para serem as primeiras a se ensaboarem. Existia um tempo determinado para tomar banho ali, eu compreendo, mas todos os dias restavam mais ou menos vinte minutos com todas as duchas vazias. Eu não tinha ciência necessária para entender a pressa, a agressão e a raiva. Mesmo em um lugar como esse, não me sentia pronta para agir dessa forma. Se eu tivesse aqui por muitos anos, como algumas estão, eu só me cansaria e nada mais importaria, eu não me deixaria ser transformada por um monstro.

Cada um possui a sua visão de ver o mundo. Eu sei. Essa era a minha. Eu não iria superiorizar meu modo de enxergar. Mas eu não gostaria, e nem merecia receber agressões logo pela manhã. Um estado pós-sono.

Eu não gostaria mesmo. Eu juro, do fundo do meu coração, eu não sou masoquista.

Mas adormeci ali mesmo. Deitei no chão e a dormência me atingiu.

## XIV

Acordei. Algumas mulheres passavam por cima de mim, e algum pé tinha chutado minhas pernas, fazendo elas se movimentarem. Acordei de susto, não naturalmente, pelo barulho e gritos sequenciados de todas discutindo sobre um assunto indeterminado. Eu tinha adormecido com a ventania da madrugada, mas acordei pingando de suor, parecia que eu tinha descido alguns graus para o inferno. O calor insuportável talvez seja o motivo de alguma discussão do outro lado da parede, onde as duchas estavam lotadas agora.

Uma delas me cutucou no ombro, no chão, aonde eu ainda me encontrara deitada, de olhos fechados. Abri os olhos, estranhando.

- Você é Olivia?

Eu me comuniquei, mas sem verbalizar absolutamente nada. A mulher era gigante, loira, com o cabelo desgrenhado, tinha um andar bem masculino. Ela fez uma indicação com a mão para mim. Pedi para eu segui-la até o lado de fora do banheiro. Tive um pouco de medo. Aquelas mulheres normalmente não conversavam comigo, quer dizer, não para me chamar para conversar isoladamente, dessa forma. Mas fui mesmo assim.

Levantei rapidamente, empurrando algumas moças em pés e um pouco desacordadas. Ela andava logo em minha frente, olhou para mim para certificar-se se eu estaria mesmo atrás dela. E olhava com um ar de asco, meio sem importância. Seus olhos eram extremamente caídos, como quem não se deixa surpreender-se por nada em seu caminho. E ela olhava cada vez mais, até que chegamos em uma localidade onde estavam todas as enfermeiras. Uma delas veio ao meu encontro.

- Olivia?

Eu franzi o cenho, cruzei os braços e, sem entender muito bem a situação. O nervosismo em mim veio à tona.

- Você não estranhou sua colega de quarto não ter dormido com você essa noite?

Eu respondi, quase sem voz. Ela não queria sair, minha garganta estava se criando um emaranhado de nós.

- Eu não dormi no meu quarto de ontem para hoje. – Eu gaguejei.

Eu toquei com minha mão direita no meu rosto, o suor estava tomando conta da minha pele. Eu não tinha mais controle sob meu estado corporal. Comecei a tocar na minha cabeça e no meu pescoço repetidas vezes. Enquanto alguém não me falava o ocorrido, não tinha como me melhorar. A enfermeira seguiu até as outras para conversarem, e sussurravam. Não paravam de sussurrar. Aquilo começara, aos poucos, a me embrutecer. As vertigens começavam e eu só tinha vontade de gritar. Eu sei, isso ia piorar o lugar na qual me encontrara.

Elas me olhavam demasiadamente. Elas podem ter pensado que eu poderia ter feito algo com ela, pelo fato de ter gaguejado e ter ficado em estado nervoso. Se elas pensavam isso de mim, então nunca haviam conhecido uma pessoa tão ansiosa. E o trabalho delas era cuidar de mulheres loucas, instáveis. O pensamento delas não poderia ser tão limitado ao ponto de achar, sem quase fatos nenhum, que eu tinha feito alguma coisa de tão terrível. Mas eu observava seus rostos. Eram penosos, desesperançosos e tristes, não investigativos ou de quem suspeitava.

Comecei a praticar a respiração profunda. Eu não estava em um lugar inseguro, onde não haveria ajudas se eu comesse a passar mal ou desmaiar de frente a uma situação de desaparecimento de alguém. O alguém na qual dividia o quarto comigo. Mas ela poderia ter fugido também, eu não duvidaria se ela tivesse conseguido fugir. A conhecendo, eu saberia de seus planos, sempre muito suscetíveis.

Depois de tanta espera, uma delas veio novamente ao meu encontro. Não foi a primeira que veio. Veio outra, com um olhar assustado. Parecia ter medo de mim.

- Me desculpe.

Não entendi do porquê ela estar se desculpando. Comecei a mostrar um semblante de desentendida. Ela também parecia nervosa. Ela desviava o olhar diversas vezes, até que se fixou em mim por completo.

- Encontramos ela morta hoje, no espaço aberto, do lado de fora. Sua cabeça estava aberta, e o sangue cobriu toda a grama verde do pátio. Eu não sei se vocês eram próximas, mas do mesmo modo, é importante relatar o que aconteceu. Você sabe de alguém que poderia ter feito isso?

Enquanto ela falava, e me perguntava, eu fui perdendo meus sentidos, e beirando às tonturas.

Eu achei uma amiga. Mas ela não foi o bastante para se manter aqui. Eu não respondi a enfermeira, apenas saí andando em direção ao meu quarto. E ela me chamava pelo meu nome, desesperadamente. Eu não ouvia.

Entreí no meu quarto e deitei em sua cama, bem devagar. Sentindo toda a sua presença aqui ainda. Ouvindo sua voz, e sentindo seu cheiro no travesseiro.

Arranquei um pedaço de papel de uma de suas revistas em branco, e lhe escrevi:

*Cristina, porquê me abandonou aqui sozinha? Tudo é tão cruel e denso. A morte é cruel, mas não tanto quanto a vida. Me perdoe pela sua chegada tão inoportuna e interrompida para o outro lado. Te amei. O nutrir por ti é só amor. Foi apenas um mês ao teu lado, mas o tempo é nada quando o divino vem e nos marca. Tem coisas que vêm e por um segundo nos atinge, como um raio. Sobreviverei, se assim for.*

*Vou te regar com paz em meus pensamentos.*

Coloquei esse pedaço embaixo de seu travesseiro e adormeci, o que não tinha adormecido no banheiro, adormeci aqui. Eu colocara ali, como se estivesse plantando uma semente. E na verdade, eu estava. Nada era tão real como uma semente metafórica dessa.

Me cobri com seu cobertor marrom, e minhas lágrimas encharcaram seu travesseiro. Eram tempos chuvosos. E eu vi. Começou a chover. Abri a janela para deixar a brisa entrar e continuei deitada.

Como um orgasmo sexual, me deixei levemente ser levada ao êxtase da dor. E sentia, sentia, sentia, até a dor se transmutar. Até não parecer mais dor.

\*

Meus olhos acordaram tão inchados que eu mal conseguia deixá-los abertos na consulta com Antônia. Talvez ela tenha pensado o motivo do inchaço dos meus olhos quando me olhou. Ela também não tinha verbalizado sequer uma sílaba, por menor que seja. Ela demonstrava uma forma de cansaço, não como a minha, com tanta dor e o vazio dilacerado me comendo até as entranhas. Mas como um cansaço mais de quem tivesse feito um esforço além do normal para se chegar aonde está.

No começo da consulta, ela sempre escrevia em sua caderneta coisas nas quais eu não fazia ideia do que eram. Mas não importa, eu não me interessava em saber. Eram tempos de mudanças agora. Cristina tinha falecido, mas eu ainda iria tentar furtar seu telefone ao lado da mesa aonde ela escrevia. Ela largou a caneta e me olhou.

- Todos nós aqui só estamos tentando te ajudar. Você tem consciência disso?

O que minha consciência dizia, era muito difícil de seguir, tendo em vista que não sou uma pessoa consciente o suficiente para viver em cidadania, já que eu estava em um manicômio. Como ela me perguntara isso se nem ela mesmo leva a sério minha própria consciência?

- Eu achava que minha consciência não era levada a sério. Não é por isso que estou aqui? Porque sou louca?

- Ela é levada a sério. Mais do que o normal.

Ignorei sua resposta com uma outra pergunta.

- Todos nós quem?

- Os responsáveis por esse estabelecimento, Olivia. Para te assegurar que todas vocês ficarão sãs e salvas, apesar do infelicidade acontecido de hoje.

Coloquei as mãos nos olhos e abaixei a cabeça. Senti algumas lágrimas descendo e as segurei, o máximo que pude. Mas o choro era perceptível, pois o soluço foi aumentando cada vez mais.

- Vocês descobriram quem fez isso? – Eu falava enquanto chorava.

- Ainda não. Mas estamos no processo.

Eu já sabia como isso iria terminar. Ninguém saberia nunca quem fez isso e ficaria por isso mesmo. Tomara que o marido dela seja rico e processe esse lugar para eles deixarem de ser tão irresponsáveis com a morte de alguém. Se o mundo é movido a dinheiro, eles só se moveriam se houvesse a falta do dinheiro. Eles se desesperam quando veem algo com muito dinheiro os injuriando de tal forma. Não existia processo. Ninguém estava nesse processo. A morte dela seria um descaso na vida de quem trabalha aqui, creio que só foi importante para a enfermeira que veio me dar a notícia, pela sua expressão de desespero, ela provavelmente deve ter visto ela morta e seu sangue derramado no pátio.

É sempre gritante ver alguém morto pela primeira vez, bem na sua frente. É paralisante e te choca, não importando que tipo de pessoa você é ou o que você se considera.



Antônia parecia estar com a cabeça em outro lugar. Olhava seu telefone de quinze em quinze minutos e me olhava para certificar-se de que eu não estava achando nada estranho em seu comportamento compulsório com seu telefone.

Eu tirei a mão do rosto e limpei as lágrimas. O momento do choro já passara e agora me concentrava nela, como uma detetive. E de arrumar um jeito de olhar seu telefone. Ela encheu seus pulmões de ar, e abriu a boca para falar. Se percebeu um tempo muda, e depois falou:

- Eu nunca te perguntei, mas... – Ela parou novamente.

Eu estava esperando, muito calma, sua pergunta.

- Porque você se veste assim? – Ela apontou a caneta para a minha vestimenta.

Mas que pergunta mais indelicada para uma psiquiatra perguntar. Eu estranhei. Eu poderia reclamar, dizendo que era algo pessoal meu, para ela não se intrometer. Mas tudo que era pessoal meu eu contava para ela, então esses argumentos comuns já não adiantavam tanto assim quando você se encontra em um consultório psiquiátrico.

Estranhei também o fato dela ter perguntando isso em uma hora inoportuna. Falávamos sobre a morte de Cristina, por que ela puxara esse questionamento? Agora não era mais sobre mim, era sobre ela. Se eu não me sentia confortável para falar sobre isso, era desimportante. Ela é quem queria saber.

- Se importa se eu não quiser falar? – Fui um pouco arrogante.

- Bom, seria importante. Para uma mulher querer se vestir de forma tão masculina, talvez descobriríamos outras feridas mais profundas em você.

Aquele papo já estava me soando preconceituoso. A raiva começou a subir espontaneamente. Eu sou como um cão farejador nessas espécies de confronto, o cheiro que sinto já indica o que está por vir.

- Porque está mudando de assunto? – Eu continuei – Não é a hora. Minha colega de quarto acaba de morrer e vocês fingem se importar com isso para passar uma boa impressão.

- O fato de você estar tão irritada tem a ver com a morte da sua mãe?

Agora ela jogou uma peça de um quebra-cabeças totalmente diferente do que estávamos jogando, só para completar o desembaraçado jogo da piada do luto versus o motivo do meu luto. Luto tem que ter motivo? Agora eu achava que a louca aqui era ela. Uma pessoa que eu conhecia morreu.

Não está mais aqui. Fiquei sentida, mal. Só isso. O que a minha mãe tem a ver com isso? Ela só queria tocar em mais uma ferida minha para observar minha reação. Nesses momentos, quem não seria louco? É bem provável que qualquer sinal de raiva que eu dê, ela considere isso severamente para me prender em uma cama com cordas e me tratar com algum espécime de choque.

- Eu não sei como você conseguiu conectar essas duas coisas para fazer algum sentido na sua cabeça.

Eu já não olhava mais para ela. Agora minhas visões eram a parede com uma pintura de alguém não identificado, ou o chão de granizo, muito bem limpo por sinal. Se eu olhasse para ela agora me daria uma repulsa. Eu tinha perdido todo o sentimento inicial que eu tinha por ela quando comecei minhas sessões. Ela começou a se mostrar alguém multifacetado para mim. Alguém não digno de confiança, como se comentasse por aí segredos dos seus pacientes. Mas lembro do que Cristina me disse, que ela gostava muito de mim, além do normal. E desde então tive o estranho receio dela sair por aí dizendo sobre minha vida com as pessoas.

Alguém bateu na porta umas três vezes. Depois da quarta vez, Antônia respondeu para a pessoa entrar. Era uma enfermeira. A mais segura de si, a que comandava praticamente tudo nas redondezas. O restante delas só fazia checar, todas muito fracas e com medo achando que somos umas loucas que vão assassina-las. Inexperientes. Pelo menos, foi assim como eu enxerguei desde que me adentrei para esse pequeno mundo estranho.

Ela chamou Antônia, com muita firmeza em sua certeza de interrompe-la durante uma consulta. Parecia ser algo sério.

Ela saiu, sem olhar para trás, me deixando sozinha no consultório. Ela não estava prestando muita atenção em mim hoje, eu já tinha percebido. Eu gostava disso. Me enojava essa atenção exacerbada e atenta para mim sem parar um segundo sequer. Ela olhava para mim, sem piscar, em quase todas as sessões. Isso me assustava um pouco, me incomodava. Era uma análise de todas as minhas falas, gestos, atos. Sentia-me espionada em uma sala onde eu poderia me sentir segura, sem todas essas pressões psicológicas como essa leitura corporal forçada.

Olhei para a frente. Uma lâmpada metafórica se acendeu na minha mente, no mesmo minuto em que olhei para frente. Ela tinha deixado seu telefone ali em cima. Parecia algo predestinado para acontecer. Minha

raiva foi esquecendo-se de si aos poucos e a alegria da curiosidade tomou conta de mim. Antes que eu pudesse pega-lo, observei muito bem o silêncio presente no consultório. Ouvi muito bem, me certificando de não estar ouvindo passos chegando.

Fui bem rápida e o agarrei.

Abri seu visor e fui direto para as mensagens. Tinham inúmeras com o número intitulado no telefone por “amor”. Eu ri baixinho. Imaginar a vida amorosa da minha psiquiatria era algo engrado para mim, pois foi algo nunca antes adentrado na minha imaginação. Não ri nem por achar, de fato, engraçado, foi até um certo contentamento em ter descoberto finalmente quem era o homem na qual ela se relacionava, e se era mesmo o que estava internado aqui nesse manicômio, como Cristina tinha dito.

Eu abri algumas mensagens, as lia rapidamente, e notava algo estranho. Estranho não: perturbador, assustador. Me intrigou absurdamente e comecei a tremer.

Quase todas as mensagens falavam sobre mim.

Uma certeza eu tinha: a da minha certeza. Ela não era alguém digna de confiança. Mas me intrigava o fato dela falar tanto de mim para esse homem. E eu tirei a prova de que era ele agora. Ele era um louco, que estava internado aqui, tinha essa informação na trigésima quinta mensagem do dia de ontem. Eles conversavam muito, não conseguia acompanhar tudo muito bem.

Eu não me sentia bem em estar alfinetando a vida pessoal de terceiros, principalmente de uma profissional. Eu tinha ciência de que isso iria me levar a maus caminhos. Principalmente se ela entrasse aqui na sala agora e me visse com seu telefone em mãos. Me assustei com a ideia, mas ao mesmo a adrenalina me pedia para não parar de olhar até descobrir do porquê o falar tanto de mim. Fui abaixando cada vez mais as mensagens.

Nada. Estavam falando sobre o sexo deles. Fiz uma fisionomia de nojo para mim mesma. Continuei a procurar incansavelmente, mais uma vez, como quem se estridulava em gemidos de dor.

Achei algo importante. Ela o chamava pelo nome. Abri a mensagem. Heitor. Heitor? Esse nome me era traumatizante familiar.

Eu quase desfaleci. Sem reações, eu li a mensagem, mais de duas vezes, vendo se cabia em mim a realidade tão irrevogável:

*“Mas não é sua filha, Heitor?”*

*Precisa falar com ela.*

*Eu conheço tudo aqui, poderia armar um plano de vocês se verem.”*

Não. Eu não queria vê-lo. Meu coração bateu muito forte e depressa, deixando o telefone cair no chão. Ouvi o barulho de estrondo. Não olhei direito para ver se ele estava inteiro. Eu só queria me certificar que eu estava inteira.

A ansiedade me atracava com um aperto tão assassino que sempre me sentia na hora de partir daqui quando ela chegava. E era isso que eu queria fazer agora.

Partir. Sumir. Evaporar.

Comecei a ouvir passos vindo em direção ao consultório. Como se esses passos estivessem sendo pisados em cima de mim. Como se a minha cabeça fosse o chão na qual os passos constantemente pisavam. Era Antônia, entrou na sala pedindo desculpas por ter saído depressa. Ela me disse que tinham achado uma suspeita de quem poderia ter a matado. Algum homem na qual ela se encontrava às escondidas durante a noite.

Eu sentia ela do meu lado, olhando para mim e para meu estado. Ela olhou o celular no chão. Eu a fitei, ela franzindo o cenho, apontou para o telefone, muito confusa. Ela já se encontrava enfurecida, e eu ainda não tinha aberto a boca para falar um som. Não tive tempo necessário para falar se não para minha alma presenciar meu próprio desmaio.

Novamente, eu estava me matando aos poucos sem perceber. Não seria melhor acabar logo com isso?

●

- Olivia Rios, você tem visita.

Uma mulher muito estranha, na qual não era enfermeira nenhuma, veio me dar esse aviso no horário de almoço, na frente de todas as mulheres, aparentemente ainda enfurecidas com o caso da morte de Cristina. Provavelmente pensando que poderia ter sido com elas e ninguém concebeu nenhuma motivação necessária para investigar isso. Sem preocupações, sem peso na consciência. Como conseguiam, essas autoridades, viverem assim? Tudo está tão no mecânico que os próprios se esquecem de quem são. Pelo menos quando trabalham, devem esquecer.

Eu não me retirei da sala de estar imediatamente. Ainda permaneci ali, finalizando meu prato de macarrão fora da validade. Estava bem ruim e velho, como as comidas daqui, mas o importante era colocar para dentro. Não queria que minha morte fosse se dada a falta de comida e desnutrição.

Peguei meu prato vazio e o deixei perto das bancas do lixo. Fui até a sala de visitas, andando bem devagar. Avistei Denise de longe. Ela não me viu. Mas eu estava a vendo e parecia, novamente, uma das mulheres mais lindas do mundo para mim. Mais uma vez, não queria me sentir. Odiava me sentir assim por alguém onde tal sentimento não era capaz de ser recíproco. Não mais. Mas eu sentia mesmo assim, pois todos eles circulam internamente em sentidos involuntários e espontâneos. A espontaneidade fazia parte desse conjunto de sensações extasiadas do sentir tão latejante, e lateja como um tímpano inflamado. De ter visto seu rosto agora me deu vontade de voltar. Mas o contexto agora era outro. Eu era uma louca, ela era uma sã. Isso era um impedimento e um abismo socializado. E o rancor ainda se protegia por dentro, ainda se guardava, não queria ser livre de mim. Por todo os assombros polares existentes, eu mesma me negava a querer novamente. Mas em olhar, bem de longe, seus cabelos loiros arrumados atrás da orelha e seus olhos claros e azuis distraídos para com os restantes dos visitantes, o sentimento do amor me tomava novamente. Creio que, de longe, era tão belo e aconchegante, pois não se podia tocar, era meramente platônico. O platonismo tornava todo o feio em belo até quando se tornava real e se pudesse tocar.

Eu a podia tocar agora. Eu podia, como eu queria. Mas sei que com apenas um toque em sua pele clara, as manchas do passado todas voltariam, com o passar do tempo. Talvez seja bom não repetir o passado, eu não sei. Eu já presenciei casos de pessoas que costumaram voltar para seus exs conjugues e anda tudo muito certo. Talvez essa não seja a minha hora, pois foi tão pouco tempo comparado aos casais enfáticos que já olhei microscopicamente.

Foi pouco tempo sim. Mas o que é o tempo?

Entre naquela sala de visitas com um olhar atento, não mais de pena ou passando um sentimento de inferioridade no ar. Enquanto eu andava até sua mesa, ela me avistou e deu um sorriso amarelo. Amargo, azedo. Minha definição para esses seus dentes amarelos se transparecendo tão feroz assim foi a mesma: descaso. Eu sorri de volta, da mesma maneira. Me sentei em sua frente.

Antes de darmos qualquer palavra, havia sempre uma segurança passando por nossas mesas, monitorando a conversa, como se não pudéssemos ter nada muito íntimo e próximo. Eu evitava imaginar a punição que eles dariam para isso.

Só por ter um contato íntimo com alguém. Contato salvador, aconchegante e renovador. Mas isso era papo de quem tem a cabeça nas nuvens. Era capaz de usar essa expressão com algum deles e me levarem para a ala onde deixaram Ana.

Ela sorriu novamente. Mas dessa vez, foi mais sincero.

- Como você está? – Ela deu um leve suspiro.

Tentou pegar a minha mão, levemente; mas desviei.

- Eu vou esperar você adivinhar.

Ela revirou os olhos, delicadamente. Quase imperceptivelmente. Ela poderia achar que eu não percebia algumas atitudes indelicadas suas, que não me serviam para o momento de agora. Finalmente estávamos nos vendo, cara-a-cara. Era um momento pouco crucial, e ela estava aqui, revirando os olhos. Mas eu não iria falar mais nada. Quem fala demais acaba não escutando a si próprio, e eu preferi me escutar – quando ela dissesse o que tem para me dizer.

- Ainda está guardando rancor de mim, não é?

- Você fala tão tranquilamente porque não está aqui dentro. Como se sentiria se eu tivesse te colocado aqui? – Tentei parecer com que minha pergunta fosse a menos retórica possível.

Ela mostrou-se despreocupada. Se expressou muito naturalmente, pondo a boca para cima e subindo as sobrancelhas.

- Eu veria como uma experiência mesmo. – Ela pausava seu argumento para mostrar ainda mais tranquilidade – Se eu tivesse em sua posição.

- Eu já estou melhor. – Eu respondi, compulsoriamente.

Ela se assustou. Arregalou os olhos, e permaneceu boquiaberta por um tempo. É claro que eu não estava melhor, mas isso apenas escapuliu de mim, como um pulo de um sapo. E agora me parece que ela acreditara nisso fielmente. Eu não iria retirar o que eu tinha dito, mas agora eu esperava que ela percebesse o contrário através das minhas expressões e linguagens corporais. Quando alguém está mentindo sobre um determinado assunto importante, o óbvio sempre se enaltecia na nossa porta.

- Mesmo? – Ela queria a certeza

Eu creio que falei com tanta coragem e determinação que eu poderia fazer qualquer um acreditar.

- Pode me tirar daqui. – Com um tom autoritário, ordenei.

- Não é assim.

- E como é?

- Eles percebem seu estado por aí. Se está boa ou não. Não é você me dizendo algo que eu poderei lhe tirar, como mágica.

Aqui ninguém nota ninguém. Eu achava incrível como esse sistema de melhora funciona. Quem iria perceber se eu tinha melhorado ou não? Antônia, minha psiquiatra? Ela quase não consegue cuidar da sua própria vida pessoal, quanto mais de tantas mulheres presas em um manicômio, recebendo tratamento de choque e senão, deitadas e entediadas passando seus dias entupidas de remédios para parecerem sãs quando assistentes vem fazer uma pequena visita por aqui. São fachadas.

Eu mudei de assunto.

- Meu pai está aqui.

Ela, concentrada em concertar a pulseira em seu braço, olhou para mim no mesmo minuto, perplexa.

- Como assim? – Ela se petrificou, desentendida.

- Ele está internado aqui.

- Como você sabe?

- É uma longa história.

- Não pode me contar?

Eu não sei se queria contar tudo que acontecia por aqui, tudo que anda acontecendo, e vai continuar acontecendo, mesmo após eu sair desse recinto entorpecido. Não sei quando eu sairia, mas talvez eu deveria me juntar à Cristina. A morte poderia ser uma boa ideia. Perder todos os contatos com o material e concreto, satisfazer-me só no espírito. Era isso que era a morte, uma perda material. Não era nada demais. Mas talvez uma morte de suicídio seja como um sexo interrompido, prestes a chegar ao clímax do gozo. Só que não chega, não vai chegar; é descontínuo.

Pensei comigo se não sabia se a morte tirada por mim mesma seria uma boa escolha para morrer. Talvez eu poderia pedir para alguém matar-me, sem mais nem menos. O problema é a culpa. Eu não queria outros sentindo culpa por terem me tirado a vida, não queria que sentissem nada, apenas. Só acabar com isso.

Se eu contasse à Denise toda a história, creio que eu acabaria contando sobre Cristina também, e eu não desejava. Queria que minha amizade com ela permanecesse secreta. São especialidades muito raras para se falar para qualquer um. Um dia, talvez, eu fale, mas não agora, que seu falecimento ainda me pesava; e eu não sabia para onde ia o bilhete que deixei debaixo de seu travesseiro. Se alguém jogaria no lixo, se guardariam. Só sei que foi posto sentimentos verdadeiros ali. E isso não pode ser apagado.

Me deixei contar pedaços.

- Minha psiquiatra... ela tem um caso com ele.

Denise deu risada, mas continuei falando.

- Eu peguei seu telefone sem querer enquanto ela não estava na sala.

- Foi sem querer? – Ela brincou.

Ela questionaria com ela mesma se eu estaria mudando meus comportamentos e atitudes com uma convivência diferenciada, pois isso não é do meu feitio. Pegar pertences dos outros.

Mas acontece que, você se deixa ser corrompida. Por hábitos que não são seus, pois aqui não é sua casa, não é seu lar, você não se sente pertencida. Como agir como eu mesma em um lugar prestes a me enlouquecer? Sem fugas; é uma prisão. O nosso tratamento aqui não é bom. Eu queria lhe dizer todas essas coisas, mas ela não sentiria empatia necessária para tomar atitudes certas para poder me locomover até o lado de fora da falsa liberdade, o estar livre falsificado.

- E como você está se sentindo com isso? – Ela agora me lançava um olhar severo.

- Não tem o que sentir.

Deveras, são choques de realidade. Quando choques assim acontecem, não tem muito o que se pensar. E se não tem o que se pensar, não tem o que se sentir. Ele estava na outra ala, eu não o via. Como ter algum sentimento por uma situação que nem mesmo chegou a acontecer? Não aconteceu, e não quero que aconteça. Eu não queria mostrar meu rosto mórbido para ele, e nem o ver em seu estado mais deplorável possível. Antônia me forçaria, de qualquer maneira. Eu tinha uma pouca consciência de que comportamentos profissionais são muitas vezes potenciais de lavagens cerebrais.

- Você não quer vê-lo? Seria uma oportunidade, sabe. Não estou dizendo para aceita-lo na sua vida, nem nada. Mas é uma oportunidade para

conversar, mesmo não tendo nada a dizer. Você mesma pode se arrepender no futuro de não ter tido essa conversa.

Fazia sentido o que ela falava, mas eu queria deixar meu orgulho ganhar dessa vez. Possivelmente eu sentiria falta do que nunca fiz, da conversa que nunca tive, assim como sinto falta de sua presença, mesmo que me prejudique tão amargamente no presente, por ter me feito sofrer tanto na minha fase de crescimento. Eu me mantinha em um estado curioso e interrogativo: será que ele havia mudado? Eu creio que não. Se ele tivesse mudado, ele não estaria internado aqui. E quem havia o internado? São perguntas nas quais me encucavam, mas simultaneamente não gostaria de saber pelo orgulho domando meu ser por completo.

- Não acho que seria uma boa ideia. Iam acionar sentimento já enterrados em mim. – Eu levantei um suspense na voz e um ato minguante no meu gesto.

- Você que sabe. Mas se minha opinião valer de alguma coisa, acho que devia tentar vê-lo.

Esse assunto sobre meu pai já me desconfortava. Mesmo que por alguns minutos, sentia minha garganta apertar e a base do chão ser removida sem ter aonde sustentar meus pés. Eu passei a mão no rosto para tirar um pouco a oleosidade dele. Fechei e apertei os olhos, acordando-me para a realidade.

Instiguei um pouco o momento para falar dos meus amigos.

- Você tem falado com Janaina?

- Sim, encontrei ela ontem passeando pela rua.

- E como ela está?

- Bom... – Ela pausou.

Eu detestava esse suspense e drama na fala, queria que me fossem diretos e objetivos.

- Então? – Astutamente, cortei sua excitação.

- Ela perdeu o bebê.

Aquilo me provocou uma mistura de preocupação com raiva. Preocupação com ela, com seu estado, em como ela deveria estar. E raiva por ter posto Miguel dentro da cadeia - agora, sem motivo algum.

Eu sou alguém que poderia eternamente viver em cima de um muro. Pois eu não havia me esquecido que ele tinha tentado a matar atirando uma bala em sua cabeça. Tudo porque engravidou. Nada compensa nada.

Talvez eu deva me esquivar de assuntos que não tem direção específica e concentrar-me apenas em mim e na minha recuperação. Mas eu tinha isso. Intrrometer-me me situações nas quais não era comigo. Isso era entre ambos, o que eu tinha a ver? Eu tinha a ver, pois eram meus amigos. Mas eu estava em uma clínica, não há nada para se fazer.

- Faz quanto tempo?

- Creio que mais ou menos o mesmo tempo em que você está aqui.

- Um mês e meio?

- Sim.

Isso provavelmente deve ter sido alguma entidade divina a punindo por ter me colocado aqui dentro. A ideia foi dela, eu tinha certeza, mesmo não tendo perguntado a ninguém, em particular. Denise aceitara com todo o louvor pois assim tiraria um peso excêntrico de suas costas.

Cuidar de mim devia ser o pior pesadelo para as pessoas. E eu pensava nisso com tanta força e tolerância ao meu pensamento, que sempre acontecia como eu imaginava. Desde a minha infância, tenho a eterna aflição desse sentimento apreensivo: o de não ser cuidada como deveria. Por ninguém. Ninguém nunca havia se entregado para mim de jeito majestoso e simplório. Tudo era guiado por teias, complexidades e manipulações entre relações pessoais.

Denise estava na minha frente e eu só gostaria de pergunta-la sobre isso agora. Se ela um dia gostou de cuidar de mim. Gostou de mim. Foram anos, mas a sensação que tenho é que essa relação nunca existiu. Depois do término, tudo parece tão vazio, como se eu tivesse voltado ao meu estado de aprendizado infantil. Como se eu nunca tivesse me saciado da verdade das experiências e evoluções pessoais que os relacionamentos nos dão. E eu sei que isso é a única coisa que fica: o sentimento de ter experienciado algo que te evoluiu. Mas agora, no eterno do instante, sentadas na mesa, fitando uma a outra, eu comigo mesma não atingia essa eterna contemplação universal.

Entre olhares despercebidos e monótonos, começamos a entrar em um clima romântico sem que nos déssemos conta. A leitura do ambiente em que estávamos se acalmava cada vez mais, e nos entrelaçamos subjetivamente.

Eu abaixei minha cabeça para me manter segura no meu casulo enquanto eu a perguntava, honestamente:

- Até quando vamos continuar com isso?

Me deixei levar pela minha presunção do momento, quando ela me quebrou instantaneamente a sensação, com sua resposta gelada e farpada:

- Não vamos.

Eu pus meus pés no chão no mesmo momento, e uma angústia tomada pela minha posse em desejar o que eu não poderia ter agora estava se adiando. Suas palavras me corroeram, como se houvesse cupins de demolição desguarnecidos em mim, esperando eu mesma pular de um abismo em que poderei consequentemente morrer comida por eles.

Seu olhar mesclou para um processo de pena, e eu não aceitava mais absorver esse sentimento de outros para comigo. Não dessa vez, não agora, agora que já creio que subi tanto. Eu poderia ter me estabilizado em lugar menor, mas eu decidi ir em frente. E pena era a última coisa que eu desejaria que alguém sentisse por mim. Senti expressões presas e enjauladas dentro de si, isso me fazia continuar a um nível de nervosismo enorme. O que ela tanto escondia de mim que não podia contar-me? Creio que poderíamos ter criado uma relação de amizade maior do que esses lances de pós-termino. E para completar, além da morte de Cristina, a perda do bebê de Janaina, e o descobrir que meu pai estava aqui, Denise me vinha com uma grande notícia.

- Eu conheci outra pessoa.

Aquilo me paralisou e me encontrei como estátua de pedra em sua frente. Sem reações. Sem lágrimas, pestanejos e lamentações. Não tinha engolido o suficiente essas quatro palavras, ou então minha consciência não permitiu que elas penetrassem tão fortemente no campo das emoções, pois eu já estava arrasada demais para poder me inventar em outro sofrimento.

- Quando? – Eu perguntei, pois, o silêncio já tinha se imobilizado no fenômeno do incômodo.

- Há muito tempo, Olivia. Desde quando estávamos prestes a romper. E não é Larissa. – Ela pôs a mão no rosto, como se estivesse se lamentando de alguma forma – Foi um erro que cometi ter ficado com você naquela noite. Eu sinto muito por isso.

Agora eu tinha a plenitude da instância: ela estava com pena de mim. Como não sentir pena de alguém nestes casos ásperos de se estar compenetrado? Eu apertei um pouco minha boca e franzi o cenho. Não haveria mais

reações. Nenhum choro. Eu posso adivinhar que ele já tenha se perdido depois de ter saído inúmeras vezes de forma errada ou em horas desnecessárias.

Ela completou sua fala:

- Mas você é importante... E especial também. Faço questão de lhe manter na minha vida.

Era uma pena. Eu não fazia mais essa questão. Uma aversão havia surgido repentinamente depois disso. Eu sabia que ela nunca havia sido uma pessoa honesta, nem mesmo comigo.

Ela se tornara uma pessoa completamente diferente, em questão de segundos. Antes de me despedir, olhei em seus olhos azulados e não encontrei quem eu conhecia mais.

Talvez a paixão havia desaparecido.

Pois quem eu conhecia também havia.



Antônia tinha me colocado em uma camisa de força e me deixado no espaço aberto da clínica durante um dia inteiro como punição por ter pego seu telefone. Eu não tinha a completa certeza se isso foi uma punição. Permanecer sozinha com a natureza era a melhor terapia para mim, mesmo sem poder me mexer; eu me esforçava em encontrar a tranquilidade sem refletir muito em meu estado físico e como o mesmo se aparentava sob o sufoco. Eu poderia concentrar-me na minha própria mente durante o contato com a natureza que tudo configurava-se.

Algumas enfermeiras percebiam meu estado natural e estabilizado na natureza e um tempo mais tarde resolveram me prender em uma sala trancada. Só existia uma cama dura e um sanitário, com uma descarga quebrada. O lugar me deu nojo. Mas novamente, entretive-me com minha imaginação, conectando-me com o lado mais puro da minha mente.

Eu tinha um forte senso de determinação se eu quisesse. Não era fácil ter um trabalho mental pesado todos os dias, mas era por isso que eu estava aqui até hoje. Os processos de acontecimentos são pertinentes ao modo como me infiltro no agora.

Eu estava em seu consultório novamente. Me parecia um momento denso, crucial. O sentimento se fazia valer quando eu olhara todo o ambiente e seu

modo de me olhar, novo, inédito. Potencialmente seco e grosseiro. Mas suas palavras contradiziam suas expressões.

Ela não sabia que eu tinha visto suas mensagens no telefone. Tinha dúvidas sobre o fato dela nem ter se perguntado sobre o acontecido. Provavelmente ela não me deu uma punição mais bruta pois minha crise de ansiedade a comoveu internamente, e novamente, a pena se dissolveu no subjetivo de alguém, atrofiando essa energia em ações crédulas para me comover. Ou talvez, para eu ter a oportunidade de encontrar o lado bom no sentir pena.

Quanto mais odiamos algo, mais ela vem.

- Você não tem nada a dizer sobre seu comportamento na nossa última consulta?

Ela parecia manter uma raiva em sigilo. Quem poderia ter o direito de estar com raiva entre nós duas, era eu. Eu estava presa em um manicômio, fui levada para uma ala isolada, apenas por pegar o seu telefone e invadir sua privacidade. Mas eu teria que engolir calada.

Ou não.

Ou talvez ela teria que me engolir.

E me mastigar muito bem, sentindo a maciez e as pedras duras em sua boca. Não sei se ela iria suportar, mas eu seria como uma mãe rígida no horário de almoço com sua criança pequena: eu ia fazê-la engolir. Não comemos tudo que gostamos. Ela devia ter um conhecimento mais amplo disto, melhor do que eu.

- Se tem alguém que deveria ter algo a dizer, esse alguém é você.

Eu levantava um ar de suspense para até mesmo questionar-me sobre meus poderes de manipulação emocional. Ela se manteve confusa sob a minha resposta, mas segura e assertiva sobre sua pergunta.

- Aonde quer chegar com essa história?

Todas as possibilidades de confronto e jogos de olhares odiosos acabariam agora se eu a contasse sobre a leitura das mensagens e o fato inegável da presença de meu pai no mesmo local habitado por mim. Um grotesco, sujo e substancial hospital de recuperação mental. E claro, a sua amorosa e estranha relação com ele. Na qual, até então, está me fazendo duvidar sobre a pureza humana.

Não sei se estas condições para se viver são letais, mas sou cúmplice de mim: dariam danos inapagáveis para meu comportamento posterior de vida. Se é que ainda terei uma vida.

Eu falo sobre como se eu fosse viver até os setenta anos.

Eu não pretendo chegar aos meus trinta. Por qual motivo falo com tanta vaidade? Uma vaidade engarrafada em vidro, permitindo que a mesma corte meus pés no chão possante da desesperança.

Eu abriria o jogo para ela, e o que ela faria comigo, ou o que irá deixar de fazer, eu não sei. O receio me faz atravancar, e me manter em uma realidade com meus dois pés antecedendo o momento. Possivelmente eu posso ser uma farsa, onde acham belo me adornar para me parecer como uma mulher forte e corajosa, e saindo daqui – com histórias de sufoco para contar ao mundo. Mas eu mesma me via como uma farsa, e sentia-me enraizada na estaca da percepção multifacetada.

- Eu... – Relutei, e desviei o olhar, comtemplando minhas pernas cobertas pela minha calça azulada – Eu li as mensagens no seu telefone.

E como um sussurro, emitido quase sem voz, completei:

- Eu sei que ele está aqui.

Lágrimas rolaram pelo meu rosto de um modo repentino. Sem nó na garganta, sem ousadias e tremores pelo corpo. Só as vi caindo e molhando minha camisa amarelada e encardida. Quando se foram quatro gotas destas lágrimas salgadas, olhei para a frente, com medo de seu semblante.

Não foi tão ruim como eu esperava. Ela comoveu-se com minhas lágrimas e sentia uma certa vibração necessária de carinho e colo. Se fossemos um pouco mais próximas, suponho que ela me abraçaria para acabar com a melancolia de ter achado um pai perdido.

Um pai assassino.

- Ele quer te ver. – Ela se ingressou no meu estado de tristeza e lamento, adornando toda sua raiva com brandura de frente a mim.

Suas ações só se precavam desta maneira pelo fato dela ter um relacionamento amoroso com Heitor. Eu não podia nem suportar o fardo de chama-lo de pai. Uma palavra miúda, com um significado também miúdo. Um pai para mim não era um grandioso presente dado; era um fardo a ser carregado. E não posso entregá-lo a ninguém.

- Eu não quero vê-lo. O que você vai fazer?

- Por favor. – Ela segurou minha mão, a retirando da mesa – Ele precisa disso. Dessa chance.

Eu não daria chances pois todo mundo as recebe antes de cometer atrocidades como um assassinato. Ele não deveria ser tão burro para não

saber as consequências de matar a mãe da sua filha. Alguém – a própria Antônia – poderia me fazer ceder por ele ser um doente mental e se encontrar preso aqui por esse propósito; receber mais uma chance de se recuperar. Mas já se passaram dezesseis anos. Por qual motivo ele ainda estava aqui? Foi há tanto tempo atrás, o mesmo não devia sentir tanto remorso. Foi a vingança pura e o ciúme doentio. Ou, porventura, ele se encontrava em estado de recuperação por razões nas qual desconheço, e minha intuição pedia por essa resposta premeditada.

Ele tinha seus motivos para sentir sua raiva, seu ódio. Eu também tinha.

Decidi que iria vê-lo por alguns minutos para descontar toda a minha raiva enrustida por mais de uma década. Mas creio na impossibilidade de vomitar tudo em meramente poucos minutos. Quanto tempo duraria, dependeria de como meu subjetivo se mostraria diluído, ou em choque; prestes a uma explosão. E da reação de Heitor perante toda a minha impulsividade cuspidada.

- Não estou pedindo para perdoá-lo. Só ouvir. – Ela chorou – Sim?

Ela iniciou uma porção de fisionomias chantagistas. E eu sempre fui denominada como coração mole, não tive outra reação senão aceitar seu pedido, mesmo eu mesma já aceitando na minha cabeça. Eu demorei um pouco á me levar por suas chantagens para não manter aparências contrárias de uma personalidade fluída – na qual não era meu caso.

Nunca fui uma personalidade fluída, nem nunca serei. Por ora me sentia como se meus órgãos fossem feitos de ferro e metal. Eu era sempre muito rígida e fixa, nunca ia seguindo a corrente. Isso poderia ser motivo de orgulho de alguém, não ser mais uma massa de manobra. A minha mãe me dizia isto. Quando eu crescesse eu seria alguém forte e a desistência para mim seria impossível. E ela não acreditava que algo poderia ser impossível se nos esforçássemos com determinações pungentes e astutas.

Tínhamos muito em comum. O mesmo otimismo para com objetivos nos era seguido da mesma forma. Poderíamos ter sido grandes companheiras de vida, até hoje. Mas um homem decidiu estragar todo o processo de nos conhecer melhor e de termos uma relação saudável de mãe e filha, como nunca antes visto. Como poderia se ver tão raro. Eu não via quase ninguém tendo uma amizade tão profunda com a própria mãe, e eu poderia ter mostrado para eles que sim, era possível. E era provável que ela fosse o único ser a te estender o braço. Estou partindo de um suposto

romântico, existiam mães horríveis, pois o ser humano em si; era a desgraça da natureza. Não tinha outro jeito. Eu posso estar errada, mas quando uma mulher se torna mãe, seu laço com a natureza se estende até um nível espectral.

Não tinha um limite, ela se sentiria dona do mundo por estar criando uma vida. Isso é se sentir poderosa, é ter o poder do mundo em suas mãos. E a mulher tinha este poder, na qual todos o faziam invisível. Invisível para todas elas, até que provem do gosto saboroso que é isto. Mãe é deus. E não falo em um sentido de maternidade. Mãe em todos os âmbitos de ser mulher. Mãe de alguém, mãe de você mesma. A mulher tinha capacidade de cuidar de si mesma.

A força dela morava dentro de mim, e parece fundir-se com a minha como um experimento químico.



## XV

Eram três da manhã. Eu não me permiti tirar um cochilo de quinze minutos enquanto Antônia não ia bater no meu quarto. Mas eu estava deitada, com os olhos abertos, analisando os detalhes minuciosos da cama vazia e seca de Cristina. Até agora ninguém veio tirar seus pertences daqui. Eu olhava, e não parava de olhar, e a vontade de berrar escandalosamente se agravava. Eu não admitia um destrato deste, mas eu me punia por pensar desta forma, e arrancava a minha vontade de lutar por remoer os fantasmas do amor corrompido.

Meu amor já estava danificado. Digo, aquele amor puro, o brilho sereno da essência. Já tinha sido ofuscado. Alguém tinha levado ele ao fim, ou possivelmente ele nunca deva ter existido dentro de mim. Quem sabe mesmo, por muitas vezes a sensação era fraqueza de espírito. Como alguém ousava dizer-me palavras ousadas como “forte, corajosa, amorosa, sensata?”

Eu não era nada disto. Isto era uma ideia que alguém criou de mim, e por consequência ouvidos e mentes foram absorvendo esta ideia. É como o mundo gira, através de palavras ditas, e nunca realmente repensadas e criticadas. Eles só ouviam, repassavam e espalhavam. Como fofoca. Aquilo me intrigava tanto, eu tinha um desejo de saber como funcionava. Por que a vida quase funcionava como uma máquina: se alguma engrenagem destas parasse, o sistema todo se abalaria. O que eu teria que fazer para desmoronar todas as imagens, prazeres e aparências?

Isto era o meu lado mais puro falando. O meu lado mais grotesco e obscuro não queria nada disto. Ele era egoísta, ególatra e arrogante. E infelizmente – o lado que o mundo alimenta. E como sou um ser adaptável ao meio, não havia nada a se fazer. Poderia haver, mas eu não era alguém tão importante ao chegar no ponto de descobrir uma verdade absoluta onde libertaria á todos de amarras. Amarras que eles nem mesmo querem desamarrar-se. A consciência era distinta. Eu nunca poderia me igualar aos outros; não por me achar inferior ou superior; mas pelas diferenças sempre sepultarem-se na guerra.

A guerra mental era sempre previsível. Eu não seria capaz de me adequar a isto.

Não mais.

Me encontro cansada e totalizada de tudo.

Quando meus olhos se encontravam com a cama de Cristina tudo parecia ter vida. Tudo parecia ainda estar presente, como sua presença, tão forte e insubstituível. Me levantei da cama e suspendi seu travesseiro. Meu bilhete ainda estava lá. A certeza de que ela leria isso me aconchegava estupidamente. E eu sei: ela leria. Se é que já não leu. A falta de sua matéria era tão crucial ao ponto de duvidar do seu espírito tão inquebrável? Não. Eu não me permitiria cair nestas crenças capitalistas.

Minha porta se abriu, devagar. Era ela. Pôs o rosto na porta, indicando minha saída. Sem trocarmos uma palavra, a fui seguindo pelo corredor. Tomávamos muito cuidado para pisar com abundante cautela e silêncio.

Era a primeira vez que eu estaria conhecendo o outro lado da clínica, aonde os homens permaneciam enjaulados, como nós. Não sei bem se era como nós, talvez pior; por terem o credo fiel de que homens são mais resistentes fisicamente. E as mulheres, tão frágeis.

Pobre de sabedoria quem havia criado esta doutrina lastimável de homens acima de mulheres. Todas essas inferioridades que nos são impostas e que nos faziam ter vontade de morrer ou de nos matar. Constantemente, isto me pegava pelos braços para forçar-me a aceitar uma verdade que não é minha. Não me pertence. Mas o sentimento não ia embora, apesar de obter o conhecimento.

Nessa caminhada, percebi o quanto o corredor era imenso e isso só me fazia ter mais medo do que eu podia encontrar. Antônia tinha aberto uma porta bem estreita, na qual dava para o lado de fora. Mas era uma porta na qual eu nunca tinha visto antes. Estava tudo cheio de aranha, poeira e mofo quando atravessamos o outro lado. Chegamos até uma cerca de metal, ela estava aberta embaixo. Aberta não, alguém tinha estraçalhado.

Ela me olhou, com atenção no olhar, e disse:

- Vamos por aqui. O caminho até a ala masculina esse horário está fechado, e eu não estou com a chave.

A perguntei, variando o assunto:

- Você estraçalhou essa cerca?

Ela afirmou, cnicamente. Percebeu minha expressão desagradável e completou sua afirmação, para tranquilizar o clima.

- Loucuras de amor. Você nunca passou por isso?

Eu queria mesmo dizer-lhe que não. Mas só o fato de ter voltado a entrar em depressão por conta de um término; de uma dependência surreal por outro alguém já era uma forma de loucura por amor. Na minha cabeça estava bem magnetizado de acordo com isso. Eu não precisava nem me lembrar do restante das minhas paixões anteriores da vida, ou mesmo do meu relacionamento com Denise. O fato de ter sido internada em uma clínica psiquiátrica já me dizia um despertar de consciência:

O amor tinha me deixado louca.

Eu sei. O amor é puro, alguns poderiam dizer uma impossibilidade de ocorrências disto ser real. Que eu estava misturando os sentimentos, que isto não era amor. Era posse, paixão, apego.

Eram todas essas coisas, um conjunto. Mas infelizmente, também era o amor. E eu não digo isto;

O amor em si me deixou louca. Mas o confronto provocado por ele e o meu lado obscuro. Eu não tinha a eficácia de suportá-los brigando dentro de mim por mais tempo. Me matava ver a negação de um acordo entre eles. E a ajuda para isso nunca viria de fora, aconteceria do lado de dentro. E o meu lado de dentro em sua universalidade, é podre, sujo e cinza.

- Estou passando por isso agora mesmo.

Ela me deu um leve e curto abraço após essa minha resposta e passamos por baixo da cerca devagar, novamente, evitando muito estardalhaço.

O engraçado de verbalizar tudo isto tão dramaticamente com ela é o fato dela ser a minha psiquiatra e de saber de todos os danos e dores da minha vida.

Quase todos.

Era como uma grande amiga, mas sem as futilidades e graças do dia a dia que enfeitavam os dias tristes. Sem as leves risadas e os humores pesados para se fazer esquecer um pouco os envolvimento com a solidão e tristeza. Eu tinha saudades de sentir essa segurança em alguém para me desabar por completo. Fazia tempos que eu não tinha uma amizade tão saborosa. Isto não era uma amizade, era uma relação profissional, mas a minha coragem de conseguir contar meus relatos eram de um espetáculo para mim. Pois eu normalmente não me abriria. Eu não sou assim. Minha

fórmula veio errada e a tampa da lata onde eu sempre residi, não queria se descerrar. Com assistências de imediato, poderia acontecer o milagre de me desfalecer da tampa. Mas por enquanto, a minha validade iria saindo do prazo com a monotonia da tentativa de ser alguém através da fala.

Depois de termos atravessado a cerca, continuamos andando. Andamos em um chão com parcela de grama, logo depois uma parcela com lama. Depois de sujar meus pés com uma sandália fina, chegamos em um prédio, igualmente construído como a ala feminina. Mas este prédio da ala masculina era mais antigo, suas paredes todas se encontravam em estado de decomposição.

- Eu não quero atrapalhar a conversa de vocês. – Ela parou e se virou para olhar para mim – Ficarei do lado de fora, esperando.

- E se demorarmos horas? Quem sabe até o amanhecer?

Ela pareceu tranquila e satisfeita com o que estava acontecendo agora.

- Esperarei. – Ela foi ousada e largou um sorriso enquanto observava meu medo em me encontrar de frente com o homem culpado pela morte da minha mãe.

Esse seu sorriso me deu um leve desgosto e falta de empatia por ela. Mas tentei relevar, e sorri, sem mostrar meus dentes amarelos.

- Percebi que parou de fumar. Isso é bom. – Ela me acariciou o ombro.

- Percebeu? Nos encontramos três vezes por semana, como pode ter percebido isso? – Me questionei e a questionei.

- As enfermeiras me contam.

Eu não tinha parado de fumar, a quantidade tinha diminuído por conta do pouco horário – quase nulo – que podemos ter oportunidade de ficar do lado de fora. Isso foi um exercício brusco de manter-me distante de drogas. E piorava a situação; não só a minha, como de muitas. Como nos isentar de drogas em um lugar onde mais se precisa de fugas? O sentido era não ter sentido.

Captei uma estranha adaptação de Antônia com minha angústia de passar por aquela porta. Ela estava se forçando a ser amigável repentinamente. Antes de termos pulado a cerca, seu modo de agir aparentava uma normalidade em como eu me acostumei a conviver com ela durante as consultas. De repente, transmutou-se em um ânimo e astral de uma criança de sete anos no meio da madrugada. Aquelas crianças impossibilitadas de dormir pela madrugada pois são energéticas demais para perderem a

emoção dos episódios de desenhos animados que passam às cinco da manhã. E de verdade – ela estava me olhando como uma criança alegre agora. Eu me aproximei do meu medo; mais ainda. Ela quebrou toda a tensão:

- Fique tranquila. Não olhe para mim assim. É só entrar por aquela porta.

Ela veio atrás de mim para empurrar-me as costas; escoltando em direção a porta.

Eu não olhei para ela e entrei. Tinha uma luz acesa, para poder enxergar as escadas na qual subiria. Eu senti um pressentimento estranho: de não entrar nesta ala. Eu poderia encontrar algum homem acordado e ele ser capaz de cometer atrocidades comigo. Mas eu não me importava tanto; o meu medo de morrer se valia mais. Se eu passasse por dores atrozes antes de chegar ao estopim de separar-me do meu corpo, valeria a pena.

Ela tinha me dito. Terceiro andar, ele estaria na primeira sala.

Eu subi, com as pernas desfalecidas. Eu ouvia meus passos serenamente, estava mais calma por ter a certeza que o som não iria acordar ninguém. Cheguei ao terceiro andar, por fim. Já haviam algumas gotas de suor quando toquei em meu rosto.

Abri a porta da primeira sala.

Ele estava ali.

Com a cabeça baixa, de braços cruzados e parecia estar com olhos fechados. Sua cabeça estava raspada, como a minha. O meu estava um pouco maior que a dele. Quando fui me aproximando mais, notei que suas mãos estavam presas uma na outra com fita isolante. Ele ainda não tinha suspenso a cabeça, ainda não tinha sentido minha presença; pois meus passos não faziam barulho algum. Eu teria que tocá-lo, delicadamente.

Foi o que eu fiz.

Ele suspendeu a cabeça, com um semblante sonolento. Quando olhou para mim, deparou-se com uma surpresa: eu era surpreendentemente parecida com ele. Ele abriu seus olhos para me ver melhor. E seu rosto, na mesma hora, demonstrou uma afeição e carinho ao me olhar.

Seu rosto era pálido, seco e sombrio. Seu corpo era estupidamente magro e eu conseguia ver alguns ossos de seu braço com tanta secura na pele.

Ele sabia da nossa ligação genética, mas perguntou-me, para ter a certeza:

- Filha? – Sua voz grave e rouca saiu quase como um sussurro.

Como eu estava bem próxima dele, eu conseguia ouvir seus sons sussurrados saindo pela boca. Eu ainda estava sem reações a sua fala, estava com um pouco de medo de estar tão perto de um homem na qual eu não tinha nenhuma intimidade. E não lembro de já ter tido. Percebendo o quão próxima eu estava dele, recuei uns passos para trás para ter a minha segurança velada. Ele percebeu meu afastamento, estendeu sua mão e disse:

- Não precisa ter medo de mim.

- Não estou com medo de você. – Menti – Só não quero te ter por perto, por enquanto.

Ele abaixou a cabeça novamente, como quem se enaltecia no desamparo de uma resposta dura, e pensara no que poderia me falar para satisfazer um pouco meu ego – ou minha vontade de não falar com ele. Eles sempre tinham essas cartas na manga; sempre tinham que fazer uso da mentira ou manipulação para conseguir o desejado status querido.

Ele tinha começado a chorar. De modo desencorajado e desiludido.

- Você é minha filha.

Aquela frase indicava um grande discurso pela frente. Eu sentei em uma cadeira de madeira bem velha que existia ali e esperei o restante das palavras. Provavelmente soaria como um discurso de vitimização junto com sentimentos bem chulos de inserir a culpa disto em alguém. O grande problema era esse. Qual era a grande dificuldade em assumir um erro, carregar uma culpa? Sua consciência ficaria pesada, mas o processo de recuperação seria mais rápido e claro. Se nunca assumido a culpa do mal que teria feito, como melhorar? Se ele tivesse posto a culpa em outro alguém, eu teria a certeza que ele não havia melhorado.

- Você não sabe como eu esperei por esse momento. De te ver, tão crescida, dona de si.

Eu decidi cortar sua emocionalidade flagelada e induzi ao meu objetivo principal:

- Porque você a matou?

Eu não queria saber de emoções, já me encontrava farda disto. Depois de tudo, depois dos acontecidos, as emoções não poderiam mais fazer parte desse círculo vicioso errante e supersticioso da minha vida sem sol e sem sal. Agora seria uma hora de não me deixar levar pelas emoções, e, de fato, eu tinha a capacidade de esquece-la por instantes. Mas a minha negação em desistir falava alto, gritava. Deixar as emoções de lado seria

como esquecer uma pedra valiosa no meio da areia da praia. Eu poderia acreditar nisso como um sinônimo de força - se eu quisesse acreditar. A parte neutra de mim optava pelas emoções pois eu me movia por elas, como piloto automático.

Mas agora não. Nestes minutos, eu não iria andar no piloto automático mais uma vez.

Ele se emergiu de suas complexidades racionais e foi em frente em uma explicação mais ou menos convincente:

- Minha filha – Ele dava longas pausas em cada palavra dita – Você já se apaixonou perdidamente?

- Sim. – Fui seca em falar, e em olha-lo, de um jeito fúnebre.

- E como se sentiu em relação a isto? Medo de perder, não é?

Eu sorri ironicamente e o olhei, no fundo dos olhos. Ele me parecia uma pessoa sincera em dizer como se sente. Aceitei suas manobras para se safar de ter uma conversa racional e adulta. Ele queria me pegar pelo lado emocional, o meu ponto fraco. Ele já deve ter percebido em alguma entrelinha que me deixei sangrar a minha sensibilidade rebelde.

- Acho que... se apaixonar é como ter um revolver em mãos. Você aperta o gatilho, mas se não souber como manuseá-lo, quem acabará morto será você.

Percebi pela sua expressão que ele me escutava fielmente, sem se distrair com seus pensamentos. Ele queria entender as minhas exatas palavras e interpretações. Eu continuei, com muita bravura em dizer:

- Você soube como manusear a arma muito bem. Meus parabéns.

Eu já puxara para o lado da ironia e convencimento, e o mesmo queria mudar de assunto.

- Seus olhos são muito doces. – Ele sorriu enquanto dizia – Parece ser alguém muito sensível.

Eu não queria que isto se tornasse uma outra arma para ele, mas ele já teria percebido. Desconversei.

- Me bajular não é a solucionador.

- Eu sei. Me desculpe. – Ele coçava sua cabeça como se estivesse com piolhos, compulsoriamente – Achava que pais faziam isso.

Levei um soco mental quando lembrei de memórias da infância sacudindo-me os ombros. Eu costumava me lembrar sobre os imprevistos dos meus choros rotineiros enquanto minha mãe me silenciava com as

mesmas histórias que Ana me mostrara durante as noites sendo minha colega de quarto. O Peter Pan era memorável, desconheço o motivo de ter me lembrado dele agora. Talvez isto, “achava que pais faziam isso”. Mas porquê? Naquela hora pude observar meu pai como esse perfil: de alguém nunca antes crescido e que não sabia como fazer as coisas, eram só achismos.

Mas eu também sentia constantemente a sensação de que eu nunca havia crescido. Eu estava presente em um passado atemporal distante. O corpo havia se modificado, isto era obvio. Mas a alma não crescia, pois, a mesma se petrificava após entrar em meu corpo e só se fazia aparentemente mutável quando experiências negativas corriam pelas minhas veias e artérias, me fazendo acreditar em uma outra noção da realidade senão a minha. A verdade era a minha. Eu não podia negá-la para mim, nem a impor ao um outro desigual de mim por não ter vivenciado minhas discordâncias.

Enquanto o silêncio nos comia dentro daquela sala, ele parecia ter uma certa vergonha ou receio em me olhar nos olhos – com a verdade jogada em seu rosto seco. Ele não tinha mais o que enfrentar senão isto. A verdade é uma mãe; quando se aparece assim, em sua frente, não poderia desrespeita-la. A insere em seu contexto de vida e faz algo com aquilo. Se deixa morrer com ela ou renasce. Eu já enfrentei a verdade inúmeras vezes e não me deixei morrer. Mas com homens era algo mais frágil e fraco; eles aparentavam não ter a capacidade de pensar profundamente e de reviver a partir daquilo que os feriram. Eles não conseguiam. Eles jogavam suas mágoas e rancores para quem passasse; não olhavam para os outros lados e cresciam com isto. Tinha algo muito de errado com os homens: até hoje eu me desvelava para descobrir de onde vinha tanta limitação mental.

- Meu irmão, seu tio, Rogério. Ele estava um tendo caso com sua mãe. Você sabia disso? – Ele perguntou-me, de relance.

Eu não sabia disto. Mas demonstrei pouca importância ao fato, mesmo internamente estar em choque por isso. Um caso amoroso não era mais importante que um assassinato de uma mulher inocente apenas por ter ido em busca de seu desejo sexual. Ele poderia achar isso errado e desgostoso, mas ele não era deus para ser capaz de tirar a vida de alguém pelo o que ele julga ser errado.

- Então foi por isso?

- Eu me arrependo do que fiz. Mas minha impulsividade foi mais forte.  
- Mesmo de longe, eu via algumas lágrimas relutando em descer no seu rosto, se engasgando com a baba de sua boca – Eu amava sua mãe.

Mesmo com toda aquela cena acontecendo em minha frente, de um pai arrependido, aos prantos, querendo sua filha de volta, a empatia não me movia. Não me movia nem para levantar-me da cadeira e dar um abraço amigável de consolo. Eu fui fria e calculista, o máximo que eu podia, e o máximo que poderia suportar também. Ser assim já estava me pesando os neurônios de pensar com o meu pensamento natural. Foi como se ele estivesse fugido e eu estivesse interpretando uma personagem. Era até interessante estar neste papel, de alguém impiedoso e pedante. Não iria mentir: estava cessando até em ser divertido.

- Eu a amo também. E você a tirou de mim. – Eu observava seus gestos nervosos enquanto minha boca ia movimentando-se – Eu só tinha onze anos.

Seu choro foi aumentando, e o soluço ia debruçando-se na fala.

- Por favor – ele limpava suas lágrimas – Eu queria que tivesse alguma coisa que eu pudesse fazer para que aceitasse meu perdão.

Eu o perguntei:

- Do que você tem medo?

Ele levou a sério a minha pergunta, e respondeu-me:

- Nada.

Ele me dizer que não possui medos não adiantava o processo. Só iria me fazer adiar mais ainda a minha saída daquela sala e ir embora para dormir com a consciência tranquila. Eu estava certa – ele usava um meio vitimador de resolver suas atribulações em aberto. Se foste desta forma, me perguntava; martelando minha própria consciência, por qual motivo eu o aceitaria de volta em minha vida? Ele não seria bom para mim, como nunca foi. Ele iria me ajudar? Me dar suporte? Eu estou prestes a me matar em um nível de depressão aguda na qual sempre tive; e se desencadeou no nível mais baixo por causa de um relacionamento deturpado.

E ele nem sabia disso. Ele nem mesmo me perguntou o porquê de eu estar internada aqui. Ele não fazia ideia de nada. Ele não merecia nada que viesse de mim, nenhuma gota suada de suor.

- Eu tinha um medo terrível de perder minha mãe quando criança. Foi o que me aconteceu. Agora, me diga do que tem mais medo. – Eu levantei da cadeira, e bem devagar, fui indo até a sua direção.

Ele mostrou um ar severo e firme quando me levantei. Isto poderia ser um sinal de mudanças ou uma forma de estreitamento da minha opinião fixa e inflexível. Ele parou e pensou. Ficava olhando para a parede decomposta da sala por uns quatro minutos. Eu já estava entediada em espera-lo e comecei a observar as paredes também, cada particularidade contida nela. Teias de aranhas por toda parte dos cubículos duros como pedra, ácaros e um fedor de mofo na qual, normalmente me faria espirrar. Mas o meu psicológico estava tão em transe na espreita da madrugada que ele mesmo esqueceu-se de seguir a bula do meu ritual corporal.

Eu olhava para a parede e ele me chamou atenção. Me virei. Ele me respondeu:

- Da morte.

O meu plano era fazer com que ele enfrentasse seu maior medo, como enfrentei o meu. Mas eu não o iria matar. Não tinha nem cabimentos fazer algo proposto por ele se eu mesma repudio este ato grotesco. Diferentemente dele, eu não tinha medo algum da morte; já teria tentado com que ela me levasse várias vezes, eu só me mantinha aqui em vida por osmose. Mas rezando para que ela viesse me levar, em breve.

Eu não tinha objetivos de vida. Viver era desgastante, denso e torturante. Quem afirmava que vida é um milagre, ainda não teve a oportunidade de conhecer um pensamento tão profundo e torturante como o meu. Doía e me dava duras enxaquecas só de pensar na minha existência como um todo, em como eu era tão insignificante em estar aqui na terra.

Pensei em fazer um poema sobre isto agora. Eu devia ter sempre uma caneta e um pedaço de papel dentro do bolso.

Creio nas leis atrativas do universo: o que mais me receio sempre chegará em hora mais inesperada, pois penso nela dia e noite; e como um desejo, ela virá. Pois o universo não ouve negações. Eu não receava a morte, nem tanto pensava nela. Pode ser que eu esteja procurando outra coisa senão ela, posso estar em uma insaciável procura de ser salva e achar que isso era um desejo pela morte. Heitor tinha medo da morte, o que será que poderia acontecer-lo e faz-lo morrer tão depressa? Não. Não depressa. Ele já viveu muito. Não sei quantos anos ele tinha, mas eu só tinha vinte e seis e sentia-me derrotada em todos os âmbitos da vida. Eu queria esquecer-se de mim por instantes.

Finalmente consegui sentar ao seu lado; sem pânico. Fui chegando devagar, até me acomodar no banco de pedra. Ele estava cheirando a imundice,

como quem não toma banho por uns três dias, misturado com um leve aroma de água de coco.

Refleti sobre a estranha hipótese de deixa-lo aí. Não perdoar, nem fazer atrocidade. Eu já tinha o conhecido e visto sua feição ressequida. Eu não tinha interesses em conhece-lo, nem um pouco. Todos estes interesses comuns que alguém teria quando se conhece o pai ou a mãe de verdade, em mim isto estava trancado. Talvez seja um bloqueio, talvez não seja. Mas as pessoas precisam arcar com as consequências de seus atos.

Eu estava pensando em sair pela porta. Eu iria fazer.

Quando algo me fez parar, pausar, paralisar. Minha consciência se transformou em líquido. Se derreteu no mesmo instante. Meu lado racional se desalinhou e a corda bamba foi arrancada.

Ele puxou-me agressivamente pela cintura e cochichou no meu ouvido:

- Eu só quero minha garotinha de volta. – Sua mão introduziu-se até a minha coxa.

Depois disto não havia mais racionalidade em mim. As emoções instintivas foram agravadas e lembrei na minha cabeça, como relances; de desvios de comportamentos paternos dele para comigo quando morávamos juntos. Seus abusos, infidelidade e segredos que ele me fazia prometer não contar para minha mãe.

Eu recordei-me. Estava internalizado; mas o subconsciente gritou em mim, estava pulsando sem parar; depois de ouvir estas palavras.

Levantei rapidamente retirando sua mão bruscamente da minha coxa, carreguei a cadeira na qual eu estava sentada do outro lado e antes que sua voz pudesse sair, joguei em sua cabeça.

Ele caiu no chão e o sangue se alastrava.

Não sei se ele tinha morrido. Eu não chequei seu pulso, ou sua respiração. Eu só me senti aliviada por ter me livrado do meu peso. Eu poderia ter feito isto por minha mãe. Mas não. Eu fiz por mim. Ela sempre me ensinou a me defender como podia, nas circunstâncias do momento. E eu nunca consegui me defender sozinha.

Ela ficaria orgulhosa.

Saí da sala, desci as escadas – sem tremer, ou sem consciência pesada – e saí do prédio. Antônia não estava mais lá. Me joguei no chão de areia em frente ao prédio e permaneci ali. Até a ambulância vir me buscar pela manhã. Poderiam ter vindo buscar Heitor. Mas era por mim que procuravam.

Eu já estava morta.

E eu não precisei me matar.



Para receber nossas novidades envie e-mail para:  
[contato@giostrieditora.com.br](mailto:contato@giostrieditora.com.br)